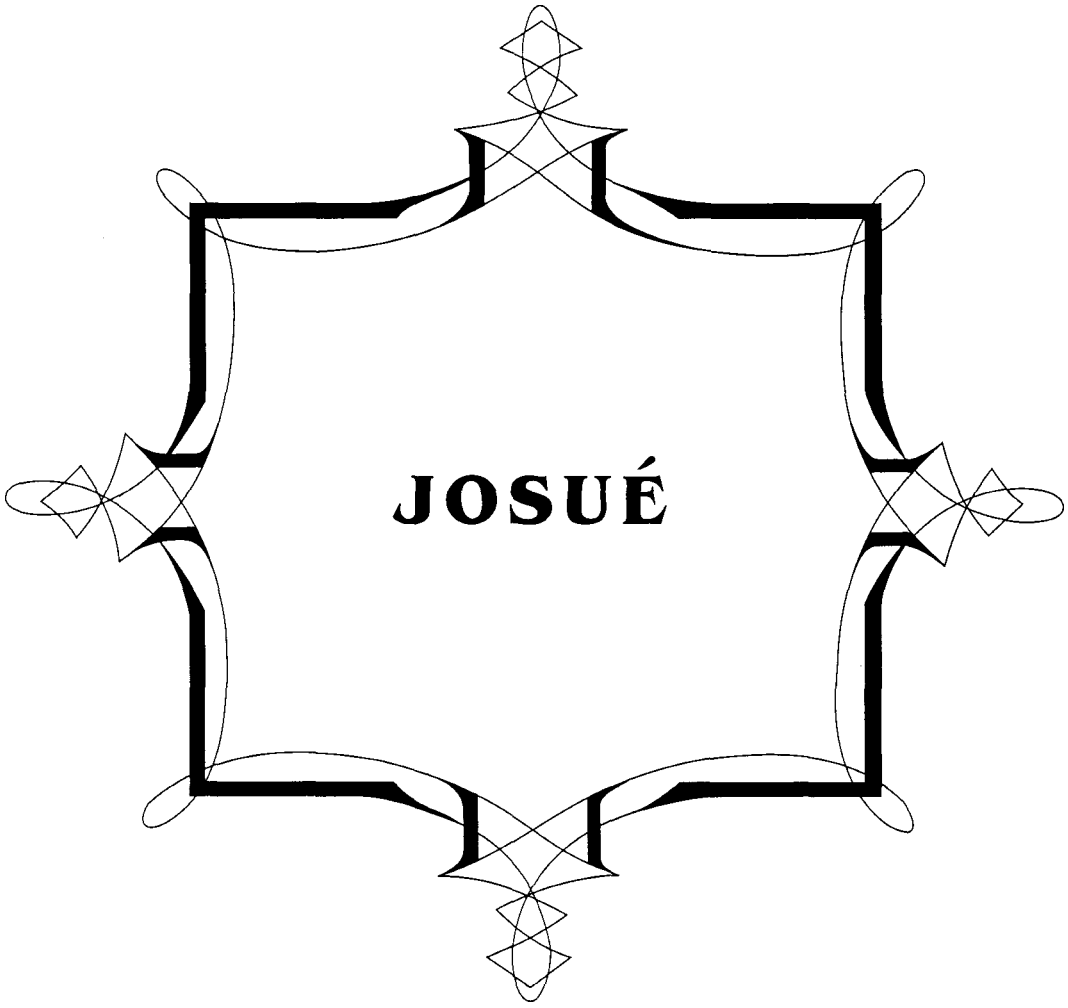
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

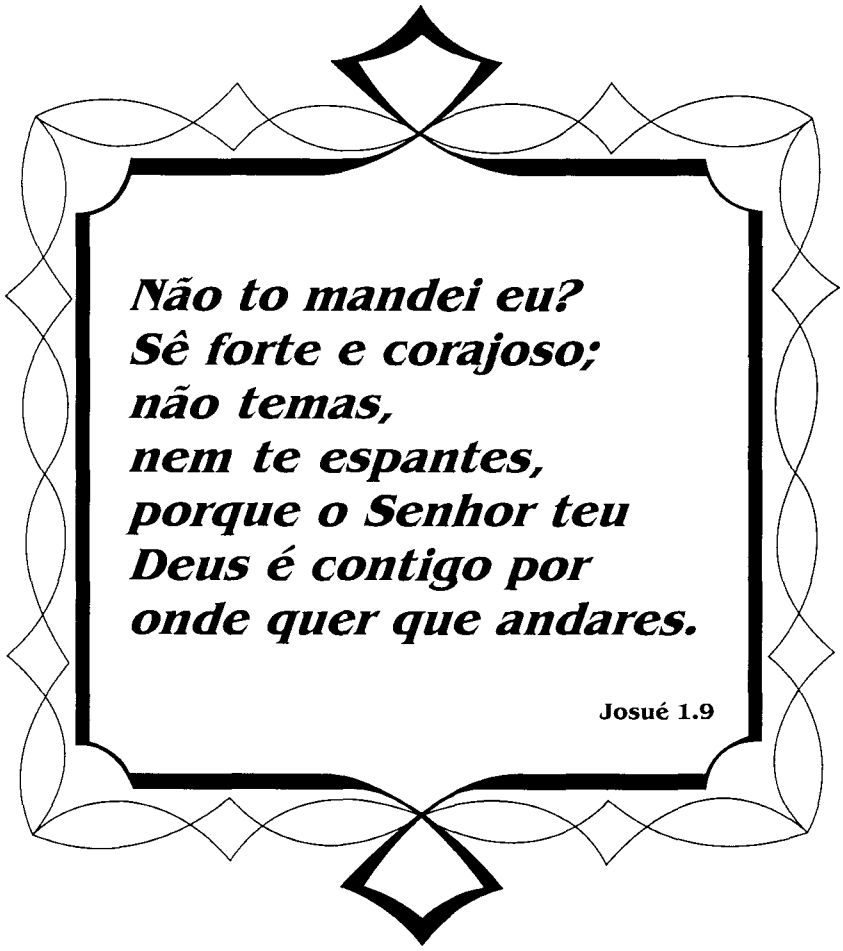
JOSUÉ

HAGNOS



JOSUÉ

O Livro que Descreve a Conquista da Terra



Josué

24 Capítulos
658 Versículos

INTRODUÇÃO

Ver o artigo separado sobre *Josué (Pessoa)*, onde se discute o sentido do nome pessoal Josué.

Esboço

I. Caracterização Geral
II. Pano de Fundo Histórico
III. Autoria e Data
IV. Destino e Propósito
V. Canonicidade; Texto; Traduções
VI. Problemas Especiais
VII. Problemas Arqueológicos
VIII. Teologia Distintiva do Livro
IX. Tipologia
X. Esboço do Conteúdo
XI. Bibliografia

I. Caracterização Geral

Josué é um dos livros históricos do Antigo Testamento, incluído entre *os Profetas Anteriores*, dentro do cânon hebreu. Outras vezes, é agrupado juntamente com os primeiros cinco livros da Bíblia, o Pentateuco, formando então o *Hexateuco*. Muitos eruditos crêem que esses seis livros formam uma unidade, por estarem alicerçados sobre fontes comuns de informação. O livro de Josué contém a narração da invasão da Terra Prometida pelo povo de Israel, com o resultado de que a maior parte da Palestina foi conquistada e colonizada pelas doze tribos de Israel. Os caps. 1-12 de Josué contam a invasão; os caps. 13-21 relatam a divisão da terra entre as doze tribos; e os caps. 22-24 nos dão os atos e discursos finais de Josué.

Josué foi o sucessor de Moisés. As tradições judaicas dão-nos como o autor do livro que tem seu nome (*Baba Bathra* 14v). Muitos eruditos, porém, supõem que narrativas anteriores tenham sido entremeadas, formando uma obra composta, mediante o trabalho de um ou mais editores posteriores. Em sua forma atual, muitos acreditam ser um produto essencial da escola deuteronômica de historiadores, também chamada fonte informativa *D*. Material tradicional mais antigo, proveniente das fontes *J* e *E*, também teria sido entretecido na narrativa. Ver *no Dicionário* o artigo sobre *J.E.D.P.*(*S*) quanto a uma completa discussão sobre essas supostas fontes informativas. Cada uma das fontes também é examinada separadamente, sob cada uma dessas quatro letras.

A posição padrão acerca da conquista da Terra Prometida é que ela foi executada por Israel como nação unificada, e não pelo esforço de tribos separadas, em diferentes épocas. Além disso, a conquista é considerada como tendo sido um sucesso imediato. Esse, pelo menos, é o quadro apresentado pelo livro de Josué, não havendo fatores históricos contrários a essa opinião geral. Um grande número de descobertas arqueológicas confirma a exatidão geral do livro de Josué. Naturalmente, os capítulos 15-17 de Josué, como também o trecho de Juízes 1- 2, exibem falhas, algumas das quais só foram corrigidas com a passagem dos séculos, enquanto outras só puderam ser remediadas plenamente nos dias de Davi e Salomão. Estamos falando de falhas na conquista da Terra Prometida, e não no relato histórico dos livros de Josué e Juízes.

A autoria do livro, sem importar se de Josué ou de alguma outra pessoa, que teria agido como historiador, é essencialmente a autoria de um único escritor. Não obstante, à semelhança de qualquer historiador, ele contou com várias fontes históricas. Talvez as teorias envolvidas no conceito do *J. E. D. P.* (*S*) (ver a respeito no *Dicionário*) consigam explicar a questão de modo genuíno. Seja como for, Josué pertence ao grandioso corpo de literatura judaica que inclui livros como Deuteronômio, Josué, Juízes, I e II Samuel, e I e II Reis. Essa coletânea narra a história do povo de Israel desde Moisés até a queda de Jerusalém, em 587 A. C. O escritor escreveu do ponto de vista do código deuteronômico (ver Deu. 4.44–30.20), o qual incorporou corajosamente logo no início de seu livro. Juntamente com a narrativa, pois, ele teria incorporado a idéia de *D*, que mostra que as vitórias e a prosperidade de Israel sempre dependeram da obediência espiritual às exigências da lei divina. Esse conceito dominou o judaísmo desde então. Em conseqüência, a história da conquista da terra tornou-se uma espécie de alegoria sobre como um homem espiritual, ou uma nação espiritual, pode realizar grandes coisas e cumprir significativo destino, uma vez que as condições espirituais para tanto sejam observadas.

Algum datam o livro na época do próprio Josué, cerca de 1440 A. C. Outros, porém, pensam que o livro só foi escrito após o cativeiro babilônico. Os estudiosos liberais parecem sempre preferir uma data mais recente. Todavia, podemos admitir que o livro recebeu alguma contribuição editorial, após o retorno do exílio babilônico. Ver uma completa discussão sobre o problema da data do livro, na terceira seção deste artigo.

Uso Proposto de Fontes Informativas:

1. *D*. Temos aí o uso de matéria já existente, oral e/ou escrita. A história geral de Josué, além do propósito teológico de ilustrar como um homem (ou uma nação) espiritual pode obter sucesso, é questão bem destacada.

2. Nos caps. 13-21 de Josué, o historiador *D* continua a empregar várias listas que relacionavam as fronteiras das tribos, tendo descrito, de modo generalizado, como se deu a distribuição de terras. Essas listas não pertenciam às novas divisões políticas e gerenciais criadas por Salomão, conforme alguns estudiosos têm erroneamente pensado (ver I Reis 4.7-19). Todavia, há quem acredite que a questão das cidades de refúgio e das cidades dos levitas, nos capítulos 20 e 21, refletem uma época posterior, talvez tão tarde quanto o século X A. C.

3. Outros estudiosos supõem que os itens pertencentes às fontes informativas *J* e *E* tenham sido entretecidos nos primeiros doze capítulos do livro. Nesse caso, os editores posteriores de *J* e *E* talvez tenham reescrito certas porções do livro. Essa teoria, contudo, não conta com grande acolhida por parte dos eruditos mais recentes.

4. Alguns estudiosos vêem *P* nas listas das tribos e das terras que lhes foram alocadas (conforme se vê em Jos. 15.20-62). Porém, com igual propriedade, esse tipo de material poderia ser atribuído a *D*. Ver detalhes sobre a questão da fonte informativa *D* na seção *VI.1, Problemas Especiais*.

Embora o livro de Josué conte sua história do ponto de vista teológico, não há razão para duvidarmos da historicidade essencial de sua narrativa.

"Após longos anos de vagueação pelo deserto, finalmente foi dada permissão aos israelitas para que conquistassem a Terra Prometida. A história de Josué é a história da conquista da Palestina. Tal como quase todos os relatos sobre batalhas, não é uma história agradável. E muitos sentem — sem dúvida, com razão — que o Deus de Josué estava infinitamente distante do Deus de Jesus. Neste livro, o Deus de Israel parece uma deidade puramente nacional, um Deus das Batalhas, cujo poder manifestar-se-ia, principalmente, no desfechamento de guerras santas" (*Introduction to Joshua*, RSV, edição comentada, Oxford).

O conceito de Deus elaborado pelos homens foi melhorando com o desdobramento gradual da revelação divina; e é fácil aos homens atribuir a Deus as suas próprias atrocidades. Isso não significa, porém, que Deus esteja ausente ou inativo, mas tão-somente que é precário atribuir a Ele tudo quanto fazemos, ou as maneiras pelas quais o fazemos.

II. Pano de Fundo Histórico

a. Os patriarcas estiveram jornadeando na terra de Canaã, durante a Idade do Bronze Média (2100 – 1550 A. C.). Abraão chegou em Siquém e Betei (Gên. 12) em cerca de 2000 A. C. Desde então, os genitores da nação de Israel passaram a viver na Palestina ou no Egito.

b. Vem, então, o relato sobre *José*, que foi vendido ao Egito. Ele acabou assumindo a segunda posição de maior mando no Egito (cerca de 1991 – 1785 A. C.), durante o tempo da 12ª dinastia egípcia. Esse ponto, porém, é muito disputado pelos estudiosos. Alguns eruditos preferem pensar que Josué governou o Egito durante a época dos intrusos semitas, os reis hicsos. Nesse caso, o período de Josué foi cerca de 1750 A. C. ou mesmo mais tarde. E o rei que não conhecera a Josué pode ter sido o primeiro rei que se elevou ao trono do Egito, depois da expulsão dos hicsos (Êxo. 1.8), não pertencendo à raça semita. Quanto a maiores informações sobre essas conjecturas, ver o artigo sobre *José*, seção IV, *Cronologia*. Se a data posterior para a carreira de José estava correta, então ele deve ter falecido em cerca de 1570 A. C.

c. *O Cativeiro de Israel no Egito*. Os descendentes de Jacó, pois, após José, foram escravizados no Egito, visto que, então, José tornou-se um fator desconhecido ali. O cativeiro no Egito parece ter durado entre 200 e 300 anos.

d. *O Êxodo*. A data desse grande evento também é intensamente debatida pelos intépretes. Alguns pensam que ele ocorreu em cerca de 1445 A. C., ou seja, cerca de 500 anos antes de Salomão ter erigido o templo de Jerusalém. Mas há quem pense que o êxodo ocorreu na 19ª dinastia egípcia (135 – 1200 A. C.). Ver *no Dicionário* os artigos sobre *Cronologia* e *Êxodo*. Seja como for, Moisés foi levantado pelo Senhor, com o proposto de pôr fim ao cativeiro de Israel no Egito.

e. Vieram, então, os *quarenta anos de vagueação de Israel* pelo deserto, que atuaram como uma espécie de resfriamento e período de planejamento, um tempo de preparação para a conquista da Terra Prometida. Em parte, foi uma espécie de retorno à pátria, uma renovação dos antigos modos de viver. Parece que, a essa altura dos acontecimentos, as doze tribos de Israel já estavam bem formadas, podendo ser distinguidas claramente uma das outras, e assim elas entraram na Terra Prometida. Josué e seus exércitos encontraram o país dividido em muitas pequenas cidades-estados, sempre se hostilizando mutuamente, mas unindo-se quando tinham de combater contra algum intruso comum. As cartas de *Tell el-Amarna* (ver a respeito *no Dicionário*) fornecem-nos esse tipo de quadro, em concordância com os detalhes que encontramos no livro de Josué.

f. *Josué* é livro que relata como Israel invadiu a terra de Canaã, apossou-se dela (com várias falhas, deixando que muitos nativos continuassem no território), e então dividiu o país em regiões, cada qual pertencendo a uma tribo. Quanta coisa precisou ser corrigida mais tarde, e se as conquistas consumiram um tempo mais dilatado do que aquilo que nos é dito (pois pode ter havido uma espécie de condensação das narrativas), não sabemos dizê-lo. No entanto, podemos confiar na mensagem geral que ali nos é exposta, sem nos preocuparmos muito com detalhes cronológicos.

III. Autoria e Data

1. Josué como Autor

Se aceitarmos Josué como o autor do livro que leva seu nome, conforme assevera uma antiga tradição cristã, então a data atribuída ao livro pode variar entre c. de 1400 e 1200 A.C., ou um pouco mais, conforme sugerimos nas especulações sob o ponto II, que tratam do pano de fundo histórico do livro. Entretanto, quase todos os eruditos modernos acreditam que o livro, na verdade, é uma obra anônima. Nesse caso, um autor desconhecido o compilou em alguma data após a conquista da Palestina ser fato inteiramente consumado. Nesse caso, a questão seria: *Quão mais tarde* o livro de Josué foi escrito, depois da conquista de Canaã? As próprias fontes históricas, sem dúvida, são anteriores à escrita do livro, por algum tempo. A maioria dos eruditos liberais parte do pressuposto de que o livro foi escrito ou algum tempo antes, ou bem pouco tempo depois do cativeiro babilônico (586 A. C.). Estão envolvidos nesse ponto problemas como autoria e fontes, conforme se vê na teoria *J.E.D.P.(S.)* (ver a respeito *no Dicionário*), sobre o que discutimos na seção VI, *Problemas Especiais*, ponto primeiro (onde se examina a fonte informativa *D*, considerada por alguns a principal fonte informativa do livro de Josué). Alguns pensam que os capítulos 1 e 2 de Josué se apoiaram na fonte *E*; que a maior parte dos capítulos 1-12 está alicerçada em *D*; e, então, em alguns trechos desses capítulos transparecem informes derivados da fonte *S*. A fonte informativa *J*, por sua vez, seria vista em Jos. 5.13,14; 9.6 e 17.14-18. Adições baseadas em *D*, que não representam grande volume, são vistas em 1.1-18; 10.17-43; 11.10–12.24; 21.43–22.6 e no cap. 23. Esse tipo de análise, porém, é rejeitado por outros críticos, para nada dizermos sobre os eruditos conservadores. Também têm sido sugeridas as mais arbitrárias divisões para o livro. A teoria mais simples a que se chegou é que é inútil tentar deslindar tão grande complexidade de fontes informativas, embora a fonte *D* seja a mais pesadamente envolvida no livro. Por essa razão é que o livro de Josué tem sido chamado de "inteiramente deuteronômico" em sua natureza.

2. Um Autor Antigo Desconhecido?

Mesmo que se suponha ter sido desconhecido o autor do livro de Josué, é bastante provável que ele tenha incorporado material antiqüíssimo que remontava à época do próprio Josué, ou de alguém intimamente ligado a ele. Josué ordenou que se fizesse por escrito uma descrição do território (Jos. 18.9). Ele poderia ter escrito pessoalmente as palavras do pacto renovado, com vários estatutos e ordenanças para o povo de Israel, no livro da lei de Deus, em Siquém (Jos. 24.25,26). Talvez ele também tenha escrito pessoalmente o juramento acerca de Jericó e a maldição que sobreviria a qualquer reconstrutor futuro daquela cidade. Comparar Jos. 6.26 com I Reis 16.34. Além disso, devemos observar que I Reis 16.34 diz que a maldição foi proferida pelo Senhor, "por intermédio de Josué, filho de Num". E isso pode indicar que uma forma escrita da maldição foi redigida pelo próprio Josué. Naturalmente, Josué não pode ter sido o autor final do livro. Pois Jos. 24.29,30 registra a sua morte, o que evidencia a atividade de algum editor ou autor posterior. O Talmude afirma que Eleazar, o sumo sacerdote, adicionou esse apêndice, e que o seu filho, Finéias, acrescentou o último versículo (Jos. 24.33), a fim de dar o toque final ao livro (*Baba Bathra* 14b-15).

3. As Narrativas de Testemunhas Oculares

O material mais antigo deve ter incorporado algum relato de *testemunhas oculares* diretas. O trecho de Jos. 5.1 diz que o Senhor bloqueou o rio Jordão "até que passamos". O pronome "nós" é empregado em Jos. 5.6, embora não apareça em nossa versão portuguesa, que prefere usar a terceira pessoa do plural. Alguns itens indicam condições anteriores a Davi, como o fato de que os cananeus ainda estavam na posse de Gezer (Jos. 16.10, cf. I Reis 9.16). Saul massacrou muitos gibeonitas e queria destruir todos eles (II Sam. 21.1-9). Nos dias de Josué, Sidom (e não Tiro) era a principal cidade fenícia, situação que só foi revertida bem mais tarde. Ver Jos. 11.8; 13.6 e 19.28. Os cananeus dominavam a Palestina nos dias de Josué. Mais tarde, os filisteus é que tiveram essa distinção. O território que Josué queria tomar era essencialmente cananeu (Jos. 13.2-4). Depois de 1200 A.C., os filisteus entraram armados na planície costeira da Palestina, conforme informam os registros egípcios de Ramsés III. Esses dados históricos mostram que há material antiqüíssimo no livro de Josué, embora não nos revelem quando eles foram incorporados nem quando o livro foi publicado pelo próprio Josué ou outro autor.

4. Um Autor Sacerdotal?

O sacerdote Finéias pode ter sido o autor de certas partes do livro de Josué. Ele era filho e sucessor de Eleazar, o sumo sacerdote, e foi uma das colunas de Israel, naquele tempo (Núm. 25.7-13). Ele, e não Josué, foi a figura mais proeminente na solução das disputas em torno do altar erigido pelas duas tribos e meia que preferiram residir na parte oriental do vale do Jordão (Jos. 22.10-34). Ou, então, algum sacerdote associado a Finéias poderia ter feito contribuições para o livro. Isso tem sido sugerido por alguns, *devido* ao interesse todo especial que se dá, no livro de Josué, às *cidades de refúgio* (ver a respeito no *Dicionário*; ver também Jos. 20.7, 21.13), bem como as questões atinentes às quarenta e oito cidades dos levitas (Jos. 21.11-13). Há uma longa lista das fronteiras e cidades de Judá

(Jos. 15.1-63), o que pode indicar que ali ficava o território dos sacerdotes envolvidos. Outras fronteiras e terras são citadas apenas de passagem. Ver os caps. 16 e 17. Tais especulações, entretanto, são curiosas e podem refletir a verdade da questão, mas é difícil julgar tais coisas.

5. Dependência Literária

Seja como for, o autor sagrado parece ter dependido dos livros de Números e Deuteronômio quanto a algum de seu material, que Josué pode ter utilizado, se é que, realmente, *Moisés* escreveu o Pentateuco. Porém, se temos nisso, igualmente, um produto das fontes informativas *J.E.D.P.(S.)* (ver a respeito no *Dicionário*), então teremos voltado a uma data posterior para o *Hexateuco* (ver também no *Dicionário*) inteiro. Seja como for, visto que o livro de Josué, embora traga o seu nome, não afirme quem teria sido o seu autor (pelo que é uma obra anônima), isso significa que não podemos dizer que é teste de ortodoxia alguém afirmar ou negar a autoria do livro a Josué, filho de Num. Outrossim, nem sempre a palavra *ortodoxia* é sinônimo de *veracidade*. *Tradições*, e não fatos, compõem uma boa porção daquilo que, em teologia, se tem chamado de *ortodoxia*. A isso sinto-me na obrigação de adicionar que as disputas sobre questões como essas pouco ou nada têm que ver com a espiritualidade, pois essas questões não são cruciais e em nada afetam a fé de quem quer que seja. Ao mesmo tempo, se quisermos entender as situações históricas dos livros que formam a Bíblia, é bom que as examinemos, evitando atitudes hostis para com aqueles que de nós discordem.

IV. Destino e Propósito

Duas características distinguiam o antigo povo de Israel: a) a preocupação com a história, b) a preocupação com o material religioso escrito, que agisse como guia nas crenças e na conduta. As palavras de Moisés (o Pentateuco) foram postas sob forma escrita desde o começo, como testemunho escrito sobre o relacionamento entre Yahweh e o povo de Israel. A esses escritos mosaicos foram adicionados os registros das vitórias de Israel na conquista da terra de Canaã, o que envolve significados tanto históricos quanto teológicos. O livro de Josué foi escrito tendo em vista a edificação moral e espiritual do povo de Israel, como parte de sua herança histórica e religiosa. As Escrituras eram lidas diante do povo, e a substância delas era explicada por sacerdotes eruditos. Mui provavelmente, poucas pessoas sabiam ler, e as poucas que podiam fazê-lo não tinham obras manuscritas. Os manuscritos existentes tornaram-se um dos principais tesouros da nação, sendo guardados ciosamente pelos sacerdotes. O trecho de Nee. 8.9 reflete esse costume de fazer leituras bíblicas em público, o que, segundo supomos, é um costume antiqüíssimo em Israel. Historicamente falando, o intuito do livro de Josué é dar continuação à história sagrada da nação de Israel. Essa história é sagrada porque, segundo a crença de Israel, o processo histórico daquele povo era controlado por forças divinas. E, naturalmente, concordamos com isso. Portanto, para Israel a história era um aspecto importante da teologia. A mensagem do livro de Deuteronômio, de que Israel seria abençoada enquanto obedecesse a Deus, mas amaldiçoada quando fosse desobediente ao Senhor, é o conceito mais central da teologia histórica do livro de Josué.

O registro sagrado tinha por finalidade instruir e inspirar o povo de Israel em sua inquirição espiritual e em sua expressão como nação escolhida pelo Senhor, a fim de que pudesse cumprir seus propósitos especiais e seu destino ímpar no mundo. Nos livros proféticos posteriores do Antigo Testamento, encontramos a exortação, dirigida a Israel, para que voltasse a aderir ao pacto mosaico (ver Nee. 9.30; Zac. 7.8-12). Portanto, o respeito pelas raízes era tido como a chave para a correta conduta. Deus é capaz de cumprir todas as Suas promessas (ver Jos. 21.45), mas Ele precisa encontrar uma reação favorável por parte de Seu povo, que assim preencha as condições divinamente impostas. Deus envolve-se diretamente na história da humanidade, e até nos menores detalhes (ver no *Dicionário* sobre o *Teísmo*, em contraste com o *Deísmo*). Isso é absolutamente ilustrado no Antigo Testamento. Consideremos, só para exemplificar, o incidente em que Acã esteve envolvido. Ele cometeu um erro, e a comunidade inteira sofreu por causa desse erro (ver Jos. 7.1,18-20,24 e 11.1-15). A história era muito importante nos escritos sagrados dos hebreus. Mas essa história nunca foi escrita somente com finalidades históricas. As lições morais e religiosas estão sempre na base de todos os escritos históricos dos hebreus.

"O livro de Josué demonstra a fidelidade de Deus às Suas promessas, a qual guiou Israel até a terra de Canaã, conforme também os tirara do Egito (Gên. 15.18 e Jos. 1.2-6). A narrativa da conquista é altamente seletiva e abreviada. Os acontecimentos enumerados foram considerados suficientes para servir aos propósitos que os autores sagrados tinham em mente" (UN).

V. Canonicidade; Texto; Traduções

1. Canonicidade. O livro de Josué era classificado na coletânea de livros sagrados dos hebreus como parte dos *Profetas Anteriores*. Esses informes cobrem o período histórico que vai da conquista da Terra Prometida ao exílio babilônico. É isso o que encontramos nos livros de Josué, Juízes, I e II Samuel, e I e II Reis. Naturalmente, a porção mais fundamental desse cânon são os cinco livros de Moisés, o *Pentateuco* (ver a respeito no *Dicionário*). Todavia, a história teológica de Israel começa no livro de Deuteronômio, mas como parte integrante do Pentateuco. Josué dá continuidade a esse relato e, pelo menos em parte, depende dele.

Alguns eruditos supõem que a fonte informativa *D* seja a mais saliente no livro de Josué e no livro de Deuteronômio, razão pela qual haveria tão íntima vinculação entre eles. Josefo falava sobre os Cinco Livros, distinguindo-os dos treze livros proféticos que vinham em seguida. O tempo atribuído por Josefo a esses treze livros era da morte de Moisés até o reinado de Artaxerxes. Ver *Contra Ápion* 1.7,8. Apesar de muitos estudiosos considerarem a suposta unidade de seis livros (o hexateuco) uma teoria inventada (porquanto nem os judeus nem os samaritanos reuniram assim esses seis livros), torna-se claro que Josué demonstra certa dependência ao livro de Deuteronômio. Ver a seção VI, *Problemas Especiais*, primeiro ponto. O livro de Josué fornece uma apropriada conclusão para o Pentateuco. As condições adversas ali relatadas, quando Israel estava cativo no Egito, são inteiramente revertidas na Terra Prometida, restaurando assim as esperanças dos tempos patriarcais. Por isso mesmo, a canonicidade do livro de Josué era comumente aceita em Israel, embora os samaritanos, e, posteriormente, os saduceus, reconhecessem somente a autoridade dos cinco livros de Moisés, o Pentateuco. Josué, porém, obteve posição sólida no cânon reconhecido pelos fariseus. E essa era a posição mais popular e aceita entre o povo de Israel. E a primitiva igreja cristã, concordando com a maneira farisaica de pensar acerca dessas questões canônicas, aceitava o cânon do Antigo Testamento inteiro (o cânon Palestino, como era chamado). Na igreja antiga também foram aceitos livros que faziam parte do cânon chamado *Alexandrino* (ver a respeito no *Dicionário*), que incluía vários dos livros apócrifos. Ver também o artigo *Livros Apócrifos*, quanto a uma discussão sobre problemas canônicos relativos a esses livros, e o verbete intitulado *Hexateuco*, quanto a pormenores, e onde também listamos as objeções levantadas contra essa teoria.

2. Texto. O texto hebraico do livro de Josué é essencialmente puro. Alguns poucos e óbvios erros escribais penetraram no texto — e foram perpetuados pelo texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a *Massorah*. Entre os manuscritos achados em *Qumran* (ver no *Dicionário* sobre *Khirbet Qumran*), popularmente chamados *Manuscritos do Mar Morto*, havia fragmentos do livro de Josué. A Septuaginta mostra ser uma boa tradução do texto hebraico do livro de Josué, o que também é demonstrado no que concerne ao restante do Antigo Testamento. Algumas vezes, porém, a Septuaginta exibe um texto superior aos manuscritos massoréticos típicos. Tal fenômeno, porém, deve ser averiguado individualmente, visto que nenhuma declaração geral envolve todos os casos possíveis. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre *Mar Morto, Manuscritos*.

3. Traduções. No parágrafo anterior, vimos a importância da tradução da Septuaginta, no caso do livro de Josué. A tradução da Septuaginta não difere do texto hebraico em nenhum sentido apreciável. No entanto, é fraca quanto à tradução dos nomes geográficos, pelo que os nomes hebraicos (transliterados, e não traduzidos) quase sempre são preferidos. Há versões mais longas e mais breves da Septuaginta do livro de Josué. Os escribais tendem muito mais a alongar os livros do que abreviá-los, visto que os comentários escribais aumentam o texto. As primeiras versões latinas baseavam-se quase inteiramente na Septuaginta, e não no texto hebraico. A versão de Jerônimo, porém, foi feita diretamente do hebraico. As traduções modernas dependem essencialmente do texto massorético, embora os textos críticos tenham a vantagem de contar com a evidência representada pelas versões, mormente a Septuaginta.

VI. Problemas Especiais

1. Fontes Informativas. Deve-se pensar na teoria *J.E.D.P.(S.)* (ver a respeito no *Dicionário*) e, especialmente, na relação entre *D* (ver também no *Dicionário*) e Josué. Sob as seções I e III. 4 e 5, damos as informações essenciais sobre as fontes propostas para o livro de Josué. Temos visto que, excetuando a fonte informativa *D*, as teorias que cercam a questão são bastante incertas e até mesmo contraditórias. Que o livro de Josué é deuteronômio, é fato que se pode demonstrar até com certa facilidade.

Josué em Relação a Números e a Deuteronômio:

1. Comissão de Josué. Cf. Jos. 1.1-9 com Deu. 31.
2. Extensão das promessas. Cf. Jos. 1.3,4 com Deu. 11.24.
3. Informações sobre as tribos orientais. Cf. Jos. 1.12-15 com Núm. 32 e Deu. 3.18 ss.
4. Ebal. Cf. Jos. 8.30-35 com Deu. 27.
5. Conquistas na Transjordânia. Cf. Jos. 12.1-6 com Núm. 21.21-35 e Deu. 2 e 3; 4.45-49.
6. Divisão da Terra Prometida. Cf Jos. 13.6,7 com Núm. 24.7 e Deu. 1.38.
7. Fixação na Transjordânia. Cf. Jos. 13.8-14 com Núm. 32.33-42 e Deu. 2.32 ss.
8. Josué e Eleazar. Cf. Jos. 14.1 com Núm. 34.7 e Deu. 1.28-36.
9. A herança de Calebe. Cf Jos. 14.6 ss. com Núm. 14.24 e Deu. 1.28-36.
10. A fronteira sul. Cf. Jos. 15.1-4 com Núm. 34.3-5.
11. As filhas de Zelofeade. Cf. Jos. 17.3-6 com Núm. 27.1-11.
12. Comissão sobre o alocamento de terras. Cf. Jos. 18.4-10 com Núm. 34.17 ss.
13. Cidades de refúgio. Cf. Jos. 22 com Núm. 35.9 ss. e Deu. 19.1-13.
14. As cidades dos levitas. Cf. Jos. 21 com Núm. 35.2-8.

Alguns intérpretes têm chegado ao extremo de propor uma história deuteronômica, na qual Josué aparece como o segundo livro dessa história. Outros estudiosos repelem terminantemente a teoria que diz que houve uma fonte informativa comum para os livros de Deuteronômio e Josué, supondo que somente em certo número de casos tenha havido material paralelo de diferentes autores. Os desacordos entre os críticos têm fortalecido a causa dos conservadores, que relutam em considerar que aquela teoria é necessária, visto que seu intuito consiste em tentar demonstrar uma data posterior para o Pentateuco e para o livro de Josué, a fim de que nem Moisés nem Josué sejam autores dos livros que lhes são atribuídos. Além disso, alguns eruditos preferem manter o Pentateuco como uma unidade separada para estudos, sem se envolver nas controvertidas teorias que circundam a idéia do *Hexateuco* (ver a respeito no *Dicionário*).

Parece-me que somente um erudito do Antigo Testamento e do idioma hebraico muito profundo poderia fazer um juízo inteligente sobre essas questões. Com base no que tenho lido, eu diria o seguinte: A teoria do *J.E.D.P.(S)* (ver a respeito no *Dicionário*), considerada como um todo, não parece explicar as fontes informativas do livro de Josué. Mas a fonte informativa *D* parece figurar fortemente nesse livro. Alguns críticos dizem que o livro de Josué tem um estilo deuteronômico, mas outros negam tal estilo. Pelo menos a teologia deuteronômica se evidencia no livro de Josué: se alguém obedecer à lei de Deus, prosperará, e isso envolve tanto indivíduos quanto nações.

2. O Tratamento Dado aos Cananeus

Como todas as narrativas sobre guerras, o relato de Josué é bastante brutal e selvagem. Não apenas os estudiosos modernos, mas também os antigos intérpretes cristãos tiveram dificuldades em explicar a questão.

Podemos atribuir a Deus toda aquela matança, tantas coisas feitas das maneiras mais violentas? Deus é realmente o Deus dos Exércitos? Não há uma diferença muito grande entre o Deus retratado no livro de Josué e o Deus retratado no Novo Testamento, que se manifestou em Jesus Cristo?

Em defesa da visão de Deus no livro de Josué, temos argumentos que dizem que a ira divina contra o pecado é parte necessária da teologia. Às vezes, os homens chegam a extremos de maldades que merecem um tratamento muito severo. Além disso, há intérpretes que assumem a posição extremada do *voluntarismo* (ver a respeito no *Dicionário*), ensinando que aquilo que Deus quer é correto, sem importar a nossa atitude para com a questão. Essa posição se parece muito com a antiga teoria grega, que dizia: "O poder é direto". Mas essa teoria deveria ser rejeitada com base em uma revelação mais iluminada sobre a natureza de Deus. Sabemos que os cananeus eram excessivamente malignos (ver Lev. 18.21-24), e também que existe tal coisa como contaminação pelo mau exemplo (ver Deu. 7.1-5). Sabemos que a religião dos cananeus era tremendamente imoral (o que tem sido demonstrado pelas escavações arqueológicas em *Ras Shamra*). O principal deus dos cananeus, *El*, era uma espécie de Zeus brutal e imoral. Seu filho, *Baal* (ver a respeito no *Dicionário*), também não servia de bom exemplo para homens piedosos. Ao admitir tudo isso, indagamos até que ponto podemos fazer uma comparação entre Yahweh por um lado, e El e Baal, por outro. Outrossim, não podemos evitar reconhecer que as representações de Yahweh, no Antigo Testamento, em certos trechos não se diferenciam grandemente das representações de El, na literatura antiga não-bíblica. Além disso, tanto *El* quanto *Yahweh* são nomes compartilhados pelas culturas dos assírios, dos babilônios e dos hebreus. Não admira, pois, que elas também compartilhassem idéias religiosas, e não meramente nomes divinos. De fato, sabemos que havia essa herança comum de idéias. Até hoje, os homens se deleitam em culpar Deus de tudo quanto eles pensam e fazem; e até mesmo homens bons recorrem a esse estratagema. Pessoalmente, tenho cuidado com o uso de nomes divinos, relutando em juntar a palavra "Senhor" a tudo quanto penso ou faço. Em contraste, há pessoas que vivem dizendo: "O Senhor me disse isto", "O Senhor levou-me a fazer isto ou aquilo". O "Senhor", pois, quase se tornou um bichinho de estimação envolvido pelas pessoas em todas as coisas tolas que elas pensam ou fazem, como a escolha da cor do automóvel ou o lugar a ser visitado nas próximas férias. E assim os homens envolvem o nome de Deus em coisas que o Senhor não está nem um pouco interessado, por serem extremamente triviais.

Alguns problemas no Antigo Testamento não são nada triviais. Em primeiro lugar, eu gostaria de frisar que a própria revelação bíblica é algo progressivo, não sendo de admirar que as idéias dos homens acerca de Deus se aprimorem, à medida que eles se espiritualizam e se tornam capazes de ter uma concepção mais nítida da deidade. É inútil imaginar que Josué se encontrava no mesmo nível de compreensão de Jesus ou dos vários autores do Novo Testamento, quando eles falavam a respeito de Deus. Sabemos que, por muitas vezes, não menos que os gregos e muitos outros povos, Israel agiu como qualquer tribo selvagem e saqueadora. Como poderíamos negar esse fato? A história fala por si mesma!

Consideramos o Caso de Davi. A época de Davi deve ter sido mais iluminada que os dias de Josué. No entanto, quando Davi fugia de Saul e se refugiava em Ziclague, que lhe fora dada como residência por Aquis, rei de Gate, ele iniciou uma série de ataques de terror e matanças nas áreas circunvizinhas. Por que ele agiu assim? O

trecho de I Sam. 27.10 ss. revela o motivo, ele fazia isso para impressionar a Aquis, dando a idéia de que estava atacando à sua própria gente, quando, na verdade, atacava inimigos de Israel. I Sam. 17.9 diz que ele a ninguém deixava vivo, nem homem, nem mulher, nem animal. Aquis aceitou a mentira, supondo assim que Davi se alienara totalmente de Israel, pelo que seria seu servo (de Aquis) para sempre.

As *palavras de Jesus* por certo devem ter um peso decisivo em qualquer discussão desse tipo. Quando os Seus discípulos quiseram invocar fogo do céu para consumir os samaritanos, que tinham negado hospitalidade a Jesus e seu grupo, imitando assim uma figura nada menor que Elias, Jesus os repreendeu e declarou: "Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las" (Luc. 9.51-56). A ignorância e a falta de maturidade espiritual continuam afirmando que não há diferença entre as atitudes refletidas no Antigo Testamento e aquelas refletidas no Novo Testamento, no tocante à pessoa de Deus. Mas o que ganharíamos com a hipótese de que as idéias dos homens não melhoram, à medida que eles são iluminados e sua espiritualidade se desenvolve? Poderíamos asseverar que não há diferença entre o Antigo e o Novo Testamento sobre uma questão tão importante quanto a natureza de Deus? Deus não mudou, mas nossa compreensão sobre a natureza divina certamente melhorou.

A ira de Deus é uma realidade, mas apenas é um dedo de Sua amorosa mão. Ele julga os homens a fim de melhorá-los. O juízo divino é remediai, e não apenas retributivo. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Ira de Deus* e *Ira*. Ver I Ped. 4.6 quanto à natureza remediai do julgamento divino. Notemos que, na passagem petrina, os perdidos estão em foco. A cruz do Calvário foi um julgamento, mas também serve de medida do amor que Deus tem pelos homens perdidos.

Conclusão. Temos de admitir o propósito de Deus atuante através da entrada dos patriarcas hebreus na Palestina, segundo o registro de Gênesis. Também devemos reconhecer que o propósito de Deus se manifestou no cativeiro egípcio. Outrossim, seria ridículo dizer que Deus não estava com Moisés, nem realizou uma obra grandiosa, tirando Israel do Egito. Além disso, dentro do plano de Deus, era necessário que Israel, uma vez mais, ocupasse a Palestina, a fim de preparar o caminho para o Messias e para os futuros desenvolvimentos espirituais, em escala mundial. Porém, quase não podemos desculpar a maneira como a conquista da Terra Prometida foi efetuada, com excessos de brutalidade. Em tempos menos selvagens, Deus poderia ter feito a mesma coisa de maneira diferente, sem tanto morticínio. Mas, se tribos e nações selvagens começarem a lutar, então teremos um registro como aquele do livro de Josué. Isso não significa, todavia, que tais atos concordavam com a natureza de Deus, mas somente que essas coisas naturalmente ocorreram em face do tipo de material humano com o qual Deus teve de tratar, diante do primitivismo e da violência dos tempos em que aqueles acontecimentos se deram. Em outras palavras, usa-se o material de que se dispõe, mas isso não significa que aquilo que é feito reflete a natureza e os ideais divinos.

O Testemunho do Livro de Jonas. O livro de Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento. Jonas foi enviado para salvação de um povo pagão, e o verso final do seu livro mostra-nos que Deus estava interessado até na vida dos animais, para nada dizermos sobre os seres humanos. Acresça-se a isso o próprio trecho de João 3.16, no Novo Testamento. Deus enviou o Seu filho amado para salvar os pecadores e não para destruí-los. A destruição física faz parte do programa de purificação de Deus, mas as matanças violentas e excessivas que acontecem por ocasião das guerras dificilmente se coadunam com a natureza de Deus.

3. O Longo Dia de Josué (Jos. 10.13)

A palavra de ordem de Josué realmente fez o sol parar? Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre esse assunto, intitulado *Bete-Horom, Batalha de (O Dia Longo de Josué)*.

4. O Represamento das Águas do Jordão (Jos. 4.15 ss.)

Temos aí uma divisão, em miniaturas, da águas do mar Vermelho, uma reiteração daquele prodígio. Houve, realmente, uma intervenção divina, que fez com que as águas do rio se avolumassem, ou um deslizamento de terras, convenientemente, ocorreu no momento crucial?

VII. Problemas Arqueológicos

As evidências arqueológicas que nos podem ajudar a respeito do livro de Josué permanecem incertas. Quanto a Jericó, sabemos que no local foram erguidas diversas cidades com esse nome. Alguns arqueológicos, como Kathleen M. Kenyon, acreditam possuir provas de que ali não havia nenhuma habitação na Idade do Bronze Média (1550 a 1400 A. C.). As evidências acerca da Idade do Bronze Posterior foram apagadas. Túmulos e outros itens testificam acerca da ocupação do lugar na Idade do Bronze Posterior II, pertencente ao século XIV A. C. Essa evidência pode favorecer uma data mais remota para a composição do livro de Josué, embora as questões atinentes a isso permaneçam incertas.

Ai até hoje não foi localidade identificada com certeza. As ruínas de et-Tell, 3 km e pouco a leste-sudeste de Betei, têm sido consideradas um local possível, mas as escavações no local não provam que ele tenha sido ocupado durante as Idades do Bronze Médio e Posterior, quando devemos datar o livro de Josué. Restos de fortificação foram encontrados, pertencentes a um período ainda mais antigo (cerca de 2900–2500 A. C.), da Idade do Bronze Anterior, ou de um período mais recente (cerca de 1200 a 1000 A. C.), de tal modo que a Ai dos dias de Josué ainda não foi descoberta pelos arqueológicos. Ver Jos. 8.1-29. Outras escavações, feitas nas vizinhanças de Khirbet Haiyan e em Khirbet Khudriya não produziram nenhuma prova de ocupação humana que corresponda à época de Josué. Talvez Ai fosse apenas um posto militar avançado, e não uma cidade, o que poderia explicar a ausência de evidências arqueológicas correspondentes aos dias de Josué. Outros supõem que, nos capítulos 7 e 8 de Josué, esteja em pauta a destruição de Betei, e não de Ai. E as dúvidas que cercam a verdadeira data do livro de Josué apenas se somam às incertezas que circundam toda a questão. Ver no *Dicionário* os artigos separados sobre *Jericó* e *Ai*.

VIII. Teologia Distintiva do Livro

1. O problema da matança dos cananeus, pelos israelitas, foi abordado na seção VI. 2. Isso nos envolve na visão de Deus dada pelo livro de Josué.

2. O livro de Josué certamente apresenta-nos uma grande fé no destino determinado por Deus. Enfrentando grandes forças contrárias, Israel entrou em uma terra que era desconhecida para aquela geração, e mesmo assim venceu. Eles creram que Deus era quem ordenava sua vida e obras. E assim cumpriram, com sucesso, os propósitos que lhes foram atribuídos.

3. O tema do *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) é bem destacado. É Deus quem controla a história humana e nela intervém. Ele não é uma figura distante, divorciada de Sua criação, conforme prega o *deísmo* (ver também no *Dicionário*).

4. A fidelidade de Deus ao Seu pacto é um dos temas dominantes. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Pactos*. Cf. Deu. 7.7 e 9.5,6.

5. O *monoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) é ilustrado no livro especialmente através da determinação de extirpar o povo e a religião dos cananeus. Cf. Gên. 15.16; Êxo. 20.2-6; Deu. 7.

6. A necessidade de um discipulado autêntico e resoluto é o tema geral do livro de Josué; sem isso, a conquista da Terra Prometida teria sido impossível.

7. Vários tipos simbólicos podem ser encontrados no livro de Josué. Ver a seção IX, quanto a isso.

IX. Tipologia

1. *Tipos Cristológicos*

"Estas cousas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa..." (I Cor. 10.11). O trecho de Heb. 4.1-11 usa o relato da conquista da terra de Canaã para ilustrar como entramos no descanso de Deus, ou seja, na vida eterna, que é a grande Terra Prometida. Josué não deu ao povo final e verdadeiro descanso (Heb. 4.8), pelo que resta um descanso espiritual (vs. 9). Compete a nós buscar esse estado bem-aventurado (vs. 11). A desobediência e a dureza de coração são nossos inimigos. Moisés (representante da lei) não foi capaz de conduzir o povo de Israel até o interior da Terra Prometida. Josué (representante de Cristo e da graça divinal) foi quem conseguiu fazer isso. Como é sabido, *Josué* foi um tipo de Jesus, o Cristo. E Cristo é o comandante que vence a batalha, lutando juntamente com Seu povo, com Seu exército. No sentido cristão, Jesus, o Cristo (cujo nome é o equivalente neotestamentário de Josué, Salvador) é quem provê um lar na Terra Prometida celestial, providenciando descanso para nós, após as vitórias espirituais que obtivermos neste mundo.

2. *Lutas e Vitórias Espirituais*

A vida de todo homem espiritual e sério é uma luta em busca da vitória, e cada vitória é uma espécie de conquista da Terra Prometida.

3. A experiência da redenção é prefigurada pelo fato de que o povo de Israel foi batizado em Moisés, na nuvem e no mar (I Cor. 10.2). Os homens obtêm posição espiritual quando o Espírito os imerge no corpo de Cristo (I Cor. 12.13; Efé. 1.3; Rom. 6.2,3). Essa posição espiritual consiste na união com Cristo e na participação na redenção que há em Seu sangue.

4. A travessia do Jordão é uma figura simbólica da morte física, através da qual chegamos à vida plenamente espiritual.

5. A terra de Canaã pode tipificar nosso encontro com os adversários espirituais e nossa subseqüente vitória sobre eles; ou, então, pode apontar para o céu, os mundos da luz, visto que esses mundos celestes são equivalentes à Terra Prometida.

6. Os vários povos inimigos, em torno da Terra Prometida, como os cananeus, os fariseus, os heveus etc., aludem aos nossos adversários espirituais, aos quais precisamos vencer (Efé. 6.12).

7. As *cidades de refúgio* (Jos. 20). Há segurança espiritual em Cristo, abrigando-nos do pecado e seus efeitos.

8. A *divulgação do território* (Jos. 13.1 – 21.45). Em nossa herança espiritual há variedade e abundância. Vale a pena perseguir a santidade. Há abundância espiritual para todos, em nossa herança eterna.

X. Esboço do Conteúdo

A. *A Conquista de Canaã* (1.1 — 12.24)
   1. *Preparação* (1.1 — 5.12)
      a. Josué é comissionado (1.1-9)
      b. Josué dá orientações (1.10-18)
      c. Os espias são enviados (2.1-24)
      d. A travessia do rio Jordão (3.1 — 5.1)
      e. O povo é circuncidado em Gilgal (5.2 — 12)
   2. *Várias Campanhas Militares* (5.13 — 12.24)
      a. Jericó e Ai são capturadas (5.13 — 8.29)
      b. Um altar é erigido no monte Ebal (8.30-35)
      c. O logro dos gibeonitas (9.1-27)
      d. Conquista do sul de Canaã (10.1-43)
      e. A campanha no norte de Canaã (11.1-15)
      f. Sumário das conquistas (11.16 — 12.24)

B. *Fixação de Israel na Terra de Canaã* (13.1 — 24.33)
   1. Josué recebe instruções (13.1-7)
   2. As tribos orientais recebem sua herança (13.8-33)
   3. As tribos ocidentais recebem sua herança (14.1 — 19.51)
   4. As cidades de refúgio (20.1-9)
   5. Designação das cidades de Levi (21.1-45)

C. *Consagração do Povo Escolhido* (22.1 — 24.28)
   1. Concórdia com as tribos orientais (22.1-34)
   2. Admoestações finais de Josué aos líderes (23.1-16)
   3. Um pacto nacional estabelecido em Siquém (24.1-28)

D. *Epílogos*: *Morte de Josué e Conduta Subseqüente de Israel* (24.29-33)

XI. Bibliografia

AH ALB AM BRI IB ROW ROW (1950) YAD YO

Ao Leitor

A compreensão do livro de Josué será grandemente auxiliada mediante a leitura da introdução ao livro. São abordadas questões como caracterização geral, pano de fundo histórico, autoria e data, destinatários e propósito, canonicidade, problemas especiais, problemas arqueológicos, teologia do livro, tipologia. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Josué (Pessoas)*, primeiro ponto, quanto a informações sobre Josué, o herói do livro.

"Em um sentido espiritual, o livro de Josué é como a epístola aos Efésios do Antigo Testamento. Os 'lugares celestiais' da epístola aos Efésios são, para o crente, aquilo que a terra de Canaã era para os israelitas — um lugar de vitória, pelo que também não é somente um tipo do céu, mas também um lugar de vitória, e bênção através do poder divino (ver Jos. 21.43-45; Efé. 1.3)" (*Scofield Reference Bible*, em sua introdução ao livro).

Os Livros Históricos. Embora todos os livros que fazem parte do Antigo Testamento contenham alguma história, os chamados Livros Históricos consistem, essencialmente, em história. Esses livros históricos são em números de doze, a saber: Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester. Depois deles aparecem os chamados Livros de Sabedoria e, finalmente, os Livros Proféticos. Para os hebreus, a história era uma questão muito importante; e muitas de suas proposições teológicas estavam alicerçadas sobre os eventos históricos. Grande quantidade de evidências arqueológicas confirmam a exatidão dos escritos históricos dos hebreus.

"A narrativa dos Livros Históricos é a história da ascensão e queda da comunidade de Israel, ao passo que os profetas predisseram a restauração e a glória futura daquele povo, nos dias do Rei Messias" (*Scofield Reference Bible,* em sua introdução ao livro de Josué).

Podemos dividir a história de Israel em sete períodos distintos, a saber:

1. De Abraão ao Êxodo (Gên. 12 — Êxo. 22).
2. Do Êxodo à morte de Josué (Êxodo, Josué).
3. O período dos juízes, da morte de Josué ao chamado de Saul (Juí. 1.1 — I Sam. 10.24).
4. O período dos reis, de Saul aos cativeiros (I Sam. 11.1 - II Reis 17.6).
5. Os cativeiros (Ester e as porções históricas de Daniel).
6. O período da comunidade restaurada de Israel, sob a hegemonia gentílica, o fim dos setenta anos de exílio na Babilônia, o retorno do remanescente, até 70 D. C., quando os romanos destruíram Jerusalém. Então começou o cativeiro romano, em 132 D. C., através de Adriano. Esse cativeiro estendeu-se até o nosso próprio século, e está começando a ser revertido (em maio de 1948, teve início o Estado de Israel).
7. A era futura do reino, no milênio (livros proféticos).

Tempo Coberto pelo Livro de Josué. Se seguirmos de modo estrito a cronologia do livro de Josué, este cobre somente cerca de 26 anos. Os críticos, entretanto, opinam que o livro representa uma condensação dos acontecimentos, tendo a conquista da Terra Prometida sido prolongada por maior número de anos do que o livro de Josué nos dá a impressão. Além disso talvez a invasão tenha ocorrido mediante ondas de hebreus invasores, e não em uma única campanha geral.

O Hexateuco. Ver a respeito no *Dicionário.* Muitos eruditos acreditam que o livro de Josué pertence aos primeiros cinco livros da

Bíblia, compartilhando das mesmas fontes informativas múltiplas que se vêem no caso do Pentateuco. Isso formaria o Hexateuco. O artigo com esse título no *Dicionário* apresenta argumentos completos a respeito.

Título do Livro. No texto hebraico, o livro é intitulado *Yehosua*, nome hebraico do herói do livro. Significa "Yahweh é salvação" ou "Yahweh salva". Josué foi o salvador do povo de Israel, no sentido de que lhes deu a Terra Prometida, da mesma maneira que Cristo nos proporciona a Pátria Celeste.

A Ordem dos Livros Históricos. A maioria das traduções modernas segue o exemplo da Septuaginta, dando ao livro de Josué o primeiro lugar no arranjo dos livros históricos. Em contraste, a Bíblia hebréia tem a seguinte divisão geral: a Lei; os Profetas; os Escritos. E o livro de Josué, de acordo com esse arranjo da Bíblia em hebraico, encabeça a segunda dessas seções, ou seja, os Profetas. Por sua vez, os Profetas estão divididos em Profetas Anteriores e Profetas Posteriores. Os Profetas Anteriores incluem os livros de Josué a II Reis, mas sem o livro de Rute; e os Profetas Posteriores incluem os livros de Isaías a Malaquias, mas sem os livros de Lamentações e Daniel. Os Escritos, por sua parte, incluem, nesta ordem, os livros de Salmos, Jó, Provérbios, Cantares de Salomão, Rute, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e I e II Crônicas.

Os estudiosos têm feito indagações sobre a razão de o livro de Josué estar à testa dos livros proféticos, dentro da disposição da Bíblia em hebraico, mas não conseguem chegar a uma resposta convincente. É possível que a vida de Josué tenha ilustrado os princípios pregados pelos profetas, ou que ele mesmo tenha sido um profeta, mas isso é insuficiente para colocar o livro de Josué no começo dos livros dos Profetas. Josué é um livro histórico, razão pela qual o arranjo adotado pela Septuaginta, e daí pelas traduções modernas, certamente é melhor do que aquele que aparece na Bíblia em hebraico.

Citações de Josué no Novo Testamento

Atos

7.16 (Jos. 24.32); 13.19 (Jos. 14.1)

Hebreus

13.5 (Jos. 1.5)

Apocalipse

15.3 ss. (Jos. 14.7)

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

A Conquista da Terra de Canaã (1.1 — 12.24)

Preparação (1.1 — 5.12)

Josué é Comissionado (1.1-9)

O capítulo 34 do livro de Deuteronômio apresenta-nos a informação acerca da morte de Moisés. Os trechos de Números 27.15-23 e Deuteronômio 31.14,15,23 já nos haviam falado a respeito da comissão e da missão de Josué, e também acerca de como ele havia substituído a Moisés, tornando-se o novo líder de Israel, aquele que conduziu os hebreus à Terra Prometida. Josué foi chamado de "servidor de Moisés" (vs. 1), um título que já lhe havia sido aplicado em Êxo. 24.13 e Núm. 11.28. Aqui no começo do livro, esse título significa "representante" de Moisés, não apontando para nenhum ministério litúrgico e sacerdotal.

Os capítulos primeiro a décimo segundo do livro narram como Israel conquistou a parte ocidental da Palestina. A parte oriental do território já havia sido tomada e atribuída às tribos de Rúben, Gade e à meia tribo de Manassés. Ver Núm. 34.14,15, onde as notas expositivas também contêm outras referências a esse fato. As duas tribos e meia que já se tinham apossado da parte oriental da terra de Canaã haviam prometido ajudar as outras tribos na conquista da parte ocidental, depois que isso lhes fora ordenado. Ver Núm. 32.31 ss. O capítulo 22 do livro de Josué mostra-nos que eles cumpriram a palavra que tinham empenhado. E o primeiro capítulo do livro de Josué conta como Josué assumiu o comando e como fez preparativos para a conquista militar. Os capítulos segundo a décimo primeiro ilustram como Israel obteve sucesso, sempre condicionado à obediência a Yahweh, às Suas leis e às Suas normativas.

A Josué Foi Dada Longa Vida. Isso a fim de que ele pudesse cumprir a sua missão. Ele pertencia à tribo de Efraim (ver Núm. 13.8) e viveu até aos cento e dez anos de idade.

1.1

Sucedeu depois da morte de Moisés. Ver as informações dadas em Núm. 27.15-23 e Deu. 31.14,15,23, bem como a introdução à presente seção, quanto a todas as circunstâncias que cercaram o fato de que Josué se tornou o novo líder de Israel. Na verdade, desde há muito ele se tinha tornado "servo" de Moisés. Ver também Êxo. 24.13; 33.11 e Núm. 11.28 quanto a esse título. Agora, Josué tornara-se o novo servo especial de Yahweh, pelo que é chamado por esse título em todo o livro de Josué.

"Josué foi compelido a enfrentar uma responsabilidade inesperada. Moisés tinha morrido, e a tarefa continuava inacabada. O obreiro de Deus havia morrido; mas a obra de Deus tinha prosseguimento. É impossível que o mundo estanque; e prevalece a admoestação feita por Jesus: 'Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos' (Mat. 8.22)" (John Bright, *in loc.*).

"O propósito do livro de Josué é outorgar-nos uma narrativa oficial do cumprimento histórico da promessa que o Senhor fizera aos patriarcas, de que daria ao povo de Israel a terra de Canaã, mediante uma guerra santa" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Essa era uma das provisões do Pacto Abraâmico, sobre o qual ver as notas em Gên. 15.18.

1.2

Passa este Jordão. O povo de Israel encontrava-se na margem oriental do rio Jordão, na Transjordânia (ver a respeito no *Dicionário*). As tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés, já haviam conquistado os seus respectivos territórios (Núm. 34.14,15). Aquelas tribos haviam prometido ajudar na conquista do restante da Terra Prometida (ver Núm. 32.31 ss.). E o capítulo 22 de Josué mostra-nos que eles cumpriram a promessa que fizeram. O território inteiro agora não demoraria muito até ser totalmente conquistado, cumprindo assim o Pacto Abraâmico. Uma nação especial haveria de desenvolver-se (ver Deu. 26.19); e essa nação deveria ter uma pátria. E o Messias, cuja vinda ainda estava longe, esperava vir por intermédio dessa nação, para universalizar a mensagem espiritual (ver Efé. 1 e 2).

A População de Israel. Nessa época, os filhos de Israel eram cerca de quatro milhões de pessoas. Havia cerca de seiscentos mil jovens com idade de ir à guerra (ver Núm. 1.46). Assim sendo, a tarefa de conduzir aquela massa de gente e conquistá-la, revestia-se de magna importância e requeria um líder especial e bem preparado. "A morte de Moisés proveu o sinal para o começo da invasão, visto que a ele fora proibido encabeçá-la (ver Núm. 20.12). A geração que havia participado do êxodo, quarenta anos antes, agora tinha morrido. O rio Jordão era a fronteira oriental natural da terra de Canaã" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o primeiro versículo deste capítulo).

Moisés foi denominado servo do Senhor (ver Jos. 1.1,13,15; cf. Êxo. 14.31). Josué, pois, recebeu esse título como agente especial de Yahweh (ver Jos. 24.29). A terra pertence a Yahweh (ver Sal. 24.1), e Ele confere territórios aos povos, conforme desejar fazê-lo, determinando fronteiras e o período de permanência dos povos em seus respectivos territórios (ver Gên. 15.16; Atos 17.26).

1.3

Todo lugar que pisar a planta do vosso pé. A Terra Prometida só podia ser possuída mediante o próprio ato da conquista. As sete nações cananéias que ocupavam a Palestina não haveriam de querer migrar em massa. O trecho de Deuteronômio 11.24 é um paralelo direto a este, onde já pudemos ver informações a respeito. Ver as notas expositivas ali existentes. O versículo seguinte estabelece os limites da Terra Prometida. Ali obtemos uma valiosa lição espiritual. Precisamos de coragem para agir; para tomar conhecimento; para persistir na missão que tivermos recebido. Deus nos outorga os dons naturais e a inspiração que se fazem necessários para tanto. E nós precisamos agir, usando o nosso próprio equipamento. Em tempos de tensão, o Senhor nos provê alguma intervenção divina, a fim de ajudar-nos nas coisas que estão fora de nosso alcance.

Moisés, por assim dizer, passou a tocha para Josué, a fim de que este pudesse levar a bom termo a missão que o primeiro havia começado:

> *A ti, com mãos trêmulas, lanço a tocha. Deves erguê-la bem alto!*
>
> (John McCrae)

1.4

Desde... até... será o vosso termo. Este versículo é um paralelo direto de Deu. 11.24, onde aparecem as notas expositivas. O versículo menciona, em adição, somente as palavras "toda a terra dos heteus". Aqui, esse adjetivo pátrio representa todas as sete nações cananéias, que precisavam ser expulsas. Quanto a essas nações, ver as notas expositivas sobre Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hititas*. Os hititas ou heteus residiam antes na parte norte da Síria, o que significa que era a parte norte da Terra Prometida que precisava ser conquistada. Assim sendo, temos: o deserto — o sul e o oriente; o Líbano — o noroeste; a terra dos heteus — o norte; e o Mar Grande (Mediterrâneo) — o ocidente. As dimensões dadas em Gênesis 15.18 ampliam o território dado a Israel tanto para oeste quanto o rio Nilo, o rio do Egito; mas isso nunca ocorreu, nem foi repetido nas descrições posteriores. Ver sobre o ribeiro do Egito nas notas sobre Núm. 34.5 e Jos. 15.4,47, quanto a outra proposta fronteira sul-oriental. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ribeiro do Egito*.

1.5

Não te deixarei nem te desampararei. Este versículo é um paralelo direto de Deuteronômio 11.25, cujas notas expositivas devem ser consultadas. O povo de Israel estava prestes a atacar uma força superior (ver Deu. 7.1, que lista as sete nações que os hebreus deveriam expelir). Portanto, somente a Presença e o Poder de Yahweh com eles possibilitaria o feito. O poder de Deus estivera com Moisés, capacitando-o a levar a bom termo uma missão que, de outra sorte, era praticamente impossível. E, agora, a mesma coisa aconteceria com Josué, sucessor de Moisés.

Quando Deus chama a um homem para alguma grande responsabilidade, Ele lhe concede, antes de mais nada, uma grande visão. E quando esse homem começa a fazer o que lhe foi determinado, então recebe poder para realizar tal obra. Ele precisa agir (vs. 3). Os olhos são abertos para que tal indivíduo possa ver o que precisa ser feito; e as mãos são fortalecidas para isso.

O inimigo vivia em cidades fortificadas (ver Núm. 13.28,29). Grande parte do território da Terra Prometida era montanhosa, pelo que as manobras das tropas seriam difíceis. Não obstante, a palavra de Yahweh jamais falharia (Jos. 1.9). "Deus jamais desiste das Suas promessas" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Ver o trecho de Heb. 13.5 quanto a uma repetição e à aplicação cristã de uma parte do presente versículo.

1.6

Sê forte e corajoso. Este versículo é um paralelo direto de Deuteronômio 31.7, onde aparecem idênticas exortação e encorajamento, que tinham sido dados a Moisés. Ver as notas expositivas ali existentes, quanto a detalhes. Os vss. 7, 9 e 18 deste capítulo repetem essas palavras. O poder de Deus é maior do que as tarefas que precisamos efetuar. Nele não existe tal coisa como falta de poder. O poder precisa ser canalizado. Josué, pois, haveria de ter forças e coragem, e isso com base na promessa de Deus, sendo essas as três palavras-chaves deste

versículo. O resultado seria que os israelitas entrariam na posse da Terra Prometida. Ver o Pacto Abraâmico, em Gên. 15.18 quanto a essa provisão, entre muitas outras. O propósito divino foi passando de Abraão, através dos patriarcas, através de Moisés, e agora tinha chegado a repousar sobre Josué, para aquele momento crítico. O propósito divino era firme; e Deus escolhera agentes humanos para que esse propósito fluísse devidamente. Cf. Gên. 13.1-17; 15.18-21; 17.7,8; 22.16-18 (Abraão recebeu essa promessa); Gên. 26.3-5 (Isaque recebeu a mesma promessa); Gên. 28.13 e 35.12 (Jacó recebeu a mesma promessa); e, finalmente, Êxo. 6.8 (a nação inteira de Israel recebeu a mesma promessa). Josué precisava desempenhar um papel estratégico. E ele não fracassaria, visto que fazia parte de uma equipe invencível.

1.7

Tão-somente sê forte e mui corajoso. Uma vez mais, o Senhor encorajou Josué (ver os vss. 6, 9 e 18; cf. Deu. 31.7), sendo aqui informado de que a observância da lei dar-lhe-ia as forças necessárias para cumprir sua tarefa, porque Yahweh, que baixara a lei, estaria ao seu lado. Um Josué desobediente, entretanto, não chegaria a lugar nenhum quanto à difícil tarefa que tinha recebido. A obediência à lei, sem dúvida alguma, é o grande tema dos livros desde Êxodo até Josué. Ver as notas quanto a essa particularidade, em Deu. 32.46. A promessa da vitória na conquista da Terra Prometida era condicional. Nenhuma missão divina dada aos homens é incondicional. O crente precisa estar preparado, agir e levar avante a sua tarefa. A geração mais antiga de israelitas tinha chegado até a fronteira da Terra Prometida, mas não pôde entrar. Moisés, tão intimamente ligado àquela geração, também foi proibido de entrar ali. A desobediência fizera-se presente, desqualificando aquela geração dos filhos de Israel e o próprio Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

Para que sejas bem-sucedido. Não quanto ao aspecto econômico ou sob a forma de propriedades, mas em sua missão, para que a levasse a bom termo. A lei prometia vida e prosperidade (Deu. 4.1; 5.33; 6.2).

1.8

Não cesses de falar deste livro da lei. Este oitavo versículo reforça a mensagem do anterior, ou seja, a absoluta necessidade de obediência à lei, que é o principal tema dos livros desde o Êxodo até Josué, bem como o grande lema do judaísmo através dos séculos. O *modus operandi* dessa obediência é descrito neste versículo:

1. A palavra da lei precisava estar na boca de Josué, sempre pronta para ser dita; porquanto era mister comunicá-la a outras pessoas. Cf. Deu. 6.7.
2. Josué precisava meditar sobre a lei, para conhecer bem o seu conteúdo, saturando o seu coração com a mensagem da lei. Digamos que seria uma meditação transformadora. Cf. Sal. 1.2; 119.97.
3. Josué tinha de observar todos os aspectos da lei, tanto as suas provisões morais quanto as suas provisões cerimoniais, cuidando para que o povo de Deus também não se esquecesse de tal observância. Cf. Núm. 1.54; Deu. 32.46; Esd. 7.10 e Tia. 1.22-25.

Josué era um homem de tendências militares; mas, para que a sua tarefa militar desse certo, ele precisaria ser também um homem espiritual.

"Israel precisava apegar-se à lei por meio da lealdade; deveria falar sobre ela; meditar sobre ela; ensiná-la continuamente. Cf. Deu. 5.29-33 e 6.4-9. Somente então essa nação poderia ter esperança de obter a vitória" (John Bright, *in loc.*).

1.9

Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes. Uma vez mais, temos a ordem divina para Josué mostrar-se enérgico e corajoso, ao que agora é acrescentada a necessidade de não temer nem desanimar, porque a presença e o poder de Yahweh estavam ali, para ajudá-lo na conquista. Cf. os vss. 6, 7 e 18 deste capítulo com Deu. 31.7, onde o mesmo tipo de encorajamento é dado a Moisés. Não deveria haver hesitação ou indecisão por parte do líder. Um verdadeiro líder dedica-se inteiramente à sua tarefa. Ele desvencilha-se de qualquer senso de temor e frustração. E sabe que todas as coisas são possíveis para Deus (ver Mar. 9.23).

Do que Dependia o Sucesso? Da infalível presença de Yahweh. Isso em nada minimizava a dificuldade da tarefa, que estava começando a ser executada, mas encorajava Josué a acreditar que a tarefa estava dentro dos limites do possível. Josué precisava enfrentar gigantes, mas Yahweh era muito maior do que esses inimigos. Sete nações cananéias, capazes de infundir medo, haveriam de fazer oposição ao ataque orientado por Josué. Ver Deu. 7.1,2. Mas Yahweh seria o verdadeiro Comandante-em-chefe. Todos nós, crentes, também precisamos enfrentar nossas "sete nações cananéias", que se opõem a nós. Mas a nossa tarefa é aventurosa, e o Senhor é a fonte de poder para cumprirmos a nossa tarefa.

As promessas, o poder e a presença de Deus estão conosco. Crentes de todas as eras têm sido encorajados mediante as mesmas três garantias que Deus dá. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*. "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mat. 28.20).

"O símbolo da providência divina não é uma linha reta, e, sim, um círculo, sem começo e sem fim, e que prossegue para todo o sempre. Amparando-nos sempre, acham-se os braços protetores de Deus (ver Deu. 33.27). Nunca avançamos sozinhos em nosso caminho espiritual, neste mundo. Rostos podem mudar; condições podem mudar, mas Deus é o mesmo ontem, hoje e para sempre... As tarefas tornam-se impossíveis quando Deus é deixado do lado de fora, mas, quando os homens vivem na consciência da Sua presença, não existem impossíveis" (Joseph R. Sizzo, *in loc.*).

Josué Dá Orientações (1.10-18)

Para a travessia do rio Jordão, houve preparações prévias (vss. 10 e 11). Ordens apropriadas foram baixadas; auxiliares apropriados foram nomeados e instruídos. O povo de Israel precisaria de provisões; os soldados de Israel precisavam ter suas armas sempre prontas. Teve início a grande tarefa. Era chegado o tempo de Yahweh provar aos filhos de Israel a validade de todas as promessas que tinha começado a fazer a Abraão, dentro do Pacto Abraâmico (ver as notas expositivas em Gên. 15.18).

1.10

Então deu ordem Josué. Tendo recebido sua comissão e sua autoridade (ver Deu. 34.9), e diante da morte de Moisés (ver Deu. 34.6,7), Josué expediu ordens para o povo pôr-se em movimento. Então ele nomeou oficiais, ou seja, subordinados, conferindo-lhes posições e tarefas que envolviam responsabilidade. Ninguém pode fazer sozinho nenhuma grande tarefa. Sempre haverá aqueles que apóiam e compartilham o trabalho e a vitória. O momento da verdade tinha chegado. E Josué, que vinha sendo preparado para a sua tarefa por toda a vida, mostrou estar à altura de tão sublime responsabilidade.

O termo hebraico aqui traduzido por "príncipes" significa, literalmente, escriba; mas é claro que eles não eram escribas na acepção comum do termo. Antes, eram uma espécie de capatazes ou subchefes. Ver Jos. 8.33; Deu. 16.19 e 20.5,9. Em Êxodo 5.6,10, essa mesma palavra foi traduzida em nossa versão portuguesa por "superintendentes". Neste ponto, entretanto, o vocábulo significa, especificamente, subcomandantes do exército. Israel entrou na Terra Prometida como se fosse um exército. Ver Efé. 6.12 ss. quanto à metáfora militar.

1.11

Passai pelo meio do arraial, e ordenai ao povo. Aos oficiais foi determinado que saíssem entre todas as tribos, baixando ordens para que os filhos de Israel se preparassem para a marcha invasora. Haveria necessidade de alimentos, em grande abundância; os soldados teriam de preparar as suas armas; deveria haver provisões para os enfermos, para as crianças e para os debilitados. A nação inteira ia avançar, e dificilmente haveria condições favoráveis aos filhos de Israel para a luta. A tarefa era realmente espantosa. Ideais exaltados são inúteis, e até podem ser perigosos, a menos que sejam devidamente aplicados. Josué foi o grande aplicador do ideal da conquista da Terra Prometida, naquele momento. Ele era o homem de visão, que estava à altura do desafio que lhe fora lançado por Deus. Todos os filhos de Israel estavam correndo perigo, mas por trás deles estavam os braços amparadores e eternos de Yahweh (Deu. 33.27). Era chegado o tempo para todos os povos da terra terem conhecimento do poder da mão de Yahweh, o Todo-Poderoso (Jos. 4.24). Foi dado a eles somente o prazo de três dias para todos se prepararem. Tinha chegado o momento da verdade, e qualquer demora seria contraprodutiva. Talvez a maior das provisões do Pacto Abraâmico, a possessão da Terra Prometida, estivesse em jogo.

"Uma vez que seja dada a visão espiritual a alguém, tal pessoa deve entrar em ação, se é que esse alguém tiver de ser digno. A nós foi ordenado não que vivêssemos em nossas visões, mas de acordo com elas" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

1.12,13

Falou Josué. As tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés tinham conquistado e agora já estavam na posse das terras a leste do rio Jordão, ou seja, a *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*). Moisés tinha concordado em conceder a eles aquelas terras, sob a condição de que, em seguida, ajudassem as demais tribos a conquistar a parte oeste da Palestina. Ver Núm. 34.14,15 quanto à narrativa. Aquelas duas tribos e meia tinham

concordado em lutar ao lado das outras tribos, na conquista da parte ocidental da Terra Prometida. Ver Núm. 32.31 ss. O trecho de Josué 22 relata que eles cumpriram a sua promessa, e foram galardoados por esse motivo. "Sem o peso de suas famílias e de suas possessões materiais (que tinham ficado na Transjordânia), eles se encontravam em posição de liderar o avanço" (John Bright, *in loc.*). Cf. Deu. 3.12-20.

1.14

Vossas mulheres, vossos meninos e vosso gado. Este versículo é um paralelo direto com o trecho de Núm. 32.16,17,26,27, cujas notas devem ser consultadas. Com seus entes amados em segurança na Transjordânia, eles estavam em boas condições psicológicas para encabeçar a invasão. Outrossim, o caso deles (eles já haviam obtido sucesso) haveria de inspirar outros quanto a maiores conquistas. "Eram homens dedicados, separados, sem a sobrecarga de qualquer dos entraves da vida, sob a forma de famílias ou bens materiais" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

"Josué não se valeu de todos eles, mas somente de uma pequena e seleta companhia de homens fortes e valentes. Dentre cento e trinta mil homens, somente quarenta mil foram, conforme se vê em Josué 4.13" (John Gill, *in loc.*). Ver Núm. 1.2 quanto a cifras do primeiro e do segundo recenseamento.

1.15

Então tornareis à terra da vossa herança. A promessa das duas tribos, Rúben, Gade, e da meia tribo de Manassés, foi recompensada com uma contrapromessa. Uma vez terminada a tarefa, as coisas reverteriam à normalidade. Os homens dessas duas tribos e meia retornariam, e tudo voltaria ao normal na Transjordânia. Ver Josué 22, quanto ao cumprimento tanto dessa promessa quanto de sua contrapromessa.

Desta banda do Jordão, para o nascente do sol. Ou seja, para o oriente, pois o rio Jordão era um divisor natural do território da Terra Prometida, em bandas leste e oeste. Ver sobre *a Transjordânia* no *Dicionário*.

1.16

Tudo quanto nos ordenaste faremos. Todos os mandamentos seriam obedecidos, e eles iriam onde fossem enviados. Orientação e obediência produziriam o resultado. A promessa não estava sujeita a limites, e a recompensa que se seguiu foi deveras abundante (ver Jos. 22). Assim agindo, aquelas tribos reconheceram que Josué recebera uma missão da parte do Senhor. A obediência a Josué era, ao mesmo tempo, obediência a Yahweh.

O hino evangélico *Crer e Observar* tomou por empréstimo idéias deste versículo:

Em Jesus confiar, sua lei observar,
Oh! que gozo, que bênção, que paz!
Satisfeitos guardar tudo quanto ordenar
Alegria perene nos traz.

(J. H. Sammis)

Ver Deu. 32.46 quanto à ênfase sobre a obediência, no Pentateuco.

1.17

Assim obedeceremos a ti. Josué, sucessor de Moisés, reteve a sua autoridade divina. Ambos os líderes derivavam sua autoridade da parte de Yahweh. Aquele que baixara as ordens foi Yahweh-Elohim (o Eterno Todo-Poderoso), ficando assim garantido o sucesso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. As duas tribos e meia da Transjordânia buscavam evidências: Yahweh teria de ser o orientador de Josué, tal como tinha sido o orientador de Moisés. Mas os homens daquelas tribos, diante de evidências desse fato, foram levados a uma obediência total.

1.18

Todo homem que se rebelar... será morto: tão-somente sê forte e corajoso. Isso demonstra quão séria era a questão. E, para destacar ainda mais essa seriedade, os representantes das duas tribos e meia exortaram Josué à mesma coragem que Yahweh havia encarecido (vss. 6 e 7). Ver Deu. 31.7, quanto ao paralelo direto onde Moisés foi exortado a demonstrar fortaleza e coragem.

"Isso reflete uma das mais tenazes características da psicologia do povo de Israel. Os primeiros filhos de Israel só seguiam ao líder sobre quem repousasse o Espírito do Senhor. Ações bem-sucedidas serviam de evidência desse dom divino. Os israelitas, pois, prometeram obedecer a Josué, mas somente se ele mostrasse ser o homem que Deus havia designado" (John Bright, *in loc.*).

Capítulo Dois

Os Espias São Enviados (2.1-24)

Visto que a Terra Prometida devia ser espiada com o propósito de sua conquista, Josué enviou dois homens para cumprirem essa tarefa. A meretriz Raabe ocultou-os e ajudou-os na sua tarefa. Por sua vez, foi-lhe conferida a promessa de favor e segurança entre os israelitas, para ela mesma e para seus familiares. O temor a Yahweh, que se espalhara por toda aquela região, havia preparado o caminho para a conquista, por causa dos primeiros sucessos militares de Israel (vs. 9). Isso posto, o poder divino já havia começado os preparativos para a guerra santa de conquista. Quanto a passagens e notas expositivas que abordam a questão da guerra santa, ver Deu. 7.1. Ver Jos. 7.2 quanto a notas sobre matança justificada. A guerra santa estava alicerçada sobre o temor de que os povos corruptos que então habitavam a Terra Prometida poderiam infectar Israel, reduzindo-a apenas a mais uma nação idólatra e pagã. E esse temor estava bem fundamentado, porquanto foi exatamente isso que sucedeu, afinal.

A Taça de Iniqüidade Tinha de Ficar Cheia. As sete nações cananéias ainda não tinham enchido sua taça de iniqüidade (ver Deu. 7.1 e Gên. 15.16); mas, quando isso acontecesse, o juízo divino cairia sobre elas. Cf. Deu. 9.4,5. As cidades que existiam fora das fronteiras da Terra Prometida seriam tratadas de forma um tanto menos violenta (ver Deu. 20.10-18).

A Vitória de Israel Estava Garantida. Mas havia uma condição para isso, a obediência a Yahweh, por parte dos hebreus. Os capítulos 2 a 11 de Josué ilustram como os israelitas obedientes foram vencedores sobre os seus inimigos. O temor a Yahweh paralisou os adversários dos israelitas, e isso serviu de tremenda ajuda na conquista da Terra Prometida, pois ali havia povos mais poderosos e muito mais numerosos do que Israel (ver Deu. 7.1).

Um dos resultados do episódio registrado neste capítulo foi que Salmom se casou com Raabe, o que fez dela uma das antepassadas de Jesus, o Cristo (ver Mat. 1.5). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Raabe*. Raabe é novamente mencionada no Novo Testamento, em Hebreus 11.31, onde ela é citada entre aqueles que agiram impulsionados por uma fé especial.

2.1

De Sitim. Ver no *Dicionário* acerca dessa cidade. O local tem sido identificado com um lugar moderno, de nome Tell el-Hammam, ao pé dos montes na extremidade oriental do vale do rio Jordão, a pouco mais de onze quilômetros desse rio, defronte de Jericó. A cidade de *Jericó* (ver no *Dicionário* o verbete com esse nome, quanto a informações completas) é o moderno Tell es-Sultan, a pouca distância noroeste da cidade moderna, também chamada Jericó. A antiga Jericó era a principal cidadela do vale do Jordão, dominando os passos que davam para as terras altas centrais. A queda de Jericó haveria de ajudar imensamente o povo de Israel na continuação da conquista militar. Assim sendo, os dois espias saíram para efetuar uma missão absolutamente secreta, abrindo o caminho para o ataque contra a cidade.

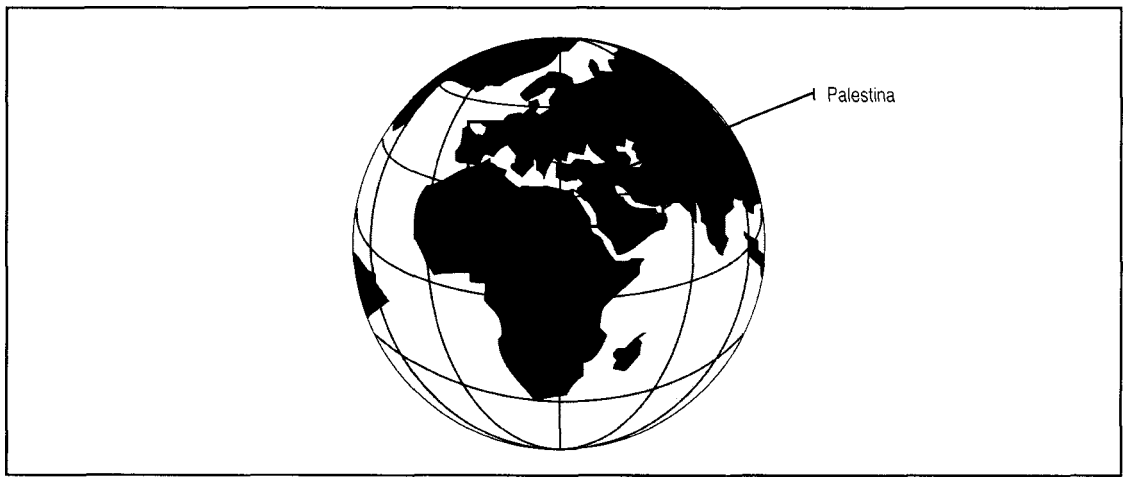
Os espias esconderam-se na casa da meretriz Raabe, que ficava situada sobre as muralhas da cidade. Sendo ela uma prostituta, vivia recebendo homens em casa, e, assim sendo, a chegada dos espias ali não levantou nenhuma suspeita. Mas a despeito desse suposto disfarce, os espias começaram a ser caçados, embora a busca não tenha logrado sucesso. Talvez as autoridades de Jericó esperassem algum ato de sondagem da parte dos filhos de Israel, que estavam avançando, e, assim, tinham montado vigilância constante. Não somos informados na Bíblia por qual motivo os espias selecionaram a casa de Raabe. Alguns estudiosos sugerem que a *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) cuidou para que eles se encaminhassem na direção preestabelecida pelo Senhor. Que uma meretriz tenha sido a pessoa escolhida, em Jericó, para ajudar na conquista, foi um evento realmente estranho. Mas, afinal, "Deus opera de maneiras misteriosas, para realizar Suas maravilhas" (William Cowper).

Disse Hannah Cowley: "Que é uma mulher? Apenas um dos equívocos agradáveis da natureza". Sem dúvida, uma prostituta é um equívoco moral. Mas Deus contrabalançou todos esses fatores negativos, e fez os Seus propósitos dependerem dela, pelo menos quanto a certo aspecto da questão.

2.2

Então se deu notícia ao rei de Jericó. O fato de que os dois espias foram vistos na cidade mostra que sua população se achava em estado de alerta,

O MUNDO EM RELAÇÃO À PALESTINA



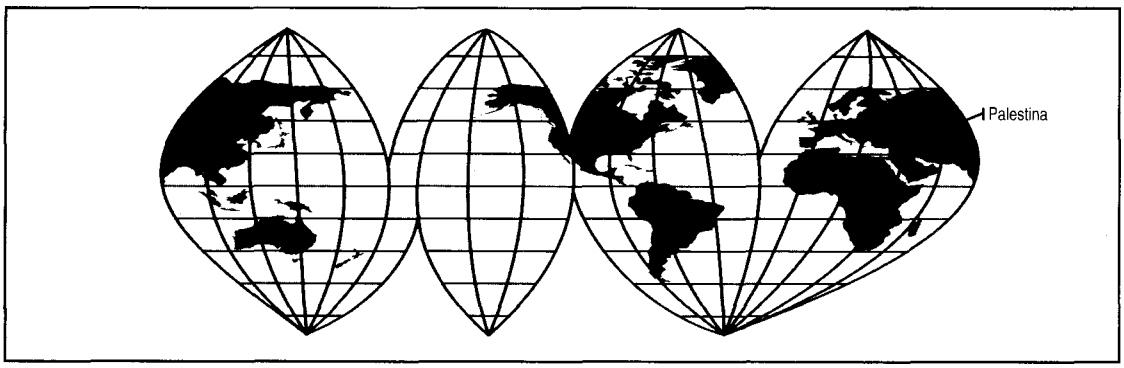
Observações:

Na representação acima, o mundo Mediterrâneo (a área na qual ocorrem os episódios bíblicos e a de seis impérios mundiais com quem Israel fazia tratados e negócios) está demarcado por um retângulo. Como fica demonstrado no mapa, a Palestina é, de fato, uma parte muito pequena do mundo.

Somente 29% da superfície terrestre é de terra firme. Essa extensão territorial ocupa aproximadamente 91.560.000 km^2. A Palestina ocupa apenas 16.000 km^2, ou 1/5700.

A maior massa da terra é aquela compreendida pela Europa, Ásia e África. Segue-se o continente americano (América do Norte, Central e do Sul), com uma área um pouco menor que a da África. A Antártica ocupa 9% da massa terrestre e a Austrália, 5%.

MASSAS DE TERRA DO MUNDO E A PALESTINA



Observações:

A extensão territorial terrestre total é de aproximadamente 91.560.000 quilômetros quadrados, um total de somente 29 por cento da área da terra. A Palestina ocupa 16 mil quilômetros quadrados do total territorial, algo representado acima por um pequeno retângulo.

As massas de terra são: 1. Europa-Ásia-África (57%). 2. América do Norte e do Sul, que ocupa uma área pouco menor do que a última. 3. Antártica, centralizando o Pólo Sul (9%). 4. Austrália (5%).

esperando algum ato nefasto da parte dos israelitas, que já se aproximavam. O rei da cidade, pois, foi devidamente informado e, no momento seguinte enviou um grupo de buscas. É difícil supor que o rei fosse informado cada vez em que algum homem entrasse na casa de Raabe! Alguns estudiosos crêem que os dois espias entraram na casa de Raabe para participarem dos serviços por ela prestados, e que, por pura sorte, encontraram um coração favorável à missão *que tinham vindo realizar; mas o próprio texto sagrado não nos fornece indício* quanto a isso; e usualmente a Bíblia mostra-se muito franca quando se trata de revelar as fraquezas e esquisitices dos seres humanos. O homem que governava Jericó, sem dúvida um duque cananeu comum, deve ter obtido seu posto de mando através da violência e da força bruta, e mandaria torturar os dois espias, fazendo-os confessar a sua missão, para em seguida executá-los, se tivesse conseguido detectá-los. A terra de Canaã, naquela época, não formava uma unidade política, estando dividida em muitas pequenas e independentes cidades-estados.

Outros eruditos sugerem que Raabe tivesse uma espécie de estalagem-lupanar, pelo que os dois espias tão-somente haviam chegado ali a fim de se instalar na cidade. Prostitutas e estalajadeiras, sem dúvida, eram chamadas por um mesmo nome. Sabemos que as estalagens antigas viviam infestadas por ladrões e prostitutas. "Entre os antigos, mulheres geralmente dirigiam casas de 'entretenimento'. Assim disse Heródoto (*Euterp.* cap. xxv; Diodoro Sículo, lib. 1, s. 8; cap. xxvii)" (Adam Clarke, *in loc.*). Uma estalagem, não há que duvidar, seria um lugar natural onde dois espias buscassem obter informações, e talvez tenha sido por esse motivo que eles acabaram na casa de Raabe.

2.3

Faze sair os homens que vieram a ti. Este versículo dá a entender que o grupo de busca não invadiu abruptamente a casa de Raabe. Isso concorda com o tratamento respeitoso que os antigos davam aos lares particulares, mesmo que fossem de meretrizes. Essa pequena mostra de cortesia oriental deu a Raabe tempo suficiente para esconder os espias. Os agentes do rei tinham visto os dois israelitas entrar na casa, portanto eles sabiam que os israelitas estavam ali. Não havia como negar o fato. De alguma maneira, que o texto não nos explica, aqueles agentes também sabiam por qual motivo os israelitas tinham chegado: a saber, como espias, para ajudar na invasão da Terra Prometida. Alguns intérpretes argumentam que Raabe era apenas uma *estalajadeira, e não uma prostituta, e que a palavra que a caracteriza deveria* ser assim traduzida. De outra sorte, como prossegue o raciocínio, a casa teria sido violentamente invadida, e isso sem a menor demora. Mas esse raciocínio parece pouco abalizado.

2.4

A mulher, porém, havia tomado e escondido os dois homens; e disse. Tendo ocultado os dois espias, impelida pelo temor a Yahweh (vs. 9), Raabe ocultou a presença deles por meio de uma mentira: "De fato, os homens estiveram aqui, mas eu não sabia de onde tinham vindo. Vão agora mesmo atrás deles!". E assim, com uma inverdade, ela salvou duas vidas e tornou-se uma das heroínas da fé (ver Heb. 11.31). Os filósofos falam a respeito de mentiras não-morais, ou seja, inverdades que podem ser boas, e não más, mesmo porque não há problemas morais associados a elas. Conta-se a história de um padre católico romano que se viu envolvido com espiões aliados, que trabalhavam contra Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando foi indagado acerca do envolvimento, ele contou toda a verdade! Os espiões foram identificados e executados! Isso significa que o padre disse uma má verdade, quando poderia ter dito uma boa mentira! Também temos aqueles casos em que os médicos dizem a pacientes psicologicamente fracos que o câncer que os aflige, ou outras doenças fatais, é um mero resfriado ou alguma outra patologia inocente. Essas inverdades são justificadas porquanto aliviam a dor e a ansiedade dos seres humanos. São *mentiras não-morais.* Assim, apesar de o caso parecer poderoso, "algumas mentiras são boas, ou, pelo menos, indiferentes", isso não justifica a maioria das inverdades, as quais são malignas e prejudiciais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mentir (Mentiroso),* quanto a uma tirada contra o tipo negativo de mentira.

Adam Clarke (*in loc.*) fazia objeção a qualquer forma de mentira, sugerindo que Raabe poderia ter salvado os espias de alguma outra maneira, sem apelar para a mentira. Todavia, essa explicação é forçada. Ellicott (*in loc.*) também defendia que nunca se deve proferir nenhuma modalidade de mentira, tendo chamado o ato de Raabe de pecaminoso. John Gill, entretanto, *preferiu perdoá-la* por ter dito uma mentira, visto que ela fora criada dentro de uma cultura pagã. Diversas de minhas fontes informativas ignoram o problema assim levantado. Quanto a mim, estou ao lado dos filósofos acerca da questão.

2.5

Ide após eles depressa. Raabe desenvolveu um pouco mais a sua mentira, com a finalidade de livrar-se dos agentes do rei rápida e definitivamente. Ela fingiu absoluta inocência e, com a facilidade tipicamente feminina de falar de forma rápida e inteligente, enganou-os completamente. Ninguém pode falar tão prontamente e com tanta habilidade como uma mulher que esteja em dificuldades! Pesquisas científicas demonstram que as mulheres têm um domínio natural e genético sobre a linguagem, que os homens não têm, ao passo que o homem exibe maior vantagem quanto às questões matemáticas.

Raabe admitiu prontamente que os dois estranhos tinham vindo à casa dela; mas como ela poderia saber da identidade e da missão deles? Francamente! John Gill (*in loc.*) consolava-se diante do fato de que Deus a havia perdoado daquelas mentiras!

2.6

Ela, porém, os fizera subir ao eirado. Raabe *havia estendido sobre* o telhado plano de sua casa algumas canas de linho. Lembrando-se disso, tomou os dois homens e escondeu-os entre as canas de linho. Dessa forma, a providência de Deus havia operado quanto a pequenas coisas, para que contribuíssem para grandes propósitos. O linho estava ali a fim de ressecar ao sol. Essas canas teriam cerca de um metro de comprimento cada uma, sendo portanto suficientes para servirem de esconderijo. Uma vez secas, as canas de linho perdiam sua casca, e então as fibras soltas eram usadas para fabricar fios de linho. O calendário de Gezer (século X A. C.) menciona o processo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linho.* Plínio (*História Natural* 1. 19. cap. 1) contou quais eram os processos de colheita e secadura do linho. Os telhados planos das casas palestinas eram ideais para esse processo de secadura, porquanto ali fazia grande calor. Ver Deu. 22.8. Alguns intérpretes, considerando Raabe uma estalajadeira, salientam esse labor como prova de ser ela uma mulher virtuosa e laboriosa; mas esse argumento não parece bem fundamentado. O linho e a cevada eram colheitas do começo do ano agrícola (ver Êxo. 11.31), que se passava no primeiro mês (ver Jos. 4.19), pelo que devia estar correndo o mês de nisã (março-abril, segundo nosso calendário).

2.7

Foram-se aqueles homens após os espias. A vida de Raabe mostrou ser *útil. Os agentes do rei foram-se atrás de meras sombras, ao mesmo tempo* que os espias israelitas continuavam em segurança na casa de Raabe. Na ausência de perseguidores, os espias tiveram muito tempo para se prepararem para a fuga. Dessa maneira, foram libertados da boca do leão, e puderam cumprir a sua missão de espionagem.

Aos vaus do Jordão. Ou seja, aos lugares onde se podia atravessar o rio a pé, com facilidade, na suposição de que os espias de Israel pudessem ser encontrados ali, mais provavelmente, já que o povo de Israel estava acampado do lado oposto do rio, preparado para a travessia do lado ocidental do território da Terra Prometida. Ver Gên. 32.10.

Fechou-se a porta. O mais provável é que estejam em pauta os portões da cidade. As autoridades de Jericó não queriam mais a visita de espias noturnos, e talvez tivessem pensado que, assim fazendo, poderiam impedir a fuga dos espias israelitas, se, porventura, eles ainda estivessem no interior da cidade.

2.8

Foi ela ter com eles ao eirado. Raabe apressou-se a ir falar com os espias de Israel, que estavam ainda escondidos, a fim de contar-lhes o que havia acontecido, antes que eles pegassem no sono, entre as canas de linho (assim opinaram Kimchi e Abarbinel). O perigo ainda não havia passado de todo; mas a providência de Deus estava trabalhando em favor dos espias. Ocorreu, em seguida, uma conversação verdadeiramente notável.

2.9

Bem sei. A fama de Yahweh já havia chegado a Jericó antes mesmo dos espias, tornando-se Ele conhecido e temido por todos os seus moradores. As sete *nações cananéias* (ver Êxo. 15.15; 33.2 e Deu. 7.1), *embora numérica e militarmente* mais poderosas que Israel, estavam prestes a ser expulsas da terra de Canaã (ver Gên. 15.16). Yahweh é quem determina os tempos e as fronteiras dos povos, e é prerrogativa Sua alterar isso. Ver Atos 17.26. A fim de facilitar a mudança, o terror havia sobrevindo àqueles povos militarmente superiores a Israel, permitindo que os hebreus, embora militarmente mais fracos, avançassem. Ver Êxo. 23.27 e Deu. 2.25 quanto ao terror que havia avançado à frente do povo de Israel, o que servia de ferramenta psicológica nas mãos do Senhor, a fim de purificar a Terra Prometida.

2.10

Porque temos ouvido que. A fama de Yahweh tinha chegado aos ouvidos dos habitantes de Jericó. Raabe tinha consciência do que estava sucedendo. A história da travessia do mar Vermelho tinha-se tornado matéria de conhecimento geral. Ver sobre o mar de Juncos, em Êxo. 13.18 e suas notas expositivas. Esse é o mar aqui referido, e não o mar Vermelho, que fica um tanto mais ao sul. Ver o capítulo 14 do livro de Êxodo quanto à narrativa. O livramento de Israel do Egito é um tema comum nos livros do Êxodo até Josué, inclusive. No livro de Deuteronômio, esse fato é mencionado por nada menos de vinte vezes. Ver as notas expositivas a esse respeito em Deu 4.20. Ademais, a facilidade com que Israel conquistara o lado oriental da terra de Canaã (ver no *Dicionário* o verbete denominado *Transjordânia*) também havia contribuído para chamar a atenção dos povos que ocupavam a margem ocidental do rio Jordão, levando-os a temer. Quanto a essa história, ver Núm. 21.21-35 e suas notas expositivas.

"Agora, o mesmo Deus estava fechando sobre eles, e eles sabiam que não poderiam sair-se vencedores" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Cf. Josué 4.24. Todos os povos da terra tinham chegado a conhecer a mão de Yahweh, reconhecendo que Ele é poderoso.

2.11

Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração. Os cananeus perderam a coragem, dando a guerra por perdida, antes mesmo que Israel tivesse penetrado no lado ocidental da Terra Prometida. Os cananeus reconheceram que estava acontecendo algo de sobrenatural, entendendo assim que Yahweh-Elohim (o Eterno Todo-Poderoso) é o verdadeiro Deus, Aquele que habita nos céus, e lá de cima controla a terra cá em baixo. Isso não significa, contudo, que eles tenham deixado de crer em outros deuses; mas tão-somente que eles percebiam que Yahweh era o Deus do momento, um Deus irresistível. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Deus, Nomes Bíblicos de*, e *Céu*. E ver o conceito que os antigos faziam do céu, em Gên. 11.4.

A Fé de Raabe. A fé dessa mulher cananéia foi comemorada em Hebreus 11.31, e alguns estudiosos pensam estar em foco a fé salvadora, mas isso parece cristianizar o texto de uma maneira exagerada. Notemos que o texto está posto na primeira pessoa do plural, "nós". Muitos cananeus compartilhavam das convicções a que Raabe havia desenvolvido, embora dificilmente isso signifique que esses cananeus tivessem recebido a forma de fé que conduz à salvação. Outrossim, em essência eles tinham crido que Yahweh era uma tremenda força destruidora e, de algum modo, era o principal dentre as divindades celestes. Havia luz a respeito da deidade, e essa luz estava aumentando. Em todas as épocas, essa luz vem crescendo, porquanto isso faz parte do avanço do conhecimento, bem como é um passo fundamental da evolução espiritual.

2.12,13

Agora, pois, jurai-me, vos peço. Tendo confessado a sua crença em Yahweh, Raabe rogou que os espias de Israel jurassem por Yahweh que os israelitas não aniquilariam a ela e à sua parentela. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Juramentos*. Ela os tinha recebido com bondade, e isso requeria uma bondade correspondente da parte deles. A essência dessa bondade retribuída seria que Raabe e toda a sua família mais próxima seriam poupadas da morte, porquanto ela sabia que a guerra santa (ver Deu. 7.1-5) exigiria uma matança completa, incluindo mulheres e crianças. E para certificar-se de que os espias de Israel tinham compreendido bem o pedido que lhes fizera, ela passou a enumerar cada membro de sua família que deveria ser poupado (vs. 13).

Um sinal certo. Essas palavras revestem-se de dois sentidos possíveis, a saber: 1. um juramento; 2. o fato de que cada membro da família de Raabe seria poupado, o que seria um sinal abençoado de bondade retribuída.

"Raabe demonstrou a sua fé não somente ao proteger os espias de Israel (ver Heb. 11.31 e Tia. 2.25), mas também ao mostrar preocupação com a segurança de seus familiares" (Donald K. Campbell, *in loc.*, o qual também destacou que Raabe solicitou que ela mesma e seus familiares se tornassem seguidores de Yahweh, para que servissem ao único e verdadeiro Deus; todavia, parece que isso é ler a mais do que está escrito no texto sagrado).

2.14

A nossa vida responderá pela vossa. Raabe acabara de entrar em um acordo com os espias, e eles concordaram prontamente com as condições sugeridas por ela. Era uma questão de "vida por vida", em que "a vida deles respondia pela vida dela e de seus familiares". Esta era uma transação séria, visto que Raabe estava traindo a seus concidadãos, entregando-os nas mãos dos inimigos e tornando-se, desse modo, uma agente da morte de muitos cananeus. Os homens desprezam os traidores, mas aqueles que ajudam as nossas causas são considerados heróis, pois com freqüência arriscam a sua vida na empreitada.

Alguns intérpretes julgam que o pacto firmado entre Raabe e os espias de Israel significa que eles perderiam a própria vida se algum mal viesse a atingir Raabe e os seus familiares. Assim, se outros israelitas viessem a tirar a vida de Raabe e de seus familiares, os espias adiantar-se-iam e diriam em protesto veemente: "Matai-nos também. Quebrastes o nosso acordo solene".

2.15

Ela então os fez descer por uma corda pela janela. Foi muito conveniente que a casa de Raabe tivesse sido construída sobre a muralha de Jericó. Uma janela dava para o lado de fora, permitindo assim livre acesso para fora da cidade. A arqueologia tem demonstrado o que está em pauta neste texto. "A derradeira cidade cananéia de Jericó era circundada por duas muralhas, havendo um espaço entre elas de cerca de quatro metros e meio. A muralha interna era bem mais forte do que a externa. Por causa da falta de espaço dentro da cidade (afinal, Jericó dificilmente ocuparia uma área de trinta mil metros quadrados), muitas casas eram edificadas entre as duas muralhas, apoiadas sobre vigas de madeira, que iam de uma à outra muralha, ou mediante pequenas paredes de tijolos que ligavam as duas muralhas. A casa de Raabe era uma dessas construções. A janela da casa dela, pois, olhava para fora da muralha externa" (John Bright, *in loc.*).

Um cordão feito de fio de escarlata (vs. 18) foi usado para dar aos espias acesso ao lado de fora. A *providência de Deus*, (ver a respeito no *Dicionário*), portanto, empregou coisas pequenas, mas necessárias para levar todo o incidente a uma conclusão feliz.

Jarchi supunha que esse cordão fosse o mesmo que Raabe costumava usar para permitir acesso, para dentro e para fora, à sua casa. Marcial (*Epigram.* 1. 3. Ep. 62) conta como as prostitutas costumavam usar as muralhas a fim de se exibirem, chamando homens às suas casas. Aquilo que costumava ser empregado para um mau uso, de súbito passou a ser usado para um fim nobre.

2.16

Ide-vos ao monte. Raabe deu aos dois espias alguns bons conselhos práticos. Ela estava no comando da situação. O monte Quarantania ficava nas proximidades de Jericó, e ali os espias encontrariam um bom lugar de esconderijo. Estrabão (*Geografia* 1.16, par. 525) informou-nos que a cidade era cercada por colinas e elevações.

Dentro de três dias, os agentes do rei de Jericó haveriam de cansar-se da busca, e desistiriam. Então os espias estariam em segurança, voltariam à companhia de sua gente, e os planos para a invasão poderiam prosseguir. Jarchi e Kimchi supunham que o Espírito de Deus tenha inspirado Raabe a dar aos espias esses conselhos. "Os montes entre Jerusalém e Jericó por muitas vezes serviram de refúgio para indivíduos de caráter pior do que os dois espias enviados por Josué (ver Luc. 10.30)" (Ellicott, *in loc.*).

2.17

Ao partirem, os dois espias de Israel asseguraram a Raabe que eles cumpririam a sua parte no acordo e no juramento que tinham feito, e que, por isso mesmo, estariam inocentes se algum erro ocorresse no tocante à questão. Eles haveriam de "cumprir a sua obrigação".

2.18

Se... não atares este cordão de fio de escarlata. A mesma corda vermelha usada para permitir que os espias de Israel escapassem para a liberdade teria de ser afixada à janela exterior da casa de Raabe, para que aquela casa não fosse invadida quando os soldados hebreus atacassem a cidade. Destarte, aquilo que tinha servido de meio de escape para os dois espias hebreus também haveria de servir de meio de escape para Raabe e sua família. A Raabe cabia a responsabilidade de reunir naquela casa todos os seus familiares, porquanto, em caso de guerra santa (ver as notas expositivas a respeito, em Deu. 7.1-5), exigia-se o aniquilamento absoluto de toda pessoa e até dos animais domesticados que houvessem dentro de uma cidade atacada. Isso quer dizer que, se algum dos membros da família de Raabe resolvesse vaguear para fora daquela casa, esse tal não seria poupado. Também é curioso que aquele meio de acesso, por onde os clientes de Raabe costumavam entrar e sair da casa (ver as notas sobre o versículo 15 deste capítulo), agora fosse usado como salva-vidas. É provável que o cordão tivesse sido feito de tiras de linho costuradas umas às outras.

Tipologia. Alguns intérpretes têm visto nesse cordão um símbolo do sangue de Cristo, que provê salvação para todos os pecadores. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Expiação* e *Expiação pelo Sangue de Jesus*.

2.19

Qualquer que sair para fora da porta da tua casa. Só podia ser garantida a segurança para cada um dos membros da família de Raabe, se eles permanecessem dentro da casa dela, segundo fora combinado. Os espias de Israel não quiseram assumir nenhuma responsabilidade por quem se mostrasse negligente. Mas, se alguma pessoa da família de Raabe, que se mantivesse dentro da casa dela, chegasse a ser morta, então os espias assumiriam responsabilidade por tal perda de vida.

Este versículo garante que a guerra santa contra Jericó seria tão eficiente em seus propósitos que nenhum habitante de Jericó escaparia com vida, excetuando aqueles que se mantivessem no interior da casa de Raabe. Não haveria prisioneiros de guerra, nem mesmo as mulheres seriam poupadas. Nem um bebê que fosse poderia ser poupado. Até mesmo as vacas, as ovelhas, os porcos e os cavalos seriam abatidos.

Cumprimento das Promessas. "Qualquer pessoa pode fazer uma promessa; mas cumpri-la ao pé da letra, em conclusão bem-sucedida, revela o verdadeiro valor da vida" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

2.20

Se tu denunciares esta nossa missão, seremos desobrigados do teu juramento. Teria de haver silêncio total quanto ao acordo entre Raabe e os dois espias. E isso porque, se Raabe abrisse a boca, então os habitantes de Jericó preparar-se-iam para a defesa, e se perderiam muitas vidas hebréias. Os espias, pois, considerariam Raabe responsável por isso. Aquela foi uma ocasião em que a mulher teria de guardar segredo! Qualquer maledicência era, para ela, um tabu.

Muito maior é o número daqueles que "pensam pouco e falam muito" (John Dryden).

2.21

E **ela disse.** O pacto foi confirmado por Raabe, e o cordão escarlata foi pendurado na janela externa da casa. Os espias hebreus haviam cumprido a sua missão; Raabe e seus familiares seriam os únicos sobreviventes da primeira invasão de Israel contra uma cidade localizada no lado ocidental do rio Jordão. A porta da casa de Raabe era o único lugar seguro de toda aquela cidade. Cf. Gên. 7.16, quanto à porta da arca de Noé; e Êxo. 12.23, quanto às portas marcadas pelo sangue do cordeiro pascal; e também João 10.9, onde o Senhor Jesus nos é apresentado como a Porta.

2.22

Foram-se, pois, e chegaram ao monte. Seguindo os conselhos de Raabe (ver o vs. 16 deste capítulo), os dois espias permaneceram por três dias nas colinas próximas, enquanto os agentes do rei da cidade procuravam por eles nos vaus do rio Jordão (vs. 7). O grupo de busca procurou pelos espias de Israel por toda a parte, mas não os encontrou. A providência divina cuidara disso.

As colinas de pedra calcária ficavam a uma distância de apenas oitocentos metros das muralhas de Jericó. Algumas dessas colinas chegavam a quinhentos metros de altitude, com muitas cavernas onde os dois homens poderiam esconder-se durante três dias.

E ali ficaram três dias. Esse prazo pode representar os dias em que a missão dos dois espias se iniciou em Jericó, ou os dias em que eles ficaram escondidos nos montes, após terem escapado de Jericó. Seja como for, a missão foi breve, mas eficaz. Eles contavam agora com todas as informações de que precisavam para ajudar na invasão da cidade.

2.23

Assim os dois homens voltaram. A fuga foi bem-sucedida. Eles deixaram as montanhas e passaram para o lado ocidental do rio Jordão. E, ao encontrar Josué, deram-lhe noticia do resultado da sua missão. Quanto ao elemento tempo, comentou Kimchi: "... três dias depois de terem sido enviados, que foi o segundo dia dos três dias mencionados por Josué, quando ele disse: 'dentro de três dias'" (ver sobre Jos. 1.11). Eles chegaram à presença de Josué em Sitim, de onde ele continuou (ver Jos. 2.1).

2.24

Certamente o Senhor nos deu toda esta terra. Yahweh estivera com os dois espias, arranjando todas as circunstâncias e conferindo-lhes proteção. Eles estavam certos de que entrariam na posse da Terra Prometida, porque a providência divina mostrara-se favorável, tornando um sucesso a sua missão. Os habitantes originais da terra de Canaã estavam em más condições psicológicas, pois esperavam e temiam pelo pior (vs. 9). Em breve, teria cumprimento a principal provisão do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Israel, um povo com cerca de quatro milhões de pessoas (ver Núm. 1.46 e suas notas expositivas), logo teria seu território pátrio.

Este segundo capítulo do livro de Josué ilustra o cumprimento da promessa feita em Jos. 1.5,9. Isso deve ser contrastado com o relatório negativo dado pelos doze espias originais que tinham sido enviados cerca de quarenta anos antes. Aquele relatório negativo manteve o povo de Israel a vaguear pelo deserto durante quatro décadas. Mas este relatório mandou-os, triunfalmente, à Terra Prometida. Ver Núm. 13.31 quanto à narrativa.

Capítulo Três

A Travessia do Rio Jordão (3.1 — 5.1)

Finalmente, Israel chegou à beira do rio Jordão. Estava começando uma nova era, e as perambulações pelo deserto tinham terminado. Moisés estava morto, e seu corpo fora sepultado no outro lado do Jordão, acompanhando na morte aquela geração anterior desobediente. Josué era o novo líder do povo de Israel, e ele haveria de conduzi-los ao seu território nacional. A arca foi transportada em meio a grande expectativa. Haveria uma travessia miraculosa do rio, quando a providência divina intensificaria os seus efeitos. Yahweh estava ali para lutar em favor de Seu povo. Embora fosse época de cheia, devido às chuvas próprias da primavera, as águas do rio Jordão seriam mantidas distantes, e haveria um milagre similar ao que houve no *mar de Juncos* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Josué avançou, sem ter idéia de como faria atravessar o rio aquela multidão de quatro milhões de pessoas, estando o Jordão em tempo de cheia (vs. 15). Havia uma imensa massa de pessoas, de animais e de bagagens. Seria um teste muito difícil para a providência divina. Mas Josué não hesitou.

3.1

Levantou-se, pois, Josué, de madrugada. A aventura começou bem cedo pela manhã. As pessoas e os animais afastaram-se de Sitim e aproximaram-se do rio Jordão. Isso significa que eles percorreram quase doze quilômetros, uma boa caminhada matutina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sitim*, bem como as notas em Jos. 2.1. É possível que, na antiguidade, o local antigo fosse o mesmo que Abel Sitim, mencionado em Núm. 33.49.

Por conseguinte, poderíamos afirmar que Sitim foi o último estágio das perambulações do povo de Israel pelo deserto. Ver Núm. 33.2. A marcha de Sitim às margens do rio Jordão foi a primeira fase do novo dia, bem como a primeira etapa dirigida por Josué. Moisés tinha sido o líder do êxodo. Mas Josué era agora o líder do eisodus, "entrada". Corria o nono dia do mês de nisã (março-abril), visto que a travessia para o outro lado do Jordão haveria de ocorrer no décimo dia daquele mês (Jos. 3.4-5; 4.19).

3.2

Os oficiais passaram pelo meio do arraial. Instruções foram dadas ao povo de Israel, para que a marcha tivesse início. Os oficiais poderiam ser auxiliares de Josué, embora o mais provável é que fossem oficiais do exército, visto que Israel estava avançando como uma unidade militar. Ver Jos. 1.10,11. Os oficiais já tinham estado por toda parte, entre as tribos, determinando que o povo se preparasse. A palavra traduzida aqui como "oficiais" é comentada nas notas sobre Jos. 1.10. O transporte do alimento para tão grande número de pessoas já seria um imenso problema, para não mencionar os problemas envolvidos na batalha propriamente dita.

3.3

Quando virdes a arca da aliança. Esse item principal do tabernáculo (e, mais tarde, do templo de Jerusalém) era o lugar específico onde se manifestava a presença de Yahweh. A arca era transportada à frente do povo porquanto simbolizava a presença e a ajuda de Yahweh na batalha. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Arca da Aliança*, quanto a informações completas. Era costumeiro que os levitas fizessem o transporte da arca da aliança, pois eles constituíam a casta sacerdotal de Israel, que cuidava das questões atinentes ao culto e ao transporte de todo o material do tabernáculo, quando o povo de Israel se punha em movimento. Neste versículo é dito que os sacerdotes fizeram o transporte dessa peça do tabernáculo, embora a tarefa usualmente fosse dada aos levitas coatitas. Em três ocasiões, a Bíblia diz-nos que os sacerdotes fizeram o transporte da arca: 1. aqui; 2. quando eles circundaram Jericó (ver Jos. 6.9); 3. quando a

arca foi transportada para o interior do templo de Salomão (ver I Reis 8.6). Não são mencionados nem o tabernáculo nem o seu equipamento, mas cumpre-nos compreender a presença de ambos. Ver também Núm. 10.35,36 e I Sam. 4.6-9, acerca de como a arca da aliança sempre acompanhava o exército de Israel às batalhas. Ver o sétimo capítulo de Números quanto ao transporte do tabernáculo e de todos os seus móveis e utensílios pelo deserto. Em vez de as tropas de elite seguirem à frente do povo, foi a arca da aliança, porque os israelitas tinham iniciado uma guerra santa, e a batalha, em última análise, dependia de Yahweh, e não do poder militar. Ver sobre a guerra santa em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

3.4

Haja a distância de cerca de dois mil côvados entre vós e ela [a arca]. A arca da aliança ia à frente dos filhos de Israel cerca de um quilômetro. No versículo anterior, lemos que a arca da aliança também ia à frente das tropas. Dessa forma, o símbolo tornou-se evidente: Yahweh ia à frente de todas as atividades de Seu povo; o poder de Yahweh se manifestava; a presença de Yahweh era uma realidade. Esses fatores conferiam a vitória a Israel em tempos de crise. A arca da aliança atuava como um guia para os hebreus. Os filhos de Israel nunca antes tinham passado por ali. Os sacerdotes haviam recebido instruções da parte de Yahweh, e os espias tinham dado informações sobre o caminho, pelo que também atuavam como batedores, à frente dos demais. Um novo dia e uma nova orientação tinham começado, em lugar de tudo quanto antes havia acontecido. Dentro da arca estavam os mandamentos, sob a forma das tábuas da lei. A obediência a Yahweh, a observância desses mandamentos, faziam Israel tornar-se um povo distinto e vitorioso (ver as notas expositivas em Deu. 26.19).

Tipologia. Josué, tipo de Jesus Cristo, liderava o povo de Israel. Cristo Jesus é o líder do Novo Israel, formado por todos os convertidos, judeus ou gentios. O evangelho de Cristo tomou o lugar da lei mosaica. Da mesma maneira que Josué tomou o lugar de Moisés, assim também substituiu toda a antiga legislação mosaica (ver o terceiro capítulo da epístola aos Gálatas).

Razões para a Distância entre a Aliança e o Povo. 1. Por motivo de reverência, o povo não podia aproximar-se muito da arca. 2. Todo o povo precisava ver a arca, pelo que era mister guardar distância. Vendo-a, eles eram capazes de segui-la. 3. A arca era símbolo da presença e do poder de Yahweh, pelo que tinha de seguir bem à frente de qualquer força militar.

3.5

Santificai-vos. Defronte dos filhos de Israel estava o rio Jordão, transbordando devido às chuvaradas de primavera. O rio representava uma formidável barreira ao sucesso. Mas Josué já sabia, em seu coração, que algum grande ato miraculoso de Yahweh salvaria o dia; e, a fim de encorajar o povo de Israel, isso se tornaria conhecido. O povo de Israel, contudo, precisava antes santificar-se, para que houvesse alguma grande intervenção divina. Eles teriam de purificar-se cerimonialmente. Era mister que cada indivíduo se purificasse, a fim de poder aproximar-se do Ser divino (ver Jos. 7.13), pois o Senhor estava prestes a manifestar-se às margens do rio Jordão. De acordo com a nossa maneira de pensar, diríamos que uma ordem mais apropriada teria sido: "Preparai vossas armas para a batalha". Contudo, em uma guerra santa, o que mais interessava era a presença de Yahweh. Assim sendo, os israelitas precisavam preparar-se para a presença de Yahweh.

Este versículo deve ser confrontado com Êxodo 19.10-13, onde foram baixadas ordens idênticas, posto que a lei mosaica estava às vésperas de ser dada, outra ocasião em que a presença de Yahweh esteve em evidência. Josué, pois, instruiu o povo a esperar por um milagre, porque somente um prodígio poderia satisfazer as necessidades daquele dia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Milagre.*

Não somos informados nas Escrituras a respeito de exatamente como a purificação teria de ocorrer, mas o mais provável é que tenha sido empregado o método usado em Êxodo 19.10-14. O povo precisava lavar as suas vestes e tomar o banho cerimonial (ver as notas a respeito em Lev. 14.8; 15.16; 17.15; Núm. 8.7 e 19.7,19).

3.6

Levantai a arca da aliança. Aqui se repete virtualmente a mensagem do terceiro versículo, onde aparecem notas expositivas. A ordem foi executada. O melhor *modus operandi* foi empregado, a fim de garantir o pleno êxito da invasão.

"Em todas as marchas anteriores do povo de Israel, a arca era transportada bem no centro do imenso acampamento. Ver o esquema usado, no final do segundo capítulo do livro de Números. Agora, porém, a arca deveria ser transportada à frente do exército, seguindo adiante de todo o povo, e isso a uma respeitável distância... a fim de que todo o acampamento pudesse vê-la e deixar-se guiar por ela" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.7

Hoje começarei a engrandecer-te. O prodígio que ocorreria seria versátil em seus resultados: 1. confirmaria, diante de todo o Israel, a autoridade divina de Josué; 2. magnificaria a grandeza de Yahweh, e assim fortaleceria a fé do povo de Israel no Senhor; 3. mostraria que a autoridade de Moisés tinha continuado na pessoa de Josué, o que vale dizer que o propósito divino teria prosseguimento, apesar da morte do grande líder, Moisés; 4. em certos sentidos, Josué era inferior a Moisés, mas Josué era o homem de Deus para aquele momento, servindo ao Senhor como instrumento muito especial (este versículo amplia as idéias que figuram em Jos. 1.5,17); 5. O fato de que Josué foi capaz de prever o prodígio que estava prestes a ocorrer demonstrou que o espírito da profecia estava com ele, tal como havia sucedido no caso de Moisés.

3.8

Tu, pois, ordenarás aos sacerdotes... Essa ordem foi baixada, e os sacerdotes que transportavam a arca saíram na frente de todos. Chegando à beira do rio Jordão, entretanto, eles deveriam fazer alto nas águas rasas do rio, e o milagre ocorreria. A água pararia de correr, e o povo de Israel seria capaz de fazer a travessia, conforme o restante deste capítulo nos informa que aconteceria. As águas do rio acumular-se-iam formando um amontoado (vs. 13) e duplicando assim o milagre ocorrido no mar de Juncos (ver a respeito no *Dicionário*). A visão admirável das águas acumuladas convenceria até o mais cético dos homens de que Yahweh era mesmo poderoso, de que Yahweh estava presente, de que Yahweh tinha agido e de que Josué era o Seu embaixador. Terminada a travessia, os filhos de Israel, de fato, reverenciaram a Josué (ver Jos. 4.14), reconhecendo que Deus estava com ele (ver Jos. 3.7; cf. 1.5,9).

3.9

Chegai-vos para cá, e ouvi as palavras do Senhor. Antes de prosseguirem, Josué teve ainda uma importante instrução para dar ao povo de Israel. Por esse motivo, convocou uma assembléia geral para dirigir as suas palavras. Suas palavras, conforme este versículo afiança, eram palavras de Yahweh, porquanto o propósito divino estava operando em todos os eventos. Isso posto, vemos que Josué havia substituído a Moisés como porta-voz de Deus. Ver sobre a expressão, o Senhor falou, tão comum nos livros de Êxodo e de Levítico, comentada em Lev. 1.1 e 4.1. Moisés, anteriormente, transmitia os recados divinos. Agora, Josué havia assumido esse ofício, tornando-se o novo mediador.

Tipologia. Josué, um tipo de Cristo, tornou-se o novo porta-voz e mediador, e assim também, de maneira mais ampla ainda, Cristo nos trouxe a completa revelação de Deus, conforme nos é ensinado em Hebreus 1.2. A revelação final de Deus nos foi dada mediante o Filho, ao passo que, antes da vinda do Senhor Jesus ao mundo, muitos veículos humanos já tinham sido usados.

3.10

Nisto conhecereis que o Deus vivo está no meio de vós. Este versículo é um paralelo direto do trecho de Deuteronômio 7.1. As sete nações cananéias que seriam expulsas são ventiladas nas notas sobre Êxo. 33.2, onde é enfatizado que aquelas nações eram militarmente superiores ao povo de Israel. Isso posto, era mister que o poder de Deus estivesse atuando em favor de Israel, porquanto, de outra sorte, a invasão jamais poderia ocorrer. Mas, visto que Yahweh estava à testa de Seu povo, isso garantia o sucesso da empreitada. Quanto ao "Deus vivo", ver Deu. 5.26 e Osé. 1.10, bem como as notas expositivas ali existentes. Outros deuses eram apenas ídolos sem vida, sem poder de fazer coisa alguma.

Um Conceito Básico do Verdadeiro Deus. Deus mostra-se atuante na história, provando o Seu poder através dos Seus atos, tanto sobre a natureza quanto acerca das atividades dos homens. Ver o capítulo 41 de Isaías, onde essa questão é abordada e enfatizada. Deus é pessoal e é ativo. Ele torna-se conhecido por meio daquilo que faz, visto ser Ele o Mistério Supremo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Mysterium Tremendum.* Moisés estava morto, mas Yahweh estava vivo, a fim de cumprir a causa para a qual tinha nomeado Moisés, para dar início ao cumprimento das promessas que faziam parte do Pacto Abraâmico (ver a esse respeito nas notas expositivas sobre Gên. 15.18).

3.11

Eis que a arca da aliança do Senhor. Este versículo repete o que já vimos e comentamos nos vss. 6 e 8 deste capítulo. A presença simbolizada pela arca era a presença de Yahweh-Elohim, o Senhor de toda a terra. Ele é o Eterno Todo-Poderoso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

"Deus não se mantém distante das esperanças e aspirações das pessoas... O poder de controlar e dirigir as forças da natureza e de moldar a história segundo os Seus padrões é característica própria do Deus dos hebreus. Assim agindo, Ele demonstra, acima de qualquer sombra de dúvida, que Ele é Deus" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*. Esse termo significa que Deus está em Seu mundo, que Ele faz intervenção entre os homens, que Ele galardoa ou castiga. O *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), por sua vez, é um termo que expressa idéias opostas. Deus, ou algum poder, pessoal ou impessoal, realmente existe, mas vive divorciado de Sua criação, tendo-a abandonado às leis naturais, que dirigem todas as coisas. Quanto ao "Senhor de toda a terra", cf. Sal. 97.5.

3.12

Tomai, pois, agora, doze homens das tribos de Israel. Ver Jos. 4.2-4 quanto ao serviço que os doze homens aqui referidos deveriam realizar. Cada um deles deveria trazer uma pedra, a fim de que, uma vez cruzado o rio Jordão, eles preparassem com elas um monumento. Eles ergueriam uma simples pilha, que, embora simples, revestir-se-ia de profunda significação. Quando algum israelita perguntasse sobre o significado daquela pilha de pedras, explicar-se-ia como Deus operara um tremendo milagre por ocasião da travessia do rio Jordão. Ver Jos. 4.2-9 quanto à narrativa.

Um de cada tribo. Como seria conseguido esse total de doze? Levi agora não era mais considerada uma tribo, pois fora nomeada por Deus como a casta sacerdotal de Israel, restando assim somente onze tribos. Mas José não contava com nenhuma tribo com seu nome. E isso reduzia o número das tribos para dez. Contudo, José tinha dois filhos, Efraim e Manassés, os quais vieram a tornar-se, cada qual, o cabeça de uma das tribos de Israel, restaurando assim o número de tribos para doze.

3.13

Porque há de acontecer que... Quando as plantas dos pés dos sacerdotes que transportavam a arca pousassem sobre as águas do rio, imediatamente pararia o fluxo de águas que vinham de cima, amontoando-se até que passassem todos os quatro milhões de israelitas, com seus animais e suas cargas. Desse modo, seria reproduzido o milagre do mar de Juncos, que acompanhou o êxodo de Israel do Egito, daí resultando um eisodus ou "entrada". Destarte, Moisés liderou o "êxodo", ou "saída", e Josué liderou o "eisodus", ou "entrada". Isso, pois, dava continuidade ao plano eterno de Yahweh. Ver os capítulos 12 a 19 do livro de Êxodo, quanto à "saída" dos filhos de Israel do Egito, bem como no *Dicionário* o artigo chamado *Êxodo (o Evento)* quanto a descrições completas.

Josué anteviu que alguma coisa de espetacular estava formando-se e logo aconteceria (vs. 5). E agora, por divina inspiração, ele descreveu, em termos exatos, o que estava prestes a ocorrer. Sua autoridade da parte de Yahweh ficaria assim comprovada, e o restante dos eventos se desenrolaria sem nenhum entrave.

3.14

Tendo partido o povo das suas tendas. O que fora previsto por Josué realmente sucedeu. Os sacerdotes seguiram à frente, transportando a arca da aliança, conforme fora determinado. E o povo, em número aproximado de quatro milhões de pessoas, acompanhou a arca. A multidão dos israelitas acompanhou a arca a uma respeitável distância de cerca de um quilômetro (ver o quarto versículo deste capítulo e suas notas expositivas). O eisodus estava em andamento. A Terra Prometida estava ali, diante dos filhos de Israel, a fim de ser conquistada. Uma das grandes provisões do Pacto Abraâmico (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18), a posse da Terra Prometida, estava tendo cumprimento. Israel agora contaria com seu próprio território pátrio.

Das suas tendas. O tempo das perambulações de Israel pelo deserto tinha ficado para trás. Israel levantou acampamento, pela última vez, fora da Terra Prometida. Em breve, eles teriam casas, e não meras tendas.

3.15

Conforme fora ordenado, os sacerdotes aproximaram-se do rio cujas águas estavam transbordando. Seus pés tocaram na água do rio. Durante o tempo da colheita, o rio transbordava, pois suas águas eram tantas que elas não podiam ser contidas dentro de seu próprio leito. No vale semitropical do rio Jordão, esse fenômeno ocorre durante o mês de abril. As neves que se vão dissolvendo, diante do aumento da temperatura na região do Líbano, causam a maior parte da enchente. Durante esse período, o rio Jordão não pode ser vadeado por meios naturais. E isso explica a necessidade de uma prodigiosa intervenção divina.

A "sega" aqui referida é a colheita da cevada no primeiro mês do ano, nisã (correspondente a nosso março-abril). Ver Jos. 4.19 quanto a designações sazonais. A enchente do rio Jordão usualmente continuava por todo o tempo dessa colheita. E isso significa que, do ponto de vista natural, Israel tentou o seu eisodus, ou "entrada" na Terra Prometida, na época errada do ano. Do ponto de vista divino, sem embargo, tudo ocorreu no tempo certo, dentro da agenda divina, porque a ocasião oferecia uma oportunidade de o poder divino ser demonstrado, fortalecendo-se assim a fé de Israel no Senhor Deus.

3.16

Pararam-se as águas, que vinham de cima. Conforme tinha sido predito, quando os pés dos sacerdotes tocaram nas águas inundantes do rio Jordão, ocorreu o milagre antecipado. As águas que vinham de cima pararam de fluir e começaram a avolumar-se. Os críticos liberais aproximam-se desse texto com profundo cinismo, e listam essa narrativa entre os mitos e as lendas dos judeus. Mas outros estudiosos imaginam alguma catástrofe natural, como um terremoto, que poderia ter feito parar ou desviar o fluxo das águas do rio, por meio de algum deslizamento de terras, e isso por tempo suficiente para Israel atravessar em seco o leito do rio. Os estudiosos conservadores, por sua parte, retêm o elemento divino, e não percebem nenhum problema com esse milagre, para eles, causado pelo poder de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres*.

Mui longe da cidade Adão. Essa cidade ficava a alguma distância a leste do rio Jordão, diante ou abaixo da qual cessou o fluxo das águas daquele rio, permitindo a passagem dos israelitas. Ficava localizada onde deságua, no Jordão, o segundo maior rio da Transjordânia, o Jaboque. Esse nome também se encontra na inscrição de Faraó Sisaque, onde ele descreve as suas invasões da Palestina, no quinto ano do Roboão, filho de Salomão. Essa inscrição foi preservada no templo de Amom, em Carnaque. O nome moderno do lugar é Tell Ed-Damiyeh, que assinala o local antigo. O nome dessa antiga cidade, Adão (vermelho), provavelmente deriva-se da cor do solo da região.

Zaretã. Também encontramos esse nome locativo em I Reis 4.12 e 7.46. Era uma cidade existente no lado oriental do vale do Jordão, próxima a Adão, nas vizinhanças do lugar onde o rio Jordão foi miraculosamente represado nos dias de Josué. Quanto a descrições completas, ver no *Dicionário* o artigo detalhado denominado *Zaretã*. O local tem sido hodiernamente identificado com o Tell es-Sa'idiyeh, cerca de dezenove quilômetros a jusante de Adão, seguindo-se pelo rio Jordão acima, em suas margens orientais, ou seja, no mesmo lado de Adão.

Mar da Arabá, que é o Mar Salgado. Esses são outros dois nomes dados ao *mar Morto* (a respeito do qual ver o *Dicionário*). Esse mar consiste em cerca de vinte e nove por cento de sal, e sua superfície fica a 394 metros abaixo do nível do mar. "Arabá" significa "ermo", "deserto". Ver o artigo detalhado chamado *Arabá*, no *Dicionário*. Esse nome é aplicado ao desolado território que circunda Jericó (ver Jos. 4.10; II Reis 25.5; Jer. 39.5) e refere-se ao deserto de Moabe. Quanto ao Mar Morto, chamado igualmente de mar de Arabá, ver Jos. 12.3; Deu. 4.49 e II Reis 14.25. Quanto a outros usos do apelativo, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Arabá*.

Paradas Históricas do Rio Jordão. No terremoto ocorrido a 8 de dezembro de 1267, as terras altas do rio Jordão entraram em colapso, perto de Tel ed-Damiyeh, o que represou as águas do rio pelo espaço de cerca de dez horas. A 11 de julho de 1927, houve outro terremoto, naquela mesma área geral, represando as suas águas pelo período de vinte e uma horas. Essas paradas não ocorreram, entretanto, durante algum período de cheia do Jordão. Por esse e outros motivos, alguns eruditos pensam que a história do eisodus foi apenas outra ocasião em que algum terremoto ocorreu, pelo que, se houve algum milagre envolvido, esse diz respeito ao elemento tempo, e não a algum acontecimento físico propriamente dito. Como é óbvio, a descrição do texto não se ajusta a um acontecimento natural, e os estudiosos conservadores dependem dessas descrições para defender uma intervenção divina especial, e não algum terremoto em tempo oportuno.

3.17

Todo o Israel passou a pé enxuto, atravessando o Jordão. Primeiramente os sacerdotes que transportavam a arca avançaram até o meio do rio, agora enxuto. Em seguida, passou cada homem, mulher, criança e até os animais domesticados, e toda a bagagem do povo. É mediante tais descrições que o autor sacro enfatizou a grandeza do acontecimento. Essa era a maravilha que Josué havia predito que ocorreria (ver o vs. 5 deste capítulo).

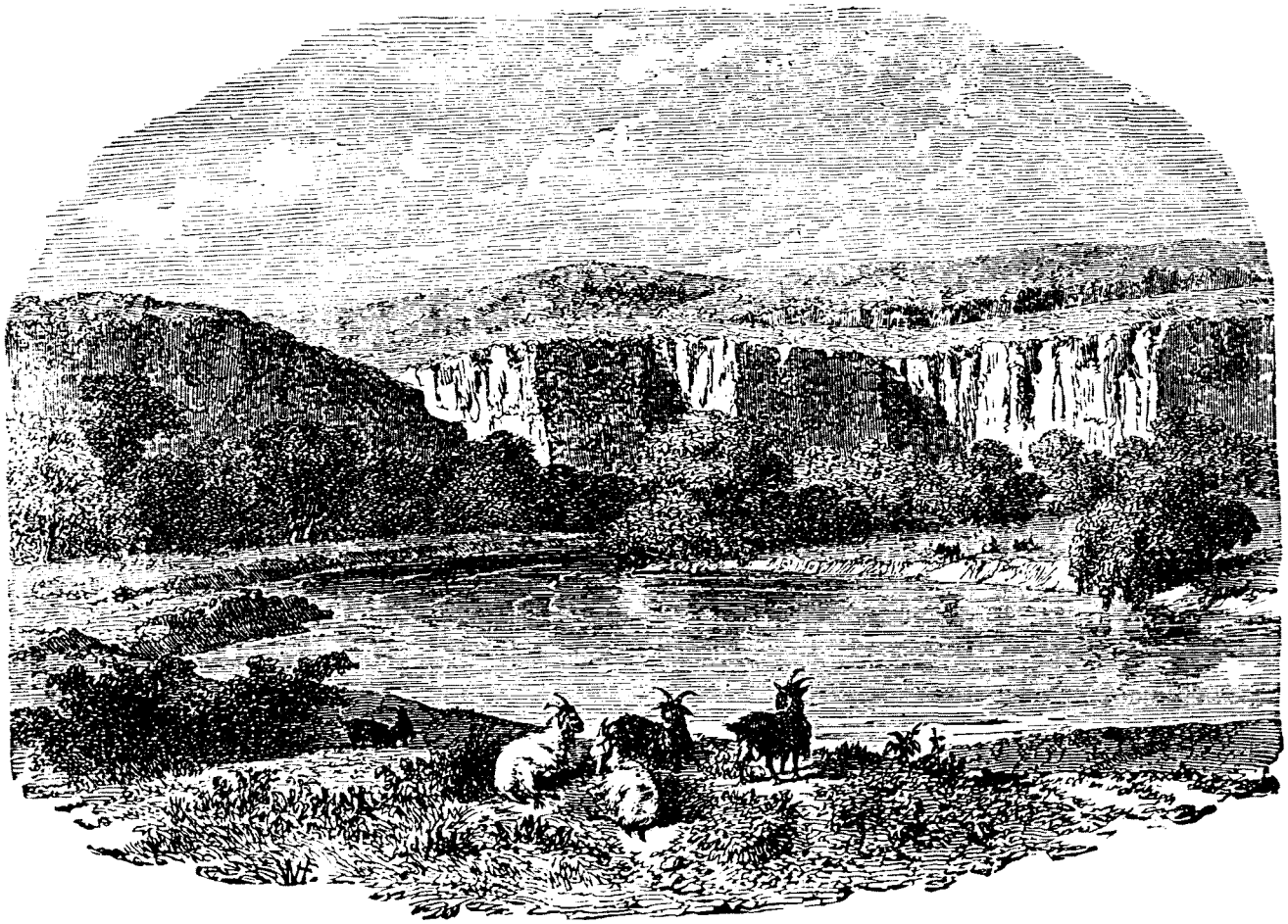
Tipologia. Está em pauta a entrada na Pátria Celeste, por meio dos ofícios e das missões de Cristo. Assim sendo, a travessia do rio Jordão pode simbolizar a entrada na vida eterna, mediante a morte biológica. Mas também pode estar em

Levantou-se, pois, Josué de madrugada, e, tendo ele e todos os filhos de Israel partido de Sitim, vieram até ao Jordão e pousaram ali antes que passassem.

Josué 3.1

A palavra hebraica *hah-yordane*, "o Jordão", significa *aquele que desce.*
O rio desce rapidamente de nível desde suas cabeceiras até o mar Morto.

O rio Jordão nasce nos montes do Antilíbano, a oeste do monte Hermom.
Dirige-se para o sul, passando pelo mar da Galiléia e, finalmente, deságua no mar Morto.



O rio Jordão, *Smith's Bible Dictionary.*

pauta o avanço de um nível de espiritualidade para o nível mais alto subseqüente, se considerarmos a vida cristã da perspectiva de uma evolução progressiva. E pode até retratar a entrada na guerra espiritual (ver Efé. 6.12 ss.). Em um sentido geral, essa narrativa ilustra graficamente o fato de que, ocasionalmente, torna-se fundamental alguma intervenção divina, caso seja necessário um progresso espiritual, ou caso algum propósito especial na vida tenha de tornar-se realidade. É como alguém já disse: "O fim dos recursos humanos é a oportunidade de Deus". O Todo-Poderoso nunca é apanhado de surpresa, e os Seus recursos sempre estão à altura de qualquer crise, mesmo quando as forças humanas já se exauriram.

Capítulo Quatro

Este capítulo dá continuação à seção geral iniciada em Jos. 3.1, onde apresentei as notas de introdução à presente seção.

A História das Doze Pedras (4.1-9).

O que sucedeu então foi uma ocorrência memorável, pelo que a questão foi celebrada por meio de um memorial, uma pilha de pedras, que forçaria muitas pessoas a perguntar: "Que significam essas pedras?". A pergunta daria aos versados na história de Israel a oportunidade de recontarem a história gloriosa de como as águas do rio Jordão pararam, permitindo que Israel desse o primeiro passo em território da Terra Prometida. Ver o terceiro capítulo de Josué quanto à história de como as águas do rio Jordão foram paradas, a fim de que o povo de Israel pudesse fazer a travessia do rio a pé enxuto, dando assim início à invasão. Ver Jos. 3.17 quanto à tipologia envolvida no evento. As doze pedras, cada qual trazida por um membro das doze tribos de Israel (ver Jos. 3.12), tiradas do leito seco do rio, serviriam de testemunho universal do evento, redundando na honra de Yahweh diante de todos, devido à intervenção divina, naquelas horas críticas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

4.1

Tendo, pois, todo o povo passado o Jordão. A travessia do rio tinha envolvido aproximadamente quatro milhões de pessoas, juntamente com seus animais domésticos e sua bagagem. Então Yahweh ordenou que fosse levantado o memorial para servir de lembrete histórico do poder e da intervenção de Deus, em favor do povo de Israel. Era importante que Israel não se olvidasse do grande milagre ocorrido no rio Jordão. A fé dos filhos de Israel seria fortalecida mediante a lembrança do fato.

4.2

Doze homens. Cada homem representava uma das tribos de Israel. Quanto às doze tribos e como esse número foi conseguido, através de várias vicissitudes históricas, ver as notas sobre Jos. 3.12. Dessa forma, cada uma das tribos contribuiu com sua própria pedra, visto que todo o povo de Israel tinha sido testemunha de um tremendo prodígio sobre a natureza.

4.3

Dois Memoriais Feitos de Pedras. Este versículo informa-nos que as doze pedras deveriam ser "transportadas" pelos israelitas até onde eles se instalassem. O versículo 19 deste capítulo sem dúvida identifica Gilgal como o lugar onde Israel se alojou, pelo que foi ali que esse memorial foi erguido. Mas o nono versículo fala em uma pilha de pedras, erigida no leito então seco do próprio rio Jordão. Uma vez que as águas do rio baixassem, aquela pilha de pedras tornar-se-ia visível, servindo de lembrete do milagre que ali havia ocorrido.

Os críticos supõem que tenhamos aqui a mescla de duas fontes informativas, cada qual com uma versão diferente de um único acontecimento, e que havia algumas discrepâncias entre os dois relatos, mormente no tocante à localização do memorial de pedras. Os eruditos conservadores, por sua vez, crêem somente que houve dois memoriais feitos de pedras e colocados em locais diferentes. Ver as notas de introdução a este capítulo, quanto ao significado desses dois memoriais.

Importava Nunca Esquecer o Prodígio. O povo de Israel jamais deveria olvidar o milagre ocorrido no rio Jordão, da mesma forma que não deveria esquecer-se do prodígio ocorrido no mar Vermelho. Um desses prodígios estava associado ao êxodo (saída), e o outro ao eisodus (entrada); mas ambos apontavam para o mesmo poder de Yahweh, que tinha beneficiado Israel, tornando esse povo uma nação, instalada em seu próprio território nacional.

4.4

Chamou, pois, Josué. Este versículo reitera a informação dada no segundo versículo, cujas notas devem ser consultadas. Ver Jos. 3.12, que antecipa o acontecimento e a participação de doze homens, cada qual representando uma das doze tribos de Israel. Este versículo introduz as instruções dadas por Josué a respeito dos dois memoriais feitos de pedras.

4.5

Cada um levante sobre o ombro uma pedra. Ordenou-se que doze pedras fossem carregadas. O oitavo versículo deste capítulo informa-nos que as pedras foram tiradas do leito do rio, algo que o presente versículo não nos informa. O primeiro versículo deste capítulo dá-nos a impressão de que essas ordens foram dadas após a travessia, ao passo que este versículo pode dar a entender que isso ocorreu antes da travessia. Pequenas discrepâncias como essa não exercem efeito adverso sobre a historicidade do relato. Os críticos atribuem isso à alegada junção de duas narrativas separadas de um mesmo evento, um suposto acontecimento que eles chamam de "tradições entretecidas". John Gill, *in loc.*, explica que primeiramente eles atravessaram o Jordão, depois voltaram para apanhar as pedras, reconciliando entre si os versículos primeiro e quinto deste capítulo.

4.6

Para que isto seja por sinal entre vós. Para os filhos de Israel das gerações subseqüentes, um sinal era algo importante, posto que a fé dos hebreus estava alicerçada sobre acontecimentos especiais, nos quais Yahweh tinha agido de alguma maneira especial e conspícua. Isso posto, sempre houve alguma confirmação histórica da fé nas páginas do Antigo Testamento. No caso do êxodo fora dado o milagre especial da travessia prodigiosa do mar de Juncos (ver as notas sobre Êxodo 13.18). E no caso presente do eisodus, estava sendo dado o milagre especial da travessia do rio Jordão a pé enxuto.

Os filhos veriam aqueles monumentos, um no leito do rio Jordão, quando suas águas estivessem na vazante, e o outro em Gilgal (vs. 19), e fariam indagações a respeito. E isso forneceria oportunidade para os israelitas mais velhos narrarem o acontecido como uma lição sobre o poder e o favor de Yahweh, mostrando de que forma o povo de Israel se transformara em uma nação, com seu próprio território nacional, por causa de fatores como esses, entre muitos outros, que provavam a mão interventora de Deus.

4.7

Então lhes direis que as águas do Jordão foram cortadas. Tinha sido um claríssimo ato de intervenção divina, pois começara e terminara precisamente a tempo de Israel atravessar o rio a pé enxuto, o que deve ter acontecido durante um período de algumas horas. Quatro milhões de pessoas tiveram de atravessar o rio, com seus animais domesticados e suas cargas. Ver Jos. 3.16 quanto à narrativa bíblica e quanto a explicações naturais para o evento, conforme alguns estudiosos têm concebido, sob o título *Paradas Históricas do Rio Jordão.*

Este versículo e o anterior têm como paralelos os vss. 21-24, uma repetição que segue assim uma característica literária do autor-editor do Pentateuco. As águas do rio Jordão pararam por causa da presença da *arca da aliança* (ver a respeito no *Dicionário*), porquanto era ali que Yahweh manifestava a Sua presença.

4.8

Fizeram, pois, os filhos de Israel. A nação hebréia obedeceu às ordens divinas, transmitidas através de Josué. Essa obediência é um dos grandes temas do Pentateuco. Ver as notas expositivas sobre Núm. 1.54. Os mandamentos que ficaram registrados nos vss. 1-3 deste capítulo foram seguidos à risca. E o versículo 19 conta como eles se alojaram em Gilgal, terminada a travessia do Jordão. Ali foi erguido outro memorial feito de pedras. O nono versículo informa-nos sobre o segundo memorial. Assim também, "pela graça de Deus estamos onde estamos". As intervenções de Deus são patentes e afetam nossa vida. Josefo informou-nos que Gilgal ficava a quase dez quilômetros distante do Jordão (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 4).

4.9

Levantou Josué doze pedras no meio do Jordão. Esse primeiro dos dois monumentos de pedras a ser erguido ficou no meio do Jordão. Apareceria à vista de todos sempre que o Jordão estivesse em período de seca, pelo que serviria de lembrete periódico e contínuo do milagre ocorrido com as águas do rio Jordão. Ver as notas em Jos. 4.3 quanto aos dois monumentos de pedras.

A Septuaginta e a Vulgata Latina traduzem aqui por "doze outras pedras", o que é mais uma interpretação do que uma tradução propriamente dita. Esses monumentos foram levantados "a fim de que se perpetuasse a memória daquele notável evento. Por igual modo, Alexandre, o Grande, erigiu doze altares nas fronteiras da Índia, às margens do rio Craxes, em comemoração aos seus feitos militares (*Arrian. Expoed. Alex.* 1.5; Curtius, 1.9, sec. 3)" (John Gill, *in loc.*).

E ali estão até ao dia de hoje. O autor sagrado conta-nos que, em seus próprios dias, as pedras monumentais continuavam no lugar onde tinham sido depositadas, a mando do Senhor. O livro de Josué foi escrito por um autor desconhecido. Ver a introdução ao livro de Josué quanto a uma discussão detalhada a respeito de sua autoria.

4.10

Até que se cumpriu tudo quanto o Senhor, por intermédio de Moisés, ordenara a Josué falasse ao povo. Ao que parece, este versículo quer dizer que os sacerdotes que transportavam a arca permaneceram de pé, no meio do rio Jordão, até que todos os demais israelitas atravessassem o rio (de acordo com as ordens que tinham sido baixadas). Somente depois que todos os filhos de Israel estavam em segurança, do outro lado do rio, os sacerdotes deixaram a sua posição.

A questão de que "Moisés" dera ordens a Josué (ou lhe teria dado orientações) para a travessia do rio encontra-se somente aqui. Para alguns estudiosos, isso deixa o texto sagrado um tanto confuso. Presume-se que tenha havido algum discurso breve de Moisés que ficou registrado somente aqui, de passagem. O trecho de Deuteronômio 31.7 ss. menciona o fato de que Moisés previu a entrada na terra, por parte de Israel; mas ali não se faz alusão específica à travessia do Jordão. A cláusula que menciona Moisés é omitida pela Septuaginta, e isso poderia representar o original. Nesse caso, o texto hebraico, conforme nos foi transmitido, contém uma glosa antiga, que, de maneira inepta, foi também inserida nas cópias subseqüentes.

4.11

Tendo passado todo o povo. Depois da passagem em segurança daquela imensa multidão de quatro milhões de pessoas (ver as notas expositivas sobre Núm. 1.46), então os sacerdotes que carregavam a arca também acabaram de atravessar o rio, pois se tinham postado no meio dele fazia algumas horas. Eles tinham mostrado o caminho à frente de todos, a uma distância dos demais israelitas de cerca de um quilômetro (ver Jos. 3.4). E isso tinha provido uma liderança confiável.

Ordem dos Acontecimentos. 1. Os sacerdotes tinham encabeçado o avanço, mas então pararam no meio do rio Jordão; 2. os homens armados das duas tribos e meia transjordanianas (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés), que constituíam a vanguarda da multidão do povo de Israel, também passaram; 3. atravessaram em seguida todas as pessoas das demais tribos de Israel; 4. os sacerdotes que carregavam a arca também saíram do leito do rio, onde se tinham postado durante toda a travessia; 5. o fluxo do rio Jordão foi reiniciado.

A Arca da Aliança Permanecera em Exibição. Isso como que dizia ao povo hebreu: "Observai. Esta é uma realização de Yahweh, vosso Líder invisível".

4.12

Os filhos de Rúben, e os filhos de Gade, e a meia tribo de Manassés. Embora os homens armados dessas duas tribos e meia já se tivessem apossado da *Transjordânia* (ver no *Dicionário* o artigo com esse nome), eles também atravessaram o rio, porquanto haviam prometido a seus irmãos que os ajudariam na conquista da parte ocidental da Terra Prometida. Ver Núm. 34.14,15. A passagem de Números 32.31 ss. informa-nos que eles mesmos se comprometeram a ajudar na invasão da banda oeste do território. E o capítulo 22 de Josué mostra-nos que eles cumpriram a promessa, e foram recompensados pelo Senhor por esse motivo. Suas esposas e seus filhos ficaram em segurança na Transjordânia, embora um bom número de homens tivesse permanecido ali, a fim de proteger sua gente e suas propriedades. Um grupo seleto (ver o vs. 13), de homens vigorosos, pertencentes àquelas duas tribos e meia, formava a tropa de choque ou vanguarda do exército israelita em avanço. "Os homens das tribos transjordanianas, sem o entrave de bagagens e de familiares, lideraram na travessia (cf. Jos. 1.12-18 e Núm. 32.20-27)" (John Bright, *in loc.*).

4.13

Uns quarenta mil homens de guerra. Esse era o número dos soldados que faziam parte das tropas de choque ou de vanguarda, pertencentes às duas tribos e meia que ficaram com a Transjordânia (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés). Ver os recenseamentos de Núm. 1.2. Rúben contava com mais de quarenta mil jovens aptos para o serviço militar; Gade também dispunha de mais de quarenta mil; e Manassés, de mais de trinta mil. Isso, pois, significa que os quarenta mil soldados aqui mencionados formavam um grupo seleto de homens especialmente vigorosos e devidamente treinados. Os demais setenta mil tinham ficado na Transjordânia para defender as terras recém-adquiridas naquele território.

4.14

Naquele dia o Senhor engrandeceu a Josué. Aquilo que havia sido predito em Jos. 1.5,17 e 3.7 agora se tornara uma realidade. Ver as notas expositivas sobre aqueles versículos. A autoridade de Josué foi estabelecida e, por assim dizer, ele pôde calçar os sapatos de Moisés, o que não foi um feito nada fácil. Cf. Êxo. 14.31, que diz algo similar a respeito da autoridade de Moisés, obtida mediante eventos miraculosos e demonstrações especiais do poder de Yahweh. Josué passou a ser tanto reverenciado quanto temido. Ninguém haveria de rebelar-se contra ele, porquanto ele era o homem de Deus, que haveria de introduzir o povo de Israel com sucesso na Terra Prometida. Dessa maneira, seria estabelecida uma nação que se transformaria em instrumento especial das grandes obras de Deus (ver Deu. 26.19).

4.15

Disse... o Senhor. Essa expressão é comentada em Lev. 1.1 e 4.1. Foi usada no livro de Levítico a fim de introduzir novas seções; mas essa utilização não se repete no livro de Josué. Seja como for, fala de inspiração e orientação da parte do Senhor. Cada passo era abençoado pelo Senhor, contanto que os israelitas se mantivessem em atitude de obediência. O povo inteiro de Israel havia cruzado o rio Jordão, de acordo com as ordens dadas no versículo 11 deste capítulo. Enquanto o povo atravessava, os sacerdotes que estavam transportando a arca mantiveram-se no meio do leito seco do rio. Mas quando receberam ordens para atravessarem também o rio, a correnteza prosseguiu o seu fluxo (vs. 18).

4.16,17

Dá ordem aos sacerdotes. Era chegado o momento de prosseguir. O propósito da travessia do Jordão tinha sido cumprido. Aos sacerdotes foi ordenado que subissem do leito seco do Jordão. A arca da aliança, uma vez mais, seguiria à frente do povo de Israel. O versículo 11 deste capítulo ou antecipa aquilo que nos é dito aqui, ou teve por base uma fonte informativa diferente, dando a entender que os sacerdotes saíram do leito seco do rio sem ter recebido nenhuma orientação da parte de Josué. Ver as notas sobre o terceiro versículo deste capítulo, quanto à possível teoria das duas fontes informativas de um único evento. A arca da aliança continuou conspícua por toda a narrativa. As notas sobre o próximo versículo comentam esse fato.

"Observe o leitor que a remoção dos sacerdotes e da arca da aliança, de onde se encontravam, no leito seco do Jordão, torna-se assunto de uma seção distinta, tratada como se fosse um evento diferente... Não nos é permitido esquecer por quais meios as águas do rio Jordão foram represadas e controladas" (Ellicott, *in loc.*).

4.18

Ao subirem do meio do Jordão. Assim como o toque da planta dos pés dos sacerdotes tinha feito cessar o fluxo das águas do rio Jordão (ver Jos. 3.15,16), quando os pés deles deixaram de estar em contato com o leito seco do rio, as águas do Jordão começaram a fluir de novo. Por conseguinte, um mesmo milagre teve dois estágios distintos.

"A arca da aliança estava à vista de todos. Os homens, com freqüência, atiram-se a tarefas difíceis, que parecem condenadas ao fracasso. Mas, se tiverem uma vivida consciência de Deus, poderão avançar sem nenhum temor. Nos nossos dias de frustração e temor, bem podemos fortalecer-nos com a confiante certeza, expressa no Salmo 46.7: 'O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio. (Sela)'" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

"Tudo isso foi realizado pela influência soberana daquele Deus cuja presença era representada pela arca da aliança" (Adam Clarke, *in loc.*). "Agora, não havia como retornar. Tinha começado um novo e excitante capítulo na história do povo hebreu" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

4.19

No dia dez do primeiro mês. O primeiro mês do calendário religioso era o abibe (também chamado nisã), correspondente aos nossos março-abril. No décimo dia daquele mês, pois, teve início uma nova vida. A longamente antecipada travessia do Jordão, que inaugurou a conquista da Terra Prometida, estava produzindo acontecimentos revolucionários; e as provisões do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito, em Gên. 15.18) estavam avançando. Agora o povo de Israel tornar-se-ia uma nação, dotada de seu próprio território nacional, pois haviam terminado as perambulações pelo deserto. O calendário religioso começava naquele mês porque naquele mês Israel tinha saído do Egito. Ver Êxo. 12.2,3. No décimo dia daquele mês, no dia de sua saída do Egito, o povo de Israel observou a primeira *páscoa* (ver a respeito no *Dicionário*). Aquele dia e sua observância é que tinham emprestado a Israel a sua união nacional.

Acamparam-se em Gilgal. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse local. Ficava na fronteira oriental do território de Jericó, e tem sido tentativamente identificado com Khirbet en-Netheleh, cerca de cinco quilômetros a sudeste da antiga cidade de Jericó. Um poço, de nome Birket Juljulieh, preserva até hoje o nome da cidade antiga.

"Exatamente quarenta anos antes, no décimo dia do primeiro mês (ver Êxo. 12.4,5), tinha-lhes sido ordenado tomar 'um cordeiro para cada família', a fim de que observassem a páscoa. Os quarenta anos do êxodo agora estavam terminados, e eles haviam ultrapassado a última barreira que impedia a entrada na Terra Prometida" (Ellicott, *in loc.*).

Gilgal tornou-se um importante santuário do povo hebreu. Foi ali que Saul foi coroado como primeiro rei da nação (ver I Sam. 11.15). Seu segundo rei, Davi, também foi nomeado em Gilgal e também foi ali que os súditos rebeldes reconciliaram-se com ele (ver II Sam. 19.15,40).

4.20

As doze pedras. Temos aí o que aconteceu às doze pedras retiradas do leito seco do Jordão, que se tornaram o segundo memorial. Destarte, um dos memoriais podia ser visto no meio do rio, quando suas águas baixavam, e o segundo foi erguido em Gilgal, que se transformou em um santuário de Israel. Ver o nono versículo deste capítulo acerca de como o autor do livro de Josué tinha visto, pessoalmente, o primeiro memorial no leito do rio Jordão.

Não envelhecerão, como sucede a nós, que crescemos;
A idade não os desgastará e nem os anos os condenará.
De cada vez que o sol descer, ou pela manhã,
Nós haveremos de lembrar-nos deles.

(Laurence Robert Bickersteth)

Tipologia. Alguns estudiosos enxergam, nessas doze pedras, um tipo dos doze apóstolos, que seriam pedras fundamentais da Igreja cristã (ver Efé. 2.20-22). Nelas, os filhos de Israel lembrar-se-iam de suas raízes.

4.21

Que significam estas pedras? Essa seria a pergunta que os filhos fariam a seus pais. Cf. o vs. 6, onde temos a mesma indagação. A resposta foi dada no vs. 7, paralelo aos versículos 22 a 24 deste capítulo. A resposta consistiria em cinco pontos, a saber: 1. As pedras serviam de memorial dos poderosos feitos de Yahweh, lembrando as sucessivas gerações dos filhos de Israel sobre esses feitos, uma vez que estivessem na Terra Prometida, e sobre quanto deveriam ser gratos (vs. 7). 2. Aquilo relembrava o milagre da travessia do Jordão a pé enxuto, visto que as águas ficaram represadas de certo ponto para cima; tinha sido um ato da providência divina (ver sobre *Providência de Deus,* no *Dicionário*) (vs. 22). 3. Tinha sido um ato de Yahweh, pois Ele é Yahweh-Elohim (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*) (v.23). 4. Esse milagre era comparável ao milagre ocorrido no mar de Juncos (ver a respeito no *Dicionário*), que aconteceu por ocasião do êxodo (saída), ao passo que no Jordão ocorrera o eisodus (entrada) (vs. 23). 5. Esse prodígio serviria de lembrete universal do Deus único e vivo, de tal modo que todas as nações poderiam observar os atos de Yahweh, a fim de temê-Lo e obedecer-Lhe, abandonando as suas muitas formas de idolatria.

4.22

Israel passou em seco este Jordão. Tinha sido feita a pergunta: "Que significam estas pedras?" (vss. 6 e 21). Ver o sumário da resposta nas notas sobre o versículo anterior. O primeiro fator é que havia uma barreira à entrada na Terra Prometida, constituída pelo rio em período de enchente. Mas Deus fizera o rio secar, represando as águas logo acima do ponto da travessia, o que permitiu a Israel entrar na terra que lhe pertencia por promessa divina. Quanto a como isso foi efetuado, ver Jos. 3.16 e suas notas expositivas. A educação religiosa, desde o começo, comunicaria fatos fundamentais aos israelitas das gerações futuras. Yahweh tinha efetuado várias intervenções significativas na história, incluindo o milagre do represamento das águas do rio Jordão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Educação no Antigo Testamento*; e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia* e Filosofia, ver o artigo denominado *Ensino.*

Um pai deve três coisas a seus filhos: exemplo, exemplo, exemplo. "Os filhos têm maior necessidade de modelos do que de críticos" (Joseph Joubert).

Os pais hebreus tinham a responsabilidade de ensinar a seus filhos a fé do yahwismo. Ver Deu. 6.4-7, cujas notas ilustram o texto presente. Os levitas serviam de mestres especiais em Israel, mas o pai e a mãe de uma criança precisavam dar início ao processo de ensino, mediante a educação doméstica.

4.23

O Senhor vosso Deus. Yahweh-Elohim era o poder real por trás do milagre que seria comemorado. Ele é o Eterno Todo-Poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Os filhos precisavam conhecer os acontecimentos históricos que ilustravam o poder de Yahweh, e que tinham feito a nação de Israel ser o que ela era. Israel tornara-se uma nação distinta por causa de sua lei e de sua história, que incluía muitas intervenções divinas. Ver as notas sobre Deu. 26.19 quanto ao caráter distinto de Israel. Uma daquelas intervenções divinas fora a travessia, a pé enxuto, do mar de Juncos, assim que o povo de Israel fugiu do Egito, onde tinha sido escravizado. Isso ocorreu, estrategicamente, por ocasião do êxodo. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Êxodo (o Evento);* e ver sobre Mar de Juncos, em Êxodo 13.18. Esses incidentes nos ensinam a verdade do *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), que dá a entender que Deus não somente existe e criou todas as coisas, mas também intervém na história humana, orientando ou punindo. O *deísmo* (ver também no *Dicionário*), por sua vez, ensina que, embora possa haver uma força criadora (pessoal ou impessoal), esse poder abandonou a Sua criação, deixando-a entregue às leis da natureza, não se fazendo presente na criação. É como se essa força tivesse dado corda num relógio para em seguida abandoná-lo, deixando-o funcionar sozinho. Ver o sumário de respostas para a pergunta "Que significam estas pedras?" no versículo 21 deste capítulo.

4.24

Para que todos os povos da terra. A lição não se destinava somente ao povo de Israel, mas a toda a humanidade. Todas as nações do mundo que tomassem conhecimento de como Israel obtivera seu território pátrio haveriam de temer a Yahweh, encorajando-se a abandonar a idolatria e a obedecer a Ele. Essa universalização, porém, só veio a ocorrer realmente na Igreja cristã (ver Gál. 3.23 ss.; Efé. 2.17 ss.).

"Dessa maneira, Deus provou que Ele é o único verdadeiro Deus, mediante Seus poderosos atos na história" (John Bright, *in loc.*). As doze pedras, por conseguinte, tornaram-se um grande sinal do intuito universal de Deus para a humanidade.

O Temor a Deus. Esse é um dos grandes temas do Pentateuco. Ver as notas expositivas em Deu. 10.12 e 28.58, onde são oferecidas várias outras referências sobre o assunto. Deus é o objeto desse temor (ver Isaías 8.14). O conhecimento desse temor nos é dado por meio das Escrituras (ver Pro. 2.3-5). Esse temor é uma fonte de vida (ver Pro. 14.27). Ele motiva o indivíduo à santificação (ver Apo. 15.4), à bondade (I Sam. 12.24), ao perdão (ver Sal. 130.4). Esse temor é ilustrado pelas admiráveis obras de Deus (ver Jos. 4.23,24). Além disso, é uma das características dos santos (ver Mal. 3.16). e um ingrediente necessário na adoração a Deus (Sal. 5.7), no serviço que prestamos a Ele (ver Sal. 2.11; Heb. 12.28). E, finalmente, devemos ensinar o temor a Deus aos nossos semelhantes (ver Sal. 34.11).

Capítulo Cinco

O primeiro versículo do quinto capítulo na realidade conclui o quarto capítulo. Após isso, temos três incidentes que ocorreram antes do assalto contra Jericó.

5.1

Este versículo dá prosseguimento às idéias apresentadas em Jos. 2.9-11. Ver também Jos. 1.1-9. O propósito de Deus avançava incansavelmente, e todos os adversários sofreriam pânico diante do desdobramento desse propósito. A parada das águas do rio Jordão, um fato deveras notável, um milagre que ocorreu à borda do território ocidental da Terra Prometida, tornou-se um acontecimento conhecido por todos, demonstrando que Israel estava avançando com a ajuda do poder divino, o que significa que era invencível. O trecho de Atos 4.24 enfatiza os efeitos universais do prodígio. O efeito imediato era uma invasão facilitada.

Antes da invasão, três coisas precisavam ser feitas, conforme mostro nas notas expositivas sobre o segundo versículo deste capítulo.

Todos os reis dos amorreus. Este versículo não se dá ao trabalho de mencionar por nome todas as sete nações (ver Deu. 7.1), mas refere-se somente àquele povo que recebeu o primeiro impacto da invasão, como representante de todos os povos que habitavam a parte ocidental do território a ser conquistado. O autor sagrado referiu-se aqui aos reis da parte ocidental, ou seja, no lado oeste do rio Jordão, visto que o lado oriental já havia sido conquistado. Duas tribos e meia (Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés) já se tinham estabelecido ali. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transjordânia.* Ver também Jos. 4.12.

Reis dos amorreus... reis dos cananeus. Os amorreus representavam a parte ocidental da Terra Prometida; os cananeus representavam os povos que habitavam em uma faixa de terra contígua ao mar Morto. Desse modo, todas as sete nações foram cobertas com apenas dois nomes, todas as quais tinham de ser expulsas da terra de Canaã (ver Deu. 7.1).

E não houve mais alento neles. Psicologicamente, aqueles povos já tinham desistido de guerrear, dando-se por derrotados diante dos vitoriosos filhos de Israel, que avançavam escudados no poder de Yahweh.

O Povo é Circuncidado em Gilgal (5.2-12)

Israel Estava Avançando. A massa de quatro milhões de pessoas tinha atravessado o rio Jordão. Implementos de guerra foram preparados. Ver o trecho de Núm. 1.46 quanto aos mais de seiscentos mil jovens aptos para a guerra. Havendo assim tantos jovens, sem dúvida havia pelo menos quatro milhões de pessoas em todas as doze tribos de Israel. Toda aquela gente, pois, avançou como se fora um exército. Vitórias preliminares já haviam sido obtidas na Transjordânia, e agora a parte ocidental do território estava começando a ser invadida. O moral do povo de Israel era alto, ao passo que o moral do inimigo (as sete nações cananéias, que deviam ser expulsas; ver Deu. 7.1) estava realmente baixo. O pânico tomara conta daqueles povos, facilitando assim a conquista por parte de Israel.

5.2

Faze facas de pederneira. Nos dias de Moisés e Josué, o povo de Israel já estava usando alguns metais, como o bronze (mas ainda não o ferro), pelo que instrumentos de pedra já haviam sido substituídos por instrumentos de metal, para todos os efeitos práticos. Mas o conservantismo religioso determinava que facas de pederneira fossem usadas na cerimônia de circuncisão, aqui em foco, porque assim se havia praticado a circuncisão como sinal do Pacto Abraâmico, um costume que vinha sendo preservado desde muito tempo antes da invasão da terra de Canaã. Ver Êxo. 4.25. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Faca*.

Adam Clarke, *in loc.*, ilustrou o uso das facas feitas de pederneira. Ovídio, *Fast.* livro iv, vs. 237, deixou registrado um incidente de circuncisão através de uma faca de pederneira. Outras operações também eram efetuadas mediante tais facas. Ver Juvenal (*Sat.* vi. vs. 513).

Passa de novo a circuncidar os filhos de Israel. Antes da invasão, três coisas precisavam ser feitas, a saber: 1. A renovação da circuncisão, sinal do Pacto Abraâmico. Ver as informações sobre esse pacto, nas notas sobre Gên. 15.18. Ver Gên. 17.9 ss. quanto à circuncisão como o sinal do Pacto Abraâmico. A guarda do sábado era o sinal do Pacto Mosaico (ver Êxo. 31.13 ss.). 2. A páscoa precisava ser celebrada, unindo assim a invasão da terra de Canaã com a libertação da opressão egípcia (vs. 10). 3. Também deveria haver a apropriação do produto agrícola da terra (vss. 11 e 12). Quando isso sucedeu, cessou o milagre do maná. O maná foi substituído pela dieta mais variegada da Terra Prometida. Uma nova provisão acompanharia o Novo Dia da possessão da Terra Prometida.

A Circuncisão. Provi um detalhado artigo sobre esse assunto, no *Dicionário.* Israel, que estava prestes a entrar na posse da Terra Prometida, receberia uma das grandes provisões do Pacto Abraâmico. Isso posto, o sinal daquele pacto tinha de ser renovado. O texto supõe que muitos homens, provavelmente a maioria, se tenham mostrado negligentes quanto a esse pormenor, mas somente um povo de Israel devidamente circuncidado receberia, da parte de Yahweh, proteção e poder necessários para a invasão. Entre outras coisas, a circuncisão era um rito que possibilitava a admissão dos cidadãos masculinos à comunidade de Israel.

5.3

Então Josué fez. Ao obedecer à ordem de Yahweh, Josué incapacitou temporariamente todo o seu exército, tanto por ter de manufaturar as facas de pederneira como por ter de efetuar uma circuncisão em massa dos homens de Israel. Foi uma operação grandiosa, porquanto podemos supor que a maioria dos homens e dos meninos de Israel ainda não houvesse sido circuncidada até aquele dia. Assim, naquela noite, e em várias outras ainda, praticamente a população masculina inteira foi deitar-se incapacitada para qualquer ação!

Em Gibeate-Aralote. Temos aí a transliteração do hebraico, que significa "colina dos prepúcios", o que, de acordo com algumas traduções, aparece traduzido, e não transliterado, e como se fosse um nome locativo. O local onde foram deixados os prepúcios ficava perto de Gilgal. É provável que circuncisões, como parte do culto religioso dos hebreus, tenham continuado a ser efetuadas ali, visto que Gilgal veio a tornar-se um santuário religioso.

Alguns intérpretes interpretam a "colina" como alusão ao grande acúmulo de prepúcios assim produzido. As autoridades judaicas dizem-nos que os prepúcios foram cobertos com terra, pelo que se formou um montão considerável (ver Pirke Eliezer, cap. 29). Ou, então, haveria alguma colina próxima de Gilgal, que foi usada para ali serem enterrados os prepúcios, embora essa idéia nos pareça menos provável.

5.4,5

Foi esta a razão por que Josué os circuncidou. Os intérpretes têm ficado perplexos diante dessa explicação para a circuncisão em massa que houve. Eis o que eles têm dito:

1. Toda a geração antiga, que havia saído do Egito, já tinha morrido no deserto, mas seus filhos nunca haviam sido circuncidados, pelo que o rito tinha de ser efetuado antes de poderem entrar na Terra Prometida. A Septuaginta omite as palavras "de novo", que figuram no segundo versículo deste capítulo; e isso reforça essa interpretação. Para aquela nova geração, essa foi a primeira circuncisão. (Ver Núm. 20.1-13; 27.14; e Deu. 32.51).
2. Se retivermos as palavras "de novo", poderíamos argumentar que aquela foi a primeira circuncisão para a nova geração, mas de novo, se levarmos em consideração o povo de Israel como um todo, incluindo a geração anterior. Essa expressão, pois, estaria destacando a unidade nacional do povo de Israel.
3. O rito nacional da circuncisão foi posto em prática, na ocasião presente, pela primeira vez, ao passo que as palavras "de novo" aludiriam aos tempos antigos em que o rito tinha sido praticado. Isso parece dar a entender que o rito havia sido descontinuado de modo geral, e que somente agora, no caso da nação inteira, tudo voltava a ser novamente posto em prática.
4. O texto referir-se-ia à circuncisão da maioria dos homens de Israel, ao passo que outros, daquela geração, já haviam sido circuncidados. E isso explicaria as palavras "de novo".

A explicação dada pelo próprio autor sacro, neste versículo quinto, confirma a segunda dessas quatro interpretações. Assim, os judeus dizem que, por causa das aflições e das condições irregulares durante o período das vagueações pelo deserto, esse principal dos ritos hebreus havia sido omitido (ver *Pirke Eliezer*, cap. 29). Mas agora que eles estavam entrando na Terra Prometida, ou seja, que estavam recebendo sua herança sob a forma de um território pátrio, graças ao Pacto Abraâmico, o sinal desse pacto (a circuncisão) precisou ser instituído oficialmente para toda a nova nação.

5.6

Quarenta anos andaram os filhos de Israel pelo deserto. A geração anterior de israelitas tinha saído do Egito. Mas como se havia mostrado, por tantas vezes, um povo rebelde e desobediente, inclinado à apostasia, aquela geração não tivera permissão de ser admitida à Terra Prometida. Nos capítulos 13 e 14 de Números, bem como no trecho de Deuteronômio 1.19-46, lê-se a história das razões pelas quais aquela geração não pôde entrar na Terra Prometida. Moisés, visto estar tão intimamente vinculado à geração anterior, e por causa de algum pecado pessoal que cometeu, também não recebeu permissão para entrar. Quanto a esse último aspecto ver Núm. 20.12; Deu. 1.37; 3.23-26 e 4.1. A desobediência aos mandamentos da lei foi a essência desse fracasso.

Embora estivessem circuncidados na carne, os homens da geração de Moisés não tinham coração e lábios circuncidados (ver Êxo. 6.12; Lev. 26.41; Rom. 2.25). Cf. Núm. 14.23,24. Ver também Heb. 3.11,18, que apresenta a aplicação neotestamentária da história aos que professam a fé cristã.

5.7

Porque os não circuncidaram no caminho. Este versículo reitera as informações que nos são dadas nos vss. 4 e 5. A geração mais antiga havia sido circuncidada no Egito; mas a segunda geração não tinha sido circuncidada durante as perambulações pelo deserto. Daí, a necessidade de fazê-lo agora.

5.8

Ficaram no seu lugar no arraial, até que sararam. Uma vez realizado o rito, eles não tiveram de marchar enquanto todos não sararam. A cronologia fornecida (ver Jos. 4.19 e 5.10) sugere que tenha havido três dias para a cura. O capítulo 34 de Gênesis mostra que vários dias são necessários para que sarem os ferimentos causados pela operação da circuncisão. Mas algumas autoridades judaicas falaram em somente um dia (*Annales. Vet. Test.*, par. 38), supondo que os hebreus se tenham posto em marcha, novamente, no décimo primeiro dia. Ver Jos. 4.19. E no décimo quarto dia, eles observaram a páscoa (ver Jos. 5.10).

5.9

Hoje revolvi de sobre vós. O verbo "revolver" sugere Gilgal, nome esse derivado de uma raiz que significa "revolver", "rolar", o que quer dizer que temos aqui um jogo de palavras. A aproximação do povo de Israel foi "revolvida" naquele lugar, ou seja, Israel "rolou" até ali. Presume-se, pois, que Gilgal tenha recebido seu nome pela circunstância da nova circuncisão, que "fez rolar" o opróbrio de Israel. Porém, outra compreensão possível dessa raiz vem da idéia de um círculo, ou seja, do "círculo de pedras" que foi erigido naquele lugar, a fim de comemorar o milagre ocorrido no rio Jordão. Ver Jos. 4.20, que sugere essa etimologia.

O opróbrio do Egito. Várias interpretações têm sido dadas ao termo "opróbrio", a saber:

1. O opróbrio teria sido lançado pelos egípcios sobre os hebreus, por não lhes darem tempo de circuncidarem seus filhos. O rito da circuncisão, entre os egípcios, era permitido somente no caso de sacerdotes e de nobres. "O fato de ficarem sem circuncisão fez com que eles se tornassem como os egípcios incircuncisos. Os hebreus consideravam a todos os incircuncisos como se estivessem em um estado da mais grosseira impureza" (Adam Clarke, *in loc.*).
2. Ou, então, o opróbrio deles, que não tinha sido removido, era a servidão dos hebreus no Egito. Porém, a nova geração de israelitas, recém-circuncidada, tornava-se uma nação distinta, prestes a tomar posse de seu território nacional.
3. Ou, finalmente, o opróbrio era sua condição aviltada em geral, de serem um não-povo no Egito, que não possuía território pátrio, nem identidade nacional, nem direitos civis. Isso passava agora a ser contrastado com a nova nação, na qual eles estavam sendo rapidamente transformados.

5.10

Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal. Os varões israelitas estavam sarando da circuncisão a que tinham sido submetidos. Passaram-se três dias. E então, no décimo quarto dia, eles observaram a *páscoa* (ver a respeito no *Dicionário*). Aquela era a segunda vez em que eles celebravam a páscoa, antes de estarem preparados para atacar os adversários no lado ocidental do rio Jordão. Ver as notas de introdução a este quinto capítulo. A páscoa comemorava como os filhos de Israel tinham sido libertados da servidão aos egípcios. Agora, quarenta anos mais tarde, a cerimônia foi repetida, a fim de celebrar a entrada deles na Terra Prometida. Ver Jos. 4.19 e 5.10 quanto a notas cronológicas.

A comemoração da páscoa, no décimo quarto dia do primeiro mês, por conseguinte, introduzia Israel em seu Novo Dia. E também assinalou o fim da história do maná, iniciado no capítulo 16 do livro de Êxodo. Cf. com o versículo 12 deste capítulo e com Êxodo 16.35.

"Sem a circuncisão, eles não estariam qualificados para participar desse importantíssimo evento (a páscoa). Ver Êxo. 12.43,44,48. É deveras interessante que os filhos de Israel chegaram a atravessar o rio Jordão justamente a tempo de celebrar a páscoa, no décimo quarto dia do mês (ver Êxo. 12.2,6). O cronograma de Deus é sempre preciso" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

Até este ponto, na Bíblia, temos um registro de três páscoas, a saber: 1. Imediatamente depois que foram libertados do Egito (Êxo. 12.1-28). 2. A celebração no monte Sinai, imediatamente antes de os israelitas se porem em marcha, na direção da terra de Canaã (Núm. 9.1-5). 3. A celebração do texto presente, uma espécie de prelúdio da invasão da parte ocidental da Terra Prometida. O fato de que essas três celebrações ficaram registradas sugere que a páscoa não tenha sido observada durante os quarenta anos de perambulações pelo deserto. A recente travessia do rio Jordão foi muito semelhante à travessia do mar Vermelho, ou melhor, do mar de Juncos. A primeira travessia esteve associada ao êxodo, ou "saída", ao passo que a segunda esteve associada ao eisodus, ou "entrada". Isso posto, os dois grandes eventos requereram a celebração da páscoa. Ao participar da nova celebração da páscoa, Israel estava revivendo o antigo milagre.

5.11,12

Pães asmos e grãos tostados comeram nesse mesmo dia. Houve uma celebração separada, a qual, mui provavelmente, tinha sido originalmente uma festa de colheita, mas que veio a ser vinculada à páscoa, de tal modo que essas duas festas terminaram por ser celebradas como se fossem uma única celebração. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pães Asmos*, quanto a descrições completas dessa festividade. O cereal para fabrico dos pães asmos foi colhido da Terra Prometida. Um novo dia de provisão havia chegado. Esse novo dia pôs fim ao dia antigo, em que o maná era a provisão alimentar divina para Israel (vs. 12). Ver Êxo. 12.19,20 quanto à festa original dos pães asmos.

Era tempo da colheita, pelo que Israel celebrou sua primeira festa da colheita na Terra Prometida (ver Jos. 3.15). Durante quarenta anos, o maná descera como uma miraculosa provisão divina. Mas, havendo uma provisão nova e natural, cessou o milagre, tão súbita e misteriosamente como havia começado. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Tipologia. O maná simbolizava a provisão da lei, o dia antigo. Mas a provisão alimentar colhida da própria Terra Prometida simbolizava os benefícios que Cristo nos proporciona em Sua missão terrena. A segunda dessas provisões é nova, e é melhor. Ou, por outro lado, o maná simbolizava a provisão de Deus para aquele tempo; e o cereal colhido agora na Terra Prometida simbolizava as Suas provisões para os nossos próprios dias. Seja como for, Cristo é o pão da vida (ver João 6.35). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pão da Vida, Jesus como.*

"A coincidência é por demais notável para ser negligenciada. O Cristo ressurrecto foi quem tomou o lugar do maná... Ele é o verdadeiro pão do céu" (Ellicott, *in loc.*).

Este texto ensina-nos, de modo enfático, a *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), em qualquer época; e cada época tem sua provisão apropriada, em consonância com os propósitos e com a cronologia de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pão.*

Várias Campanhas Militares (5.13 — 12.24)

Jericó e Ai São Capturadas (5.13 — 8.29)

5.13

Estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos, e olhou. Os vss. 13 a 15 deste capítulo fornecem-nos o terceiro incidente que precisou ocorrer antes de Israel poder prosseguir na invasão da Terra Prometida. Ver as notas de introdução a este quinto capítulo. Embora Josué tivesse sido comissionado por Yahweh e por Moisés, tendo-se tornado o indisputado líder dos hebreus, bem como o homem escolhido por Deus para dirigir a invasão da parte ocidental da Terra Prometida, ele ainda precisava passar por uma poderosíssima experiência mística, que o preparou ainda mais para a sua grande missão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. Josué, a exemplo de Moisés, antes dele, precisou ter um encontro transformador com o Anjo do Senhor, que muitos estudiosos aceitam como a manifestação veterotestamentária do Logos.

Um homem. O varão estava diante de Josué, com uma espada desembainhada. Cf. isso com Núm. 22.23,31 e I Crô. 21.16. Metaforicamente, Deus convoca os seus anjos como se fossem estrelas, a fim de cumprirem as Suas ordens (ver Isa. 40.26). Os anjos invisíveis lutam em favor da causa divina, sem importar onde e em que época. (Ver II Reis 6.17; Gên. 32.1,2.) Esse anjo, que apareceu com a forma de um homem, não é identificado com Yahweh, mas há uma evidente vinculação entre Yahweh e o Seu Anjo. Ver Juí. 6.11-18.

Josué, a princípio, chegou a confundir o "homem" com um possível inimigo, e perguntou-lhe de imediato ao lado de quem o homem estava. Ele deve ter ficado aliviado e transbordante de júbilo ao ouvir que o homem era o "príncipe do exército do Senhor", e que estava ali para comandar as tropas de Israel, conforme se lê no versículo seguinte.

A identificação desse anjo não nos é dada; mas os intérpretes judeus apontam, de modo quase unânime, para Miguel, o príncipe especial de Israel (Bereshit Rabba, sec. 97, fol. 84.2; Machmanides, *in loc.*). Ver o artigo geral no *Dicionário*, intitulado *Anjos*. Naquele artigo comento sobre os arcanjos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Miguel, Arcanjo.*

"Este texto serve de nobre ilustração da verdade de que, na grande causa de Deus sobre a terra, os Seus líderes, ainda que pareçam supremos e solitários, na verdade são guiados. Há uma Rocha que é mais alta do que eles; seus ombros, embora largos, não precisam levar sozinhos a tremenda carga da responsabilidade. O senso do sobrenatural está presente, guiando-os e protegendo-os" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). Cf. Eliseu e seu servo, em Dotã, em II Reis 6.13 ss. Tem sido noticiado que em Mons, na França, durante a Primeira Grande Guerra, houve uma manifestação angelical especial. No *Dicionário*, no artigo *Anjos*, ponto VIII, há um parágrafo sobre o erro da desmitização, no tocante aos anjos. Quanto a notas sobre os arcanjos, ver o artigo chamado *Rafael*, no *Dicionário*. Cf. esta visão, com aquela que Moisés teve, em Horebe, no terceiro capítulo do livro de Êxodo.

5.14

Sou príncipe do exército do Senhor. De acordo com uma metáfora militar, conforme alguns dizem, ou conforme os antigos concebiam as coisas, Yahweh era o General e dispunha de Seus comandantes. Ora, uma guerra santa estava prestes a ocorrer. Quanto a esse assunto, ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18. Os anjos invisíveis lutam pela causa da guerra santa; ou, de acordo ainda com outra metáfora, os exércitos celestiais são lançados contra os inimigos de Yahweh (ver Isa. 40.26). Quanto a como os anjos invisíveis participam das guerras dos homens, ver também II Reis 6.17 e Gên. 32.1,2. Ver Êxo. 7.4 e 12.41, que são trechos paralelos quase diretos deste versículo. As notas expositivas que ali aparecem também se aplicam aqui. Quanto a algo parecido nas páginas do Novo Testamento, ver Heb. 2.10 e Apo. 19.11,14. Ver a metáfora militar de Efésios 6.10 ss., que dá um aspecto cristão a essa questão. Cf. Apo. 19.10 e 22.8,9. Jesus, estando no

jardim do Getsêmani, usou essa metáfora, conforme lemos em Mateus 26.53. Em Hebreus 1.14, os anjos aparecem como espíritos ministradores, havendo ocasiões em que o ministério deles se reveste de caráter militar.

Adoração. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adoração.* Reconhecendo a presença divina, através do anjo, um elevado comandante enviado da parte de Yahweh, Josué prostrou-se por terra em adoração. É esse fato que leva alguns estudiosos a declarar, sem rebuços, que o anjo que apareceu a Josué era o Anjo do Senhor, o Logos, que, ao encarnar-se, chamou-se Jesus Cristo. É evidente que, nas Escrituras, os anjos nunca aceitam adoração da parte dos homens, nem mesmo como representantes diretos de Deus. Na Bíblia, nunca se adora à criatura, mas sempre ao Criador. Portanto, a experiência mística de Josué foi do mais elevado calibre espiritual, inspirando-o ao mais profundo respeito e reverência. Ele teve uma visão do Cristo, antes de Sua encarnação. O fato de que Jesus aceitava adoração mostra-nos que Ele não pertencia ao gênero das criaturas, mas era o próprio Criador, o "verdadeiro Deus", no dizer de I João 5.20.

5.15

Descalça as sandálias de teus pés. O momento era sagrado, requerendo a remoção das sandálias como sinal de reverência. Este versículo forma um paralelo direto com a experiência de Moisés, registrada em Êxodo 3.5. Essa experiência foi repleta de poder e significação. A Josué foi prometida a vitória na invasão, visto que o próprio céu haveria de sustentar Israel. A conquista seria inevitável, mas Josué precisava ser devidamente preparado, para saber como liderar os filhos de Israel. Josué era o comandante terreno de Israel, mas havia Alguém mais elevado do que ele, que governava e comandava desde o céu, o Filho de Deus, Yahweh, de Quem era a batalha. Josué tinha uma grande responsabilidade; mas ele não precisava carregá-la sozinho.

Brada o grito de guerra! O inimigo está perto;
Levanta bem alto o pendão do Senhor;
Veste tua armadura, firma-te sobre os teus pés,
Apóia tua causa sobre Sua santa Palavra.

(W. F. Sherwin)

Capítulo Seis

Jericó é Destruída (6.1-27)

A queda de Jericó (ver a respeito no *Dicionário*) foi a primeira grande vitória que Israel obteve na parte ocidental da Terra Prometida. A parte oriental, ou seja, a *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*) já havia sido conquistada e ocupada pelas duas tribos e meia (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés). Ver Núm. 32.31 ss. e 34.14,15 quanto à narrativa. Uma parcela apreciável dos homens de guerra dessas tribos, homens selecionados, ajudaram seus irmãos das demais tribos a conquistar os territórios a ocidente do rio Jordão, porquanto cumpriram a promessa que tinham feito de que assim o fariam (ver Jos. 22).

Que as muralhas de Jericó realmente caíram chatas, para fora, é confirmado pela arqueologia (ver as notas expositivas sobre os vss. 20 e 21 deste capítulo). Meu artigo a respeito de Jericó passa em revista a informação dada ali. Se o povo de Israel tivesse de conquistar a região montanhosa da parte ocidental da Terra Prometida, então Jericó precisava ser conquistada antes de mais nada. A cidade de Ai era outra fortaleza que não podia ser deixada incólume. Uma vez dominadas as cidades de Jericó e de Ai, Israel poderia dominar toda a região montanhosa do território, bem como a área inteira ao redor. Em seguida viria a guerra ao sul e ao norte, porquanto o oriente e o ocidente da Terra Prometida já tinham sido subjugados.

6.1

Ora Jericó estava rigorosamente fechada. A cidade já era uma fortaleza. E agora se fechara dentro de suas próprias muralhas, isolando-se de todo contato com o exterior. Ninguém podia entrar ou sair da cidade, a fim de dificultar ao máximo a conquista por parte dos filhos de Israel. A defesa da cidade era tão absoluta que somente a perda de um grande número de vidas poderia resultar na conquista da cidade fortificada. Em face disso, o Senhor estabeleceu um plano divino para a tomada da cidade. O povo de Israel, ao seguir esse plano divino, teve a sua vitória imensamente facilitada. Os Targuns dizem-nos que os portões de Jericó eram fortificados com barras de ferro e de bronze.

6.2

Olha, entreguei na tua mão a Jericó. A promessa de Yahweh foi absoluta e incondicional. Em breve Jericó haveria de cair diante de Israel, por causa de uma intervenção divina direta, que Deus proveria. E isso, por sua vez, inspiraria Israel a continuar lutando. Tratados de paz estavam vedados (ver Deu. 7.3); todo e qualquer vestígio de idolatria teria de ser obliterado (ver Deu. 7.4). Também não haveria sobreviventes (ver Deu. 7.3), pois nem mesmo mulheres e crianças poderiam ser poupados. Todavia, no caso de cidades conquistadas fora dos limites da Palestina (fora das fronteiras de Israel), mulheres e crianças poderiam ser poupadas (ver Deu. 20.14). Mas dentro das fronteiras de Israel, coisa nenhuma deveria ser deixada com vida (ver Deu. 20.16). Quanto à guerra santa, ver as notas expositivas sobre Deu. 7.1-6 e 20.10-18.

Jericó tinha um forte rei vassalo e homens valentes, que em si mesmos eram matadores experimentados e brutais; mas todos haveriam de perecer no ataque desfechado pelos filhos de Israel.

6.3,4

Vós, pois, todos os homens de guerra. Nestes dois versículos encontramos as recomendações divinas quanto ao modo de proceder durante a guerra contra Jericó. Conforme sabe qualquer criança que freqüenta a Escola Dominical, os guerreiros israelitas deveriam rodear a cidade uma vez por dia, durante seis dias. Seriam liderados por sete sacerdotes, transportando a arca da aliança, a qual representava a presença e o poder de Yahweh. Ao que tudo indica, a marcha em redor da cidade, naqueles seis dias, deveria ser feita em silêncio. Somente no sétimo dia, quando a cidade tivesse sido rodeada por sete vezes, é que os sacerdotes tocariam as suas trombetas. Os habitantes de Jericó observariam de dentro de suas muralhas a marcha dos filhos de Israel, e o terror, que já tinha deixado abalado o povo inteiro da cidade (ver Jos. 2.9), haveria de aumentar a cada nova marcha, na sucessão dos dias. Embora esse terror não fosse derrubar as muralhas, uma vez que elas caíssem, os habitantes estariam tão aterrorizados que seriam uma presa fácil.

Sete sacerdotes... sete trombetas... no sétimo dia ... sete vezes. O número "sete", o número da perfeição divina e de ciclos completos, sem dúvida é muito significativo aqui. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Número (Numeral; Numerologia),* quanto a explicações mais amplas. Este versículo contém quatro setes.

Os Israelitas Usaram o Plano Divino. Eles não usaram aríetes, nem escadas de escalar, nem outra espécie de artifício. O divino plano de ação pode ter parecido uma tolice para os homens; mas a verdade é que aqueles quatro setes tiveram um efeito tremendo. Havia poder ali, porquanto o número sete simbolizava a presença e a intervenção de Yahweh.

As Trombetas. Esses instrumentos eram usados para convocar Israel para as festividades sagradas; e essa circunstância adicionava mais um ponto ao elemento divino, como se a guerra santa, que estivesse sendo efetuada, fosse uma oferenda (ou holocausto) agradável ao Senhor. As trombetas convocariam Israel para oferecer o sacrifício obliterador. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Trombeta.* Essas trombetas eram feitas de chifres de carneiro, e não de metal, como se dá no caso das trombetas modernas.

O quarto versículo deste capítulo dá a impressão de que somente no sétimo dia as trombetas foram tocadas; mas o oitavo versículo diz-nos que a cada um dos sete dias foram sopradas as trombetas, quando se circundava a cidade. Todavia, as pessoas se mantinham em silêncio absoluto (vs. 10), e só usaram da própria voz no sétimo dia.

6.5

Tocando-se longamente a trombeta... todo o povo gritará com grande grito. Por meio desses dois grandes sons — o toque das sete trombetas e a gritaria dos guerreiros — as muralhas de Jericó haveriam de ruir, pelo menos aparentemente. É verdade que sons intensos podem produzir grandes destruições, se os objetos ao redor vibrarem na mesma freqüência que aquele som. Até uma grande ponte pode ser derrubada com o som certo, que crie a ressonância exata. Alguns eruditos supõem que algo semelhante tenha acontecido. Os críticos referem-se ao relato somente como outro mito ou exagero na assertiva. Os eruditos conservadores, por sua vez, optam pelo fenômeno de um som capaz de destruir alguma coisa, embora direcionado por Deus, nesse caso; ou, então, supõem que o som meramente tenha acompanhado o ato divino, o milagre, o qual, na verdade, fez as muralhas de Jericó tombar por terra. Ver sobre os vss. 20 e 21, quanto à confirmação arqueológica de que as muralhas de Jericó, verdadeiramente, caíram chatas sobre o solo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres.*

"Com demasiada freqüência, tendemos por pensar no mundo como se ele fosse governado por leis naturais, de maneira independente de Deus. Mas talvez o antigo conceito dos hebreus esteja mais próximo da verdade, no sentido de que o mundo é uma esfera na qual Deus pode agir diretamente a qualquer tempo, e no qual Ele realmente age" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). A primeira atitude, aquela que crê que somente as leis naturais governam tudo, concorda com o *deísmo*; e a segunda

delas, que concebe que Deus atua o tempo todo, até mesmo através de Suas leis naturais, concorda com o *teísmo*. Ver sobre esses dois termos no *Dicionário*.

Uma vez que as muralhas jaziam derrubadas no chão, elas já não protegiam os habitantes de Jericó, nem ofereciam resistência aos invasores israelitas. E todo guerreiro de Israel então foi capaz de invadir a cidade, "cada qual em frente de si". Desse modo, os israelitas puderam entrar na cidade.

As fábulas judaicas dizem que as muralhas de Jericó foram engolidas pelos abismos que se formaram debaixo dos seus alicerces, conforme tinha sucedido antes a Coré e seus apoiadores (ver Núm. 16.32,33).

6.6

Então Josué, filho de Num. O que tinha sido ordenado é agora repetido, mostrando como tudo começou a ser executado. Josué deu ordens para que os quatro "setes" se fizessem presentes. A vanguarda, mui provavelmente, era formada por representantes das tribos de Rúben e Gade, e pela meia tribo de Manassés; seguiam atrás os sete sacerdotes que transportavam a arca (vs. 8), a qual ia à frente, porque manifestava a presença do Senhor. Normalmente, cabia aos levitas transportar a arca. Porém, em uma guerra santa, os sacerdotes, descendentes diretos de Arão, eram os encarregados dessa tarefa. Os varais foram postos nas argolas da arca, e ela foi carregada pelos sacerdotes por esse intermédio. Ver Êxo. 25.14 e Núm. 7.9. Ver o trecho de Jos. 3.3 e suas notas expositivas quanto ao dever que os levitas tinham de transportar a arca e todo o equipamento do tabernáculo quando o povo de Israel se punha em movimento.

6.7,8

E disse ao povo. Josué transmitia ao povo as ordens dadas por Yahweh, tal e qual Moisés fizera antes dele. De acordo com as normas ditadas pelo Senhor a Josué, a arca saiu à frente de todos. As marchas diárias começaram e, naquele primeiro dia, a cidade foi rodeada por uma vez. Os sacerdotes avançavam tocando as trombetas. O quarto versículo deste capítulo dá a impressão de que os sacerdotes só tocaram as trombetas no sétimo dia, mas o oitavo versículo mostra que as trombetas foram tocadas a cada dia, enquanto a cidade estava sendo rodeada.

A Ordem de Marcha:

1. A guarda armada marchava com os pendões tribais. Talvez a vanguarda fosse formada por homens das tribos de Rúben e de Gade, e da meia tribo de Manassés (ver Jos. 4.12). Ver também Jos. 1.4 e 4.13 quanto aos quarenta mil homens armados dessas duas tribos e meia, que tinham vindo ajudar as demais tribos na conquista da parte ocidental da Terra Prometida.
2. Os sete sacerdotes, que carregavam a arca e tocavam suas respectivas trombetas.
3. Após os sacerdotes e a arca, vinha a retaguarda (vs. 9).

6.9

A retaguarda seguia após a arca. Talvez a retaguarda fosse formada pela tribo de Dã, visto que, nas perambulações pelo deserto, essa era a tribo que ocupava a última posição. Ver Núm. 2.31. Por isso mesmo, os Targuns situam os homens armados da tribo de Dã nessa posição. Entretanto, John Gill opinou que homens desarmados é que ocupavam a retaguarda. Todavia, convém não esquecer que temos aqui um plano de batalha, e não um mero cortejo, o que significa que não havia homens desarmados nessa marcha. "... o sentido é que a retaguarda era idêntica à vanguarda... somente os sacerdotes tocavam as trombetas (vs. 4), ao passo que os demais homens (vs. 10) tinham de permanecer em estrito silêncio" (John Bright, *in loc.*).

6.10

Porém ao povo ordenara Josué. A procissão só fazia ruído por meio das trombetas sagradas. Era como se fossem a voz de Yahweh. Ao povo cabia ficar em silêncio total, pois a voz de Deus é que daria a vitória a Israel. "Vem o nosso Deus, e não guarda silêncio" (Sal. 50.3; ver também I Tes. 4.16). No sétimo dia de marcha, entretanto, o povo todo começaria a gritar, acompanhando o sonido das trombetas; e, com essa união de propósitos e de sons, as muralhas de Jericó haveriam de ruir. Deus, em Seus propósitos, utiliza-se dos homens, mas não se limita a eles. O silêncio guardado pelo povo adicionava solenidade e mistério a todo o modo de proceder, lançando o terror no coração dos habitantes de Jericó (Jos. 2.9).

"Aquela estranha parada dirigia-se na direção de Jericó, para então rodeá-la, como se fora uma serpente. Na época, a cidade de Jericó ocupava uma área de cerca de quarenta mil metros quadrados (200 x 200 metros), e eram necessários menos de trinta minutos para circundar a cidade" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

6.11

A arca do Senhor rodeou a cidade. O primeiro circuito fora completado. Então os israelitas voltaram a seu acampamento e descansaram até o dia seguinte, quando o mesmo procedimento haveria de ser repetido. Os cananeus, não há que duvidar, antecipavam um ataque imediato, mas respiraram aliviados quando os soldados israelitas se retiraram. Mas certamente a repetição do ato, dia após dia, deixou-os extremamente nervosos e temerosos. Uma vez que as muralhas vieram abaixo, eles deveriam estar com os nervos à flor da pele, tornando-se presas fáceis.

6.12-14

Levantando-se Josué de madrugada. Laboriosamente, o autor sagrado repetiu suas descrições. Aquilo que ocorreu no primeiro dia foi repetido por mais cinco dias. Somente no sétimo dia o padrão mudou (vs. 15). A marcha começava a cada dia cedo pela manhã; e, visto que as distâncias não eram grandes, essa atividade ocupava somente as horas matutinas. A cada dia aumentava a tensão dos cananeus, que não sabiam o que esperar em seguida. Estes três versículos repetem as informações dadas nos vss. 4-11. "Nenhuma fortaleza havia sido jamais conquistada por meio daquele método. A estranha estratégia provavelmente foi dada para testar a fé de Josué. Mas ele não fez perguntas; antes, confiou e obedeceu. E tal modo de proceder também teve por finalidade testar a obediência de Israel à vontade do Senhor ... Nunca antes, e raramente depois desse evento histórico, subiu tão alto o termômetro que aquilatava a fé de Israel" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

6.15

No sétimo dia. Em vez de rodearem a cidade por uma vez, conforme tinham feito nos seis dias anteriores, os filhos de Israel circundaram Jericó por sete vezes. Ver as notas no terceiro versículo quanto aos quatro "setes". Os soldados israelitas iniciaram seu trabalho cedo pela manhã. As horas matutinas são sempre as melhores para cuidar de tarefas difíceis. As instruções dadas nos versículos quarto e quinto foram agora cumpridas. Ver a ordem de marcha dada no sétimo versículo. As tradições judaicas dizem-nos que esse sétimo dia foi um sábado. Isso significa que Israel efetuou uma guerra santa naquele dia, tendo-se tornado culpada, se é que essa tradição diz a verdade. Cf. Mat. 12.3-8.

6.16

Gritai; porque o Senhor vos entregou a cidade. Agora, o toque das trombetas recebeu a ajuda da gritaria dos homens de guerra. E assim as muralhas de Jericó ruíram por terra, achatando-se contra o solo (ver as notas no vs. 20 quanto a informes arqueológicos sobre essa questão, quanto a especulações sobre as causas, naturais ou divinas, ou ambas as coisas). O grito foi de vitória, porquanto era uma afirmação de que Yahweh tinha entregado a cidade de Jericó para Israel. É como se a cidade tivesse sido dada em holocausto, em oferenda queimada a Yahweh.

6.17

Porém, a cidade será condenada. No hebraico, temos o verbo *herem*, literalmente, "devotada". A cidade fora devotada a Yahweh, para sua completa destruição (conforme os versículos seguintes indicam). Era uma oferta queimada, ou um holocausto (ver a respeito no *Dicionário*) consagrado a Yahweh. Isso fazia parte importante da guerra santa. Nenhuma criatura viva poderia sobreviver, excetuando as pessoas que se tinham refugiado na casa de Raabe. Herem era alguma coisa, pessoa ou comunidade irrevogavelmente consagrada à deidade (ver Lev. 27.28,29; Êxo. 22.20). No presente caso, entretanto, a dedicação consistia na destruição absoluta, tal como um holocausto era totalmente consumido nas chamas do altar de Yahweh. Ver o vs. 21 quanto à natureza absoluta dessa obliteração. Nesses casos, nem ao menos se podia ficar com os despojos, por parte de pessoas particulares. Tudo tinha de ser entregue ao tesouro do tabernáculo (ver o versículo seguinte).

6.18,19

Guardai-vos das cousas condenadas. Sob circunstâncias normais, os soldados podiam ficar com muitas coisas como despojos, ou seja, uma espécie de salário ganho pelos serviços prestados. Em uma guerra santa, contudo, até mesmo isso tinha de ser dedicado a Yahweh (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18). Conforme lemos no versículo 19, tudo era entregue ao "tesouro" do Senhor. As casas e terras, não obstante, seriam tomadas pelos invasores, pelo que eles teriam cidades prontas de antemão. Todavia, a cidade de Jericó seria totalmente obliterada e deixada sem ocupantes, visto que sobre ela fora proferida uma maldição (ver o vs. 26 deste capítulo).

Se algum soldado israelita ousasse apropriar-se de qualquer bem para si mesmo, automaticamente tornar-se-ia parte do herem, e teria de ser executado. Se alguém assim o fizesse abertamente, seria executado pelos homens; caso o fizesse secretamente, então Yahweh cuidaria para que algum acidente ou enfermidade o eliminasse. Aquele que tocasse em alguma coisa "dedicada" também ficava "dedicado", ou seja, marcado para a obliteração (ver Jos. 7.11-13). Ver Deu. 20.16 e I Sam. 15.3, passagens que ilustram esse princípio.

O vs. 24 deste capítulo mostra-nos que todos os metais preciosos, bem como os objetos manufaturados com base nesses metais, terminaram entregues para benefício do tabernáculo. Esses objetos seriam limpos e abençoados, e passariam a ser usados para pagar as despesas do culto, e para sustento do sacerdócio. Cf. Núm. 31.22,23,54, onde algo de semelhante foi feito com os despojos tomados dos midianitas. Na Índia, os brahmins (aqueles que pertencem à casta sacerdotal) recebem metais preciosos de qualquer das outras castas, sem importar quão baixa uma casta possa ser. Porém, o fato de os sacerdotes receberem alimentos ou vestes da parte de outras castas é considerado uma grande degradação.

6.20

Ruíram as muralhas. O som combinado das trombetas com os gritos dos homens de guerra resultou na destruição das muralhas de Jericó. As muralhas não foram engolidas por abismos que se teriam formado por baixo de seus fundamentos, conforme imaginaram alguns intérpretes judeus (ver as notas sobre o versículo quinto deste capítulo). A arqueologia tem demonstrado que a Jericó dos dias de Josué (perto da moderna cidade que tem esse nome) tinha uma muralha dupla (ver as notas em Jos. 2.15). A muralha externa caiu principalmente colina abaixo, ao passo que a muralha interior, que era mais forte que a outra, ruiu dentro do espaço que havia entre as duas muralhas.

Explicações sobre a Queda das Muralhas:

1. Algum terremoto extremamente oportuno teria sido a causa do nivelamento das muralhas de Jericó, mais ou menos como sucedera por ocasião do represamento das águas do rio Jordão (ver sobre isso nas notas de Jos. 3.16). Se algum milagre esteve envolvido, somente o elemento tempo foi miraculoso. Os céticos vêem aqui que o povo de Israel apenas teve muita sorte, pois, quando eles estavam prestes a aproximar-se da cidade (tendo tudo sido adredemente planejado), um terremoto facilitou as coisas. Para esses céticos, todo o resto do relato é apenas invenção bem imaginada. Para esses críticos, o mesmo terremoto que explica o "milagre" do rio Jordão também derrubou as muralhas de Jericó, facilitando assim a conquista.
2. Ou, então, o acontecimento deveu-se a um incidente muito incomum de ressonância, produzido pelo sonido das trombetas e pelos gritos dos soldados de Israel. Sabemos que certos sons, por meio da ressonância, podem ter grande poder destrutivo. Aquilo que ocorreu em Jericó, pois, de acordo com essa segunda explicação, seria um notável incidente histórico que ilustra esse raro fenômeno. Alguns céticos, críticos e até estudiosos conservadores têm aceitado essa teoria.
3. A maioria dos eruditos conservadores vêem em tudo isso uma intervenção divina, que não pode ser explicada simplesmente como um mito ou como um acontecimento natural. O povo cumpriu o seu papel, seguindo as ordens dadas por Josué, mas o colapso das muralhas requereu o poder de Yahweh. Ver as notas em Jos. 6.5, quanto a uma explicação de natureza sobrenatural, que dá apoio à idéia do teísmo, e não do deísmo.

"A verdade central, neste ponto, é que as vitórias espirituais são obtidas mediante e sobre princípios totalmente tolos e inadequados, de acordo com a sabedoria dos homens (ver I Cor. 1.17-29; II Cor. 10.3-5)" (Scofield Reference Bible, comentando sobre o versículo quinto deste capítulo).

Tipologia. A missão remidora de Cristo também haverá de vencer, afinal, todos os obstáculos, efetuando uma vitória universal de redenção e restauração de todas as coisas, conforme lemos em Efésios 1.9,10. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mistério da Vontade de Deus.*

6.21

Destruíram totalmente ao fio da espada. A obliteração total de todas as coisas vivas, humanas ou animais, fazia parte da natureza mesma do herem. Ver as notas sobre o décimo sétimo versículo deste capítulo. Ver em Deu. 7.1-5 e 20.10-18 a questão da guerra santa, que requeria essa obliteração. Nem mesmo coisas físicas valiosas podiam ser retidas para uso particular. Todas as coisas de valor foram encaminhadas ao tesouro do tabernáculo (ver o vs. 19). Dessa maneira, oferecia-se a Yahweh uma espécie de holocausto, uma dedicação completa ao Senhor.

As guerras prosseguem, cada vez mais devastadoras, e nós contemplamos a tudo com horror. Este texto ilustra o quanto os hebreus temiam o poder contaminador do pecado. Da mesma maneira que não se pode deixar que um tumor canceroso continue no corpo, para não se espalhar para outras partes do organismo, assim também o pecado precisa ser obliterado, se quisermos libertar-nos de seu poder. Os deuses estrangeiros, a idolatria, representavam um perigo mortífero para Israel, e o registro histórico mostra que tal contaminação foi dominando lentamente o povo hebreu inteiro. O resultado disso foram os cativeiros, visto que os israelitas acabaram tão corrompidos quanto os seus vizinhos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro (Cativeiros).* Cf. isso com as instruções de Jesus de arrancarmos o próprio olho, se este se tornar ofensivo para nós (ver Mat. 5.29,30). O pecado, portanto, requer uma operação radical de extirpação.

A Taça da Iniqüidade. As sete nações pagãs que tinham ocupado a terra de Canaã agora já haviam enchido sua taça de iniqüidade. Por isso mesmo, aqueles povos seriam destruídos e perderiam seus territórios. Ver Gên. 15.16 e suas notas expositivas. Aqueles territórios só podiam ser dados ao povo de Israel quando essa taça de iniqüidade estivesse repleta. Deus é Quem determina os limites de um povo, bem como o período de tempo em que esse povo ocupa o seu território (ver também Atos 17.26). E quando o cálice da iniqüidade de Israel se encheu, eles também tiveram a mesma triste sorte de perder a Terra Prometida. Mas o propósito de Deus, que atuava por intermédio de Abraão, garantirá a restauração final do povo de Israel (ver Rom. 11.26,27).

6.22

Entrai na casa da mulher prostituta, e tirai-a de lá. Raabe e seus familiares foram poupados, conforme os dois espias de Israel haviam prometido. Ver Jos. 2.14-20. Ver também o versículo 25 deste capítulo, que expande a questão. Raabe e sua gente acabaram absorvidas em Israel, mediante casamento. Raabe tornou-se uma das ancestrais de Jesus (ver Mat. 1.5; e também Heb. 11.31 e Tia. 2.25, que são comentários do Novo Testamento a respeito dela). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Raabe*, quanto a descrições completas.

Não somos informados a respeito de como a casa de Raabe, construída sobre as muralhas de Jericó (na verdade, erguida entre as duas muralhas, a mais externa e a mais interna; ver Jos. 2.15), não sofreu total destruição quando ruíram as muralhas de Jericó (vs. 20). É possível que uma pequena seção das muralhas tivesse sido deixada intacta, o que adicionou um toque a mais a um prodígio que já fora notável.

6.23

E tiraram a Raabe. Antes que os destroços da cidade fossem incendiados, completando assim o holocausto, Raabe e sua família foram tiradas do meio de uma Jericó arrasada. Ver as notas sobre o versículo anterior. Raabe e seus familiares ficaram "acampados fora do arraial de Israel", pois, embora poupados, a presença deles teria corrompido Israel em sentido moral e cerimonial. O acampamento de Israel era "santo", e nenhuma pessoa "imunda" podia ali entrar (ver Deu. 23.14; Núm. 5.3; 31.19). É provável que, estritamente falando, Raabe e seus familiares também estivessem debaixo do herem (ver o versículo 17 deste capítulo), até que ritos de purificação os livrassem da maldição. Kimchi afirma que eles foram considerados impuros enquanto não se tornaram prosélitos e renunciaram à sua idolatria e às suas práticas pagãs.

O vs. 25 deste capítulo mostra-nos que Raabe e seus familiares foram finalmente recebidos na comunidade de Israel, mas o texto não nos diz a qual processo eles tiveram de sujeitar-se para que isso se tornasse uma realidade. Em algum ponto do caminho, houve o casamento de Raabe com Salmom, da tribo de Judá, mediante o qual ela se tornou uma das ancestrais do Senhor Jesus, no tocante à carne (ver Mat. 1.5).

6.24

A cidade e tudo quanto havia nela queimaram-no a fogo. Todas as coisas vivas, homens e animais (vs. 21), foram consumidas pelo fogo, restando uma cidade totalmente sem habitantes (vs. 26). Os metais preciosos e qualquer vaso ou instrumento com eles feito, foram entregues ao tesouro do tabernáculo. Antes de tais objetos serem postos em uso, entretanto, tiveram de ser purificados; se isso não acontecesse, eles poderiam ser vendidos. De qualquer modo, tais coisas tornaram-se propriedades dos sacerdotes, podendo ser usadas para ajudar a financiar o culto sagrado de Yahweh. Cf. com o versículo 19 deste capítulo.

6.25

Josué conservou com vida a prostituta Raabe. Ela e seus familiares foram poupados de fazer parte do holocausto, e não porque Josué se casou com ela, conforme disseram alguns comentaristas judeus, erroneamente. Josefo supunha que Josué tenha dado a Raabe e sua gente "campos, uma casa e honrarias" (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 7). Como já vimos, Raabe casou-se com Salmom (ver

Mat. 1.5) e assim tornou-se uma das antepassadas de Jesus. A casa dela foi salva, *como também, provavelmente,* os animais domesticados que ela possuía.

Até o dia de hoje. O autor sacro, para nós desconhecido, ao tempo em que escreveu o livro de Josué, sabia que Raabe continuava vivendo perto de Jericó (ou em algum outro lugar, no território de Israel). Ela prosperou, devido à ajuda prestada a Israel em um tempo de crise. A expressão parece indicar uma data antiga da escrita do livro, pelo menos dentro do período de vida de Raabe. Os críticos, entretanto, supõem que essas palavras nada mais signifiquem do que o fato de que o autor-editor, sem importar quem tenha sido, incorporou essa informação de alguma fonte informativa mais antiga. Ou então essa informação significa que os descendentes de Raabe continuavam conhecidos, podendo ser identificados quando o livro de Josué foi escrito: "Até o dia de hoje quer dizer que os descendentes de Raabe continuavam vivos em Jericó, no tempo do escritor sagrado. A frase é uma fórmula fixa nas narrativas que explicam fatos curiosos, nomes e instituições de dias posteriores (cf. Jos. 4.9; 7.26; 8.28; 9.27)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

6.26

Maldito... o homem que... reedificar esta cidade de Jericó. Usualmente, as cidades conquistadas (uma vez aniquilados os seus habitantes) eram invadidas e possuídas, de tal modo que os invasores contavam com habitações já prontas. Mas no caso de Jericó absolutamente nada havia sobrado da cidade. Josué amaldiçoou a qualquer homem que tentasse reedificar a cidade. A moderna cidade de Jericó não foi reconstruída no local antigo, embora não fique distante. A maldição impunha a pena de morte sobre o filho mais velho e sobre o filho mais novo do homem que tentasse reconstruir aquela área. Talvez o pequeno traço de poesia envolvido, ao mencionar aqueles dois filhos, simplesmente signifique "e todos os filhos", desde o mais velho até o mais novo, os quais morreriam por causa de alguma enfermidade, de algum acidente, ou na guerra etc. Isso posto, a família do reconstrutor de Jericó sofreria de mortes prematuras.

O trecho de I Reis 16.34 informa-nos que essa maldição sobreveio a Hiel, de Betel, onde a Septuaginta, mediante uma glosa, destaca este versículo. A arqueologia demonstra que a cidade de Jericó, na realidade, ficou em ruínas completas até o século IX A. C. Outras referências à cidade provavelmente dizem respeito aos lugares edificados nas proximidades, embora não no preciso antigo local. Ver Jos. 18.21 e II Sam. 10.5.

O milagre da destruição de Jericó seria mais bem relembrado se Jericó permanecesse em escombros. Nenhuma cidade construída no mesmo lugar poderia vir à existência, a fim de que o povo de Israel não se esquecesse do que Yahweh tinha feito em favor de Seu povo, para dar início à invasão da parte ocidental da Terra Prometida.

6.27

Assim era o Senhor com Josué. Yahweh fizera-se amigo de Josué, tal como se fizera amigo de Moisés. Por isso mesmo, a fama de Josué se propalava por toda parte; e os habitantes originais da terra de Canaã estremeciam de medo. A conquista era inevitável. "A queda de Jericó aumentou mais ainda a fama de Josué, bem como o terror no coração dos habitantes cananeus do território (ver Jos. 1.1-9; 2.9-11; 4.14; 5.1)" (John Bright, *in loc.*). A vitória fora dada aos israelitas, por causa da sua obediência aos mandamentos e às leis de Yahweh (ver Jos. 1.6-9).

Capítulo Sete

Derrota de Israel em Ai (7.1-26)

A campanha contra a cidade de Ai ficou registrada em Jos. 7.1-8.29. O ataque original contra Ai não foi bem-sucedido. Por incrível que pareça, o povo de Israel foi derrotado, a despeito de tudo quanto já havia acontecido. A causa dessa derrota foi a desobediência. Alguém tinha desobedecido às condições do herem, ou seja, a destruição total de um lugar, como holocausto oferecido a Yahweh, além da proibição de serem tomados quaisquer despojos. Ver as notas expositivas sobre isso em Jos. 6.17. Todas as coisas vivas tinham de ser mortas. No caso de Jericó, até mesmo as edificações foram niveladas ao chão, e os escombros ficaram desabitados e sujeitos a uma maldição (ver Jos. 6.26). Somente os metais preciosos, e os objetos feitos com esses metais, puderam ser aproveitados, mas também estes foram dados a Yahweh, como parte do herem, sendo incorporados ao tesouro do tabernáculo (ver Jos. 6.24).

Acã tinha ficado com certos objetos, como despojos, embora estes pertencessem exclusivamente a Yahweh. Ele pôs em prática algo extremamente tolo, e isso foi fatal, porquanto ele e seus familiares foram executados. Observe o leitor o que se lê no primeiro versículo deste capítulo: "Prevaricaram os filhos de Israel". A solidariedade comunitária significava que um pecado cometido por algum de seus membros era imputado a todos os membros. Foi exatamente por esse motivo que o exército de Israel sofreu derrota em Ai. Era mister remover o pecado, antes que a conquista da Terra Prometida pudesse prosseguir. O autor sagrado ocupa dois capítulos do livro para contar-nos o incidente, o que mostra quão importante foi essa questão aos olhos dele.

A cidade de *Ai* (ver a respeito no *Dicionário*) era menor e menos protegida do que Jericó, pelo que deveria ser conquistada com maior facilidade. Ficava na junção estratégica de duas rotas naturais que subiam de Jericó para a região montanhosa em redor de Betel. Era mister que fosse conquistada, a fim de que o povo de Israel pudesse dominar a parte ocidental da Terra Prometida. A parte oriental já havia sido tomada pelas duas tribos e meia (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés). Essa parte oriental era a *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver Núm. 32.31 ss. e 34.14,15 quanto à vitória obtida na parte oriental. Uma vez subjugada a porção ocidental, então a campanha de conquista estender-se-ia primeiro para o sul e, mais tarde, para o norte.

Usualmente, a cidade de Ai é identificada com et-Teil, um cômoro a pouco menos de dois quilômetros e meio a leste de Betei. Mas a arqueologia demonstra que et-Tell foi completamente destruída em cerca de 2200 A. C., ou seja, aproximadamente novecentos anos antes de Josué, e nunca mais foi reconstruída.

Soluções Propostas para o Problema:

1. Ai não é a mesma et-Tell que os arqueólogos têm escavado, e eles continuam a procurar o local antigo de Ai. Algumas escavações têm sido efetuadas em Khirbet Nisya, na esperança de encontrar a antiga Ai. Esse é um lugar próximo da antiga et-Teil.
2. Os críticos argumentam que elementos fictícios foram adicionados à narrativa da conquista, e a batalha em Ai foi uma invenção para abrir espaço à lição moral que circunda o relato.
3. Ou, então, anos depois de que o relato foi escrito, o local ficou incerto, e uma identificação errada foi feita com a antiga cidade de Ai.
4. Ou, ainda, Israel, ao entrar na área da antiga cidade de Ai, foi atacada por tropas de alguma cidade circunvizinha (como Betei). Os habitantes de Betei defenderam as ruínas de Ai contra os israelitas. Porém, a passagem à nossa frente retrata Ai como uma cidade murada e habitada.
5. W. F. Albright ("Israelit Conquest of Canaan in the Light of Archaeology", págs. 11-23) talvez seja o estudioso que tenha proposto a melhor explicação. Ai foi destruída em 2200 A. C.; seus habitantes mudaram-se para um local a dois quilômetros e meio de distância e edificaram Betei. As escavações demonstram que, de fato, ela foi construída cerca desse tempo. Os capítulos sétimo e oitavo do livro de Josué, por conseguinte, registram a batalha contra Betei, embora a chamem de Ai, por causa da transferência de sua população antiga para Betei, pelo que, em certo sentido, Betel era Ai. O trecho de Juízes 1.22-26 fornece-nos o relato original (onde Betei está em foco). Esse relato foi mais tarde incorporado no livro de Josué, em seus atuais capítulos 7 e 8, e Ai tornou-se o nome do lugar conquistado.

7.1

Prevaricaram os filhos de Israel. A solidariedade comunitária fez com que o pecado de Acã fosse atribuído a todo o povo de Israel. O pecado de Acã foi ter quebrado as regras da guerra santa (ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18), e não ter observado os requisitos próprio do herem (ver as notas a respeito em Jos. 6.17), que requeriam a obliteração total de todos os seres vivos, fossem eles homens ou animais. No caso de Jericó, as próprias casas foram destruídas. Contudo, os metais preciosos, bem como os objetos feitos desses metais, foram preservados, mas tão-somente a fim de serem entregues ao tesouro do tabernáculo (Jos. 6.24). No entanto, Acã tomou objetos do despojo e escondeu-os em sua tenda. Foi um crime muito sério, que resultou na execução dele próprio e de seus familiares. Ver as notas de introdução ao sétimo capítulo, quanto a detalhes a esse respeito e ao problema arqueológico com o nome da cidade de Ai, que circunda essa questão.

Acã, filho de Carmi. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre ele. Era descendente de Carmi, de Zabdi, de Zera. Ver no *Dicionário* os artigos sobre esses homens, quanto ao pouco que sabemos a respeito deles. Eles faziam parte de um subclã da tribo de Judá. O trecho de I Crônicas 2.6,7 diz Zimri, em lugar de Zabdi. E naquele texto temos a forma Acar, em lugar de Acã. Por trás dessa forma modificada do nome, temos a palavra hebraica que significa "tribulação". A Septuaginta usa "Acar" até mesmo aqui, no sétimo capítulo do livro de Josué. Ver Jos. 7.25, onde se diz que Acã "conturbou" aos seus irmãos israelitas. A conseqüên-cia foi que Yahweh "conturbou" Acã, ordenando que ele fosse apedrejado, para então ser queimado na fogueira (vs. 25 deste capítulo).

7.2

Enviando, pois, Josué, de Jericó, alguns homens a Ai. Josué enviou espias à área de Ai, conforme tinha feito no caso de Jericó (segundo capítulo de Josué). A área de Ai é mencionada por associação com *Bete-Áven* e *Betel*. Ver no *Dicionário* comentários completos quanto a ambas as localidades. Alguns estudiosos pensam que os dois nomes designam uma só cidade, como se a primeira fosse uma alcunha aplicada a Betel. Porém, tanto este versículo quanto I Samuel 13.5 quase certamente indicam alguma outra aldeia, próxima de Betei. As localizações dadas apontam quase com absoluta certeza para a antiga *et-Teil*, a Ai destruída em 2200 A. C. Quanto ao problema que isso cria, ver as notas de introdução a este capítulo, sob o título: "Soluções Propostas Para o Problema". Todavia, Bete-Áven é um nome que, no hebraico, significa "casa da iniqüidade", o que alguns eruditos supõem ter sido uma adaptação do nome original, "Beton", mudança feita por razões morais. Seja como for, Bete-Áven tornou-se posteriormente um apelido de Betel (Osé. 10.5). Na presente narrativa, entretanto, esse nome aponta para uma aldeia separada.

7.3

Porque são poucos os inimigos. A cidade de Ai, embora ocupasse uma posição estratégica, não era uma grande fortaleza, como se dava com Jericó. Isso posto, ao retornarem os espias enviados por Josué, recomendaram que fosse enviada uma força reduzida até Ai, a qual, supostamente, podia ser conquistada com facilidade. Não há que duvidar, a informação dada pelos espias estava essencialmente correta, pois eles não sabiam do pecado que havia arruinado a expedição inteira. Foi mais do que mera autoconfiança exagerada que levou os israelitas à derrota. A bênção e a presença de Yahweh tinham sido removidas por causa da desobediência diante das regras do herem (ver Jos. 6.17 e suas notas expositivas).

Todavia, a informação de que Ai contava com poucos habitantes estava equivocada. Essa cidade tinha uma população total de doze mil pessoas, e contava com cerca de seis mil homens (ver Jos. 8.25), pelo que os dois ou três mil soldados israelitas que os espias recomendaram para a luta contra Ai eram um número pequeno demais. As coisas correram erradas desde o começo. Há dias em que coisa alguma dá certo. Mais tarde, Josué ordenou um ataque com a força armada inteira de Israel, na segunda tentativa (ver Jos. 8.1).

7.4,5

Os quais fugiram diante dos homens de Ai. Ao chegar às fronteiras da Terra Prometida, o povo de Israel conquistou a Transjordânia com facilidade (ver Núm. 32.31 ss.; 34.14,15). Jericó também foi vencida facilmente, por meio de um milagre. A conquista de Ai deveria ter sido ainda mais fácil. Porém, não demorou muito e os três mil israelitas armados que para ali foram enviados, para aquela "batalha fácil", estavam voltando para o acampamento de Israel. Chegara a vez de Israel fugir de medo, os corações tomados pelo terror (quinto versículo). Essa derrota custou apenas trinta e seis vidas na escaramuça que houve; mas o restante do quinto versículo dá a entender que houve uma matança considerável de israelitas.

Até às pedreiras. Várias traduções e versões dizem aqui Sebarim, considerando "as pedreiras" como um nome locativo. É verdade que esse vocábulo hebraico pode significar "pedreiras". Se realmente se tratava de um lugarejo, então fica perto de Ai, mais ou menos a meio caminho entre Ai e Jericó. O sentido da raiz da palavra é "quebrar", o que pode apontar para uma pedreira ou para um lugar onde se fabricavam tijolos. Mas se se trata de um nome próprio, então o lugar até hoje não foi identificado.

Os Targuns apresentam uma interpretação diferente, dizendo "até que suas linhas foram rompidas", dando a entender que as tropas de Israel é que foram "quebradas durante a luta, e não algum lugar onde rochas eram partidas.

Israel Assustou-se? Os adversários de Israel é que tinham todos os motivos para temer e tremer (ver Jos. 1.1-9; 2.9-11; 4.14; 5.1). Agora chegara a vez de os israelitas se angustiarem, por causa de um pecado que era a causa de toda aquela derrota. Poderia Josué reparar tão grande dano? Poderia prosseguir a invasão, ou o povo de Israel seria derrotado de forma permanente, por forças superiores? (Ver Deu. 7.1).

7.6

Então Josué rasgou as suas vestes. Josué, completamente consternado por uma incrível derrota, mostrou todos os sinais orientais típicos de tristeza e lamentação: rasgou as suas roupas. Quanto a isso, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vestimentas, Rasgar das*. Josué caiu de bruços, defronte da arca da aliança, a qual deveria ter dado a vitória a Israel. Quanto ao gesto de Josué, ver Gên. 17.3; Lev. 9.24; Núm. 16.4,45; Deu. 9.18. Esse gesto também poderia indicar extrema reverência e temor diante da presença de Deus. Josué e os anciãos "deitaram pó sobre as suas cabeças", o que foi outro sinal de consternação. Ver Jó 2.12; I Sam. 4.12 e II Sam. 1.2, quanto a esse gesto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pó*, onde os seus sentidos simbólicos são debatidos. Ver também Gên. 37.34 e 44.11,12.

7.7

Disse Josué: Ah! Senhor Deus. O queixume de Josué pareceu-se com as murmurações dos israelitas, os quais, no deserto, desejaram ardentemente as panelas de carne do Egito (ver Êxo. 14.11,12; Núm. 14.2,3). Moisés também tinha falado de forma semelhante (ver Núm. 11.1-15). "A Josué deve ter parecido que o pânico estabelecido no coração dos habitantes cananeus, mediante os poderosos atos de Yahweh e pelas vitórias militares de Israel (ver Jos. 2.9-11; 4.24; 5.1 e 6.27), agora se havia dissolvido" (John Bright, *in loc.*). Israel, como uma nação, poderia ser obliterada por uma força superior, pondo fim súbito a todo o sonho de conquista da Terra Prometida.

Anos antes, o povo de Israel tinha anelado por retomar ao Egito (ver Êxo. 14.11,12). E Josué anelou por voltar à Transjordânia, onde tudo tinha corrido bem, e onde as tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés, já tinham fixado domínio.

"Com quanta facilidade perdemos o nosso senso de perspectiva, quando o infortúnio bate à nossa porta. Uma derrota às vezes leva as pessoas a abandonar a sua fé em Deus, precisamente quando elas mais necessitam de fé" (Joseph R. *Sizoo, in loc.*).

"Parece aqui que Josué culpou Deus pela derrota, sem ao menos considerar que a causa da derrota poderia ser alguma outra coisa" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

Até mesmo Yahweh-Elohim, o Eterno Todo-Poderoso (nomes divinos que Josué usou em seu apelo), pareceu não poder oferecer consolo naqueles momentos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

7.8

Ah! Senhor! que direi? O habilidoso comandante militar, que tinha cavalgado tão alto, foi humilhado ao ver Israel fugindo diante de seus adversários. O que ele poderia dizer diante disso? Quaisquer palavras ficariam aquém da gravidade da situação. Em uma atitude derrotista, ele viu a continuação desse padrão, conjuntura na qual Israel seria completamente derrotado e expulso da Terra Prometida, que deveria conquistar. Tudo isso porque Josué não antecipou o verdadeiro problema, que não era falta de habilidade militar ou de planejamento. A causa era "pecado no acampamento". Josué queria encontrar alguma coisa para dizer naquele momento de crise, para o consolo dele mesmo e do povo de Israel, mas nada achou que fosse digno de ser dito. Por conseguinte, queixou-se diante de Yahweh, enviando para o alto uma oração amarga.

7.9

Ouvindo isto os cananeus e todos os moradores da terra. Todas as sete nações cananéias (ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1) ouviriam as notícias sobre a derrota de Israel em batalha, diante da cidade de Ai, e então rir-se-iam, zombariam e recuperariam a autoconfiança; e ficariam à espera de poder massacrar o inimigo comum, Israel. O nome do povo de Israel seria apagado da face da terra, e o nome de Yahweh seria blasfemado.

Que farás ao teu grande nome? O nome de Deus, no Antigo Testamento (e mesmo os nomes dos homens), não era apenas alguma designação verbal. Antes, envolvia a totalidade do caráter e dos atributos de Deus (ou da pessoa). Cf. Núm. 14.15,16 e Deu. 9.28. Foi por esse motivo que Josué rogou que Deus "salvasse o Seu nome" de tão grande ridículo e impotência. Ver também o Salmo 83.4, que é um paralelo direto deste versículo.

7.10

Então disse o Senhor a Josué. Yahweh respondeu a Josué, trazendo uma iluminação vital para iluminar o problema. Em primeiro lugar, Josué estava desperdiçando seu tempo enquanto orava de rosto em terra. O que ele precisava fazer era agir. A situação requeria aquilo que costumamos chamar de providência imediata, porquanto a oração e a ação não podem prosperar se não ocorrerem simultaneamente. "Deus nunca fica satisfeito diante de um espírito lamuriento. Ele deseja que os homens se aproximem Dele sem nenhum receio. A oração de Josué, no versículo anterior, traía o senso de frustração, o que sempre envolve uma perda de auto-respeito. Deus não aceita esse tipo de abordagem de nossa parte. Jamais é ocasião para desespero, pois Ele não se retira nunca da frente de batalha. As rédeas do mando não escapuliram de Suas mãos. Deus é quem diz a última palavra" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). A causa daquela derrota militar estava em Israel, e não na provisão divina.

7.11

Israel pecou. A providência de Deus (ver a respeito no *Dicionário*) continuava a mesma; o poder militar de Israel continuava intacto; Josué continuava dotado

das idéias certas para desfechar a guerra santa. Mas o pecado havia frustrado momentaneamente o empreendimento inteiro. O sucesso dependia da obediência absoluta. Um indivíduo havia falhado, descumprindo as condições da guerra santa (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18), e não havia levado avante o herem (ver Jos. 6.17). Somente os metais preciosos (ver Jos. 6.24) podiam ser salvos da destruição total; mas mesmo assim teriam de reverter para o tesouro do tabernáculo, a fim de serem empregados no culto a Yahweh. No entanto, alguém tinha tomado algo dos despojos em proveito próprio, para então encobrir toda a sua ação com ludíbrio e fingimento.

Um único homem havia pecado, mas isso tornara culpada a comunidade inteira de Israel, conforme aprendemos em Jos. 7.1, onde as notas expositivas devem ser consultadas quanto ao motivo dessa situação. A Terra Prometida pertencia à comunidade de Israel como uma herança derivada de Abraão (pois isso fazia parte do Pacto Abraâmico, anotado em Gên. 15.18). Sem embargo, as regras precisavam ser obedecidas, e as normas referentes à guerra santa faziam parte de como a herança sob a forma da Terra Prometida deveria ser recebida. Um indivíduo tornara sua propriedade particular aquilo que pertencia a Yahweh. E isso constituía um crime sério. Isso fala a nós, indiretamente, sobre a mordomia e a responsabilidade envolvida nessa mordomia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mordomo*.

Violaram a minha aliança. Ou seja, o pacto firmado no monte Sinai, o Pacto Mosaico, que requeria obediência absoluta a tudo quanto Israel determinasse. Ver as notas de introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo, quanto a esse pacto. Ver também Êxo. 24.7, quanto à obediência absoluta exigida da parte dos filhos de Israel. O ato de Acã quebrou o mandamento contra o furto (ver Êxo. 20.15), um ato tanto mais sério porque o homem havia furtado algo do próprio Yahweh. O indivíduo culpado também havia violado o Pacto Palestínico. Ver sobre esse pacto na introdução ao capítulo 29 do livro de Deuteronômio. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Obediência*, bem como as notas expositivas a respeito, em Deu. 32.46.

7.12

Israel se fizera condenado. A própria nação de Israel foi posta sob o herem de Deus (ver Jos. 6.17), pelo menos enquanto a questão do pecado não fosse corrigida. Acã, ao tocar em uma coisa herem, tornou-se ele mesmo herem, pelo que foi destruído sem misericórdia. Toda a sua família também foi executada. Somente então a comunidade de Israel estaria livre para novamente enfrentar e derrotar os seus inimigos. Vivemos em um mundo completamente contrário à vontade de Deus. Quando nos tornamos contrários a Ele, caímos do favor divino, e então qualquer coisa pode acontecer. Algumas coisas fracassam porque Deus não permite que elas logrem êxito. Usualmente o pecado está escondido em algum ponto. Acã sabia qual era o risco de quebrar as regras da guerra santa, mas a sua cobiça fê-lo enganar-se a si mesmo, pensando que poderia ficar com os objetos devotados a Deus e continuar sem ser descoberto. Uma das qualidades nefastas do pecado é que ele nos engana e nos faz enganar nossos semelhantes.

7.13

Santifica o povo. O próprio povo de Israel tinha de preparar-se, provavelmente para que as sortes sagradas revelassem o culpado. Seriam efetuados rituais, talvez incluindo o banho cerimonial (ver Lev. 14.8,16; 15.16; 17.15; Núm. 8.7,9; 19.7). É possível que tenham sido feitas orações de lamentação, votos e outros ritos. Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 10) informa-nos que a busca se realizou mediante o lançamento das sortes sagradas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sortes*. Provavelmente, ele está com a razão. Alguns sugerem que tenham sido usados o Urim e o Tumim, mas isso é menos provável. Seja como for, sem importar qual método tenha sido usado para detectar o ofensor, a busca teve êxito, porquanto o conhecimento, a orientação e o poder de Yahweh foram convocados para dar vitória à busca. Ver Atos 1.26 quanto a um uso de sortes nas páginas do Novo Testamento.

7.14

Pela manhã, pois, vos chegareis. A tarefa de detecção era imensa, visto que tinha de ser aplicada a todas as tribos e a todas as famílias dentro das tribos. A busca seria metódica e incansável. Precisava ser completa. Ninguém deixaria de ser investigado pela sorte sagrada. Não sabemos como a ação funcionou. Cf. Pro. 16.33. O trecho de Atos 1.26 informa-nos que os apóstolos resolveram uma importante questão, quando tiveram de escolher outro apóstolo em substituição a Judas Iscariotes, mediante o lançamento de sortes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Adivinhação*. Cf. também: Lev. 16.8; Sal. 22.18; Pro. 18.18 quanto ao uso de sortes para decidir questões.

Este versículo, incidentalmente, fornece-nos discernimento quanto à organização de Israel. A unidade maior era a nação como um todo; em seguida, vinham as doze tribos; então vinham grandes grupos de famílias; finalmente, havia as casas ou famílias individuais.

"Deve ter sido uma provação terrível... O Juiz de toda a terra estava passando julgamento" (Ellicott, *in loc.*).

Talvez diferentes líderes das tribos tenham lançado suas próprias sortes. O *modus operandi* não foi explicado, mas o versículo 16 deste capítulo dá a entender que Josué acompanhou ou realizou pessoalmente o processo inteiro, e somente um jogo de sortes foi empregado.

7.15

Aquele que for achado com a cousa condenada. O culpado, que fatalmente seria descoberto, seria queimado na fogueira, um dos modos de execução em Israel. Ver a introdução ao décimo oitavo capítulo de Levítico quanto aos vários modos de execução em Israel. O apedrejamento era o método mais comum, mas o estrangulamento, a espada e a fogueira também eram empregados. O indivíduo culpado, todos os seus familiares e todos os seus bens seriam queimados, por ter ele ficado com algo que era herem. Em outras palavras, o culpado, seus familiares e todos os seus pertences sofreriam o herem (ver Jos. 16.17). Cf. Deu. 13.15,16. Alguns estudiosos sugerem que o executado não era "queimado vivo". Primeiramente o indivíduo era executado por apedrejamento, e então seu corpo era queimado na fogueira. Há registros históricos em favor desse modo de proceder, e o versículo 25 confirma isso.

O culpado havia transgredido o pacto (ver as notas sobre o versículo 11 deste capítulo), tendo-se mostrado um louco em Israel, por haver prejudicado a comunidade inteira. Em um momento de cobiça, Acã tinha feito algo que ele sabia ser uma insensatez potencialmente fatal. Ele fez o papel de tolo. Todos os pecados que quebravam a lei eram considerados atos tolos em Israel. Mas algumas vezes, um homem exagerava.

7.16

E caiu a sorte sobre a tribo de Judá. A busca começou cedo pela manhã, devendo perscrutar tribo após tribo. Ao que parece, Judá foi a primeira das tribos a ser sondada. O versículo dá a entender que Josué dirigiu pessoalmente a questão, e talvez apenas um jogo de sortes tenha sido utilizado. Yahweh dirigiu a mente de Josué para fazer essa escolha. Isso poupou muito tempo. O versículo dá a entender que foi necessário investigar somente a tribo de Judá.

"Não foi algo resultante de mera sorte; antes, era a direção dada pela providência divina" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

Acã pertencia à tribo de Judá. "Sabei que o vosso pecado vos há de achar" (Núm. 32.23). Nesse caso, a detecção foi mais fácil do que poderia parecer, visto que a primeira tribo a ser investigada foi a tribo de Judá.

7.17

Caiu sobre a família dos zeraítas. Uma grande subunidade, a tribo de Judá, foi a primeira a ser submetida à investigação. Então foi detectada uma grande família, ou subtribo, que foi submetida à prova. Isso separaria o clã ao qual pertencia o ofensor. Então foi investigada a família específica do clã; e, em seguida, dentro daquela família, o indivíduo específico haveria de ser descoberto. Por essa altura, a busca passou a ser "homem a homem".

Os Zeraítas. Duas antigas famílias de Israel eram chamadas por esse nome coletivo, a saber: 1. Uma família de Simeão (ver Núm. 26.13); 2. Uma família da tribo de Judá (ver Núm. 26.20). Acã (Jos. 7.18) e dois dos poderosos guerreiros de Davi pertenciam a essa família judaíta (ver I Crô. 27.11 e 13). Ver também, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Zerá*, pontos 3 e 4.

Zabdi. Foi descoberto que esse homem, avô de Acã, estava associado ao ofensor. Ver o primeiro versículo deste capítulo. O trecho de I Crônicas 2.6,7 diz Zimri em lugar de Zabdi, e algumas traduções dizem aqui Zimri em lugar de Zabdi.

7.18

Caiu sobre Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zera, da tribo de Judá. A busca se afunilou, descendo de Zabdi para Carmi, o pai de Acã (ver as notas sobre o primeiro versículo deste capítulo). Não nos é dito que a sorte caiu sobre Acã, mas isso fica entendido, porquanto, no versículo 19, Josué chamou Acã para confessar o seu pecado e encerrar o processo.

Alguns intérpretes sugerem que, se Acã tivesse confessado logo o seu pecado, poderia ter sido perdoado e sua vida poderia ter sido salva, conforme, séculos mais tarde, aconteceu com Davi (ver Sal. 32.1-5; 51.1-12). Mas não há nenhum informe bíblico quanto a essa especulação. Uma vez adotado o herem, era requerido que o ofensor fosse imolado. O culpado precisava morrer, por causa do crime que havia cometido. Joseph Smith, o fundador dos mórmons, certamente estava

com a razão ao dizer que alguns pecados requerem a morte do ofensor. Só a execução faz justiça. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Punição Capital*, onde essa espécie de raciocínio é ventilada. O perdão dos pecados é outra coisa. O pecado sempre poderá ser perdoado, mas isso não significa que possamos evitar as suas conseqüências. Uma vez perdoada, a alma sai livre, mas drásticos efeitos temporais deste mundo não podem ser evitados.

7.19

Disse Josué a Acã. O culpado tinha sido detectado. Josué tratou-o com humanidade, chamando-o até de "filho". Isso encorajou Acã a confessar e a glorificar a Yahweh, o Deus da verdade. Josué tratou Acã com humanidade, mas a execução era inevitável, e Acã, sem dúvida, tinha consciência disso.

Yahweh-Elohim requeria a confissão, e que assim Ele fosse glorificado. Agora, o Eterno Todo-Poderoso precisava ser vindicado. Não havia remédio diante da situação, senão executar a punição capital. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Era mister prestar "louvores" a Yahweh, por ser Ele santo e onisciente, O que trouxe à luz toda aquela amarga questão. Agora, o povo de Israel estava restaurado ao seu antigo poder, tendo Acã sido executado. Foi uma questão de louvor, horripilante louvor, mas louvor. O pecado foi considerado primariamente em seu aspecto comunal, conforme já vimos nas notas sobre o primeiro versículo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Confessar, Confissão.* A Misnah (*Senhedrin*, cap. 6, sec. 2) promete "uma parte no mundo vindouro" ao confessor. Mas isso não estava previsto na maneira de pensar dos dias de Josué, e é anacrônico aplicar tal conceito a este texto.

7.20

Verdadeiramente pequei contra o Senhor. Diante das evidências, mas não antes, Acã fez plena confissão, reconhecendo que tinha cometido um pecado, principalmente contra Yahweh-Elohim, Aquele que tinha baixado ordens estritas acerca da conduta durante a guerra santa.

Alguns intérpretes opinam que Acã escapou à punição eterna por causa de sua confissão, embora tenha sido executado. Todavia, isso é ler aquilo que o texto não contém, mediante a aplicação de um anacronismo tipicamente cristão. O erro por ele cometido custou a vida de muitos soldados de Israel. Parece que ele não sentiu nenhum remorso enquanto não foi detectado. Tinha obtido para si mesmo alguma coisa, mas com um custo tremendo para outras pessoas, sendo assim que, usualmente, opera o egoísmo.

7.21

Quando vi... cobicei-os e tomei-os. Nesses três verbos encontramos os três passos do pecado de Acã, a saber: 1. Ele viu algo proibido. 2. Ele cobiçou os objetos. 3. Ele tomou os objetos para si mesmo. Eva deu os mesmos três passos (ver Gên. 3.6), tal como também aconteceu a Davi, no caso de Bate-Seba (ver II Sam. 11.2-4).

Os Despojos:

a. Uma boa capa babilônica. Era um objeto importado, de excelente aparência, sem dúvida um artigo de luxo. A capa, no dizer de outras traduções e versões, vinha de Sinear, um antigo nome da Babilônia. Mas outras versões (como a nossa versão portuguesa) dizem apenas "da Babilônia" ou "babilônica". Ver Gên. 10.10 e 11.2. As cartas de Tell el-Amarna mostram a grande influência exercida pela Babilônia sobre a Palestina, nos tempos antigos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Tell el-Amarna.* Plínio (*Hist. Natural* 1.8, cap. 48) diz-nos que a Babilônia era famosa por sua manufatura de tecidos de ótima qualidade. Catão era um homem modesto, mas recebeu, como herança, uma bela veste de fabricação babilônica. Ao recebê-la, vendeu-a imediatamente, a fim de não ser acusado de ostentação, conforme nos informou Plutarco (In *Vita Catonis*). As vestes reais babilônicas algumas vezes eram entretecidas com fios de ouro ou de prata. Essas vestes eram itens de grande prestígio, sendo usadas somente pelos ricaços. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado Vestimenta (Vestes).
b. Uma boa soma em dinheiro, em um total de duzentos siclos de prata. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Dinheiro, II e Pesos e Medidas*, IV. c. Quanto a informações adicionais, ver as notas expositivas sobre os trechos de Êxo. 30.13 e Lev. 27.25. Não há como calcular qual seria o valor de compra dessa importância, embora saibamos que um siclo representava o salário mensal de um agricultor. Portanto, teríamos aqui o equivalente a quase dezessete anos de trabalho de um assalariado. Não sabemos onde foi que Acã achou tanto dinheiro, mas ele deve ter encontrado tudo isso na casa do prefeito da cidade que, presumivelmente, era um homem rico, guardando tanto dinheiro em seu tesouro particular.
c. Uma barra de ouro. Kimchi e Abarbinel chamaram essa peça de lingüeta, porquanto teria o formato de uma língua. Mas outros estudiosos supõem estar em foco uma barra de ouro, sem nenhum formato definido. O peso da barra era de cinqüenta siclos, e teria mais ou menos o mesmo valor dos duzentos siclos de prata. Naturalmente, não devemos pensar em dinheiro cunhado, porquanto as moedas só vieram à existência por volta do século VII A. C.

Acã Poderia Ter-se Aposentado! O valor total dos despojos de que ele se apropriou poderia ter-lhe conferido uma boa aposentadoria, se falarmos de acordo com a linguagem moderna! Entretanto, conforme a regra santa, a capa babilônica deveria ter sido destruída e a prata e o ouro deveriam ter sido entregues ao tesouro do tabernáculo, para financiar o culto a Yahweh (ver Jos. 6.19,24). Acã era um violador do tabernáculo, um ladrão de seu tesouro.

7.22

Então Josué enviou mensageiros. Os homens correram até a tenda de Acã e acharam os objetos anteriormente citados ocultos em um buraco feito na terra, tal como Acã dissera que os encontrariam. Aqueles valores deram testemunho contra o homem que tinha agora apenas algumas horas ou mesmo alguns minutos de vida. O pecado de Acã se havia expandido, tendo afetado até mesmo o santuário. E agora ele haveria de colher o amargo fruto de seus atos errados (ver Rom. 6.23 e Tia. 1.15), a morte por execução.

7.23

E as colocaram perante o Senhor. As coisas encontradas na tenda de Acã foram trazidas para servir de espetáculo comprovador do crime, de modo que todos as vissem. Era o julgamento de Acã. Os metais preciosos também foram depositados diante do Senhor, a Quem pertenciam, pelo que a restauração estava sendo realizada. Esses artigos todos haviam sido "dedicados" ao Senhor. Ver a esse respeito em Jos. 6.17.

7.24

Tudo quanto tinha. A família inteira de Acã, seus animais domesticados, todos os seus bens, tudo quanto ele possuía foi levado ao vale de Acor para a execução, como um holocausto oferecido a Yahweh, o herem que estava prestes a ser realizado.

Levaram-nos ao vale de Acor. Esse locativo significa "tribulação". Era um vale entre Jericó e Ai, que recebeu esse nome por causa da derrota dos israelitas acarretada pelo pecado de Acã (ver Jos. 7.24). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acã.* O local é atualmente identificado com o wadi Daber e com o wadi Mulelik. O nome desse vale tornou-se proverbial. Oséias acrescenta: "E lhe darei dali, as suas vinhas, e o vale de Acor por porta de esperança" (Osé. 2.15). Essas palavras indicam que a disciplina e o juízo podem resultar em esperança.

O nome "Acor" foi dado aqui em antecipação ao nome que seria dado ao lugar, devido ao fato de que Acã havia conturbado Israel, razão pela qual ele mesmo foi "conturbado" ao máximo, por meio de sua execução (vs. 25).

7.25

Por que nos conturbaste? O nome Acor significa "conturbação" ou "tribulação". O pecado de Acã havia perturbado Israel, e o preço pago foi a perda de muitas vidas e uma amarga e desnecessária derrota. Por conseguinte, Acã seria perturbado por sua própria execução, ordenada por Yahweh, que havia estabelecido as regras da guerra santa (ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18) e do herem (ver Jos. 6.17). Por isso mesmo, o lugar da execução de Acã e de tudo quanto lhe pertencia tornou-se conhecido como "tribulação".

A Execução. Essa dava-se por *apedrejamento* (ver a respeito no *Dicionário*). Ato contínuo, o corpo era queimado na fogueira. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Punição Capital.* Pessoas inocentes morreram juntamente com Acã, ou seja, seus filhos. É possível que sua mulher estivesse no conluio com ele, tendo-o encorajado a não revelar prontamente o seu erro; mas é difícil imaginar que seus filhos, sobretudo se ainda fossem pequenos, tiveram alguma coisa que ver com tal pecado. Não deveríamos tentar considerar as crianças de Acã culpadas, conforme fazem alguns intérpretes, ao salientar o trecho de Deuteronômio 24.16, que afirma que os filhos não devem sofrer pelos erros de seus pais, nem os pais devem sofrer pelos erros de seus filhos. O que esteve envolvido no caso é que o caráter determinante do herem tinha de ser cumprido. Sem dúvida, a capa babilônica foi queimada, e os metais preciosos (a prata e o ouro) foram entregues ao tesouro do tabernáculo (ver Jos. 6.24), embora isso não seja especificamente declarado. Dessa forma, o herem (ver Jos. 6.17) foi devidamente executado. E, visto que este versículo não diz francamente que a esposa e os filhos de Acã foram também executados, alguns intérpretes opinam que o versículo 24 significa que eles apenas serviram de testemunhas da execução, mas foram poupados da

morte. Porém, dificilmente essa interpretação consegue prevalecer diante de uma exegese séria da passagem.

7.26

Um Memorial Perene. Um montão de pedras foi erigido no local da execução de Acã, para lembrar a qualquer israelita: "Se violardes as ordens de Yahweh quanto à guerra santa, isto é o que também pode acontecer convosco!".

Uma vez efetuada a execução, e uma vez que os metais preciosos foram encaminhados ao tesouro do tabernáculo, cessou a ira de Yahweh. Temos nisso um *antropopatismo* (ver a respeito no *Dicionário*), onde emoções humanas são atribuídas à deidade. O antropopatismo é uma subcategoria do *antropomorfismo* (a atribuição, a Deus, de características humanas). Visto que passara a ira de Deus e que o erro havia sido corrigido, agora a guerra santa poderia prosseguir com sucesso. E é exatamente sobre isso que nos conta o capítulo oitavo. O próprio nome do vale onde tudo ocorreu, "Acor" (tribulação), também serviu de lembrete do incidente. Em *Oséias* 2.15, a "tribulação" torna-se uma "porta de esperança", porquanto a punição tem um valor remedial, e não somente um valor de vindicação, como se dá com todos os juízos divinos. Porém, é um anacronismo pensarmos aqui que a alma de Acã foi salva, porque ele confessou o seu pecado (ver os vss. 20 e 21), apelando para passagens como I Coríntios 5.5.

Até ao dia de hoje. O memorial esteve naquele lugar durante longo tempo. O autor sagrado tinha conhecimento do local, sendo provável até que o tenha visto. Porém, não nos informou quanto tempo o memorial já se achava ali.

"Deus revela-se não somente através de milagres que atuam sobre a natureza, mas também por meio de juízos contra indivíduos e contra nações. Quando a humanidade aprenderá essa lição?" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Capítulo Oito

Derrota de Ai (8.1-35)

O capítulo 7 de Josué conta a derrota de Israel, em sua primeira tentativa de capturar a cidade de Ai, por que isso aconteceu, e como a condição foi remediada mediante a execução de Acã, que se tinha apropriado de certas peças dos despojos, em vez de ter obedecido às regras da guerra santa (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18) e do herem (ver Jos. 6.17), que havia sido requerido. De acordo com esses dois princípios, deveria haver a completa destruição de tudo quanto pertencesse ao inimigo, ou seja, as pessoas, os animais e os bens materiais, excetuando os metais preciosos, que reverteriam para o tesouro do tabernáculo (ver Jos. 6.19,24). O oitavo capítulo, pois, reinicia a narrativa da guerra santa contra Ai. Nessa segunda tentativa, isso foi feito com pleno sucesso, visto que a presença de Yahweh garantiu que tudo corresse favoravelmente a Israel.

Israel Recuperou o Seu Impulso Inicial. A conquista da parte ocidental da Terra Prometida agora continuaria. A parte oriental (a *Transjordânia*; ver a respeito no *Dicionário*) da Terra Prometida já havia sido tomada. Ver sobre isso em Núm. 32.31 ss. e 34.14,15. As tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés, já haviam ocupado esse território oriental. Agora toda a atenção dos filhos de Israel voltava-se para o lado ocidental. Jericó fora a primeira cidade desse lado a ser tomada. Uma vez conquistado o ocidente, a invasão dirigir-se-ia para o sul e, mais tarde, para o norte. Ai, embora fosse uma cidade menos fortificada do que Jericó, era estrategicamente muito bem posicionada, pois ficava na junção de duas rotas naturais que subiam de Jericó para as terras montanhosas ao redor de Betei.

8.1

Não temas, não te atemorizes. Quanto a uma mensagem divina de encorajamento, ver também Jos. 1.6,7,9,18. As condições que tinham causado a derrota dos israelitas diante de Ai haviam sido revertidas mediante a execução de Acã. (Ver as notas de introdução a este capítulo.) A batalha era de Yahweh, o que seria o suficiente para garantir o sucesso da empreitada.

Toma contigo toda a gente de guerra. O ataque contra Ai deveria ser tão rigoroso quanto o que ocorreu no caso de Jericó. A força reduzida de três mil homens armados (ver Jos. 7.3) tinha-se revelado uma excessiva dose de autoconfiança. Agora, porém, Josué não deveria assumir nenhum risco, mas, antes, teria de esmigalhar o adversário com todas as suas forças.

A lição moral que daqui derivamos é que, embora o Senhor nos garanta o sucesso, temos de fazer tudo quanto estiver ao nosso alcance para realizar a contento a parte que nos cabe. Devemos cumprir nossa missão com o máximo de esforço, e não apenas comedidamente. Quando Cartago derrotou inesperadamente os romanos, o senado romano esteve a pique de assinar termos de paz. Mas um idoso senador levantou-se e declarou: "Roma não vai à batalha, mas vai à guerra!". E com isso ele quis dizer que não deviam ser aplicadas medidas secundárias. Somente uma vitória completa era aceitável para os romanos.

8.2

Farás a Ai e a seu rei. No caso dessa cidade, foi permitido que os filhos de Israel relaxassem as regras da guerra santa, porquanto poderiam ficar com os despojos da cidade. Por causa de despojos assim, no caso de Jericó, é que Acã tinha sido morto. Não sabemos dizer por qual razão houve o relaxamento das regras da guerra santa. Talvez tenha sido apenas uma medida de liberalidade, a fim de animar os soldados. Estes seriam regiamente pagos por terem derrotado a cidade de Ai. Os soldados também poderiam ficar com o gado que houvesse ali. A vitória sobre essa cidade renderia ricos dividendos para os soldados israelitas. Portanto, temos aqui uma tremenda ironia, difícil de explicar. Se Acã tivesse contido a sua cobiça, é bem possível que os soldados de Israel tivessem recebido a permissão de tomar despojos de Jericó. A vereda da obediência é sempre o melhor caminho. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Obediência*, bem como as notas expositivas sobre Deu. 32.46. Quanto à expressão guerra santa, ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18. Quanto à palavra herem, um termo hebraico que indica a total destruição de alguma coisa ou de alguma pessoa ou animal, em holocausto a Yahweh, ver Jos. 6.17. Em Ai, os despojos foram entregues aos soldados israelitas; mas os habitantes da cidade, homens, mulheres e crianças, foram condenados à execução. Esse era o herem que deveria ser pago a Yahweh. A população inteira da cidade de Ai, a saber, doze mil pessoas, foi totalmente obliterada (ver o versículo 25 deste capítulo). Não escapou um único habitante dessa cidade (vs. 26).

8.3

Então Josué se levantou. Ele e todos os homens de guerra traçaram o plano de batalha contra Ai. Foi armada uma emboscada. O inimigo seria enganado e sairia à caça de um Israel que supostamente estaria em fuga, somente para encontrar a morte na emboscada armada desde a noite. Com esse propósito, Josué escolheu trinta mil homens! Isso pode ser comparado ao número exíguo de três mil homens que se tinham lançado no primeiro choque, e acabaram fugindo diante dos homens de Ai, em Josué 7.3.

Os homens que armariam a emboscada foram enviados durante a noite. No dizer de John Gill (*in loc.*): "Deveriam pôr-se de emboscada por trás da cidade de Ai; quando os homens de Ai saíssem em perseguição do outro corpo do exército de Israel, que se apresentaria de peito aberto, então os homens da emboscada deveriam tomá-la e incendiá-la. E assim os homens de Ai seriam derrotados". Exatamente como foram executados os planos de batalha, é algo que tem deixado perplexos aos intérpretes. John Gill também opinou a esse respeito. O versículo 12 deste capítulo fala em somente cinco mil homens de Israel postos em emboscada. Como reconciliar isso com os trinta mil homens referidos neste terceiro versículo, é algo difícil de conseguir. Jarchi e Kimchi falaram em outra emboscada. Os críticos, por sua vez, supõem que a história se tenha derivado de duas fontes informativas que continham números diferentes. Alguns críticos textuais pensam que o número "trinta mil" é excessivamente grande, e propõem um erro original, dizendo que os trinta mil deveriam ser cinco mil, conforme se lê no versículo 12. Ver outras idéias a respeito nas notas sobre o versículo 12. Talvez os trinta mil fossem três mil, pois na notação numérica dos hebreus, esses números podiam ser facilmente confundidos, visto que não havia ainda algarismos, e letras representavam quantidades.

Outros intérpretes pensam em três contingentes de soldados israelitas, a saber: 1. Os trinta mil soldados, formando uma unidade-emboscada, por trás da cidade (no lado do ocidente). A esses caberia a tarefa de destruir a cidade, uma vez que seus habitantes, iludidos, saíssem em perseguição às tropas de Israel que pretensamente estariam fugindo (vss. 3 e 4). 2. Um segundo grupo formaria um chamariz, atrás do qual os homens de Ai sairiam em perseguição (vss. 5,10 e 11). 3. O terceiro grupo seria outra tropa de emboscada, de cinco mil homens, que cortaria quaisquer reforços possíveis vindos de Betei (vss. 12 e 13). Mas se o relato à nossa frente se origina de duas fontes informativas, que continham números e detalhes diversos, então é impossível determinar com precisão o que sucedeu. Seja como for, sem importar exatamente como as coisas se tenham desenrolado, o plano de batalha revelou-se eficaz.

8.4

Por trás dela. Ou seja, a ocidente da cidade de Ai. Ver as notas sobre o versículo anterior, quanto aos propostos planos de batalha, e como esse grupo de trinta mil homens formava um dos três contingentes de soldados de Israel, de acordo com certos intérpretes. Ao que parece, a tarefa desse grupo de trinta mil

homens era obliterar completamente a cidade, depois que seus defensores partissem à caça de um exército de Israel que supostamente estaria em fuga (esse "exército" formaria um segundo grupo de soldados israelitas).

8.5

Porém eu e todo o povo que está comigo. O segundo contingente de soldados israelitas seria comandado pelo próprio Josué. O número desse segundo contingente não é declarado, mas teria de ser suficiente para atrair a atenção dos homens armados de Ai. Esses homens de Ai atirar-se-iam contra Josué e seus homens, que fingiriam estar iniciando a fuga. Correndo em perseguição a Josué e seus homens, eles abandonariam a cidade com poucos defensores. Então os trinta mil homens emboscados efetuariam a destruição da cidade e a incendiariam. Ver as notas sobre o terceiro versículo deste capítulo, quanto aos planos de batalha, conforme entendem alguns intérpretes. Ver os versículos 10 e 11 deste capítulo quanto às ações do segundo contingente, encabeçado por Josué. Esse contingente repetiria mais ou menos o que se fizera no primeiro ataque contra Ai, quando os atacantes não se tinham dividido em três segmentos. Ver Jos. 7.4,5. Assim, ao que parece, tal como no primeiro caso, um numeroso grupo de soldados israelitas simplesmente se aproximaria de Ai, sem fazer grande coisa. Mas havia outros dois contingentes de soldados israelitas, acerca dos quais Ai nada sabia, e que os apanhariam de surpresa.

8.6

Deixemo-los, pois, sair atrás de nós. A reação natural dos defensores de Ai seria perseguir aquele exército que, ao que tudo pareceria, depois de ter avançado até perto da cidade, havia resolvido recuar, como se a debilidade do primeiro ataque contra Ai se estivesse duplicando, conforme se lê no sétimo capítulo de Josué. Os versículos 14 em diante deste capítulo explicam como tudo aconteceu segundo havia sido planejado.

8.7,8

Havendo vós tomado a cidade, por-lhe-eis fogo. O contingente de Israel posto de emboscada, composto pelos trinta mil homens (vss. 3 e 4) ou pelos cinco mil homens (vs. 12), apanharia os perseguidores de surpresa, tomando a cidade que tinha sido abandonada por seus defensores. E assim, enquanto os defensores de Ai estivessem perseguindo o corpo armado-chamariz de Israel, comandado por Josué, quando olhassem para trás, veriam, consternados, que a sua cidade tinha sido incendiada. Eles saberiam assim que todos os seus entes queridos, mulheres e crianças, estavam mortos, pois a última coisa que poderia acontecer é que os soldados de Israel tivessem misericórdia deles.

A Batalha Era de Yahweh. Uma vez mais foi enfaticamente asseverado que Yahweh tinha baixado as Suas ordens; a batalha era Dele, e as Suas ordens de comando precisavam ser seguidas à risca. A vitória que seria assim obtida seria Dele. Ver sobre guerra santa (guerra dirigida pelo poder e pelo planejamento do Senhor), em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

8.9

Eles se foram à emboscada; e ficaram entre Betei e Ai, ao ocidente de Ai. No quarto versículo deste capítulo lemos que a emboscada deveria ficar "por trás" da cidade; e agora é dito que essa posição ficava no ocidente. Os homens enviados por Josué como uma emboscada aproximaram-se da cidade vindos do oriente; então acabaram estacionados a oeste da cidade. Isso era entre Betel e Ai. Ali permaneceram a noite inteira, esperando pelo "ataque" comandado por Josué, vindo da parte do oriente. Mas esse ataque era apenas um chamariz, e não um ataque verdadeiro.

Os intérpretes, entretanto, não conseguem concordar se a tropa posta de emboscada consistia nos trinta mil homens, ou se devemos pensar nos cinco mil homens referidos no versículo 12 deste capítulo. Todo esse problema é discutido nas notas expositivas sobre o terceiro versículo. Os críticos, por sua parte, pensam que duas fontes informativas da narrativa foram entrelaçadas, pelo que não concordam em todos os seus detalhes. Mas outros, conforme já pudemos mostrar, pensam em três contingentes diferentes de soldados de Israel — um grupo-chamariz, e dois grupos postos de emboscada. Também destaquei isso nas notas expositivas sobre o terceiro versículo deste capítulo. Ver os vss. 2, 3, 7, 12, 19 e 21 quanto à emboscada, que consistiria em um ou dois contingentes.

8.10

Levantou-se Josué de madrugada. Josué contou os seus homens, que ele encabeçaria como uma tropa-chamariz, fingindo um "ataque" frontal contra a cidade de Ai. Não somos informados nas Escrituras sobre quantos seriam esses homens.

Os anciãos de Israel. O mais provável é que esses não fossem autoridades civis, e, sim, oficiais militares. O acampamento dos filhos de Israel ficava em Gilgal, pelo que a marcha, provavelmente, teve início ali. Ver Jos. 4.19; 5.9 e 9.6. Isso ficava a cerca de oito quilômetros a nordeste de Jericó. Mas Ai ficava a cerca de trinta e seis quilômetros a oeste de Gilgal. Isso posto, o grupo do exército de Israel, comandado diretamente por Josué, pouco precisou marchar, pelo que iniciaram essa marcha pela manhã.

8.11

E vieram defronte da cidade. O grupo comandado diretamente por Josué aproximou-se da cidade de Ai. Eles pararam em uma profunda ravina situada entre duas colinas; e foi ali que se acamparam. Os rabinos chamam esse lugar de Halacá. O inimigo, entrincheirado em Ai, podia olhar para o acampamento desse grupo de soldados, que, postado em nível bem mais baixo do que a cidade, seria mais facilmente identificado como um chamariz para as atenções dos defensores de Ai.

8.12

Tomou também uns cinco mil homens. Um terceiro grupo armado, com cinco mil homens, também foi estacionado a oeste da cidade de Ai, presumivelmente com o propósito de deter qualquer tentativa de escape na direção de Betei. Se esse raciocínio está correto, então o exército defensor de Ai de súbito viu-se frente a frente com dois contingentes armados de Israel, no campo, ao mesmo tempo que um terceiro contingente estava ocupado a destruir, matar e despojar a cidade que os homens de Ai tinham abandonado a fim de perseguir o contingente dirigido por Josué. Todavia, alguns estudiosos pensam que o grupo de cinco mil homens era o mesmo grupo de trinta mil homens referidos no terceiro versículo deste capítulo, supondo que tivesse havido um erro de numeração, perpetrado por copistas, em algum manuscrito muito antigo. Ver sobre essas questões nos comentários do terceiro versículo.

Devemos observar que tanto os trinta mil quanto os cinco mil homens de Israel estavam estacionados a ocidente de Ai. Isso poderia sugerir que eles formassem um único grupo, embora não necessariamente. Jarchi e Kimchi, entretanto, pensam que esse grupo, referido neste versículo, representa um terceiro contingente de tropas israelitas, e também que eles estavam estacionados mais perto da cidade do que os trinta mil homens. A Septuaginta (tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, terminada em cerca de 200 A. C.) afirma que a força principal estava a leste da cidade; mas isso parece ir contra toda a estratégia de Josué.

8.13

E foi Josué aquela noite até ao meio do vale. Josué e seus homens exibiram-se à vista das forças defensoras de Ai e, mediante esse ato, como que disseram: "Venham apanhar-me!", açulando o adversário. A reação dos defensores de Ai foi imediata. O chamariz deu certo. O inimigo pôs-se a perseguir Josué e seus homens, correndo assim para dentro da emboscada que tinha sido armada contra eles. Josué e suas tropas deixaram a ravina profunda e foram para um lugar mais amplo e mais exposto do vale.

8.14

Ele não sabia achar-se contra ele uma emboscada atrás da cidade. O rei-general da cidade de Ai viu Josué e suas tropas no vale, e atirou-se contra eles, no afã de liquidar o maior número possível do inimigo. Levou consigo uma considerável força armada, deixando apenas um pequeno contingente para guardar a cidade. Desse modo, Ai não foi capaz de resistir aos trinta mil homens de Israel que, de súbito, desceram contra ela, vindos de outra direção. Todos os habitantes humanos foram mortos, sem uma única exceção. Mas os animais domesticados e os bens materiais foram tomados como despojos pelos soldados de Israel, que assim receberam um bom "salário", por sua tarefa de matança. Ver Jos. 8.2 quanto à permissão para os homens de Israel tomarem despojos, contra a ordem que governara o ataque inicial contra a cidade (ver Jos. 7).

8.15

... se houveram como feridos diante deles. De acordo com o combinado, Josué e suas tropas fingiram-se derrotados, fazendo o rei de Ai acreditar que isso era um fato. "Fugiram pelo caminho do deserto. Não está em pauta algum deserto estéril, pois, de acordo com Kimchi e Ben Meleque, era um lugar de pasto para o gado, embora talvez uma continuação do deserto de Bete-Áven (18.12)" (John Gill, *in loc.*). Epifânio (*Cont. Her.* 1, vol. 2) ajuntou que tanto o deserto de Betei quanto o deserto de Efraim ficavam perto de Jericó.

8.16

Todo o povo. O termo "todo", aqui usado, deve ser entendido comparativamente. O rei-general de Ai deixou na sua cidade poucos homens para a sua defesa. Ou, então, em seu entusiasmo para aniquilar com o inimigo, ele, de fato, talvez tenha levado consigo todos os seus homens de guerra. E assim, a cidade ficou sem nenhuma proteção. O rei de Ai não queria assumir nenhum risco, porquanto viu um grande exército estacionado diante da cidade, no vale. Ele calculou mal as forças adversárias, e isso constituiu um erro fatal.

8.17

Nem um só homem ficou em Ai. Essa afirmação é enfática. Essas palavras querem dizer que não ficou soldado de Ai que não tivesse saído em perseguição a Josué e suas tropas. Os idosos e os enfermos, naturalmente, não saíram à caça dos israelitas. Portanto, ficaram em Ai as mulheres, as crianças e homens incapazes de defender a cidade. Eram "alvos fáceis". E logo trinta mil bem-treinados soldados israelitas estavam a aniquilá-los violentamente, enquanto os soldados de Ai estavam no vale, sofrendo a mesma sorte.

Nem em Betel. Essas palavras não aparecem na Septuaginta, e alguns críticos textuais supõem que isso represente o texto original. Entretanto, podemos admitir que essas palavras foram apagadas por copistas posteriores, perplexos diante do fato de se acharem no texto, pois Betel não era o alvo do ataque. John Gill (*in loc.*), entretanto, falava em uma confederação formada por Ai e Betel, contra Israel. Esses dois lugares ficavam afastados um do outro somente três quilômetros, e isso favoreceria uma confederação. Nesse caso, é estranho que o livro de Josué nada diga sobre a destruição de Betel, nessa oportunidade, o que teria sido um resultado natural de tal confederação. Josué, sem dúvida, achava-se em condição de também conquistar Betel, se todos os seus defensores a tivessem deixado, somente para serem mortos juntamente com os homens de Ai, no vale.

O rei-general de Ai, em sua pressa para dizimar Israel, chegou a deixar abertos os portões da cidade. E isso facilitou mais ainda o subseqüente aniquilamento dos habitantes impotentes que ali ficaram.

Betel. Ver a respeito no *Dicionário*. Visto que essa cidade é aqui mencionada, isso talvez confirme a teoria de alguns intérpretes de que Betel e Ai fossem um único lugar. Ai tinha sido deixada em ruínas, desde cerca de 2200 A. C., e nunca mais foi reconstruída; os seus habitantes, conforme tudo faz crer, foram-se para Betel. Ou então, conforme alguns estudiosos supõem, eles construíram uma nova cidade de Ai, que a arqueologia ainda não pôde encontrar. Ou ainda, talvez, o intuito do autor sacro seja dizer-nos que soldados de Betel vieram ajudar os homens de Ai, na ocasião sobre a qual estamos tratando.

8.18

Estende a lança que tens na mão. O gesto de obliteração. Yahweh ordenou que Josué fizesse um ato semelhante àquele de Moisés, ao levantar a vara por ocasião da travessia do mar de Juncos (ver a respeito no *Dicionário*). Josué estendeu sua lança na direção de Ai, e assim tornou-a herem (ver Jos. 6.17) a Yahweh, ou seja, algo dedicado em holocausto. Cf. também Êxo. 17.8-16. Esse gesto indicava uma maldição divina, absolutamente fatal para todos os habitantes da cidade. O cálice da iniqüidade daquele povo estava repleto, afinal (ver Gên. 15.16), e o território passava agora para as mãos de um povo diferente.

É Deus que determina às nações as suas fronteiras nacionais, bem como o tempo em que os povos ocuparão seus respectivos territórios (ver Atos 17.26). O dia de Ai havia terminado, abrupta e violentamente. E havia começado o dia de Israel, embora tivesse de terminar, por igual modo, nos cativeiros; e isso, pela mesma razão: a iniqüidade. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro* (*Cativeiros*).

Alguns estudiosos supõem que a lança de Josué tivesse alguma espécie de pendão, ou coisa parecida, e que o gesto feito por Josué foi um sinal para os trinta mil israelitas emboscados lançarem o seu ataque. Assim explicaram a questão tanto Abarbinel quanto Ben Meleque.

8.19

Então a emboscada se levantou. Os trinta mil homens emboscados de Israel se haviam ocultado no lado ocidental da cidade de Ai. Entendendo o gesto de Josué (ver o versículo anterior) como uma ordem de ataque, eles saíram de seus esconderijos e desfecharam o ataque. Começou prontamente a missão de matar e incendiar da qual estavam encarregados. Encontraram Ai sem defesa, e ofereceram a cidade como um holocausto a Yahweh. O toque final consistiu em incendiar tudo quanto havia na cidade. O fogo e a fumaça serviram de sinal, a Josué, de que se obtivera total triunfo contra a cidade, e isso, por sua vez, significava que a batalha no vale tinha de começar, a fim de completar a matança do dia. Foi o fogo do Senhor (ver as notas sobre o versículo oitavo deste capítulo), porque por Sua ordem houve tal destruição de vidas e de coisas materiais.

8.20

Virando-se os homens de Ai para trás. Os supostos fugitivos repentinamente transformaram-se em atacantes. Nada nos é dito sobre as ações dos cinco mil homens adicionais de Israel (vs. 12), mas os intérpretes costumam falar sobre um movimento de pinça ocorrido no vale, supondo que os homens armados de Ai tivessem sido apanhados entre duas forças de Israel. Eles olhavam, desesperados, para o fumo que subia de sua cidade incendiada, sabendo perfeitamente que todos os seres humanos da cidade tinham sido mortos, e que nenhum deles havia sobrevivido. E, logo em seguida, tiveram de enfrentar seu próprio desespero pessoal no vale. Entrementes, o incêndio despertou o júbilo por parte dos homens de Israel. Outra grande vitória tinha sido obtida. A guerra santa mostrou-se um grande sucesso, tal como havia sucedido com Jericó. A parte ocidental da Terra Prometida estava praticamente conquistada.

8.21,22

Vendo Josué e todo o Israel. O vale fronteiro a Ai tornou-se um palco de matança, quando Josué e seus homens voltaram-se e atacaram os soldados de Ai. E estes, já havendo perdido praticamente tudo, provavelmente nem tiveram ânimo para oferecer maior resistência. As tropas de Israel que haviam destruído a cidade nada mais tinham de fazer, pelo que uma boa parte delas também deve ter-se lançado ao vale, a fim de ajudar Josué a terminar com o exército de Ai. Todavia, nada nos é dito sobre a participação possível dos cinco mil homens de Israel, referidos no versículo 12 deste capítulo, o que pode servir de fator favorável à interpretação de que o grupo emboscado de cinco mil homens e o grupo emboscado de trinta mil homens formavam um só contingente, talvez dividido em dois corpos, por uma pequena distância um do outro. Ver as notas expositivas sobre o terceiro versículo deste capítulo, quanto a tais especulações.

8.23

Ao rei de Ai tomaram vivo. O rei-general de Ai foi poupado na batalha e foi levado com vida à presença de Josué. Seu destino, que se consumaria algumas horas mais tarde, foi ser enforcado e pendurado em uma árvore, até o entardecer. Foi um fim especialmente brutal, servindo de emblema da vitória de Israel, de modo que todos os israelitas se regozijassem diante da cena sangrenta (vs. 29). "Pouparam-no, mas somente para reservar para ele uma morte ainda mais vergonhosa" (John Gill, *in loc.*).

Alguns intérpretes têm retrocedido diante da descrição, não conseguindo reconciliar o Deus de amor com cenas de carnificina dessa ordem. O Novo Testamento, porém, vem em nosso socorro.

8.24

Todo o Israel voltou a Ai e a passaram ao fio da espada. Isso depois de terem sido mortos todos os homens de Ai que foram encontrados "no campo e no deserto". Foi uma operação de "limpeza". Todos os habitantes de Ai receberam o mesmo tratamento — mulheres, crianças e pessoas de idade — todos foram executados. A guerra santa era guerra de extermínio.

8.25

Foram doze mil. A contagem dos corpos mostrou que a população completa de Ai consistia em doze mil pessoas. E nenhum único indivíduo foi deixado com vida, excetuando, momentaneamente, o rei-general da cidade. Mas logo ele receberia a mesma sorte de todos os seus súditos, conforme já vimos, e ainda veremos no vs. 29, onde a informação a respeito dele é reiterada, com alguns detalhes.

Não somos informados nas Escrituras a respeito de quantos homens Israel perdeu; mas foram tão poucos, sem dúvida, que esse detalhe não foi digno de ser mencionado. Doze mil pessoas, como havia em Ai, era uma população relativamente pequena, e isso é confirmado pela palavra de Jos. 7.3: "porque são poucos os inimigos".

8.26

Porque Josué não retirou a mão. Não houve nenhum sinal de misericórdia. Não foram feitos prisioneiros de guerra. A "espada de Josué" continuou cortando e decepando, até que nenhum ser humano de Ai restou com vida. Este versículo fornece uma breve, mas arrepiante descrição daquilo que o versículo anterior aponta somente como dado estatístico. Cf. a matança efetuada por ordem de Moisés, em Êxodo 17.12,13.

8.27

Saquearam... o gado e os despojos. Este versículo repete as informações dadas em Josué 8.2. Foi permitido aos soldados israelitas tomar despojos. Eles tinham feito um bom trabalho naquele dia, e mereciam receber um salário. Isso era contrário às regras normais que prevaleciam nas guerras santas (ver Deu. 7.1-5), sendo medida permitida somente para cidades que ficavam fora das fronteiras de Israel (ver Deu. 10.10-18). Não sabemos dizer por que foi aberta essa exceção. Por esse motivo, Yahweh recebeu um herem reduzido (ver Jos. 6.17). Mas este versículo deixa claro que o próprio Yahweh permitiu a exceção, contentando-se com um herem reduzido. Acã tinha sido executado por haver tomado despojos. Se ele não tivesse sido apressado, compartilharia dos despojos por ocasião do segundo ataque contra Ai.

8.28

A um montão, a ruinas até ao dia de hoje. Temos aqui o perene montão. A palavra aqui usada, no original hebraico, é tell, que significa, tecnicamente, na arqueologia, um cômoro, uma colina feita pelo homem, no espaço de gerações sucessivas, onde ele habita, e onde algumas descobertas têm sido feitas. Essa disciplina informa-nos que, em cerca de 2200 A. C. (antes da época de Josué, por conseguinte), Ai já era um montão de escombros. Os arqueólogos, por isso mesmo, continuam em busca da outra Ai, que deve situar-se em algum lugar das vizinhanças. Alguns eruditos afirmam que está em pauta a cidade de Betei, neste texto, visto que os habitantes originais se mudaram para Betei, após a destruição da Ai original. Quanto a detalhes sobre essas questões, ver as notas de introdução ao capitulo 7 do livro de Josué, onde ofereci várias soluções que têm sido propostas pelos estudiosos.

Ai Nunca Mais Seria Edificada. Isso a exemplo de Jericó. E também fica assim ilustrado o poder de Yahweh de reduzir tudo a mero herem. Quando o autor sagrado escreveu a narrativa, tinha consciência do cômoro ali existente, sendo provável que o tenha visto pessoalmente.

Ai era chamada de "ruina" (Ha'ai, ou seja, Ai). Onde doze mil seres humanos tinham vivido, amado e cultivado suas esperanças, restava agora escombros poeirentos, com ossos por baixo.

8.29

Ao rei de Ai. Ao rei-general de Ai estava reservada uma morte vergonhosa. Não somos informados sobre como ele foi morto; mas o mais provável é que ele tenha sido assassinado à espada. Ato contínuo, seu cadáver foi pendurado em uma árvore, para ser sujeitado ao ridículo. É como se o cadáver transmitisse esta mensagem: "Eis o que acontece ao homem que se opõe a Israel". Ver os trechos de Jos. 10.26 e Deu. 21.22 quanto a essa prática antiga. A lei de Deuteronômio 21.23 proibia que um cadáver ficasse exposto para além do fim do dia, o que, entre os judeus, dava-se às 18 horas, de acordo com o costume moderno. Mas isso representava uma lei posterior. É provável que, originalmente, um cadáver ficasse exposto até apodrecer (ver II Sam. 21.9). No caso presente, o corpo do rei de Ai foi tirado da árvore antes do cair da noite, sendo lançado ao que fora a entrada de Ai, e sepultado sob uma pilha de pedras, formando assim mais um memorial de pedras. A Septuaginta diz aqui "em uma cova", mas por certo essa é uma informação incorreta. O autor sagrado tinha conhecimento da pilha de pedras, e talvez até a tenha visto. Cf. os outros memoriais feitos de pilhas de pedras, em Jos. 4.3,9 e 7.26. Cada incidente memorável era assim assinalado, a fim de perpetuar o acontecido para as gerações seguintes. Ver Jos. 4.6,21.

"Essa forma de sepultamento era outra maldição, uma seqüela apropriada ao fato de o individuo ter sido pendurado em uma árvore" (Ellicott, *in loc.*).

"Entre os romanos, a árvore onde um criminoso fosse enforcado era chamada de arbor infeliz, ou *lignum infeiix*, isto é, árvore ou lenho infeliz.

Um Altar é Erigido no Monte Ebal (8.30-35)

8.30,31

Então Josué edificou um altar. Há fortes evidências de que os arqueólogos encontraram esse preciso altar, recentemente. Há um artigo sobre o assunto, no *Dicionário*, intitulado *Altar de Josué*. Além destes dois versículos, ver também Deu. 27.5. As instruções baixadas em Deu. 11.29,30 e 27.2-8,11-14 foram agora cumpridas, conforme os versículos 30-35 deste capitulo nos dizem. Segue-se uma lista de bênçãos e maldições. Embora não tenha sido usado o vocábulo, a cerimônia representou uma ratificação do pacto (cf. Jos. 24.19-27 e Êxo. 23.3-8). Os vss. 30-35 deste capitulo leem como paralelo o trecho de Jos. 24.1-28.

No monte Ebal. Ver a respeito no *Dicionário*. Hordiernamente, esse monte chama-se Jebel Eslamiyeh, e se ergue bem ao norte de Nablus. O Pentateuco Samaritano, em Deu. 27.4, diz Gerizim, em lugar de Ebal, mas essa foi uma modificação feita a fim de propagar a noção dos samaritanos de que o monte Gerizim era o lugar santo, perpetuamente. Em nossos dias, o monte Gerizim é chamado Jebel et-Tor, e fica defronte do monte Ebal. O altar ali erigido era feito de pedras não-lavradas (ver Deu. 27.5,6; Êxo. 20.25,26). Tomou-se um lugar de oferendas feitas a Yahweh e, provavelmente, permaneceu um santuário por muito tempo em seguida. Era um altar de ação de graças e de adoração. Mediante a ajuda conferida por Yahweh, Israel muito havia avançado, desde que saira do Egito, e agora estava começando a apossar-se da Terra Prometida.

Josué Guiou Israel em uma Peregrinação Espiritual. Essa peregrinação teve inicio antes de a conquista da Terra Prometida ter prosseguimento, porque assim ditavam as ordens emanadas através de Moisés (ver Deu. 27.1-8). Os filhos de Israel, com tudo quanto possuiam, deixaram Gilgal e encaminharam-se na direção norte, pelo vale do rio Jordão, até o monte Ebal, que fica perto de Siquém. A marcha cobriu uma distância de cerca de quarenta e oito quilômetros. Foi uma marcha pacífica, pois, por enquanto, nenhuma batalha fora ferida. O que Josué fez pode ter parecido uma tolice, pela ótica da arte militar; mas foi espiritualmente proveitoso.

Sobre ele ofereceram holocaustos. Ver Lev. 1.3-17 e, quanto a notas ainda mais expandidas, ver Lev. 6.9-13.

Apresentei um gráfico ilustrativo dos muitos tipos de oferendas que havia no sistema levitico, nas páginas imediatamente anteriores à exposição sobre Levitico. 1

Os Falsos Deuses dos Cananeus. As divindades imaginárias de Jericó e de Ai tinham caido juntamente com os seus adoradores idólatras, e agora o yahwismo estava fazendo significativos avanços na Terra Prometida. A nação de Israel **proclamava** publicamente a sua fé em Yahweh, através desses sacrificios e oferendas.

8.32

Escreveu ali em pedras uma cópia da lei. Laboriosamente, Josué inscreveu a lei mosaica (provavelmente os *Dez Mandamentos)* sobre pedras, enquanto Israel contemplava a tudo, de modo aprovador. Era a lei que fazia Israel tornar-se uma nação distinta. Ver as notas expositivas sobre Deu. 26.19. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Obediência*, como também Deu. 32.46 e suas notas expositivas.

Poder-se-ia entender, com base no presente versículo, que a inscrição da lei foi feita sobre o próprio altar de pedras, mas o trecho de Deuteronômio 27.1-4 refere-se a pedras empilhadas especialmente com o propósito de receber a inscrição. Além dos Dez Mandamentos (ver a respeito no *Dicionário)*, é provável que também tenham sido inscritas as bênçãos e as maldições (que aparecem em seguida), naquelas pedras (conforme afirmou Ben Gersom).

"Os arqueólogos têm descoberto colunas ou esteias com inscrições similares, entre 1,80 m e 2,40 m de altura, em vários pontos do Oriente Próximo e Médio. E a inscrição de Behistun, no Irã, tem três vezes o tamanho do livro de Deuteronômio" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

8.33

Monte Gerizim... monte Ebal. Eram dois picos gêmeos, e a localização deles oferecia um modo fácil de separar o povo de Israel em dois grupos, imitando o que Moisés tinha feito em uma ocasião anterior. Ver Deu. 27.12.0 propósito da cerimônia era ilustrar de maneira gráfica as bênçãos (por uma parte) e as maldições (por outra parte). Os hebreus estariam sempre entre essas duas possibilidades, tudo dependendo de como se comportassem diante da lei de Moisés: em obediência ou em desobediência.

No monte Gerizim reuniram-se as tribos de Simeão, Levi, Judá, Issacar, José (Efraim e Manassés) e Benjamim.

No monte Ebal, por sua vez, reuniram-se as tribos de Rúben, Gade, Aser, Zebulom, Dã e Naftali. Ver as notas expositivas sobre Deu. 27.12,13.

8.34

Depois leu todas as palavras da lei. É provável que isso aluda às bênçãos e às maldições listadas por extenso em Deuteronômio 27.12-26, porquanto a cerimônia anterior, presidida por Moisés, agora estava sendo repetida. Podemos supor, igualmente, que houvesse outra ratificação dos pactos Mosaico e Palestino. Quanto a esses dois pactos ver, respectivamente, a introdução ao capitulo 19 do livro de Êxodo e a introdução ao capitulo 29 de Deuteronômio. Tanto as bênçãos como as maldições dependiam totalmente da lei mosaica, sendo análogas a mandamentos específicos, de natureza positiva ou negativa.

8.35

Para toda a congregação de Israel. A comunidade inteira de Israel fez-se presente, incluindo as mulheres, as crianças e até os estrangeiros que se tinham convertido ao yahwismo. Josué não se esqueceu de coisa alguma, e não negligenciou nenhum dos preceitos ordenados por Moisés. Cf. Êxo. 24.7, onde somos informados que Moisés "tomou o livro da aliança, e o leu".

Não obstante, "é trágico que as afirmações daquelas horas momentosas tenham sido olvidadas tão rapidamente" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

Capítulo Nove

O Logro dos Gibeonitas (9.1-27)

Os gibeonitas, tendo pleno conhecimento da potência militar em que Israel se havia transformado, procuraram salvar a própria pele mediante um tratado. Eles fingiram ter vindo de um país distante, e assim conseguiram enganar os filhos de Israel. Quando o golpe astucioso foi descoberto, Israel viu-se forçado a honrar o acordo firmado. O resultado foi que os gibeonitas não foram destruídos, mas apenas reduzidos à servidão, tendo de ocupar-se dos trabalhos braçais mais humildes. Posteriormente, porém, muitos gibeonitas tornaram-se servos do templo, em Jerusalém. Ver II Sam. 21.2. Assim sendo, embora Israel não tenha podido efetuar todas as determinações da guerra santa (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18), eles se beneficiaram do trabalho gratuito prestado pelos gibeonitas. As circunstâncias não chegaram a impedir a conquista da Terra Prometida, que era a questão que realmente estava em jogo.

A Campanha do Sul. Antes mesmo do começo da invasão da parte ocidental da Terra Prometida (à margem direita do Jordão), já havia sido tomada a parte *oriental,* ou seja, a Transjordânia (ver a respeito no *Dicionário*), pelas tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés. Ver Núm. 32.31 ss. e 34.14,15 quanto à história. Então a atenção de Israel voltou-se para o *ocidente.* Cruzando o rio Jordão, Israel conquistou Jericó e Ai. Sem dúvida alguma, outros lugares foram conquistados no ocidente, os quais o autor sagrado não se importou em mencionar. Ver a destruição das cidades de Jericó e Ai nos capítulos quinto a oitavo do livro de Josué. Agora, a atenção de Israel voltou-se para a região sul da Terra Prometida. Os capítulos nono e décimo descrevem a campanha militar do sul. O nono capítulo refere-se à circunstância do pecado cometido com os gibeonitas, enquanto o capítulo décimo apresenta detalhes concernentes a algumas das batalhas efetuadas na região sul da Terra Prometida.

Muitos intérpretes supõem que aquilo que aconteceu no tocante a Gibeom não tenha sido mesmo o melhor que poderia ter sucedido, pois o melhor teria sido a guerra santa. Parte dessa interpretação é a suposição de que a nação de Israel, tendo alcançado grandes vitórias, não estivesse atenta, mas deveria ser esperta o bastante para evitar a aliança. A grande questão é por que eles acharam necessário honrar o pacto feito com os gibeonitas, visto que este tinha sido forçado sobre eles por meio de um logro.

9.1

Ouvindo isto todos os reis, que estavam daquém do Jordão. A resistência generalizada ao avanço de Israel, da parte de vários pequenos reis, incluiu os povos aqui mencionados; e sobre cada um deles há artigos no *Dicionário.* Nada menos que *sete nações* tinham de ser expulsas do território da terra de Canaã. Ver os comentários em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. A lista que figura neste versículo corresponde à relação de Deu. 7.1, embora sejam omitidos os girgaseus. As autoridades judaicas supõem que essa omissão se deva à natureza insignificante dos *girgaseus,* que eram poucos em número. Alguns manuscritos da Septuaginta adicionam o nome desse povo, mas isso é apenas uma glosa.

"Os reis *daquém,* ou seja, da parte 'ocidental' (ver 5.1) do Jordão, foram agrupados de acordo com as áreas geográficas que compreendem a maior parte da Palestina: a *região montanhosa* (ou seja, a serra montanhosa central); as *terras baixas* (ou seja, a Sefelá; ver Jos. 10.40); e a *planície costeira,* que se estendia para o norte, chegando até o Líbano" (John Bright, *in loc.*).

As *causas más* têm uma maneira toda especial de atrair certa *unidade de propósitos* que lhes confere uma aura de respeitabilidade, e até de razão. Com freqüência as causas boas são deixadas em estado de desorganização. Foi por esse motivo que poderosas confederações de povos cananeus se formaram tanto no sul quanto no norte da Terra Prometida, na tentativa de impedir o avanço dos hebreus.

9.2

... se ajuntaram eles de comum acordo. Temos aí a *unidade em torno da perversão; unidade em torno do poder; unidade em torno de certos propósitos.* A resistência organizada, por parte de seus adversários, custou a Israel muitas vidas, e chegou até a impossibilitar o completo cumprimento da conquista da Terra Prometida. Somente durante o reinado de Salomão todo o território prometido a Israel passou para o controle de Israel. Há certa solidariedade em torno das causas más. Embora antes tivessem sido inimigos figadais, Pilatos e Herodes tornaram-se amigos a fim de se oporem a Jesus e às Suas reivindicações (ver Lucas. 23,12).

9.3

Os moradores de Gibeom. Os versículos 13 a 15 deste capítulo informam-nos que os *gibeonitas* não tomaram parte na aliança de resistência a Israel, mas preferiram uma abordagem diferente para o problema. Eles enganaram Israel e assim conseguiram assinar um pacto com o povo de Deus. Ver as notas de introdução ao presente capítulo. Emissários, disfarçados de modo a parecerem ter vindo de um país distante, fizeram uma viagem até Gilgal, com ludíbrio no coração. A cidade de Gibeom, modernamente *ej-Jib,* fica a apenas dez quilômetros a noroeste de Jerusalém, e a cerca de onze quilômetros a sudoeste de Ai.

Gibeom. Ver o artigo detalhado sobre essa localidade, no *Dicionário.* Também apresento ali um detalhado artigo sobre os *Gibeonitas.* Gibeom tornou-se conhecida como uma importante cidade (ver Jos. 10.2), sendo cabeça de uma pequena confederação que incorporava várias cidades circunvizinhas (Jos. 9.17). Na divisão do território, essa área tornou-se propriedade de Benjamim (ver Jos. 18.25) e mais tarde foi entregue aos sacerdotes (ver Jos. 21.17). Os gibeonitas eram parte dos heveus, conforme somos informados no versículo sétimo deste capítulo.

9.4

Usaram de estratagema. O Grande Ludíbrio. Os gibeonitas apresentavam um terrível aspecto; todo o equipamento deles estava desgastado, velho e sujo; seus odres de águas estavam estragados. Eles formavam um triste espetáculo, e pareciam ter caminhado por centenas de quilômetros a fim de entrevistarem Josué e fazerem com ele um pacto, em vez de terem de enfrentar os horrores de uma guerra santa (comentada em Deu. 7.1-5 e 20.10-18). Aquela foi uma ocasião em que ter um mau aspecto serviu de grande ajuda. Os gibeonitas foram salvos por causa de sua aparência tão digna de comiseração. "Por muitas vezes, aqueles que são motivados pelos seus próprios interesses usam máscaras e disfarces realmente estranhos. Jesus referiu-se a esses como lobos vestidos em peles de ovelhas. Não podemos confiar na aparência das pessoas e das coisas. Nem sempre podemos julgar a partir da aparência" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). Carl Jung ensinou que a maioria das pessoas usa, de continuo, uma máscara, a qual esconde de quem realmente elas são. A *persona* que vemos não é a verdadeira pessoa. Usualmente, o próprio indivíduo engana a si mesmo, e somente através dos sonhos, das visões e de outras experiências místicas é que a pessoa descobre o seu próprio "eu". O homem identifica-se com a sua "máscara", perdendo de vista a sua própria personalidade. Ele se tornou um ator, dentro de um sonho, e não mais uma pessoa genuína, dotada de discernimento espiritual.

9.5

Sandálias velhas... roupas velhas... O disfarce era, realmente, elaborado. Eles chegaram em trapos, em frangalhos. E as provisões de boca que traziam estavam praticamente estragadas. O caminho da maldade é esperto e astuto. É conforme alguém já disse: "Satanás chega com um belo terno e com gravata branca". Algumas vezes, os assaltantes das ruas vestem-se bem, para poderem enganar melhor as suas vítimas, as quais apanham descuidadas. No caso dos gibeonitas, entretanto, o ato foi exatamente o oposto. O velho e o estragado serviram de artifícios para enganar.

9.6

Chegamos duma terra distante. Os lugares fora das fronteiras da Palestina não eram alvos da guerra santa movida por parte de Israel, e os hebreus tinham permissão de entrar em acordos de paz com esses povos. Ver Deu. 20.15,16. Parece que o texto sagrado nos está dizendo que os gibeonitas sabiam dessa permissão e dela tiraram proveito. Eles apresentaram-se como indivíduos que chegaram de um lugar remoto, mas a verdade é que tinham caminhado somente cerca de dez quilômetros! No começo. o ardil ainda deu motivos de suspeita (vss. 7 e 8), mas o drama muito astuto acabou convencendo Josué (vs. 15).

9.7

Hebreus. Ver sobre esse povo, em Gên. 10.17 e suas notas expositivas. O presente versículo revela-nos que os gibeonitas pertenciam a esse grupo étnico. Josué até suspeitou estar sendo ludibriado, tendo-os reconhecido como um dos

povos do território, que "habitavam" entre os demais; mas os gibeonitas foram capazes de anular essa impressão original e correta, com uma contínua argumentação.

Os gibeonitas, na verdade, eram descendentes remotos de Canaã, filho de Cão (ver Gên. 10.17). Talvez os heveus também fossem horeus. Em Gên. 36.2, Zibeão é chamado de "heveu", mas em Gên. 36.20 é chamado de "horeu". É possível que esses dois povos fossem aparentados próximos.

Porventura habitais no meio de nós. Vemos aqui que os israelitas já estavam falando na Terra Prometida como pertencente a eles, e também como se os povos cananeus é que habitassem "entre eles". Os israelitas tinham sido proibidos pelo Senhor de entrar em pacto com qualquer dos cananeus que habitassem a Terra Prometida (ver Deu. 7.2).

9.8

Quem sois vós? Donde vindes? Josué exigiu que eles se identificassem, dizendo também de onde tinham vindo. As mentiras que se seguiram, porém, convenceram-no de modo contrário à sua impressão original e à sua intuição (ver o vs. 7). Os gibeonitas atuaram "em meio a grande humildade mental" (John Gill, *in loc.*), mesmo porque corriam perigo de vida. Estavam prestes a tornar-se escravos; mas preferiam isso a ter de enfrentar a guerra santa. "Homens bons com freqüência são apanhados pela astúcia do mal" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). Os gibeonitas falaram habilmente, com uma mistura de verdades, mentiras e hipocrisias.

9.9

Teus servos vieram duma terra mui distante. Os gibeonitas mantiveram a sua astuciosa armadilha, tentando tocar em um ponto sensível de Josué, mediante uma menção favorável a *Yahweh-Elohim*, o Eterno Todo-Poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Naturalmente, em última análise, eles terminaram realizando trabalhos braçais no templo e até se converteram ao yahwismo. Os versículos nono e décimo contêm alguma verdade, que os gibeonitas misturaram com inverdades, pois estavam agindo de forma hipócrita. Na verdade, eles tinham ouvido falar sobre as vitórias de Israel, e sem dúvida estavam impressionados pelos atos de Yahweh, a quem essas vitórias eram atribuídas. O Pentateuco Samaritano dá a entender que os gibeonitas prometeram adotar a adoração a Yahweh e servi-Lo.

Quanto às obras (milagres) de Yahweh, no Egito, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pragas do Egito*, bem como o *gráfico ilustrativo* sobre a questão, nas notas introdutórias a Êxodo 7.14.

9.10

E tudo quanto fez. Talvez seja interessante observar que os gibeonitas só se referiram aos atos já distantes de Yahweh e às primeiras vitórias de Israel, a saber, aqueles no Egito e na Transjordânia, como as derrotas impostas aos reis Seom e Ogue. Ver Núm. 21.21-25, quanto a essa informação. As vitórias recentes de Israel sobre Jericó e Ai não foram mencionadas. Um povo proveniente de um "país distante" não poderia ter conhecimento da *história recente.*

9.11,12

Nossos anciãos e **todos os moradores da nossa terra.** De acordo com os gibeonitas, os sábios dentre eles lhes tinham dado bons conselhos, orientando-os quanto ao que deveriam fazer. Eles tinham viajado desde um lugar tão remoto que suas sandálias estavam estragadas e suas roupas estavam rotas; mas mesmo assim não tinham desistido de sua "nobre missão". Ao partirem, seu pão estava quentinho, mas agora estava embolorado e ressequido.

Aqueles grandes mentirosos inventaram toda a sua história, dispostos a enganar qualquer um, com suas falsas evidências. Os embaixadores gibeonitas eram realmente indivíduos pragmáticos. O que funciona é a verdade, e a verdade que interessava aos gibeonitas era escapar da guerra de extermínio movida pelos israelitas contra os habitantes da terra de Canaã.

9.13

Por causa do mui longo caminho. A fraude continuava. Os gibeonitas disseram que, ao partirem de sua terra, tinham vinho e odres de água - mas, agora, que todos vissem quão dilapidados estavam! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Odres.* As sandálias, as vestes e os odres tinham-se estragado por causa da longa jornada (imaginária). Conforme eles contaram a sua história e a aparência deles confirmava, Josué e seus conselheiros foram completamente enganados.

9.14

E não pediram conselho ao Senhor. O logro foi tão bem aplicado (como aqueles pães estavam embolorados!) que Josué nem ao menos pensou em consultar a Yahweh. Este versículo, pois, importa em uma condenação: Josué, neste ponto, deixou de exercer a sabedoria e o discernimento que Deus lhe tinha dado. Se tivesse sido consultado, Yahweh teria revelado a fraude com facilidade. Mas Josué não testou os espíritos (ver I João 4.1). Ele confiou em sua própria sabedoria, em um momento crítico, e deixou de consultar a Sabedoria Superior. "Temos uma estranha maneira de sucumbir diante dos elogios, mesmo que fingidos. A vaidade espiritual é um perigoso inimigo da fé religiosa" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Como Poderia Ter Sido a Consulta? Através das *sortes* (ver a respeito no *Dicionário*), conforme se vê em Josué 7.13 e Atos 2.26. Ou poderiam ter sido usados o *Urim* e o *Tumim* (ver a respeito no *Dicionário*).

9.15

Fez com eles a aliança de lhes conservar a vida. Esse foi o triste resultado do ludíbrio, mesmo porque Josué e seus homens deixaram de consultar o Senhor Deus. Josué acabou firmando um acordo com os habitantes de Gibeom, embora a guerra santa proibisse tal coisa (ver as notas em Deu. 7.1-5). Ver, mais especificamente, Deu. 7.2. O poder contaminador do paganismo é tão grande que Yahweh não estava aceitando riscos de ter entre os filhos de Israel remanescentes das antigas nações, por causa de sua capacidade de corromper Israel. Todavia, o resultado não foi assim tão ruim. Os gibeonitas acabaram escravos, primeiramente a serviço do tabernáculo e, mais tarde, a serviço do templo. Tornaram-se prosélitos e foram incorporados à comunidade de Israel; e também foram forçados a executar, por muitos séculos, tarefas que os israelitas não queriam desempenhar. A sujeição deles mostrou-se tão completa que nunca constituíram um problema militar. Portanto, o resultado final não foi assim *tão* negativo.

O mais provável é que o tratado entre Israel e Gibeom tenha sido celebrado mediante uma refeição comunal. Ver Gên. 31.54 e Êxo. 18.2. Sem dúvida, foram oferecidos sacrifícios, e o sangue foi derramado diante de Yahweh (ver Gên. 15.10). Foi feito um *juramento*, considerado sagrado e inviolável. Por esse motivo, mesmo depois de o logro haver sido descoberto, o pacto não foi anulado.

9.16

Ouviram que eram seus vizinhos, e que moravam no meio deles. Três dias mais tarde, alguém disse que aqueles homens, com quem os israelitas tinham entrado em acordo, eram habitantes da cidade próxima de Gibeom, que distava apenas dez quilômetros de onde os israelitas se encontravam. Não somos informados sobre como a notícia foi passada a Israel, mas isso era inevitável, pois a verdade não podia ser ocultada por muito tempo. Foi enviada uma expedição de emissários israelitas até onde os gibeonitas tinham suas cidades, a fim de confirmar ou negar a notícia que lhes havia sido dada (vs. 17).

9.17

Gibeom, Quefira, Beerote e Quiriate-Jearim. Essas eram as quatro cidades dos gibeonitas. "O lábio veraz permanece para sempre, mas a língua mentirosa, apenas um momento" (Pro. 12.19). Todas as inverdades, mais cedo ou mais tarde, acabam sendo descobertas. Mas Josué precisava ter certeza acerca dos fatos. Isso posto, enviou alguns homens de confiança para fazer uma investigação no local. Os filhos de Israel tinham sido informados de que Gibeom e suas três cidades-satélites estavam envolvidas no logro, pelo que os emissários foram enviados até ali.

Quatro Cidades. Eram as cidades que formavam a pequena confederação dos gibeonitas, as quais talvez contassem com cinqüenta mil habitantes, no máximo.

Gibeom. Ver *no Dicionário* acerca dessa cidade.

Quefira. Uma das cidades dos gibeonitas que foi entregue à tribo de Benjamim (ver Jos. 9.17 e 18.26). Parece ter sido uma vila dos heveus. A cidade continuava a existir após o cativeiro babilônico (ver Esd. 2.25 e Nee. 7.29). Estava localizada no lugar atualmente chamado de Khirbet el-Keireh, cerca de três quilômetros ao norte de Quiriate el Inabe, na estrada que vai de Jerusalém a Jope, cerca de treze quilômetros a oeste-noroeste de Jerusalém.

Beerote. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Beerote-Bene-Jaacã.*

Quiriate-Jearim. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre essa localidade.

Era impossível encobrir para sempre o esquema astucioso dos gibeonitas. Em poucos dias, tudo foi desmascarado. E então Israel precisou tirar o melhor proveito possível da situação.

As três primeiras cidades foram atribuídas à tribo de Benjamim, por ocasião da divisão da Terra Prometida, ao passo que Quiriate-Jearim ficou com a tribo de Judá (ver Jos. 15.60 e 18.25,26).

"O fato de que a porção maior do território dos gibeonitas ficou com a tribo de Benjamim explica por qual motivo Saul foi tentado a confiscar as possessões deles, com o propósito de suprir seus seguidores com campos e vinhedos (ver I Sam. 22.7). Parece que ele efetuou os seus propósitos, pelo menos no tocante a Beerote (ver II Sam. 4.2,3). Gibeom tornou-se uma das cidades entregues aos sacerdotes (Jos. 21.17) e também um dos principais lugares de adoração e sede do tabernáculo (tal como Quiriate-Jearim foi sede da arca), em tempos posteriores. Ver I Sam. 6.21; 7.1; I Crô. 20.29; II Crô. 1.3-6. O fato de que os gibeonitas dedicaram-se ao serviço do santuário pode explicar isso, pelo menos em parte. Em *Gibeom*, Salomão pediu e recebeu a sabedoria que Josué e Israel, na presente ocasião, não solicitaram" (Ellicott, *in loc.*).

9.18,19

Os filhos de Israel não os feriram. Embora Israel ansiasse por cumprir as determinações impostas pela guerra santa e por aniquilar os gibeonitas, os hebreus não atacaram nenhuma das quatro cidades dos gibeonitas, por causa do juramento e do tratado firmado com eles. Os juramentos eram considerados sagrados e invioláveis, e Israel honrou essa prática. Foi assim que Israel restringiu a possível violência, limitando-se a murmurar contra os seus próprios líderes. Dessa vez, contudo, como uma exceção, Israel tinha razão, e seus líderes estavam errados. Ver a introdução ao capítulo 11 de Números, bem como Núm. 14.22 e suas notas expositivas, quanto às murmurações de Israel, onde há certo número de incidentes históricos que foram listados e ventilados.

A Natureza Sagrada dos Juramentos. A sacralidade de um juramento neste caso tornou-se ainda mais patente, devido ao fato de que ele tinha sido feito diante de Yahweh, confirmado por um sacrifício que Lhe foi oferecido. Os guerreiros de Israel, por conseguinte, estavam impedidos de tocar nos gibeonitas. Os filhos de Israel simplesmente tinham de tirar o melhor proveito possível da situação em que se achavam. Uma situação pior seria provocar a ira do Senhor, mediante a violação do acordo com os gibeonitas e a violação do juramento feito (vs. 20). Cf. Sal. 15.4. De acordo com a mentalidade moderna, qualquer juramento arrancado por meio de engodo automaticamente torna-se nulo e sem valor, mas não era assim que os antigos hebreus viam a questão.

"Saul, quatrocentos anos mais tarde, julgou que ele mesmo e os israelitas estavam desobrigados do compromisso assumido, e, em conseqüência, oprimiu e destruiu os gibeonitas. Não obstante, foi punido como violador de um juramento e de um pacto dos mais solenes. Ver II Samuel 21.2-9 e Ezequiel 17.18,19" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.20

Conservar-lhes-emos a vida. Essa foi a decisão dos príncipes de Israel e de todo o povo israelita. A servidão, pois, tomou o lugar do aniquilamento. Dessa maneira, Israel cumpriu essencialmente o seu propósito. Os gibeonitas não tinham como oferecer resistência militar a Israel, e suas cidades foram totalmente absorvidas pelo yahwismo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escravo, Escravidão.* Ver o versículo 23 deste capítulo quanto à escravidão a que os gibeonitas foram sujeitados. A ira de Yahweh, no caso, não recaiu sobre Israel por eles terem escravizado a um povo que os tinha enganado, mas acabou sobrevindo quando, nos dias de Saul, eles quebraram um juramento arrancado de modo pretenso! Não há que duvidar que a moralidade tem mudado através dos anos, para melhor, pelo menos no tocante a algumas questões. A violação do pacto e do juramento por parte de Saul, cerca de quatrocentos anos mais tarde, produziu a fome (ver II Sam. 21.1-14), mas a escravidão não produziu nenhuma retaliação divina. Deus, contudo, tem motivos que o coração humano desconhece, embora, às vezes, nos deixem perplexos!

9.21

Rachadores de lenha e tiradores de água. Embora os gibeonitas tivessem sido forçados a cumprir tais tarefas, essas expressões eram proverbiais para indicar os tipos de tarefas mais laboriosas e humilhantes possíveis. Este versículo alude à péssima instituição humana que é a *escravidão.* "A fim de impedir que a idolatria dos gibeonitas viesse a contaminar a religião de Israel, o trabalho deles seria efetuado em conexão com o tabernáculo, onde estariam expostos à adoração ao único e verdadeiro Deus" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Ver o versículo 23 quanto à localização onde os gibeonitas prestariam seu serviço. Naturalmente, havia um grande número deles, para ocuparem-se somente nesse tipo de labor. Os gibeonitas, portanto, tornaram-se escravos em geral, e sem dúvida também tiveram de trabalhar nos campos, como agricultores. As autoridades judaicas dizem que eles se tornaram prosélitos do judaísmo, mesmo nos dias de Josué. Ver I Crônicas 9.2, e também Maimônides e Bartenora, em *Misnah Kiddushin*, cap. 4, primeira seção.

9.22,23

Por que nos enganastes...? O logro pespegado pelos gibeonitas não poderia ficar sem o devido castigo, embora tivesse salvado a vida deles. Josué deixou claro para os gibeonitas que eles não escapariam da punição. Era mister que pagassem por seus pecados. Tinham escapado da morte somente para serem reduzidos a meros escravos. Outrossim, essa condição seria permanente. Temos aí, uma vez mais, a veracidade daquela declaração bíblica: "... o vosso pecado vos há de achar" (Núm. 32.23). O esquema astucioso dos gibeonitas terminou em desastre, que os acompanhou por muitos séculos e por muitas gerações, pelo que o castigo deles foi, pelo menos, comensurável com o crime de logro que cometeram.

Essa narrativa encerra certo ponto curioso. Aquilo que os gibeonitas mais desejavam obter, além da mera sobrevivência, era a liberdade da maldição imposta pelo domínio de Israel. Mas eles acabaram caindo sob essa maldição, perdendo a sua liberdade e sendo reduzidos à escravidão.

Mas, de outro ângulo, a maldição transformou-se em uma *bênção.* Foi em favor dos gibeonitas que Yahweh operou um grande milagre (ver Jos. 10.10-14). O tabernáculo acabou sendo erigido em Gibeom (ver II Crô. 1.3). E também, muito mais tarde, alguns deles ajudaram Neemias a reconstruir as muralhas de Jerusalém (ver Nee. 3.7). É dessas maneiras que opera a graça de Deus. O pecado, mesmo perdoado, persegue o pecador com as suas conseqüências naturais; mas a graça divina reverte as coisas e produz vitórias, afinal. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Devedor à tua graça Cada dia e hora sou;
Teu desvelo sempre faça
Com que eu ame a Ti, Senhor.
Eis minha alma vacilante:
Toma-a, prende-a com amor,
Para que ela, a todo instante,
Glorifique a Ti, Senhor.

(Robert Robinson)

9.24

Tememos muito por nossas vidas... e fizemos assim. Temos neste versículo a apologia apresentada pelos gibeonitas. Eles possuíam somente *um argumento.* Os israelitas estavam destruindo a tudo e a todos. Assim sendo, os gibeonitas julgaram coisa de somenos se mentissem, contanto que salvassem a própria vida. Mesmo sabendo que, assim fazendo, tornar-se-iam escravos perpétuos, isso em nada alterou a conduta deles. Um homem pode dizer que a liberdade é mais preciosa do que a própria vida. "Dai-me liberdade ou dai-me a morte!" Mas, chegado o momento de sofrer uma morte violenta, quase todos os seres humanos preferem a escravidão à morte.

"... foi o medo de perder a própria vida, que é o maior bem de qualquer ser humano. Foi o princípio de autopreservação que os pôs a planejar e a usar de ludíbrio" (John Gill, *in loc.*). "A autopreservação, a mais poderosa lei da natureza, ditara-lhes aquelas medidas" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ninguém é totalmente livre. O indivíduo ou é escravo das riquezas, ou da fortuna, ou das leis, ou de outras pessoas, que o impedem de agir de acordo com a sua própria vontade.

(Eurípedes)

Aqueles que negam a liberdade a seus semelhantes não merecem ser livres.

(Abraham Lincoln)

9.25

Eis que estamos na tua mão. Temos aqui uma autêntica expressão de desespero. Os gibeonitas lançaram-se aos cuidados misericordiosos de Josué. Foi uma *rendição incondicional.* "Eles esperavam justiça, em face do logro que tinham pespegado; mas também aspiravam por misericórdia" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.26

Assim lhes fez. Josué estabeleceu o seu acordo de justiça e misericórdia com os gibeonitas, dando voto contrário àqueles que preferiam a usual solução violenta (a guerra santa). Esses tinham murmurado contra seu líder, em uma das poucas vezes, ou mesmo, na única vez em que os murmuradores estiveram mais próximos da vontade de Yahweh do que os líderes do povo (ver as notas expositivas sobre o vs. 18 deste capítulo).

9.27

Nesse dia Josué os fez. Os gibeonitas foram reduzidos à servidão, por parte de Josué, conforme já vimos no versículo 23 deste capítulo, onde a questão foi comentada. Este versículo também repete o elemento daquele versículo, o qual nos informa que eles receberam a tarefa de servir ao "altar do Senhor". Naturalmente, sendo os gibeonitas apenas cerca de cinquenta mil pessoas, eles tiveram de ser empregados em vários tipos de trabalho, por toda aquela região, e não meramente no santuário.

Para o altar do Senhor. De acordo com a suposição de muitos eruditos, estaria em pauta o templo de Jerusalém. Mas isso significaria que a data da escrita do livro de Josué é tardia. É melhor pensarmos aqui no tabernáculo, conforme supõe um bom número de estudiosos. John Bright *(in loc.)* pensa que essa expressão aponta para um *anacronismo*, porquanto parece que o autor injetou, nos dias de Josué, a existência do templo de Jerusalém, o qual, contudo, não surgiu senão cerca de quinhentos anos depois dos dias de Josué. Se o livro de Josué foi compilado por algum autor desconhecido, que viveu em uma data posterior, então não há razão para supormos que ele não tenha incorporado algum material antigo, que remontasse aos tempos de Josué. Ver a introdução ao livro de Josué.

No lugar que Deus escolhesse. Ou seja, a casa de Deus, que, nos dias de Josué, ainda haveria de ser construída em Jerusalém, como santuário central da nação, quando outros santuários seriam considerados obsoletos. Ver sobre essa expressão em Deu. 12.11,14.

Parece que, por fim, os gibeonitas foram totalmente absorvidos pelo povo de Israel (ver Nee. 3.7 e 7.25).

Eles se tornaram *netinins*, indivíduos entregues aos levitas para fazerem qualquer trabalho braçal a ser realizado no templo de Jerusalém. Ver esse termo também usado em Esd. 2.28; 8.20 e Nee. 7.46-60. O termo acabou indicando, por semelhante modo, pessoas reduzidas à escravidão, como, por exemplo, os prisioneiros de guerra e a *comunidade escravizada* em Israel. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escravo, Escravidão.*

Capítulo Dez

Conquista do Sul de Canaã (10.1-43)

Antes mesmo de ter atravessado o rio Jordão, Israel já havia conquistado a parte oriental da Terra Prometida, chamada Transjordânia, que ficou com as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés, dentre as quais cerca de quarenta mil homens cruzaram o rio para ajudar a seus irmãos de outras tribos na parte ocidental da terra de Canaã. Ato contínuo, Israel atravessou o rio Jordão, conquistando em seguida as cidades de Jericó e Ai, ambas no lado ocidental da Terra Prometida. Muitos outros lugarejos capturados não foram mencionados no relato bíblico. Mas a atenção foi concentrada totalmente na direção *sul*, que é o assunto deste décimo capítulo do livro de Josué. O décimo primeiro capítulo de Josué apresenta-nos a conquista do norte da Terra Prometida. Por conseguinte, temos nesses capítulos as conquistas militares em forma de esboço: do leste, do oeste, do sul e do norte. Ver Núm. 32.31 ss. e 34.14,15, quanto à conquista da Transjordânia (ver sobre essa região no *Dicionário*). Todo o nono capítulo do livro de Josué tinha abordado a campanha da conquista da parte ocidental da Terra Prometida.

A descrição da campanha no sul faz um bom sentido, geograficamente falando. A campanha partiu de Bete-Horom (vs. 10), na direção sul, até Sefelá. Então alude à série de campanhas contra as principais fortalezas da Sefelá, ou seja, Libna, Eglom e Laquis, que ficavam situadas no eixo geral norte-sul. Então a batalha foi levada para o coração das terras do sul, a Hebrom e a Debir. As descrições são contrárias à teoria que diz que o território não foi tomado mediante uma conquista militar específica, e, sim, através de uma infiltração gradual.

Josué derrotou *cinco* pequenos reinados vassalos: 1. Eglom. 2. Laquis. 3. Hebrom. 4. Jarmute. 5. Jerusalém. Ver o quinto versículo deste capítulo, quanto a uma ilustração a respeito.

10.1

Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém. Começamos a ver aqui como esses cinco reis vassalos resistiram a Israel. A narrativa ocupa o capítulo inteiro. Israel, ao obedecer a Yahweh, tornou-se uma força invencível, mas isso não significa que o povo de Deus não tenha encontrado resistência. As vitórias são obtidas sobre os obstáculos, sendo raro recebermos algo de forma absolutamente gratuita. As vitórias conquistadas com dificuldades levam-nos a crescer e esse é o objetivo da luta toda.

Sou um autêntico trabalhador; como daquilo que ganho; visto-me com o meu salário; não devo a ninguém o ódio; não invejo a elicidade alheia; alegro-me diante do bem de outros homens.

(Shakespeare)

Não existe verdadeira riqueza senão o labor de um homem.

(Shelley)

Porque digno é o trabalhador do seu salário.

(Lucas 10.7)

Adoni-Zedeque. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre esse homem. Ele foi um dos reis cananeus de Jerusalém, na época em que Israel conquistou a cidade, sendo um dos cinco reis daquela região que precisavam ser eliminados. Ver a ilustração nas notas sobre o quinto versículo deste capítulo. Seu nome significa "meu senhor (deus) é retidão". Mas *Zedeque* parece ter sido um nome divino. Filo de Biblos menciona uma divindade cananéia secundária, com esse nome. *Melquisedeque* significa "meu rei é Zedeque". Este relato tem paralelo em Juí. 1.4-7, onde o rei é chamado pelo nome de "Adoni-Zedeque", e é essa a forma do nome que a Septuaginta também estampa no presente versículo.

Esse rei tinha ouvido falar da longa série de vitórias que Israel havia obtido no ocidente, em Jericó e em Ai, bem como acerca do tratado firmado com os gibeonitas. O espantoso sucesso dos hebreus punha em perigo a sua própria posição, motivo pelo qual ele entrou em aliança com quatro outros reis da região, na tentativa de adiar o inevitável. A cronologia foi por volta de 1450 A. C.

10.2

Temeu muito. Os *gibeonitas* seriam aliados naturais dos cinco reis, mas a ajuda deles perdera-se devido à sua "traiçoeira" aliança com Israel. Isso adicionou forças a Israel e diminuiu a potência de Jerusalém. Sucede que Gibeom era lugar mais forte ainda do que Ai, além do que contava com três cidades-satélites, a saber: Quefira, Beerote e Quiriate-Jearim (ver Jos. 9.17). Teria sido tremendamente útil contar com essas cidades fortificadas, agora que Israel estava avançando na direção sul. Isso posto, o primeiro objetivo do rei de Jerusalém, em sua aliança com os outros quatro reis amorreus, era conter os gibeonitas. *Gibeom* ficava a cerca de dezesseis quilômetros de Jerusalém; e essa proximidade adicionava outro adversário a uma situação que já era intolerável. O rei de Jerusalém, pois, queria consolidar a área, em oposição a Israel.

10.3

Enviou mensageiros. Adoni-Zedeque enviou embaixadores aos outros quatro reis amorreus da região, cujos nomes aparecem neste versículo, a fim de formarem uma aliança que visava a autoproteção. O primeiro objetivo deles seria "derrotar" Gibeon e eliminar a ameaça que agora era representada pelos gibeonitas. E os gibeonitas sobreviventes poderiam ser forçados a ajudar os outros cananeus em campanhas futuras.

Hoão. No hebraico, "elevado", "exaltado". Esse era o nome do rei de Hebrom. É interessante notar que, em Jos. 10.33, Horão aparece como rei de Gezer. Ou temos aqui menção de um só homem, que era rei de duas cidades; ou então são mencionados, neste capítulo do livro de Josué, dois homens com o mesmo nome. O Horão de Gezer saiu em socorro de Laquis, quando Josué estava cercando essa cidade; contudo foi derrotado e morto (ver Jos. 10.33). Antes disso, ele tomou parte na campanha contra Gibeom e foi derrotado, juntamente com os demais membros da aliança formada pelos cinco reis cananeus.

Hebrom. Horão era o rei cananeu dessa cidade-fortaleza, quando da conquista da parte sul da Terra Prometida, pelos israelitas comandados por Josué. Há um artigo detalhado sobre essa cidade, no *Dicionário.*

Pirão. Esse nome significa "selvagem" ou "itinerante", e podemos ter certeza de que ele fazia jus ao significado do seu nome. Mas dessa vez sua selvageria fracassou redondamente. Era um dos membros da aliança de cinco reis cananeus, que tentaram assim resistir à invasão de Israel, na parte sul da Terra Prometida. Juntamente com os demais reis, ele foi derrotado em sua tentativa de dominar Gibeom, que tinha estabelecido aliança com Israel. A cidade-fortaleza que ele dominava chamava-se Jarmute, uma cidade-estado que ficava situada a sudoeste de Jerusalém.

Jarmute. Há um artigo detalhado sobre essa localidade, no *Dicionário.*

Jafia. Esse nome significa "que ele (Deus) faça brilhar". Ele era rei de Laquis, que fazia parte da aliança das cinco cidades-fortalezas dos cananeus. Essa aliança

procurava primeiramente reconquistar Gibeon, que estabelecera um tratado de não-agressão com Israel, e, em seguida, resistir, de modo geral, à invasão da região por parte dos israelitas. Sua aliança foi derrotada, e ele foi morto. Nada sabemos a seu respeito, exceto aquilo que pode ser deduzido da história à nossa frente.

Laquis. Ver no *Dicionário* quanto a várias cidades assim chamadas. No hebraico, esse nome significa "santuário" ou "lugar de um oráculo". Laquis era aliada de Eglom, uma das cidades em aliança de cinco reis, que tentaram impedir o avanço militar de Israel sobre a parte sul da Terra Prometida. Essa aliança fracassou quanto à sua tentativa de recuperar Gibeom, e todos os cinco reis envolvidos perderam a vida. Ver outros comentários no *Dicionário*, sob o verbete assim intitulado, em seu terceiro ponto.

Eglom. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre essa localidade. A confederação de cinco reis representava as cidades mais poderosas na parte sul da Palestina, pelo que a sua derrota era absolutamente essencial aos propósitos de Israel. Dentre elas, Hebrom era a mais importante e a mais estratégica. Os outros três lugares ficavam mais distantes de Jerusalém, portanto eram também menos estratégicos.

10.4

Subi a mim, e ajudai-me. Essa foi a convocação feita por Adoni-Zedeque aos outros quatro reis da aliança cananéia, para se lançarem à tentativa de ferir Gibeom, que ficava a cerca de dezesseis quilômetros de Jerusalém. Isso quebraria a aliança entre Israel e Gibeom e restauraria a cidade e suas três cidades-satélites ao poder dos cananeus. Os sobreviventes seriam forçados a lutar pela aliança, e, desse modo, seria oferecida resistência maior contra Israel. As cidades em derredor temeriam a aliança, ao mesmo tempo que não temeriam tanto a Israel, aumentando assim a capacidade de resistência.

10.5

E se acamparam junto a Gibeom e pelejaram contra ela. Os nomes das cidades que estavam em aliança contra Israel são aqui repetidos. Ver as notas sobre o terceiro versículo deste capítulo. Eles aceitaram o convite e deram início à batalha contra Gibeom, que tinha entrado em aliança de não-agressão com Israel. Se essa campanha dos cinco reis tivesse logrado êxito, então a resistência a Israel poderia até levar os hebreus à derrota. Esses reis eram *amorreus*, ou seja, de tribos cananéias que habitavam a região montanhosa. Ver Gên. 14.13-16 e o verbete chamado *Amorreus*, no *Dicionário*. O distrito que se espraiava ao sul de Jerusalém, uma região montanhosa, era onde eles habitavam. Ver Gên. 15.16 sobre como a taça da iniqüidade dos amorreus tinha de ficar cheia, antes que eles pudessem ser expulsos da Terra Prometida. Ali, o termo "amorreus" representa todos os habitantes da Palestina, o território prometido como herança a Abraão e seus descendentes. Josué estava agora conquistando essa herança. Ver em Atos 17.26 que é Deus quem dá a um povo as suas fronteiras, bem como o tempo em que ele pode habitar naquele território.

10.6

Os homens de Gibeom mandaram dizer a Josué. Os gibeonitas tinham-se tornado escravos de Israel, e com todos os direitos apelaram para Josué vir defendê-los do ataque dos cinco reis amorreus em aliança. Era de magno interesse para Josué prestar essa ajuda a Gibeom, porquanto esta e suas cidades-satélites eram muito importantes para que Israel obtivesse o controle de toda a parte ocidental da Terra Prometida. Isso posto, nem foi preciso que os gibeonitas apresentassem bons argumentos. A urgência da situação foi suficiente para convencer Josué. Israel tinha estabelecido um pacto juramentado com os gibeonitas, não obedecendo assim às regras da guerra santa no caso do trato com Gibeom. Além disso, o juramento prestado era considerado sagrado e inviolável, e não somente protegia Gibeom da própria nação de Israel, mas também de todos quantos atacassem a cidade. Portanto, Josué não ficou sentado em seu lugar, permitindo que os cananeus se destruíssem mutuamente. Ver os comentários em Jos. 9.18,19 quanto à natureza sagrada de um juramento, sobretudo diante do fato de que o incidente fora efetuado *na presença de Yahweh*.

Quanto à *guerra santa*, ver Deuteronômio 7.1-5 e 20.10-18, e suas respectivas notas expositivas. Ver sobre o *herem*, em Jos. 6.17. Ver no nono capítulo quanto à maneira ludibriadora mediante a qual os gibeonitas conseguiram assinar um tratado de não-agressão com Josué, embora os habitantes de Gibeom estivessem devotados ao total aniquilamento, mediante guerra santa.

10.7

Subiu Josué de Gilgal. O povo de Israel estava acampado em Gilgal, tendo feito desse lugar o seu quartel-general durante algum tempo, enquanto lançava campanhas militares na direção sul da Terra Prometida. Ver no *Dicionário* sobre essa localidade. Ver o trecho de Josué 4.19 quanto ao acampamento de Israel naquela cidade.

Daquele local, portanto, Josué, com a ajuda de um seleto grupo de oficiais militares, marchou até Gibeom. A reação de Josué diante do ataque da aliança dos cinco reis amorreus contra Gibeom foi imediata, pois estava em jogo o futuro não somente da própria Gibeom, mas até da permanência de Israel na Terra Prometida.

Com base nas circunstâncias desse ataque, alguns eruditos supõem que o que realmente tenha sucedido foi que Israel, Gibeom e seus satélites fizeram um pacto de proteção mútua, e a história do logro pespegado pelos gibeonitas foi apenas uma maneira de justificar Israel de haver relaxado quanto às normas da guerra santa. Nada existe, entretanto, nos fatos históricos, capaz de fornecer apoio a essa suposição. A vitória das tropas israelitas em Gibeom era algo que se revestia de importância especial, pois nesse caso os hebreus quebrariam a espinha dos cinco reis amorreus com um único golpe, e não apenas um de cada vez, conforme vinha acontecendo até aquele ponto. Essa vitória coletiva quase garantiria o sucesso da campanha militar em toda a parte *ocidental* da Terra Prometida.

10.8

Disse o Senhor a Josué. Houve novo encorajamento da parte de Yahweh a Josué, fortalecendo-o para a batalha. Cf. outros incidentes em Jos. 1.9 e 8.1. Podemos supor que alguma forma de experiência mística tenha trazido a presença de Deus até Josué, capacitando-o a entrar na luta e animando-o por saber que tinha recebido uma visita da parte de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo*, e cf. a visão que Josué recebeu do Anjo do Senhor, em Jos. 5.13 ss. Yahweh estava com Josué, tal e qual estivera antes com Moisés (ver Jos. 1.17).

10.9

Josué lhes sobreveio de repente. Uma marcha de noite inteira trouxe Josué e suas tropas desde Gilgal até Gibeom. Ele fez uma marcha forçada durante a noite, e caiu, *de súbito*, sobre os amorreus, surpreendendo-os totalmente. A marcha cobriu cerca de quarenta quilômetros, uma marcha apressada para ser feita durante a noite, atravessando território difícil. O exército de Israel deve ter chegado bastante fatigado. Somente Yahweh poderia ter-lhes dado forças para enfrentarem um adversário poderoso. Mas o esforço e o sacrifício foram recompensados por uma vitória rápida e total. A marcha de Gilgal a Gibeom foi feita "subindo o tempo todo" (Ellicott, *in loc.*), que assim descreveu a natureza árdua daquela marcha. Porém, conforme diz um antigo hino: "Como ganharíamos um grande galardão, se agora evitássemos a luta?".

10.10

E os feriu com grande matança em Gibeon. O aniquilamento do inimigo amorreu se deu em Gibeom, e os israelitas puderam perseguir as tropas cananéias através das três cidades mencionadas neste versículo. No *Dicionário* há artigos mencionados sobre todas as três cidades. A perseguição levou os israelitas a avançar na direção do *ocidente*, como quem vai para a costa marítima. A Bete-Horon superior (modernamente Beit 'Ur el-Foza) jaz no alto de uma descida, a cerca de oito quilômetros a noroeste de Gibeom. A Bete-Horon inferior (moderna Beit 'Ur et-Tahta) ficava três quilômetros mais adiante, porém cerca de 210 metros em nível mais baixo. Dali, a perseguição dirigiu-se na direção sul, passando pela Sefelá, ou seja, as *terras baixas* entre as terras altas centrais da Palestina e o mar Mediterrâneo. É possível que esse nome visasse incluir a planície marítima, mas usualmente a referência é à região de colinas baixas, entre a planície e a serra central, mais elevada. Ali estavam as cidades estratégicas de Laquis, Debir, Libna e Bete-Semes. A perseguição, em seguida, estendeu-se até Azeca (modernamente, Tell ez-Zakariyeh), cerca de vinte e sete quilômetros a sudoeste de Bete-Horon. O local de Maquedá é desconhecido, mas provavelmente ficava na parte norte da Sefelá (cf. 5.6 e 15.41). A perseguição ampliou-se por um total de cerca de quarenta e oito quilômetros.

10.11

Fez o Senhor cair do céu sobre eles grandes pedras. Isso foi um terror adicional, um castigo divino sob a forma de tremenda saraiva, que atingiu os amorreus do alto para baixo. E esse terror divino matou mais inimigos do que as espadas dos israelitas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Saraiva*. As saraivadas eram um dos modos pelos quais o Senhor costumava castigar os ímpios. Esse método de castigo divino sempre aparece na literatura apocalíptica. Destarte, uma intervenção divina acompanhou aquela batalha, garantindo não somente o bom êxito das armas de Israel, mas também o aniquilamento do inimigo, a fim de que nunca mais viesse a perturbar aos filhos de Israel. Ver Jó 28.22,23; Êxo. 9.19,25 (uma das dez pragas do Egito), e Apo. 16.21, quanto a outras instâncias. Ver, no *Dicionário*, o artigo chamado *Pragas do Egito*, onde aparecem outros exemplos notáveis de intervenção divina.

Em outras culturas antigas, as saraivadas também eram vistas como atos divinos, conforme se vê em Lívio (Livro 1, par. 17), que se refere ao tempo em que o rei Túlio Hostílio conquistou os sabinos. Cipião foi ajudado em sua vitória contra Cartago, por uma saraivada (Livro 30, cap. 30). Mela (*De Orbis Situ*, 1.2, cap. 5) atribui a Júpiter o crédito por tal manifestação, que ajudou Hércules quando ele combatia com os filhos de Netuno.

10.12

O Longo Dia de Josué. Foi então que ocorreu uma intervenção divina ainda maior, que fez "parar" o sol no firmamento, a fim de que Josué dispusesse de tempo suficiente para completar a sua vitória, garantindo assim a conquista da parte sul da Terra Prometida. Não ofereço aqui extensas notas expositivas sobre a questão, incluindo as diversas explicações para tão notável fenômeno, porque faço isso no detalhado artigo chamado *Astronomia*, quinto ponto, intitulado "A Astronomia e Alguns Itens Interessantes na Bíblia". O longo dia de Josué foi discutido sob (a letra) b., naquela lista. Ver também, no mesmo *Dicionário*, o artigo chamado *Bete-Horom, Batalha de (O Longo Dia de Josué)*.

Aijalom. Há um detalhado artigo sobre essa localidade, no *Dicionário*.

10.13

E o sol se deteve, e a lua parou. Ver as notas sobre o versículo anterior, que se referem a dois artigos, existentes no *Dicionário*, com amplas explicações e interpretações sobre o *longo dia de Josué*.

Não está isto escrito no livro dos Justos? Na primitiva versão portuguesa de João Ferreira de Almeida, temos aqui o título "Livro do Reto". No hebraico, temos o título *Jashar*, que significa "o reto", e que algumas versões, por meio de transliteração, retiveram. Esse livro antigo é novamente mencionado em II Sam. 1.18. Ao que parece, era parte de uma coletânea de contos de heróis, poemas, hinos etc. Contava a respeito de homens piedosos, membros autênticos da teocracia, que realizaram grandes feitos, envolvidos em miraculosas intervenções divinas. A alusão a esse volume, no livro de Josué, sugere que este tenha sido escrito sob a forma de paralelismos poéticos, um estilo típico da poesia dos hebreus. O trecho de II Samuel 1.18 é uma elegia sobre Saul e Jônatas. É provável que esse livro tenha perecido durante os cativeiros, e que, tirando as duas referências bíblicas a ele, não dispomos de nenhuma informação certa a esse respeito. As antigas tentativas judaicas de identificá-lo com livros conhecidos do Antigo Testamento, como Gênesis, Juízes, o livro da Lei etc., como é óbvio, são incorretas.

O Sol e a Lua. Essas eram duas das principais divindades cananéias, pelo que o prodígio efetuado por Deus, que envolveu esses dois astros, deve ter sido algo muito significativo tanto para Israel quanto para os cinco reis amorreus. Dessa forma, Yahweh demonstrou o Seu poder superior àquelas divindades. Yahweh-Elohim, conforme ficou óbvio, estava lutando em favor de Israel. Foi mesmo uma intervenção dramática.

Yahweh Fez o Sol e a Lua Parar no Firmamento. Sabemos que é a terra que gira em torno do sol, resultando daí os anos, e em torno de si mesma, resultando daí os dias, e que não é o sol que gira em torno da terra. Josué, porém, falou em sentido comum e popular, de acordo com o conhecimento astronômico disponível em sua época. Naturalmente, em sua maneira de dizer há um erro científico, mas isso nada tem que ver com a fé, mesmo porque até hoje, popularmente, falamos conforme Josué falou, ou seja, de acordo com as aparências. Somente os céticos, os radicais e os fundamentalistas extremados encontram algum problema nessa parte da narrativa bíblica.

10.14

Não houve dia semelhante a este. Lutando em favor de Israel, Yahweh efetuou um milagre singular, o qual nunca antes fora visto, e nem mesmo depois. Ver sobre como Yahweh prometeu que lutaria em prol de Israel, em Êxo. 14.14; Deu. 1.30; 3.22; 20.4; Jos. 10.8,42; 23.3.

Mudanças dos Pólos. Isso tem ocorrido ocasionalmente na história da terra. Essa ação interrompe a seqüência natural do tempo, produzindo dia súbito ou noite súbita, enregelando lugares que antes eram tórridos, ou trazendo grande calor a locais antes frígidos; também são produzidos grandes movimentos da crosta terrestre, com terremotos e maremotos realmente gigantescos, submersão de vastas áreas continentais ou imersão de outras antes submersas. Portanto, não é exatamente acurado, do ponto de vista científico, dizer que o que aconteceu naquele dia da batalha de Bete-Horom nunca antes havia sucedido. Mas sem dúvida o autor sagrado quis dizer que, até onde ia a memória do gênero humano, jamais havia acontecido tal coisa. Naturalmente, o longo dia de Josué não precisa ter sido causado por uma mudança dos pólos, mas temos nisso apenas uma teoria, acerca da qual comentei nos artigos referidos nas notas sobre o décimo segundo versículo deste capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pólos, Mudança dos*.

As perturbações cósmicas sempre farão parte das intervenções divinas do fim dos tempos, conforme o livro de Apocalipse ilustra com abundância.

10.15

Voltou Josué... a Gilgal. A inserção deste versículo, neste ponto, não tem sentido, com o que concorda a maioria dos intérpretes. Todavia, a volta a Gilgal ajustar-se-ia bem no versículo 43. Josué continuou a perseguir os reis até a caverna de Maquedá (vs. 16). Ele não retornou todo o caminho até Gilgal, um trajeto de cerca de oitenta quilômetros, bem no meio da perseguição ao inimigo, e antes mesmo da execução ou eliminação dos reis naquela caverna. Grande parte da batalha continuou, mesmo depois da caverna ter sido tapada, para que os reis amorreus ali morressem.

Talvez este versículo antecipe a volta, mas sua inserção aqui é mesmo fora de propósito. A Septuaginta não inclui este versículo. "... o versículo não está no lugar apropriado, ou, então, é supérfluo, visto que essa mesma idéia é expressa no versículo 43 do mesmo capítulo.

10.16-18

Numa cova em Maquedá. Não há nenhuma certeza quanto à localização da cova de Maquedá. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse local. Seja como for, havia por ali uma caverna que servia de conveniente esconderijo. E os reis amorreus apressaram-se a esconder-se ali, na esperança de escapar à detecção. Mas aquele foi um dia muito ruim. Eles acabaram descobertos dentro da cova, a qual foi tapada por meio de "grandes pedras" para que ninguém pudesse escapar. Sem dúvida, muito procuraram por uma saída. Mais tarde foram retirados dali, somente para serem executados: crueldade e brutalidade. Sem embargo, eram essas as palavras que dominavam o relacionamento entre os seres humanos naquela época.

Alguns soldados israelitas tinham notado que os reis se haviam escondido na cova e deram notícias disso a Josué. Ele não hesitou nem demonstrou misericórdia. Ordenou que a cova fosse selada por meio de grandes pedras, e até destacou para ali sentinelas, a fim de certificar-se de que os reis ali presos não teriam como escapar (vs. 18). Mais tarde, os reis amorreus seriam removidos da cova e executados.

10.19

Matai os que vão ficando para trás. Enquanto alguns poucos homens armados ficaram guardando a entrada da caverna, os demais soldados de Israel saíram à caça do inimigo, matando a todos quantos pudessem encontrar ao longo do caminho. Não tiveram misericórdia de ninguém. Os perseguidos não tiveram permissão para entrar em cidade alguma para se refugiar; todos foram executados, até o último homem. *Yahweh-Elohim* (o Eterno Todo-Poderoso; ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*) estava presente, garantindo o aniquilamento absoluto dos exércitos cananeus do sul, a fim de que o território logo se tornasse possessão de Israel, para lhes servir de território nacional.

De conformidade com o Pentateuco Samaritano, o grito de batalha era: "Deus é forte na batalha; Deus é o Seu nome".

Ver sobre a *guerra santa* nas notas expositivas de Deuteronômio 7.1-5 e 20.10-18.

10.20

Tendo Josué e os filhos de Israel acabado de os ferir. A *guerra santa* tinha alcançado seu propósito e cumprido a sua obrigação. *Virtualmente todos* os soldados amorreus foram mortos. Apenas alguns deles foram capazes de entrar em alguma cidade, onde se refugiaram, engrossando as tropas que ofereceriam ainda alguma resistência. Isso posto, o trabalho não foi absolutamente completo, mas quase tão completo que os poucos que conseguiram escapar não ofereciam nenhum problema para a causa real de Israel. Posteriormente, seriam destruídas as cidades onde esses poucos amorreus se refugiaram, pelo que até esses poucos acabaram perecendo, conforme o restante do capítulo deixa claro.

10.21

Não havendo ninguém que movesse a sua língua contra os filhos de Israel. Todos os israelitas que tinham saído para efetuar a campanha de "limpeza" retornaram em segurança. Os sobreviventes da cidade (Maquedá) não ousavam dizer coisa alguma contra os filhos de Israel, temendo também acabar executados. Este versículo não explica como ainda houve sobreviventes. Talvez tenha sido feita alguma exceção quanto às regras da guerra santa, como se deu no

caso da cidade de Ai, onde o Senhor permitiu que os israelitas tomassem despojos (ver Jos. 8.27). Naquele caso, entretanto, nenhum ser humano restara com vida. Talvez a execução absoluta de todos tenha ocorrido em seguida, embora isso não nos seja dito na Bíblia.

O trecho de Êxodo 11.7 encerra uma expressão similar. Lemos ali que "nem ainda um cão rosnar". Todas as línguas, pois, foram silenciadas mediante o terror, conforme também diz este versículo: "não havendo ninguém que movesse a sua língua contra os filhos de Israel".

10.22

Abri a boca da cova. Josué ordenou que a caverna onde os reis amorreus se tinham escondido fosse aberta, e que aqueles reis fossem tirados dali, a fim de serem executados de modo doloroso e desgraçado. Em primeiro lugar, eles seriam humilhados; então seriam feridos por inúmeras vezes; e então seriam executados, talvez por meio de um grande espancamento. Depois seus cadáveres seriam pendurados em árvores, onde ficariam em exposição até o pôr-do-sol. Aí seriam novamente lançados na cova, que lhes serviria de sepulcro permanente. Essa era a crueldade quase inacreditável da guerra santa. Não é de admirar que os filhos de Israel fossem temidos por outros povos.

10.23

Fizeram, pois, assim. Foram tirados da cova os reis das cinco cidades mencionadas no quinto versículo deste capítulo, cidades essas cujos nomes são repetidos aqui. Ver as notas expositivas sobre o versículo 5 deste capítulo.

10.24

Ponde o vosso pé sobre o pescoço destes reis. A humilhante cerimônia foi efetuada pelos capitães do povo de Israel, que agira em atitude de quem subjugava. Esse ato simbólico tem sido abundantemente ilustrado pela arqueologia, pois era comum aos povos do Oriente Próximo e Médio, como os egípcios, os assírios etc. Cf. II Sam. 22.39-41; I Reis 5.3; Isa. 51.23. O ato como que dizia: "É assim que fazemos aos que se nos opõem. Todos eles são humilhados e sujeitados por nós". Os capitães de Israel deviam não somente observar o ato, mas também dele participar, instilando essa lição na mente de todos os povos em derredor. Yahweh receberia o crédito pelo poder que eles tinham tido de sujeitar os seus adversários, visto que a guerra santa estava sendo dirigida pela deidade, de acordo com a crença dos filhos de Israel. Ver Deu. 33.29 quanto à sujeição dos habitantes da Palestina aos filhos de Israel.

10.25

Não temais, nem vos atemorizeis. Essas palavras foram ditas por Josué, como encorajamento aos capitães do exército de Israel. Cf. Jos. 1.9 e 8.1 ("sê forte e corajoso"), e também Jos. 1.6,7,9 ("tão-somente sê forte e muito corajoso").

10.26

Josué, ferindo-os, os matou. A execução dos cinco reis amorreus deu-se, ao que parece, mediante espancamento, o que provoca hemorragias internas; e também podemos imaginar que suas cabeças tenham sido esmagadas mediante muitos golpes. O resultado final, sem dúvida, foram corpos esfacelados e deformados. Em seguida, os cadáveres foram pendurados em árvores, para ficarem expostos às intempéries, de modo que todos pudessem ver o que sucederia a quem ousasse opor-se a Israel. Ato similar já havia sido executado em Jos. 8.29, onde também ofereço comentários a respeito, conforme foi o destino final do rei da cidade de Ai.

10.27

E lançaram-nos na cova. O rei de Ai foi sepultado debaixo de um imenso monte de pedras, na porta de entrada de Ai, o que se tornou um memorial do evento. Por igual modo, os cinco reis amorreus foram sepultados na cova atulhada de pedras, o que também serviu de memorial. Por muitas vezes, em ocasiões distintas, pilhas de pedras foram assim transformadas em memoriais. Esses memoriais feitos de pedra são mencionados em Josué 4.3,9; 7.26; 8.29 e no presente versículo. O autor sagrado ainda podia contemplar essas pilhas de pedras, em seus próprios dias. O trecho de Josué 9.27, na opinião de muitos intérpretes, mostra que o livro de Josué foi escrito quando a "casa do Senhor", o templo de Jerusalém, já havia sido construído, tendo-se tornado o santuário central da nação. Mas outros estudiosos supõem que devamos pensar aqui no tabernáculo (uma interpretação impossível, porquanto o santuário não foi o lugar que Deus escolheu para ser um novo santuário), ou que um editor posterior tenha acrescentado uma nota de rodapé acerca do monte de pedras, em algum tempo posterior. Ver na introdução ao livro de Josué sobre a questão de autoria e data do livro de Josué.

Os reis amorreus, longe de receberem um sepultamento condigno, foram assim cobertos de pedras, o que lhes serviu de humilhação final. As notícias que haveriam de espalhar-se, acerca de tais acontecimentos, confeririam a Israel uma vantagem psicológica sobre os seus inimigos.

10.28

Nesse mesmo dia tomou Josué a Maquedá. Agora é narrado o final da batalha contra Maquedá. No versículo 21 deste capítulo, podemos compreender que ainda restaram ali alguns poucos sobreviventes, e que, em terror, ninguém ousava mover a língua, queixando-se do que os israelitas tinham feito. E esse grande medo dos cananeus estava plenamente justificado. A *guerra santa* (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18) requeria matança total. Nenhum ser humano de uma cidade votada à destruição, fosse homem, mulher ou criança, tinha permissão de continuar vivendo. Somos lembrados, no fim deste versículo, que o destino dos habitantes de Maquedá foi exatamente o mesmo que o destino final dos habitantes de Jericó: aniquilamento absoluto. Não se podia permitir que restasse alguma contaminação pagã para infectar Israel e destruir seu caráter *distintivo*. Ver Deu. 4.4-8; Lev. 3.17 e 16.29.

10.29

Passou de Maquedá a Libna, e pelejou contra ela. Josué e todo o povo armado de Israel passaram a combater contra outra cidade, Libna. Isso começa a descrever uma série de triunfos militares de Israel que reduziu a nada as principais cidades fortificadas da Sefelá (ver Jos. 10.10). Essas cidades guardavam o acesso às terras altas. As cidades mencionadas achavam-se em uma seqüência que seguia mais ou menos a direção norte-sul, acompanhando a mesma rota que Nabucodonosor, séculos mais tarde, percorreu, a fim de atacar o povo de Israel, imediatamente antes do cativeiro babilônico.

Libna. Ver o verbete detalhado sobre essa localidade, no *Dicionário*. Finalmente, essa cidade passou para o território que coube à tribo de Judá (ver Jos. 15.42). Senaqueribe sitiou essa cidade, depois de ter combatido contra Laquis. Ver II Reis 19.8 e Isa. 37.8.

Sumário. "Libna (atual Tell es-Safi) distava pouco menos de nove quilômetros para oeste de Azeca e guardava o vale de Elá (Tell Bornat), a pouca distância ao sul daquela outra cidade. Laquis é o mesmo Tell ed-Duweir, cerca de dezesseis quilômetros ao sul de Libna, ao pé de outro vale que conduzia ao caminho para Hebrom, ao passo que Eglom (Tell el-Hesi) ficava cerca de onze quilômetros a sudoeste de Laquis, no mesmo extremo de sopés de colinas que se adentravam na planície costeira. O relato da campanha é estereotipado, pois quase não são fornecidos detalhes. Nesse caso, as cidades, com a sua população, estavam debaixo do herem, embora as palavras 'destruiu-os totalmente' sejam usadas somente no caso de Maquedá (vs. 28) e de Eglom (vs. 34)" (John Bright, *in loc.*). Ver acerca do *herem* nas notas expositivas sobre Jos. 6.17.

10.30

Fez ao seu rei, como fizera ao rei de Jericó. Uma vez mais, *Jericó* foi usada como fator de comparação: Libna e seus habitantes, sujeitados à destruição absoluta do *herem* (ver Jos. 6.17), pereceram totalmente, conforme tinha acontecido a Jericó e seus habitantes. Israel deu prosseguimento à sua guerra santa (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18), que requeria que nenhum único habitante das cidades atacadas continuasse vivo. Eram indivíduos que haviam praticado pecados abomináveis, e a ira divina, finalmente, tinha posto fim a todos. Ver Deu. 7.1,2 e Gên. 15.16.

10.31,32

Passou de Libna a Laquis. Prossegue a *descrição estereotipada:* o que aconteceu em Jericó, aconteceu também em Libna; e o que aconteceu em Libna, aconteceu também em Laquis. O *herem* acabou com eles todos; a *guerra santa* destruiu todas as vidas.

Laquis. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado que há sobre esse lugar. Cf. com as invasões posteriores do lugar, quando Israel exercia controle: II Reis 18.3; 19.8; II Crô. 32.9; Jer. 24.7. Todas as informações de que dispomos sobre a cidade mostram que ela era uma fortaleza.

O rei de Laquis era um dos *cinco* reis amorreus que tinham sido mortos (vss. 23 e 27). Isso posto, os vss. 28-43 oferecem "um sumário das conquistas de Josué na região sul da Terra Prometida. Após a derrota dos cinco reis, Israel não teve dificuldade para subjugar a totalidade do sul da Palestina. Os vss. 40-42 mostram quão completa foi a vitória" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o versículo 28 deste capítulo).

10.33

Então Horão, rei de Gezer. Querendo mostrar-se heróico, Horão tentou reverter a situação em Laquis, mas acabou sendo obliterado, de tal modo que ele e toda a sua gente terminaram aniquilados, a ponto de nenhum de seus súditos ter sobrevivido para contar a história do terror.

O nome Horão significa "elevado", "exaltado". Ele saiu em socorro de Laquis, quando Josué cercava essa cidade, mas foi derrotado e morto. Há um artigo detalhado sobre essa cidade-estado, *Gezer*, no *Dicionário*. A cidade ficava a cerca de quarenta e oito quilômetros de Laquis, pelo que Horão deve ter feito um grande esforço na tentativa de defendê-la. Gezer era uma fortaleza muito bem fortificada, e Josué não conseguiu expelir dali os cananeus. Ver Jos. 16.5,10; Juí. 1.29. Entretanto, eles foram forçados a pagar tributo, o que foi uma espécie de vitória secundária para Israel. Os levitas ficaram com a cidade como parte de sua herança.

Este versículo descreve a matança do exército de Gezer (aquela parte que tinha sido enviada para ajudar Laquis a defender-se, embora não os defensores da própria cidade de Gezer).

10.34,35

Passou de Laquis a Eglom. Depois de Laquis, ocorreu o aniquilamento total de *Eglom* (ver a respeito no *Dicionário*). A descrição padronizada continua aqui: o que sucedeu a Jericó, sucedeu a Libna; e o mesmo ocorreu nos casos de Laquis e de Eglom.

Eglom. Ficava aproximadamente treze quilômetros a sudoeste de Laquis e a cerca de sessenta e quatro quilômetros de Jerusalém. Isso significa que toda aquela área estava agora subjugada por Israel, pois a campanha no sul da Terra Prometida era efetuada de maneira metódica. O rei de Eglom representava um dos cinco reis amorreus que já tinham sido executados (ver os versículos 23 e 27 deste capítulo).

10.36,37

Subiu de Eglom a Hebrom. Continua a *descrição estereotipada*, narrando agora o que sucedeu a todos os lugares mencionados antes (o terror que sobreviera a Jericó é repetido por diversas vezes), como também o que sucedeu no caso de *Hebrom*. O rei daquele lugar já havia sido executado, sendo ele um dos *cinco* reis que se tinham escondido na cova de Maquedá, para então serem tirados dali e espancados até a morte. Depois de mortos, eles foram selados na cova, mediante grandes pedras. Ver os vss. 23 e 27 deste capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hebrom*. Nenhum único ser humano teve permissão de continuar vivo. O *herem* era, simplesmente, sem misericórdia (ver Jos. 6.17). A *guerra santa* estava sendo levada às suas últimas conseqüências (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18).

"Uma vez liquidada a fortaleza que havia no sopé das colinas, Josué levou as suas forças até o cerne das terras altas do sul, conquistando e destruindo suas duas principais cidades, Hebrom (el-Khalil), cerca de vinte e um quilômetros ao sul de Jerusalém, e Debir (Tell Beit Mirsim), a cerca de dezenove quilômetros para oeste, a sudoeste de Hebrom" (John Bright, *in loc.*).

De forma aparentemente incongruente, o versículo 37 deste capítulo menciona *o rei*. Visto que ele não foi morto nessa ocasião, a Septuaginta deixa o informe de lado. Ou, talvez, devamos entender que um rei *substituto* foi então executado, ao passo que o rei original da cidade era um dos *cinco* reis que já haviam sido mencionados. É provável que a descrição estereotipada, de uma maneira descuidada, tenha deixado ali o rei. Também há outras narrativas sobre a destruição de Hebrom e de Debir. Ver Jos. 14.13-15; 15.13,14; Juí. 1.9,10, quanto a Hebrom; e Jos. 15.15,19 e Juí. 11.11-15, quanto a Debir.

10.38,39

Voltou a Debir, e pelejou contra ela. A descrição estereotipada tem prosseguimento. O que tinha sucedido a Jericó, a Libna, a Laquis, a Eglom e a Hebrom, também acabou acontecendo a Debir. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Debir*. Seu rei já havia sido executado, juntamente com os outros quatro reis amorreus, segundo vimos anteriormente. Ver os vss. 23 e 27 deste capítulo. Mas aqui esse rei é novamente mencionado, ou mediante uma inclusão descuidada na descrição estereotipada, ou porque havia um rei substituto que tinha começado a governar a cidade.

Nenhuma menção é feita sobre a destruição de Jarmute e de Jerusalém. Talvez porque, nessa ocasião, isso não tenha ocorrido, ou porque o autor sagrado quis dar a entender que as cidades de todos os cinco reis (ver os vss. 3 e 22) deveriam ser concebidas como já destruídas, conforme os leitores facilmente podem lembrar-se. O fato foi que uma total subjugação só ocorreu nos dias de Davi.

Uma ilha de paganismo permaneceu naquela área, resistindo à completa destruição, até que esse enclave foi finalmente eliminado por Davi (ver II Sam. 5.7).

10.40,41

Assim feriu Josué toda aquela terra. Os dois versículos sintetizam a campanha militar de Israel no sul da Palestina. Terminada a campanha, já estavam nas mãos dos israelitas o leste (a Transjordânia), o ocidente (Jericó, Ai e, presumivelmente, outras cidades) e o sul (todo o décimo capítulo do livro de Josué, agora sumariado). Restava dominar somente a parte norte da Terra Prometida.

A região montanhosa. Refere-se às terras altas da Judéia, como também às colinas de Efraim. Ver Deu. 1.7, onde essa área é mencionada como parte da Terra Prometida a ser conquistada.

O Neguebe. Essa área é descrita de forma detalhada no artigo a respeito, no Dicionário. A estepe semi-árida que se estende pelo deserto adentro, na direção sul, está aqui em pauta. Algumas traduções dizem simplesmente "o sul", o que aparece de vez em quando como designação da região (ver Gên. 12.9; 13.14; 24.62; Núm. 13.17). Está em foco a parte sul do território de Judá.

As campinas. Em outras palavras, a Sefelá (ver Jos. 10.10), ou seja, os sopés das colinas que ficavam entre as terras altas e a planície costeira.

As descidas das águas. Talvez estejam em pauta as vertentes orientais que levam ao mar Morto. Ver também Jos. 12.3,8 e 13.20. A palavra hebraica aqui envolvida pode significar "descidas" ou "fontes"; as traduções escolhem uma ou outra, ou então uma combinação de ambas.

Todos Esses Territórios Foram Conquistados. Seus reis foram todos subjugados, pois a guerra santa se tinha mostrado extremamente eficiente quanto a seus resultados (ver Deu. 7.1-5); e o *herem* (ver Jos. 6.17) tinha feito de tudo um gigantesco holocausto. Israel não haveria de contaminar-se com a idolatria reinante naquelas regiões.

Feriu-os Josué desde Cades-Barnéia até Gaza. O autor sacro dá-nos agora os *limites gerais* da campanha, ou seja, desde *Cades-Barnéia* até *Gaza*, que ficava cerca de sessenta quilômetros a oeste de Hebrom. Se alguém caminhasse do sul para o norte, isto é, de Cades-Barnéia a Gaza, percorreria nada menos de cento e treze quilômetros, em uma direção quase rigidamente sul-norte. Cades-Barnéia ficava no Neguebe.

Toda a terra de Gósen até Gibeom. Naturalmente, essa Gósen não é aquela que ficava no Egito. Antes, era uma região indeterminada no sul da Palestina. Mediante o uso desse vocábulo, o autor saltou sobre a extensão mais sulista da conquista militar, e então indicou Gibeom como o ponto norte até onde ia esse limite. Gósen ficava localizada entre Gaza e Gibeom. Ver no *Dicionário* sobre Gósen, em seu segundo ponto. Havia também uma cidade com esse nome, próxima de Debir, que é comentada sobre o terceiro ponto daquele artigo. Ver ainda Jos. 15.51 quanto àquele lugar. Talvez a cidade tenha emprestado seu nome à área em geral.

10.42

Tomou Josué todos estes reis e as suas terras. Essas grandes e rápidas vitórias foram possíveis somente porque Yahweh havia traçado o plano da conquista e tinha garantido o sucesso dos filhos de Israel. Josué foi o instrumento usado nesse plano, e a sua obediência possibilitou tudo aquilo. Ver no *Dicionário* e nas notas expositivas de Deu. 32.46 comentários sobre a questão da *obediência*.

Quanto ao conceito de que Yahweh *combatia* por Israel, na qualidade de Comandante-em-chefe invisível do exército hebreu, ver Êxo. 14.14; Deu. 1.30; 3.22; 20.4; Jos. 23.3.

10.43

Voltou ao arraial, em Gilgal. Josué e sua gente voltaram para o lugar de onde tinham partido, após uma magnífica campanha. Ele e todos os seus homens descansaram no acampamento, em Gilgal. Ver Jos. 4.19 quanto ao acampamento estabelecido ali pelo povo de Israel. Os civis de Israel, bem como o tabernáculo, que era o centro da adoração dos hebreus, estavam nesse acampamento.

"Sem dúvida nenhuma, Josué e o povo de Israel com ele louvaram e agradeceram publicamente a Deus, devido às vitórias singulares que tinham obtido sobre os cananeus" (John Gill, *in loc.*).

Isso posto, Israel estava perto de conquistar a totalidade da Terra Prometida, o território nacional que fazia parte da herança prometida como parte do Pacto Abraâmico (ver a respeito desse pacto em Gên. 15.18).

Kipling, o poeta, foi inspirado a falar sobre a campanha do sul da Palestina efetuada por Israel, nos seguintes versos:

O tumulto e os gritos cessam — Os capitães e o rei se vão embora —
Mas permanece o Teu antigo sacrifício,
Bem como o coração humilde e contrito.
Senhor Deus dos Exércitos, sê conosco,
Para não esquecermos, para não esquecermos.

Capítulo Onze

A Campanha no Norte de Canaã (11.1-15)

O *povo de Israel* já havia conquistado a parte *oriental* (a Transjordânia; ver a respeito no *Dicionário*, bem como Núm. 32.31 ss.; 34.14,15). As tribos de Rúben e de Gade e a meia tribo de Manassés tinham ficado com aquelas terras, e então ajudaram na invasão da parte *ocidental* da Terra Prometida. Essa parte da Palestina fora conquistada. Jericó e Ai eram fortalezas existentes nessa área, e foram completamente destruídas. O relato a respeito é dado em Josué 6-8. É provável que outras cidades da mesma área tenham sido conquistadas, embora não tenham sido mencionadas por nome.

Em seguida, a campanha voltara-se na direção *sul*, onde grande número de cidades foi destruído. O décimo capítulo conta-nos a história, e os versículos 40 e 41 fornecem-nos um *sumário* das atividades militares que ali ocorreram.

Este *capítulo 11* narra como Israel conquistou a parte norte da Terra Prometida. O trecho de Jos. 11.16-12.24 fornece-nos um sumário da conquista total da Terra Prometida, e isso nos leva ao próximo passo, ou seja, à divisão do território conquistado entre as doze tribos (ver Josué 13-24).

Vários reis da parte norte da Palestina, alarmados diante da notícia da rápida conquista da terra de Canaã, formaram uma coligação. Josué enfrentou essa liga em uma batalha, e obteve rápidas e decisivas vitórias. A *guerra santa* limpou toda aquela área por meio do *herem* ou holocausto, porquanto tudo foi oferecido como sacrifício a Yahweh. Ver sobre esses temas em Deu. 7.1-5 e Jos. 6.17.

A aptidão militar de Josué era simplesmente impressionante. Ele estava sempre na ofensiva, utilizando-se do elemento surpresa, conforme fez contra os reis amorreus, em Gibeom (ver Jos. 10.9), e também contra os vários reis, junto às águas de Merom (11.7), ou conforme fez contra Ai, quando se utilizou de um grande artifício. Ele perseguia sem quartel a inimigos postos em fuga, aplicando contra eles o *herem* (ver Jos. 6.17 e suas notas expositivas), de modo que os adversários, uma vez derrotados, não podiam mais recuperar-se.

11.1

Tendo Jabim, rei de Hazor, ouvido isto. "O padrão literário seguido no capítulo décimo primeiro é diferente do que se vê nos capítulos anteriores. Os reis do norte da Palestina formaram uma aliança, mobilizando as suas tropas e estabelecendo um ponto de concentração no centro mais estratégico do território. Esses vários grupos de inimigos pouco tinham em comum uns com os outros... A única coisa de que compartilhavam era a má vontade, pois desconfiavam uns dos outros. Sem embargo, diante de um adversário comum, eles puseram de lado as suas diferenças, reuniram os seus recursos e apresentaram uma frente unida. Um perigo comum geralmente serve para forjar alianças curiosas. Planejando vencer, um Stalin e um Hitler geralmente chegam a algum acordo... Esse tipo de amizade, alicerçada sobre o temor, é totalmente isento de lealdade, e nunca perdura" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Jabim. Ver o artigo detalhado sobre esse homem, no *Dicionário*. Jabim foi um rei cananeu cujas forças foram derrotadas por Débora e Baraque, e alguns eruditos supõem que a história deste capítulo e aquela do quarto capítulo de Juízes sejam paralelas, derivadas de uma mesma fonte informativa, embora com suas próprias distorções. Entretanto, o quarto capítulo de Juízes conta a história da derrota de Sísera, e não de Jabim, sendo provável que, na história do quarto capítulo de Juízes, Jabim tenha sido introduzido como uma personagem secundária. Eventos distintos aparecem em Josué 11 e em Juízes 4. Por isso mesmo, muitos intérpretes supõem que tenha havido *dois homens* com o mesmo nome, Jabim.

Hazor. Ver o artigo detalhado sobre essa cidade, no *Dicionário*. Modernamente é conhecida como Tell el-Qedah, a cerca de cinco quilômetros do lago Hulé (Meron), também chamado Semeronitis, na Alta Galiléia. Ver completos detalhes quanto a isso no artigo existente no *Dicionário*, chamado *Águas de Merom*.

Jobabe. Ver a respeito desse homem no *Dicionário*.

Madom. Ver a respeito dessa cidade no *Dicionário*. Essa era uma cidade real dos cananeus, no norte da Palestina (Galiléia). Tem sido identificada com Qarn Hattin, a noroeste de Tiberíades.

Sinrom. Ver sobre esse nome, no *Dicionário*, em seu segundo ponto. Algumas traduções (como a nossa versão portuguesa) dão a entender que esse era o nome de um dos reis daquela área; porém o mais provável é que esteja em pauta uma cidade. Nesse caso, o rei de Sinrom não teria sido chamado por nome. Sinrom era uma cidade que coube à tribo de Zebulom (ver Jos. 19.15), perto de Belém. Ver as notas expositivas em Gên. 14.2.

Acsafe. Tal como no caso de Sinrom, temos aqui não um rei (conforme nossa versão portuguesa dá a entender) e, sim, uma cidade. Essa localidade talvez ficasse no sítio do moderno Tell Kisan, a sudeste de Acre, na planície costeira. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Acsafe*, quanto a maiores detalhes.

11.2

E aos reis, que estavam ao norte... Vários reis são aqui aludidos, mas sem especificar seus nomes, os quais se aliaram contra Israel. Suas localizações geográficas, contudo, são fornecidas de modo geral.

Na região montanhosa. Temos aí uma referência ao Líbano e ao Antilíbano, com outras serras próximas, de acordo com Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 11). ou, talvez, estejam em vista as terras altas da Galiléia, uma região que já não fica tão para o norte.

Na Arabá. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. Neste ponto, presume-se, está em foco o vale do rio Jordão, que corria do mar da Galiléia para o sul.

Quinerete. Esse era o nome antigo do *mar da Galiléia* (ver a respeito no *Dicionário*).

Nas planícies. Ou seja, na *Sefelá* (ver as notas expositivas em Jos. 10.10).

Nos planaltos de Dor. Dor ficava situada nas costas do mar Mediterrâneo, cerca de vinte e quatro quilômetros ao sul da cidade de Haifa. As *costas de Dor* talvez signifiquem as planícies costeiras ao sul do monte Carmelo, de cujas planícies Dor era a cidade mais importante. Ver I Reis 4.11. Quanto a maiores detalhes, ver o verbete intitulado *Dor (Cidade)*, no *Dicionário*.

11.3

Aos cananeus do oriente e do ocidente. Este versículo confere-nos dimensões adicionais da aliança feita contra Israel, através da menção de vários inimigos antigos que habitavam na terra de Canaã, todos os quais são comentados no *Dicionário*. Ver também sobre as sete nações que teriam de ser expulsas da Terra Prometida, em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1, onde aparecem notas expositivas adicionais sobre cada um de seus nomes.

Mispa. Ver sobre essa localidade, no *Dicionário*. Vários lugares eram assim chamados, nos dias do Antigo Testamento. A Mispa do presente texto aparece ali sob o quarto ponto. Ficava no extremo norte da Galiléia, e seus principais habitantes eram os heveus. Mas o local exato da cidade é desconhecido.

11.4

Muito povo, em multidão. O texto enfatiza quão *maciça* era a oposição a Israel. A vitória, portanto, só podia ser obtida mediante ousadia, coragem e, principalmente, fé em Yahweh. Josué era o homem certo para aquela contingência.

Como a areia. Temos aqui uma expressão proverbial para denotar qualquer grande número que os homens desistissem de contar. A expressão foi usada por várias vezes para referir-se ao grande número dos filhos de Israel, em resultado das bênçãos decorrentes do Pacto Abraâmico. Ver Gên. 22.17 e 32.12.

Muitos cavalos, carros de combate e instrumentos de guerra foram adicionados ao terror que as tropas inimigas representavam. Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 18) disse que o número do exército combinado do inimigo era de trezentos mil infantes, dez mil cavalos, trinta mil carros de combate — mas não sabemos quão exatas são as cifras por ele referidas. Se, porventura, esses números estavam corretos, então sem dúvida esse era o maior exército que se tinha concentrado até aquele momento da história de Israel. Os intérpretes, contudo, duvidam de que os reis-vassalos do norte da Palestina pudessem reunir um exército assim tão numeroso. Por outro lado, Israel dispunha de seiscentos mil homens em idade de ir à guerra e com capacidade física para tanto (ver Núm. 1.46). Por conseguinte, essas cifras, dadas por Josefo, parecem perfeitamente possíveis.

11.5

Junto às águas de Merom. Ver a respeito no *Dicionário*. Alguns estudiosos têm identificado essas águas com o wadi Meron, que flui das terras elevadas da

Alta Galiléia na direção sul, para o ângulo noroeste do mar da Galiléia. Ver outras identificações possíveis no *Dicionário*. Alguns eruditos têm pensado no lago Hulé, também chamado de *Semeronitis*, a uma distância aproximada de trinta e dois quilômetros ao norte do mar da Galiléia.

O Ponto de Concentração dos Exércitos Coligados. Isso ocorreu em uma planície perto daquele lago. Israel teve de enfrentar ali um poderosíssimo exército (ver as notas sobre o versículo anterior). Se tivesse de haver sucesso, seria necessária outra intervenção divina.

11.6

Não temas diante deles. Uma vez mais Yahweh exortou Josué a que tivesse coragem. Cf. Jos. 1.9,18 e 10.25. Yahweh lutaria por Israel (ver as notas a esse respeito em Êxo. 14.14; Deu. 1.30; 3.22; 20.13; Jos. 10.8,14,42 e 23.3). As palavras encorajadoras também declararam o tempo em que a vitória seria obtida, ou seja, no dia seguinte, pelo que a ajuda de Yahweh dar-se-ia prontamente. O *herem* (ver Jos. 6.17), uma vez mais, seria a ordem do dia. O equipamento superior dos adversários não evitaria a sua derrota. Seus cavalos seriam jarretados e seus carros de combate seriam queimados a fogo. O nono versículo deste capítulo indica que a promessa divina teve cabal cumprimento, e a vitória foi obtida por Israel, conforme afirmara a predição divina. Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 18) informa-nos que aquela grande multidão *aterrorizou* tanto a Josué quanto a todo o povo de Israel, e que, por esse motivo, Yahweh precisou intervir, mediante uma promessa especial.

Os *cavalos* deveriam ser jarretados, e não capturados e utilizados, porquanto Israel não deveria multiplicar cavalos (ver Deu. 17.16). John Gill supunha que os carros de combate também não pudessem ser tomados e utilizados, a fim de que o povo de Israel continuasse a depender exclusivamente de Yahweh para obter suas vitórias.

11.7

Josué, e todos os homens de guerra... os atacaram. Não nos são fornecidos detalhes sobre a batalha, exceto pelo fato de que Josué conseguiu desfechar um eficaz *ataque de surpresa*. Isso deve ser contrastado com o oitavo capítulo deste livro, onde há um relato elaborado sobre o artifício e o chamariz usados por Josué a fim de destruir Ai e seu exército. Devemos compreender que a capacidade militar de Josué era impressionante, conforme descrevi no último parágrafo da introdução a este capítulo.

11.8

E os feriram, e os perseguiram. O sucesso inicial foi seguido por outra grande perseguição e matança. Eram ações de "limpeza" que visavam aniquilar totalmente a um exército, deixando as cidades sem defesa diante do exército atacante de Israel, para outra tremenda matança de civis. Ninguém deveria ficar com vida, porquanto aquela era uma *guerra santa* (ver Deu. 7.1-5). Nessa oportunidade, o inimigo foi perseguido na direção oeste, até a costa marítima.

Até à grande Sidom. Ver Gênesis 10.15 e suas notas expositivas, quanto a essa cidade. Esse era o porto fenício que ficava a quase sessenta e cinco quilômetros para o norte, ainda que, no presente texto, é provável que esteja em pauta somente a fronteira da Fenícia.

Misrefote-Maim. Ver sobre essa cidade no *Dicionário*. Tal localidade tem sido identificada, por alguns estudiosos, com Kirbet el-Musheirefeh, imediatamente ao sul do ponto do promontório conhecido como "Escada de Tiro" (Ras en-Naqura). Mas outros eruditos afirmam que está em pauta a cidade de *Sarepta* (ver a respeito no *Dicionário*), que também tem sido identificada com Misrefote-Maim. Ou, então, 'Ain Meshrfi assinala o local antigo, uma região de fontes termais, perto de Ras en-Naqura. Esse lugar ficava a oeste do lago Hulé (ou Semeronitis), a cerca de cinqüenta quilômetros dali.

Vale de Mispa. Ver a respeito desse vale no *Dicionário*, bem como no terceiro versículo deste capítulo. A perseguição também seguiu na direção nordeste, como quem vai para o monte Hermom.

11.9

Fez-lhes Josué como o Senhor lhe dissera. Josué cumpriu as ordens dadas pelo Senhor, não ficando com os cavalos, a fim de usá-los em ocasiões futuras, e destruindo os carros de combate que lhe teriam fornecido um equipamento superior para batalhas futuras. Ver o sexto versículo deste capítulo, onde já comentei sobre o assunto. Os cavalos foram inutilizados para as lidas da guerra. Provavelmente os cavalos foram mortos, pois de que adiantaria tantos cavalos aleijados? Talvez os cavalos fossem primeiramente jarretados e, depois, abatidos. O ato como que dizia: "Não temos nenhuma utilidade para estes animais, na guerra. Yahweh é suficiente para nós". Ver o Salmo 20.7 quanto ao espírito da ordem baixada por Yahweh. Tempos mais tarde, a tribo de Judá utilizou-se de cavalos de guerra. Ver II Reis 23.11. E bem sabemos que Salomão multiplicou cavalos.

11.10

Tomou a Hazor e feriu à espada ao seu rei. Esse rei tinha sido a cabeça pensante por trás da formação da coligação de cidades cananéias do norte da Palestina contrárias a Israel. Ver os vss. 1-3 deste capítulo. Portanto, foi apenas próprio que Josué, tendo derrotado os exércitos cananeus coligados, no campo de batalha, tivesse agora voltado a sua ira contra o principal chefe da coligação. Ele havia sido o principal responsável pelas dificuldades enfrentadas ultimamente pelos hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hazor*, quanto a comentários adicionais, no primeiro versículo deste capítulo.

"Ele foi destacado para receber um castigo especial, provavelmente porque a sua cidade era, em muito, a maior cidade da antiga Palestina, cobrindo uma área de quase cem mil metros quadrados, ou seja, uma cidade comparável a Megido (ver o vs. 14) ou a Jericó (ver o vs. 8). Ocupando uma posição tão estratégica, Hazor dominou vários ramos de uma antiga artéria que ia do Egito à Síria, e daí até a Assíria e a Babilônia. Essa localização de Hazor, à margem de uma importante rota comercial, contribuía para o enriquecimento cada vez maior da cidade. Por isso, somente Hazor, entre todas as cidades do norte da Palestina, foi conquistada e incendiada" (Donald K. Campbell, *in loc.*). É possível que as demais cidades da região tivessem sido deixadas intactas, uma medida que relaxava as normas que a guerra santa impunha, a fim de que o povo de Israel, que estava chegando à Terra Prometida, tivesse cidades prontas para serem habitadas.

11.11

Ninguém sobreviveu; e a Hazor queimou com fogo. Tanto a *guerra santa* quanto o *herem* (ver Deu. 7.1-5 e Jos. 6.17, respectivamente, quanto a explicações sobre esses termos) reduziram Hazor a nada; e, naturalmente, o rei que havia encabeçado o conluio contra Israel foi executado. Jericó e Ai tinham sido incendiadas; e Hazor recebeu tratamento idêntico. Em um período posterior, porém, Hazor foi reconstruída, de maeira que lemos que, na época da profetisa Débora, o lugar era habitado por cananeus e até tinha o seu próprio exército (ver Juí. 4.2).

11.12,13

Josué tomou todas as cidades desses reis. As demais cidades dos reis que tinham entrado em aliança com o rei de Hazor, apesar de terem sua gente toda passada a fio da espada, não foram incendiadas, presumivelmente a fim de conceder a Israel cidades prontas para serem habitadas. Os mandamentos que Moisés havia recebido da parte de Yahweh, por conseguinte, foram cumpridos, pelo menos no tocante à "guerra santa", conforme se vê em Deu. 7.1,2.

Há uma tradição judaica que nos informa que o fato de essas outras cidades "não terem sido incendiadas" também fez parte de um mandamento baixado por Yahweh (*Bereshit Rabba*, sec. 8, fol. 71.1). Usualmente, porém, essas tradições se baseiam em especulações, a fim de justificar ou explicar coisas que, porventura, estivessem acontecendo.

As cidades que estavam sobre os outeiros. Algumas traduções ou versões dizem aqui algo como "as cidades que se mantiveram com suas próprias forças". Mas o mais provável é que devamos mesmo pensar em "cômoros". O termo hebraico é *tell*, palavra essa que, tecnicamente, veio a significar um "cômoro", uma elevação artificial criada pelo homem, devido a sucessivas construções, formando camadas em um único lugar, no decurso de muitas gerações. Atualmente, esses "cômoros" são investigados pela arqueologia. A referência, neste versículo, é a cidades construídas nesses lugares mais elevados que o terreno em redor, e transformadas em fortalezas. Ver Jos. 8.28; Deu. 13.16; Jer. 30.18. As cidades elevadas sobre áreas elevadas, como as colinas, podiam ser mais facilmente defendidas, servindo de locais naturais para a construção de cidades-fortalezas. Não devemos pensar em "cômoros" amontoados especificamente para essa finalidade.

11.14

E todos os despojos destas cidades. Uma vez mais, foi permitido que os soldados de Israel tomassem despojos. Todavia, nenhum habitante daquelas cidades teve permissão de permanecer com vida. Os despojos incluíam animais domesticados, bens domésticos, metais preciosos, instrumentos agrícolas e as próprias edificações. Todos os instrumentos usados na idolatria, entretanto, tinham de ser destruídos (ver Deu. 7.25); mas coisas que não estivessem ligadas às práticas idólatras podiam ser usadas livremente. Cf. Jos. 8.27; 22.8.

11.15

Como ordenara o Senhor a Moisés, seu servo. A *guerra santa*, determinada por Yahweh primeiramente a Moisés, e, depois, a Josué, foi levada a efeito com zelo e precisão. Todas as coisas destruídas foram consagradas a Yahweh como um holocausto, sendo isso a aplicação do herem. Ver Deu. 7.1-5 e Jos. 6.17 quanto a essas medidas. Isso posto, o sucesso só foi obtido mediante uma obediência incondicional a Yahweh (ver Jos. 1.3-9). Obediência plena resultava em admiráveis vitórias; e nisso temos uma grande lição espiritual, que se origina de toda aquela matança. Ver Êxo. 24.11-13; Núm. 17.19; 33.52; Deu. 7.1-5; 31.7 quanto a várias ordens emanadas da parte de Yahweh.

Sumário das Conquistas (11.16 - 12.24)

Uma vez terminada com sucesso a *campanha do norte* da Palestina, então toda a Terra Prometida passou para as mãos do povo de Israel. Os versículos 16 e 17 deste décimo primeiro capítulo mencionam áreas conquistadas por toda a Palestina. O versículo 23, por sua vez, mostra-nos que *toda* a Terra Prometida fora conquistada; e, em seguida, ela foi dividida entre as doze tribos. Mas não devemos considerar que a conquista de "toda esta terra" (vss. 16 e 23) precisa ser entendida em um sentido absoluto. O trecho de Jos. 13.2-6 mostra-nos que Israel não conseguiu conquistar absolutamente todo o território que lhe havia sido prometido. Além disso, a passagem de Jos. 13.1,7 informa-nos que a distribuição do território entre as tribos foi adiada por bastante tempo, o que sugere dificuldades e possíveis derrotas em campo de batalha. Isso posto, a conquista de "toda esta terra" é uma simplificação da questão, embora suficiente para que Israel exercesse domínio sobre seu território nacional.

O passo bíblico de Jos. 11.16-23 fornece-nos uma revisão das áreas geográficas que foram conquistadas. O capítulo 12 de Josué, por sua vez, lista os nomes dos reis amorreus derrotados. A vitória foi grande, apesar de alguns lapsos e de tarefas que não chegaram a ser completadas. Mas as fronteiras de Israel foram assim expandidas de leste para oeste, e do sul para o norte, de acordo com a seqüência dos lances da conquista.

11.16

Tomou, pois, Josué toda aquela terra. Está em pauta a Palestina, a Terra Prometida, o território pátrio de Israel, aquele território que foi dado como herança a Abraão e seus descendentes, de acordo com o Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

A região montanhosa. Está em destaque, principalmente, o território conferido à tribo de Judá. Cf. Jos. 10.40. Essa região foi conquistada por ocasião da campanha do sul da Palestina, descrita no décimo capítulo do livro de Josué.

Todo o Neguebe. O Neguebe era a região semi-árida ao sul do território ocupado pela tribo de Judá, conforme se vê no artigo com esse nome, no *Dicionário*. Ver também Jos. 10.40 onde ofereço notas expositivas adicionais. Outras traduções, contudo, dizem aqui "toda a região sul", mesmo porque o Neguebe era o extremo sul da Terra Prometida.

A terra de Gósen. Ver as notas em Jos. 10.41. Essa região também foi conquistada por Israel durante a campanha militar no sul.

As planícies. As terras baixas (ver Jos. 10.40), também conhecidas como a *Sefelá* (ver Jos. 10.10).

A Arabá. Ver a respeito no *Dicionário*. O termo aponta para o vale do rio Jordão, embora tenha sido usado aqui talvez para indicar, de modo geral, toda a fenda ocupada pelo rio Jordão e pelo mar Morto.

A região montanhosa de Israel. Devemos pensar aqui na área de terras elevadas que ficaram com a tribo de Efraim, ou então as porções central e sulista da terra, também cobertas em Jos. 10.40.

Com suas planícies. Ou, uma vez mais, a *Sefelá* (ver acima e também Jos. 10.10), ou a área em torno de Jerusalém. Ver Eze. 17.23; 20.40. Mas alguns estudiosos preferem pensar nas colinas de Samaria e nos vales circundantes.

11.17

Desde o monte Halaque (Heleque). Temos aí o extremo sul da região mencionada. Talvez esteja em foco o Jebel Halaq, cerca de quarenta e três quilômetros ao sul de Berseba. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Heleque, Monte*. Esse monte ficava quase sessenta e cinco quilômetros a sudoeste do extremo sul do mar Morto.

Que sobe a Seir. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Seir*. Esse termo usualmente aponta para a serra montanhosa de Edom, mas aqui, talvez, se limite à extensão do território idumeu a oeste de Arabá, que se estende até o deserto de Zim. Quando se fala em Seir, ainda estamos na região sul da Terra Prometida.

Até Baal-Gade. Agora, já estamos na região *norte* da Terra Prometida. É provável que esteja em vista o vale existente a oeste do monte Hermom. O intuito do autor sagrado, no uso que fez de seus termos gerais, foi de incluir aqui toda a parte ocidental da Palestina, excetuando apenas a planície costeira e a planície de Jezreel. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Baal-Gade*. Todavia, esse termo também pode aplicar-se a uma cidade que havia no vale do Líbano, perto do monte Hermom. Ver também Jos. 12.7 e 13.5. A localização exata de Baal-Gade é desconhecida para nós.

Ao pé do monte Hermom. Ver a respeito desse monte no *Dicionário*.

Todos os reis cananeus e seus exércitos, das áreas que são descritas neste versículo, em termos geográficos gerais, foram destruídos em resultado da *guerra santa*, e todas essas populações foram consagradas a Yahweh, mediante o *herem* (a consagração de coisas, animais e pessoas a Deus, como um holocausto).

Conclui-se que, apesar de nem todo o território prometido a Israel ter sido conquistado, visto que restaram bolsões de resistência até os dias de Davi, a época dos cananeus, na Terra Prometida, havia terminado (ver Gên. 15.16); e, por outro lado, a época de Israel tinha raiado. O sumário apresentado pelo autor sacro não incluiu as campanhas do leste e do oeste, mas ele nos faz lembrar essas campanhas. No capítulo 12 do livro de Josué, na listagem dos reis derrotados, o autor sagrado nos apresenta uma descrição mais exata da conquista total. Além disso, os versículos restantes deste capítulo incluem outras regiões não mencionadas no sumário dos versículos 16 e 17.

11.18

Por muito tempo Josué fez guerra. Lendo o livro de Josué, até este ponto, temos a impressão de que as vitórias de Israel ocorreram súbita e facilmente, excetuando a derrota isolada diante da cidade de Ai, que precisou ser corrigida mediante um segundo ataque. Mas o autor sagrado informa-nos, neste versículo, que ele deixara de relatar os lances mais difíceis — os momentos em que a conquista, efetuada por Israel, sofreu retrocessos e derrotas. Ver Jos. 13.1 ss. As vitórias obtidas tinham consumido um longo tempo, algo sobre o que jamais teríamos pensado, se este versículo não nos informasse. Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 19) adicionou que Israel precisou de *sete anos* para conquistar a Terra Prometida.

"O período de subjugação completa cobriu *muito tempo*. Não foi algo conseguido de um dia para o outro, e nem mesmo em um ano... O cumprimento de qualquer objetivo não somente custa muito, mas também requer grande paciência. A coragem é algo essencial, mas a paciência e a perseverança também são essenciais" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Que Dizem os Críticos? Estes pensam que a conquista da Terra Prometida realmente requereu muito, muito tempo, tendo ocorrido por meio de ondas, e não através de um único esforço conjunto. E, conforme eles também supõem, parte do território foi ganho mediante a simples saída das primitivas populações que ocupavam esta ou aquela região, e não somente por meio da guerra. Ver Jos. 14.10.

11.19

Não houve cidade que fizesse paz com os filhos de Israel... por meio de guerra as tomaram todas. Este versículo abre uma única exceção a isso, Gibeom, a qual estabeleceu um acordo de não-agressão com Israel, e isso por meio de um logro... Na verdade, a guerra santa proibia qualquer tipo de tratado de paz entre Israel e as nações cananéias dentro das fronteiras da Terra Prometida. Os cananeus dali deveriam ser completamente obliterados, para que não restassem chances de infecção paganizadora que ameaçasse Israel. Ver Deu. 7.2 quanto à ordem divina contra tais acordos de paz. Josué abriu uma exceção nessa regra, a saber, com os gibeonitas, porquanto foi enganado por eles, e não porque quisesse desobedecer propositadamente às ordens de Yahweh. Ver o nono capítulo de Josué quanto à história do logro pespegado pelos gibeonitas em cima do povo de Israel.

Gibeom contava com três cidades-satélites. Todos os habitantes das quatro cidades foram reduzidos à servidão, até que, finalmente, foram absorvidos pela nação de Israel. Ver a introdução ao capítulo nono de Josué quanto a uma síntese sobre as relações entre Gibeom e Israel. Ver também o artigo chamado *Gibeom*, no *Dicionário*. Israel prestou um juramento, na presença de Yahweh, por ocasião do estabelecimento do tratado de paz com Gibeom. Os juramentos eram considerados sagrados e invioláveis, por parte dos filhos de Israel. Assim sendo, embora enganados, os filhos de Israel não puderam fazer guerra aos gibeonitas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Heveus*.

11.20

Do Senhor vinha o endurecimento dos seus corações. Yahweh endureceu o coração dos adversários de Israel, tal e qual tinha feito no caso de Faraó. Ver Êxo. 4.21 e 8.15 como exemplos. Esse propósito divino *garantia* o começo das hostilidades, mediante a *guerra santa*. Yahweh não estava interessado somente na vitória de Israel. Ele requeria o aniquilamento daquelas populações idólatras, que já haviam enchido a sua taça de iniqüidade. Era a "solução final" de Yahweh. Nenhuma área infecciosa deveria sobreviver. Esse ideal, contudo, não foi inteiramente atingido, conforme se lê em Jos. 13.1 ss. Mas foi realizado o suficiente para garantir um território pátrio para o povo de Israel. Foi Davi quem terminou a tarefa. E, alguns séculos depois desse grande rei de Israel, as *corrupções internas* de Israel e sua tendência para a idolatria finalmente causaram os cativeiros (primeiro o assírio, e depois o babilônico), quando a própria nação de Israel viu-se privada de seu território nacional. Por conseguinte, os cativeiros de Israel tiveram a mesma causa básica da expulsão dos povos cananeus da Terra Prometida. Ver as notas expositivas sobre Gên. 15.16. Uma vez cheia a taça da iniqüidade, isso requer medidas drásticas da parte de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*.

A ordem de destruição completa foi dada, primeiramente, através de Moisés (ver Deu. 7.1,2) e, mais tarde, através de Josué (ver Jos. 1).

11.21

Veio Josué, e eliminou os enaquins. Encontramos aqui menção à destruição dos gigantes que habitavam na Terra Prometida. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Anaque (Anaquim)*, que é um artigo detalhado sobre essa raça de gigantes. Como estamos vendo, nossa versão portuguesa estampa as formas variantes desses nomes, Enaque e enaquins. Esses gigantes eram motivo de uma das grandes preocupações dos filhos de Israel: "Quem poderá resistir aos filhos de Anaque?" (Deu. 9.2), tinham eles perguntado. Ver também Deu. 1.28 e 2.10,21. Essa raça era constituída por homens de gigantesca estatura, poderosos e habilidosos na guerra. Também eram brutais e destituídos de misericórdia. Josué via neles um obstáculo especial na conquista da Terra Prometida; mas o texto que estamos comentando, no fim deste capítulo, mostra-nos que o poder de Yahweh não se deixa entravar por nenhuma forma de obstáculo, mesmo quando se trata de enfrentar uma raça de gigantes. A destruição dos enaquins constituiu um importante aspecto da vitória total de Israel, que garantiu, afinal, a posse total da Terra Prometida por parte dos hebreus (ver o vs. 23). Ver também Jos. 14.12; 15.13; Núm. 13.22,28,33.

Todas as áreas geográficas aqui mencionadas, como lugares onde os gigantes habitavam, recebem artigos específicos no *Dicionário*. Somos informados nas Escrituras que os enaquins eram, essencialmente, habitantes das regiões montanhosas. Era ali que eles tinham suas fortalezas e suas imensas muralhas. O trecho de Josué 10.36-39 relata a conquista das cidades de Hebrom e de Debir, mas não menciona a presença de gigantes enaquins.

Anabe. Essa cidade ficava a menos de seis quilômetros de Debir, mais para o sul, pois os gigantes tinham expandido até ali o seu território. Entretanto, várias cidades filistéias das costas marítimas haviam conseguido escapar ao domínio israelita; e ali existiam gigantes, nos tempos de Josué, que não foram destruídos. Nos dias de Davi, Golias, um descendente dos enaquins, apresentou-se para desafiar o povo de Israel. Mas Davi o matou (ver I Sam. 17).

"A morte de Sesai, Aimã e Talmai, os três filhos de Anaque, chefe dos enaquins, ficou registrada no trecho de Juízes 1.10" (Ellicott, *in loc.*).

11.22

Somente em Gaza, em Gate e em Asdode alguns [enaquins] subsistiram. Nenhum dos enaquins continuou vivo nos territórios conquistados por Israel. Mas Israel não conseguiu derrotar todas as cidades costeiras dos filisteus, e essa circunstância permitiu que certo número de gigantes escapasse com vida naqueles lugares. O trecho de Jos. 13.1 ss. fornece-nos maiores informações sobre o fracasso de Israel em conquistar a totalidade absoluta da Terra Prometida. Uma de minhas fontes informativas fala sobre o fracasso de Israel quanto a certos lugares, atribuindo esse fracasso a uma "infeliz superintendência". Na verdade, porém, Israel não dispunha de forças suficientes para desfechar uma guerra de extermínio total. A tarefa ficou suspensa até os dias de Davi. Os lugares mencionados neste versículo recebem artigos específicos no *Dicionário*. O gigante Golias era de uma dessas três cidades filistéias, a saber, *Gate* (ver I Sam. 17 e II Sam. 22).

11.23

Tomou Josué toda esta terra. O autor sagrado tinha acabado de dizer (no versículo anterior) que Israel não tomara absolutamente toda a Terra Prometida, nos dias de Josué, e que era obrigação dos hebreus fazê-lo.

O trecho de Josué 13.1 ss. fornece-nos mais alguns pormenores sobre os fracassos de Israel na conquista da Terra Prometida. Em um sentido geral, entretanto, era correto dizer que todo o território tinha sido subjugado. Embora tenham restado alguns bolsões de resistência aos israelitas, e esses bolsões permanecessem por vários séculos, isso não impediu que Israel dividisse a Terra Prometida entre as doze tribos. O autor sacro, pois, simplificou a questão. Ele tinha plena consciência dos fracassos e das limitações de Israel; mas esses pontos negativos não eram fatais para a causa do povo de Deus. Na verdade, Israel obteve a sua herança sob a forma de terras, que lhe foram prometidas dentro do Pacto Abraâmico (ver as notas expositivas a respeito em Gên.15.18). Cf. Jos. 23.4,5.

Yahweh Prometera a Moisés a Terra Prometida para Israel. Ver Deu. 11-23-25. Esse juramento estava agora virtualmente cumprido. Antes mesmo disso, fora feita a promessa a Abraão de que seus descendentes herdariam a Terra Prometida, e esse era um aspecto importante do pacto firmado com aquele patriarca. O Messias viria ao mundo por intermédio da nação de Israel, e isso em seu território nacional. Isso significa que propósitos anteriores tiveram o seu cumprimento no evento da conquista da Terra Prometida. Ato contínuo, o Messias universalizou o plano e chamou seres humanos dentre todas as nações da terra para fazerem parte da comunidade que goza da graça divina e da salvação eterna. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mistério da Vontade de Deus*, bem como as notas expositivas sobre Efésios 1.9,10, no *Novo Testamento Interpretado*.

Os capítulos 13 a 22 do livro de Josué conferem-nos detalhes completos sobre como o território da Terra Prometida foi dividido entre as tribos de Israel. Embora certas porções daquele território não tenham sido dominadas, a Terra Prometida, de modo geral, foi conquistada. Somente depois do cumprimento desse propósito divino é que a terra "repousou da guerra", uma declaração reiterada em Josué 14.15.

Tipologia. Josué foi um tipo de Jesus Cristo. Da mesma maneira que Josué foi capaz de conquistar a Terra Prometida, por semelhante modo Cristo ofereceu uma plena e universal salvação, congraçando todas as nações da terra no aprisco de Sua graça. Ver Efé. 1.9,10 e Gál. 3.26 ss. Ver também o trecho de Hebreus 4.8, quanto a Josué como um tipo de Cristo, ou seja, como aquele que *nos dá descanso*. O artigo do *Dicionário*, intitulado *Josué*, inclui essa questão dos tipos simbólicos.

Capítulo Doze

Nesta seção do livro de Josué, temos a conclusão da história da conquista da Terra Prometida, mediante um sumário geral dos acontecimentos. Além do sumário que já foi apresentado (ver Jos. 11.16-23), o autor sacro nos fornece agora um catálogo detalhado dos reis cananeus que foram derrotados pelas tropas de Israel. Logo, este capítulo 12 de Josué expõe o cumprimento das *expectações* expressas no primeiro capítulo. O sumário arrola as principais batalhas, mas deixa de lado os retrocessos e as derrotas (os quais, contudo, ficam implícitos em Jos. 13.1 ss.). Mas também, não há que duvidar, deixa de mencionar muitas vitórias de Israel que nunca foram citadas. Josué não dispunha de um exército numeroso o bastante para conquistar absolutamente todos os lugares, sendo provável que esperasse que cada tribo terminasse a conquista em seu próprio território, depois que tivesse reunido forças suficientes.

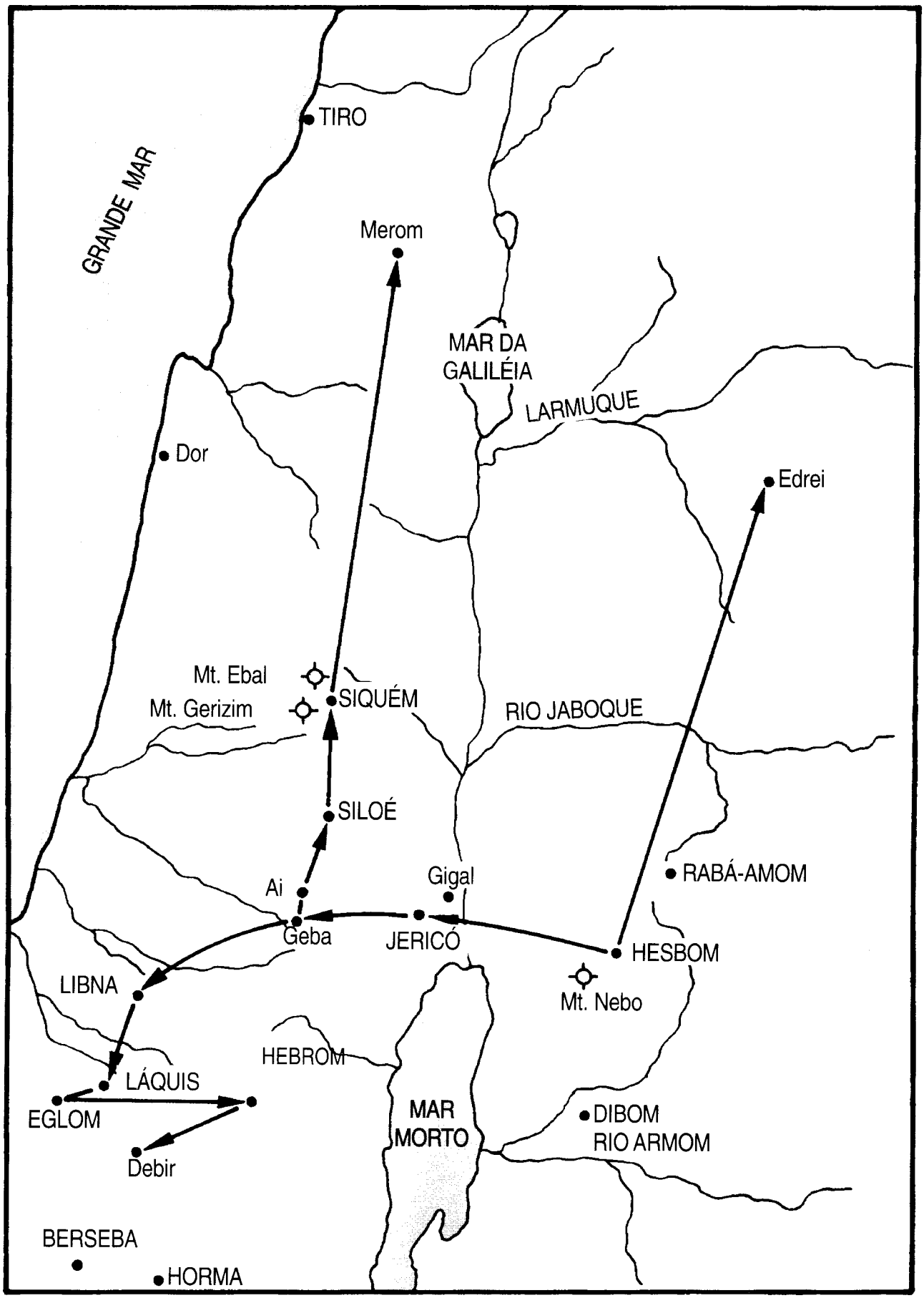
Seqüência da Conquista. A conquista havia começado pela parte *oriental* da Terra Prometida (a Transjordânia), narrada nos capítulos 2 e 3 de Deuteronômio. Em seguida houve a conquista do *ocidente* (cidades de Jericó e Ai), contada nos capítulos 7 e 8 de Josué. Então foi conquistada a parte *sul* (ver o capítulo 10 de Josué). E, finalmente, o *norte* da Terra Prometida (ver o capítulo 11 de Josué).

12.1

São estes os reis da terra... dalém do Jordão. Está em destaque a parte *oriental* da Terra Prometida, que tinha o rio Jordão como divisória entre leste e oeste. A seqüência da conquista, conforme já vimos na introdução a este capítulo, em *"Seqüência da Conquista"*, começou pelo oriente, passou para o ocidente, depois para o sul e, finalmente, tomou conta do norte da Terra Prometida.

Agora, o autor sagrado inicia o *sumário* das conquistas de Israel por meio de um catálogo dos reis cananeus que foram derrotados e mortos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Transjordânia*. O primeiro versículo do presente capítulo delineia a área da Transjordânia que Israel havia conquistado. "... desde o vale do Arnom, que flui para o mar Morto, vindo do oriente, mais ou menos a meio de seu curso (no sul), até o monte Hermom (no norte); e incluindo

CONQUISTA DE CANAÃ



GUERRA SANTA

Todas as coisas vivas, homens, mulheres,
crianças e animais, deviam ser aniquiladas.
Nenhuma presa de guerra podia ser levada.
As cidades deviam ser queimadas como
um holocausto para Yahweh.

E o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti,
para as ferir, totalmente as destruirás;
não farás com elas aliança, nem terás piedade delas.

Deuteronômio 7.2

também a Arabá, para o oriente (ou seja, o vale do rio Jordão, no lado oriental daquele rio)" (John Bright, *in loc.*).

De conformidade com os padrões modernos, a distância entre os pontos extremos da conquista não era muito grande. Seom tinha governado sobre um território que, do norte para o sul, cobria, no máximo, cento e cinqüenta quilômetros. Ogue, por sua vez, tinha governado sobre uma área que se estendia para o norte da fronteira de Seom, por cerca de, no máximo, cem quilômetros. Ver Núm. 21.21-35 e Deu. 2.24-3.17.

"O riacho do Arnom servia de fronteira de Moabe (entre eles e os amorreus; ver Núm. 21.13); e dali até o monte Hermom, um monte contíguo à cadeia do Líbano, jazia o país dos dois reis dos amorreus (ver Deu. 3.8,9); a planície a leste era conhecida como planície de Moabe, que ficava no lado oriental do rio Jordão" (John Gill, *in loc.*).

12.2

Seom, rei dos amorreus. O autor sagrado começa mencionando aqui os dois reis amorreus que dominavam a Transjordânia. Essa descrição acompanha este e os quatro versículos seguintes. Os reis tiveram um fim muito triste. Já pudemos ver quase todo o material apresentado, daqui ao fim do capítulo décimo segundo, em passagens bíblicas anteriores, nos livros de Deuteronômio e de Josué. Por isso mesmo, falamos mais em *referências* a notas expositivas já oferecidas, do que comentamos a respeito desses lances históricos.

Todas as áreas geográficas e respectivas cidades mencionadas neste versículo receberam artigos no *Dicionário*. O trecho de Números 21.2 é um paralelo direto deste versículo, e as notas dadas ali adicionam algum detalhe ao que aqui se diz. O sumário está alicerçado sobre os capítulos 2 e 3 de Deuteronômio, que também oferecem detalhes sobre a questão. Quanto a um sumário, ver os dois artigos, *Seom* e *Ogue*, no *Dicionário*.

12.3

Todas as áreas geográficas e suas cidades referidas neste versículo foram comentadas no *Dicionário*. Ver também Núm. 33.49 e Deu. 3.17.

Bete-Jesimote. Esta cidade ficava localizada nas proximidades do mar Morto, nas planícies de Moabe.

Ardote-Pisga. Esta cidade ficava no sopé do monte Pisga. O nome da cidade significa "fontes de Pisga", por causa das águas abundantes que desciam daquele monte e regavam toda aquela região.

12.4

Ogue, rei de Basã. Ver sobre este rei no *Dicionário*. As três cidades aqui mencionadas, Basã, Astarote e Edrei, também recebem artigos separados no *Dicionário*. Ogue era um gigante, como se vê pelas dimensões de sua cama de ferro, o que nos deixa admirados. Ver Deu. 3.11; Núm. 21.33; 32.33; Deu. 4.47 e 31.4. O livro de Deuteronômio diz-nos que esse homem governava *muitas* cidades. O trecho de Deuteronômio 3.4 menciona nada menos de sessenta cidades!

Que havia ficado dos refains. Ver sobre esta raça de gigantes no *Dicionário*. Deuteronômio 2.11,12 ajunta que esses gigantes eram numerosos. A arqueologia tem encontrado algumas estruturas imensas que, evidentemente, foram construídas por essa raça de gigantes.

12.5

Todas as áreas geográficas e cidades que figuram neste versículo recebem artigos no *Dicionário*. *Salcá* era uma cidade que pertencia ao reino de Ogue, conforme lemos em Deu. 3.10. *Basã* era uma região famosa por suas pastagens, por seu gado nédio, por suas águas e carvalhos abundantes, com freqüência mencionados no Antigo Testamento como um dos artigos exportados por aquela região.

Termo dos gesuritas e dos maacatitas. Temos aí duas populações que os filhos de Israel não puderam expulsar. (Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Gesur, Gesuritas* e *Maacatitas*). Quanto a outras informações sobre eles, ver as notas sobre Josué 13.13. Quando o autor sagrado escreveu o livro de Josué, eles continuavam em seu antigo domicílio. Ver a introdução ao livro de Josué no tocante a questões sobre autoria e data.

Metade da região de Gileade pertencia a Seom, e a outra metade pertencia a Ogue. Os reinos desses dois homens uniam-se em *Hesbom* (ver a respeito no *Dicionário*).

12.6

Moisés... e os filhos de Israel feriram a estes. Esses dois monarcas, Seom e Ogue, foram derrotados mediante o poder de Yahweh, através de Josué; e o resultado foi que nos territórios deles instalaram-se as tribos de Rúben, de Gade e a meia tribo de Manassés. Por conseguinte, antes mesmo da conquista da parte ocidental da Terra Prometida, a sua parte *oriental* já tinha sido não somente conquistada, mas até mesmo ocupada por Israel. Ver o capítulo 32 do livro de Números quanto à narrativa sobre esses eventos. Ver também Deu. 3.12-20. Esse território foi entregue àquelas duas tribos e meia, sob a promessa de que um forte contingente (foram cerca de quarenta mil homens) ajudasse a seus irmãos na conquista da porção ocidental da Terra Prometida, bem como de todo o resto da Palestina. Ver Núm. 32.20 ss.. E a promessa foi mantida, conforme aprendemos no capítulo 22 do livro de Josué. Dessa forma a Transjordânia tornou-se uma possessão oficial daquelas duas tribos e meia mencionadas anteriormente.

12.7,8

O Catálogo dos Reis Derrotados por Israel. Já pudemos ver um sumário da conquista da Transjordânia por parte dos hebreus, bem como da queda dos dois reis dali, Seom e Ogue (vss. 1-6 deste capítulo). Agora, o autor sacro passou a apresentar os nomes das cidades cujos reis tinham sido derrotados. Esta seção começa passando em revista os lugares conquistados no *ocidente* e no *sul* (vss. 9-16), em um total de *dezesseis* cidades. Em seguida, ele diz os nomes das cidades da porção *norte* da Terra Prometida cujos reis foram derrotados (vss. 17-24), em um total de *quinze*. Portanto, o número dessas cidades aumenta para trinta e um. Em um território tão pequeno havia tamanho número de reis. O território media apenas cerca de duzentos e cinqüenta quilômetros, no máximo, na direção norte-sul, e um terço disso na direção oeste-leste. Isso significa que a Transjordânia era bem menor que o nosso estado de São Paulo. Isso posto, se falarmos em termos de cidades-estados e de reis-vassalos, estaremos oferecendo uma descrição bastante acurada. É admirável saber quanta guerra e quantas perturbações tão pequena faixa de terra tem atraído através dos séculos. Até hoje, aquela minúscula região continua constituindo uma das áreas mais problemáticas do planeta.

Ver no *Dicionário* os dois verbetes denominados *Tribos, Localização das* e *Tribo (Tribos de Israel)*.

Independência das Cidades-Estados. Essencialmente, as cidades conquistadas por Israel na Transjordânia eram politicamente independentes umas das outras. Lemos a respeito de duas alianças que foram formadas entre essas cidades, na tentativa de obstar o avanço das tropas conquistadoras de Israel. Essas coligações foram aquela encabeçada pelo rei de Jerusalém (ver Jos. 10.1-5), e aquela presidida pelo rei de Hazor (ver Jos. 11.1-5). A falta de unidade dos habitantes primitivos da terra de Canaã foi um fator que facilitou o avanço do povo de Israel.

Henry T. Seel aludiu à importância dessa conquista, levando em conta os seus efeitos a longo prazo: "Nunca houve uma guerra mais importante por causa de uma causa mais importante. A batalha de Waterloo decidiu a sorte da Europa, mas essa série de refregas, na antiga e distante terra de Canaã, decidiu a sorte do mundo" *(Bible Study in Period)*.

Material Literário Apresentado. Quase todas as cidades conquistadas que aparecem na lista que se segue já haviam sido mencionadas nas narrativas bíblicas anteriores. Todavia, são aqui adicionadas algumas delas sobre as quais nada antes tínhamos ouvido. As que já haviam sido mencionadas não recebem aqui novos comentários. Portanto, dou apenas referências às exposições que já haviam sido feitas. Mas as cidades que nunca antes tinham sido mencionadas recebem comentários nas notas expositivas a seguir.

Informes Topográficos. Esses informes, dados nos versículos 7 e 8 deste capítulo, são os mesmos que já tinham figurado em Jos. 10.40 e 11.16,17, onde o leitor deve consultar as notas expositivas. Os *povos* derrotados e aniquilados são os mesmos que aparecem em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1, excetuando o fato de que os *girgaseus* não são mencionados. A razão disso é que eles, para todos os efeitos práticos, estavam extintos, e o autor sagrado, mui provavelmente, não se quis dar ao trabalho de mencioná-los, por causa de sua insignificância.

No deserto. Esse detalhe geográfico não tinha sido mencionado nos trechos paralelos, conforme podemos ver anteriormente. Estão em foco os desertos que há na região sul e leste da Palestina, uma grande área territorial que não foi claramente caracterizada. Esse território não é distinguido de Arabá e Neguebe com clareza.

12.9-13

Todos os lugares mencionados nestes cinco versículos (cujos respectivos reis foram mortos) são repetições de coisas que já haviam sido ditas nos capítulos segundo a décimo do livro de Josué, e aparecem na mesma ordem em que

figuram nas passagens anteriores, com a exceção única de Geder (vs. 13). A lista começa por Jericó e Ai, que ficavam na porção *ocidental* da Terra Prometida. É provável que outras localidades (como Betel) tenham sido conquistadas como parte dessa invasão da porção leste. Em seguida, a lista volta sua atenção para o *sul* da Palestina.

Todos os nomes próprios que figuram aqui recebem artigos separados no *Dicionário*. Supro referências cruzadas que orientam o leitor a respeito de onde as diversas conquistas já haviam sido mencionadas no texto sagrado.

No vs. 9:

Jericó (cap. 6).

Ai (caps. 7 e 8).

Betei (7.2 e 8.9; ver também o vs. 16 deste capítulo).

No vs. 10:

Jerusalém. O rei dessa cidade chamava-se Adoni-Zedeque. Encabeçou uma aliança de cinco reis contra Israel. Ver Jos. 10.1,26. Somente duas coligações dessa natureza foram formadas. A grande Independência das cidades-estados dos amorreus facilitou a vitória de Israel. Ver os comentários sobre o vs. 7 deste capítulo, que ampliam a questão.

Hebrom. O rei dessa cidade chamava-se Hoão, e foi um dos cinco reis coligados contra Israel. Ver Jos. 10.3.

No vs. 11:

Jarmute. O rei dessa cidade chamava-se Pirão, e também foi membro da coligação de cinco reis, encabeçados pelo rei de Jerusalém. Ver Jos. 10.3.

Laquis. O rei dessa cidade chamava-se Jafia, e também foi um dos reis formadores da aliança de cinco reis. Ver Jos. 10.3.

No vs. 12:

Eglom. O rei desse lugar chamava-se Debir, e também foi membro da coligação de cinco reis contra Israel. Ver Jos. 10.3.

Gezer. O rei dessa cidade chamava-se Horão. Ele tentou socorrer (inutilmente) a cidade de Laquis. Ver Jos. 10.33.

No vs. 13:

Debir. Essa cidade tem sido identificada com Quiriate-Sefer. Ver Jos. 10.38 e suas notas expositivas.

Geder. Não há nenhuma menção a essa cidade na narrativa anterior da invasão da Terra Prometida, por parte de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo *Geder*. Era uma das cidades reais dos cananeus, mencionada somente em Jos. 12.13. Ficava perto de Debir, na planície de Judá.

12.14-16

A narrativa bíblica continua mencionando cidades e reis da parte sul da Terra Prometida. Alguns dos nomes que aparecem nestes três versículos têm paralelos no capítulo 10 do livro de Josué, mas também há adições extraídas de fontes informativas desconhecidas.

No vs. 14:

Hormá. Cf. Núm. 14.45; 21.2,3 e Juí. 1.17.

Arade. Cf. Núm. 21.2; 33.40 e Juí. 1.16.

No vs. 15:

Libna. Essa cidade foi conquistada por Israel ao mesmo tempo que Maquedá e Debir. Ver Jos. 10.29 e 30.

Adulão. Ver o artigo no *Dicionário* que versa sobre essa cidade, bem como Jos. 15.35. Ver também Gên. 38.1 e I Sam. 22.1. Ficava localizada nas planícies pertencentes à tribo de Judá.

No vs. 16:

Maquedá. Ver Jos. 10.16. Foi nas proximidades dessa cidade que os cinco reis coligados se ocultaram em uma cova, onde acabaram sepultados para sempre.

Betei. Ver Jos. 7.2 e 8.17. Ficava bem perto de Ai, embora tivesse seu próprio rei-vassalo. A narrativa que se segue não diz especificamente que esse lugar foi tomado juntamente com Ai, embora tal possibilidade fique ali sugerida.

12.17-24

Daqui até o fim do capítulo, a narrativa prossegue contando as vitórias obtidas nas regiões central e norte da Palestina. Ver o versículo 10 deste capítulo, onde damos uma introdução ao catálogo dos reis, e onde há informações úteis. Quinze nomes são listados; e isso, adicionado aos dezesseis nomes que até ali tinham sido dados (vss. 7-15), fornece o total de trinta e um nomes. A maior parte desses nomes tem paralelos no material anteriormente apresentado no livro de Josué, que trata da invasão da terra de Canaã por parte de Israel; mas aqui também são dados alguns nomes novos, derivados de uma ou mais fontes desconhecidas.

No vs. 17:

Tapua. Esta cidade não havia sido mencionada na narrativa anterior sobre a invasão. Ver sobre ela no *Dicionário*. Um homem e duas cidades são assim chamados, nas páginas da Bíblia. A Tapua deste versículo era uma das cidades que ficavam na região ocidental do rio Jordão. Evidentemente, situava-se entre Betel e Hefer. Alguns estudiosos a têm identificado com o lugar mencionado em Jos. 15.34; 16.8 e 17.8, assinalado pela moderna localidade de Sheikh Abu Zarad.

Hefer. Nas páginas do Antigo Testamento, esse nome é dado a três pessoas e a uma cidade. Ver a respeito, no *Dicionário*. A localização dessa cidade é desconhecida hoje em dia, mas presumivelmente ficava perto de Betel e de Tapua.

No vs. 18:

Afeque. Ver Jos. 13.4. Ficava na fronteira dos amorreus, mas a localização dessa cidade é disputada pelos estudiosos. Quatro cidades foram assim denominadas nos dias do Antigo Testamento. Ver o artigo no *Dicionário*, com esse nome. Essa cidade ficava na planície de Sarom.

Lasarom. Algumas traduções, em lugar de Afeque e de Lasarom, dizem "Afeque em Sarom", como se estivesse em pauta não uma cidade, mas, sim, uma área geográfica. É por essa ótica que a Septuaginta vê a questão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lasarom*, para maiores explicações.

No vs. 19:

Madom. O nome do rei dessa cidade era Jobabe. Ver Jos. 11.1.

Hazor. Ver Jos. 11.1. O nome do rei dessa cidade era Jabim.

No vs. 20:

Sinrom-Merom. Ver Jos. 11.1.

Acsafe. Ver Jos. 11.1.

No vs. 21:

Taanaque. Ver Jos. 17.1, bem como o artigo assim intitulado, no *Dicionário*. Essa cidade é mencionada por sete vezes no Antigo Testamento, e o artigo existente no *Dicionário*, a respeito dela, é detalhado. Ficava situada no flanco sul do vale de Jezreel.

Megido. Ver o detalhado artigo sobre essa cidade, no *Dicionário*. Essa localidade tem sido palco de muitas atividades arqueológicas. A cidade ficava em uma colina diante da planície de Esdrelom, na parte norte da Palestina.

No vs. 22:

Quedes. Ver Jos. 19.37 e 20.7, bem como o artigo a respeito, no *Dicionário*. Esta cidade ficava situada na Alta Galiléia, no monte Naftali, a cerca de seis quilômetros e meio de Sefete, mais ou menos à mesma distância de Cafarnaum, e a cerca de trinta e dois quilômetros de Tiro.

Jocneão do Carmelo. Essa cidade (ver a respeito no *Dicionário*), conforme seu próprio nome indica, não distava muito do monte Carmelo. Ver Jos. 21.34, quanto ao relato de sua captura.

No vs. 23:

Dor. Ver Jos. 11.2. O texto sagrado diz que Dor ficava em Nafate-Dor, ou seja, na "costa marítima de Dor". Esta cidade jaz na costa do mar Mediterrâneo, aproximadamente vinte e quatro quilômetros ao sul do porto de Haifa.

Gilgal. Não era o mesmo lugar onde Josué e o povo de Israel tinham acampado antes de invadir a porção ocidental da Terra Prometida, pois aquela outra Gilgal ficava na Transjordânia. Alguns estudiosos dizem aqui "Galiléia". Cf. Isa. 9.1. Mas parece que, realmente, uma cidade chamada Gilgal está aqui em pauta, talvez sendo a moderna Juljuleh, a cerca de seis quilômetros e meio de Afeque. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Gilgal, c. A Gilgal da Galiléia.*

No vs. 24:

Tirza. No Antigo Testamento, esse é o nome de uma mulher e de uma cidade. Ver a respeito no *Dicionário*. A cidade estava situada na parte norte do monte Efraim, no alto da descida do wadi *Farah*, que se precipita para o leste, na direção do vale do rio Jordão.

Ao todo trinta e um reis. O autor sagrado acabava assim de completar a sua lista e informa-nos agora que tinham sido tomadas trinta e uma cidades, cada qual com seu rei, as quais foram destruídas pelos filhos de Israel. Todos os habitantes dessas trinta e uma cidades foram executados, mas a maioria das cidades propriamente ditas foi preservada, a fim de que o povo de Israel contasse com cidades e aldeias prontas para acolhê-los, equipadas com instrumentos de trabalho e certas melhorias da civilização. Ver o sétimo versículo deste capítulo, em suas notas expositivas, onde há uma introdução a esta seção, que encerra algumas informações úteis.

Aquela região estava repleta de pequenos reis vassalos, cada qual com sua própria pequena cidade-estado.

Paralelos Antigos. "A Grã-Bretanha, nos tempos antigos, dividia-se em muitos reinos. Nos dias dos saxões, estava dividida em sete reinos, razão pela qual era conhecida como Heptarquia Saxônica. Quando Júlio César entrou nas ilhas pela primeira vez, encontrou quatro reis somente no Kent... A Gália antiga também estava muito dividida... Na Alemanha há remanescentes de muitos reinos antigos" (Adam Clarke, *in loc.*). Estrabão (*Geografia* 1.16, pág. 519) informa-nos acerca de muitas pequenas cidades-estados na Fenícia e na terra de Canaã.

Capítulo Treze

Fixação de Israel na Terra de Canaã (13.1 — 24.33)

Josué Recebe Instruções (13.1-7)

A seção que ora começamos a comentar forma a segunda grande divisão do livro de Josué. Pela época em que a conquista da Terra Prometida havia sido concluída, Josué já era um homem idoso. No entanto, restava-lhe ainda a difícil tarefa de dividir o território conquistado entre as doze tribos de Israel, em obediência às ordens de Yahweh.

Ver o mapa ilustrativo que acompanha, o qual auxilia nossa compreensão quanto aos resultados dessa divisão territorial entre as tribos de Israel, com as cidades que vieram a fazer parte de cada uma das tribos. A maioria das cidades assim conquistadas não sofreu destruição, embora os seus habitantes tivessem sido passados a fio da espada. Isso significa que Israel ocupou um território que já contava com muitas cidades preparadas para acolher os seus novos moradores. Mas novas cidades foram construídas, sendo provável que alguns dos nomes dados, até o fim do livro de Josué, reflitam tempos posteriores. Ver na introdução ao livro acerca das questões de *autoria e data*. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Tribos, Localização das* e *Tribo (Tribos) de Israel*.

Doravante, cada soldado israelita era um administrador de suas propriedades, e, visto que as habilidades deles eram variadas, foi possível que desempenhassem a contento suas novas responsabilidades. Embora, conforme têm dito alguns comentadores, "a maior parte desta longa seção se assemelhe a um título de propriedade", contudo são dadas informações valiosas sobre a localização das cidades. Outrossim, temos aqui uma narrativa que mostra, com detalhes, como teve cumprimento o *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas a respeito, em Gên. 15.18). Esse pacto prometia um território nacional que os hebreus haveriam de obter como uma herança conferida por Yahweh. O território conquistado já estava ricamente suprido de cidades, pelo que as provisões do Pacto Abraâmico foram amplamente cumpridas.

A Herança Muito Custou a Israel. Após séculos de *escravidão* no Egito, após quarenta anos de duras *perambulações* pelo deserto e após um longo e sangrento conflito contra povos cananeus mais numerosos e mais fortes do que Israel, finalmente os hebreus tinham entrado na posse de seu próprio território nacional. Não há dúvida de que os dias da alocação de territórios foram dias felizes para os filhos de Israel. Os frutos de nossos labores são abundantes e doces, quando andamos com o Senhor, sob a luz de Sua Palavra.

13.1

Era Josué, porém, já idoso. Depois de tantas lutas, embora com conquistas bem-sucedidas, e apesar de que, de maneira geral, a Terra Prometida já tivesse passado para as mãos dos hebreus, havia ainda muitos bolsões de resistência. Até este ponto do relato bíblico, a impressão que poderíamos ter era de que Israel sempre lograra vitórias rápidas, completas, de surpresa. Mas este versículo informa-nos que, embora Josué já fosse um homem idoso e tivesse cumprido bem a sua missão, ainda havia *muita terra a ser conquistada*. O autor sagrado tinha pleno conhecimento de que a tarefa da conquista ainda não havia sido absolutamente completada. Cf. o vs. 13 deste capítulo, e também Jos. 15.63; 16.10; 17.12.

Os intérpretes calculam que, por esse tempo, Josué deveria ser um homem com cerca de cem anos de idade. Josué viveu até os cento e dez anos de idade. Os intérpretes judeus disseram que foram necessários sete anos para dividir a Terra Prometida, e que Josué não continuou vivo por muito tempo depois desse empreendimento. Ver Jos. 24.29, quanto à idade dele, por ocasião de sua morte. Josué, o guerreiro, tornou-se Josué, o administrador, na fase final de sua missão.

13.2

Esta é a terra ainda não conquistada. Essas palavras nos apanham de surpresa, pois ficamos pasmos diante da extensão da *tarefa por terminar*. Os vss. 2-6 e 13 deste capítulo fornecem um sumário do que ainda faltava fazer. Nisso há uma importante lição espiritual. Não importa o quanto um homem tenha feito, nem quão bem ele tenha cumprido a sua tarefa, sempre haverá muito para ser feito, porquanto o trabalho de um homem nunca termina. A alma, em algum outro lugar, terá de prosseguir, naquela mesma obra ou em outras, da mesma forma que as obras de Deus nunca cessam.

"Porções da Palestina ocidental, que ainda não estavam debaixo do controle dos israelitas, foram listadas, mais ou menos do sul para o norte: os filisteus, com suas cinco cidades, todas elas na planície costeira do sul (vs. 3)" (John Bright, *in loc.*). Cf. Gên. 21.32 quanto a comentários sobre os filisteus. E, no *Dicionário*, ver o verbete chamado *Filisteus, Filístia*.

Todas as regiões dos filisteus. "... suas fronteiras chegavam até as margens do mar Mediterrâneo, na extremidade sudoeste da terra de Canaã..." (John Gill, *in loc.*).

E toda a Gesur. "... era a principal cidade pertencente aos filisteus, e estava na Síria, conforme se dizia (ver II Sam. 15.8); nos tempos de Davi, era governada por um rei (ver II Sam. 3.3); e parece que nunca chegou a ser transferida para a possessão dos israelitas" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado *Gesur, Gesuritas*. Esse território já pertencia à Síria, contíguo à fronteira norte de Israel, no lado oriental do rio Jordão, entre o monte Hermom, Maaca e Basã (ver Deu. 3.13,14; Jos. 12.5).

13.3

Todos os nomes próprios que figuram neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. São destacadas aqui as cinco principais cidades-estados e suas populações, virtualmente de origem filistéia. Todas essas cidades ficavam na planície costeira no sudoeste da Terra Prometida.

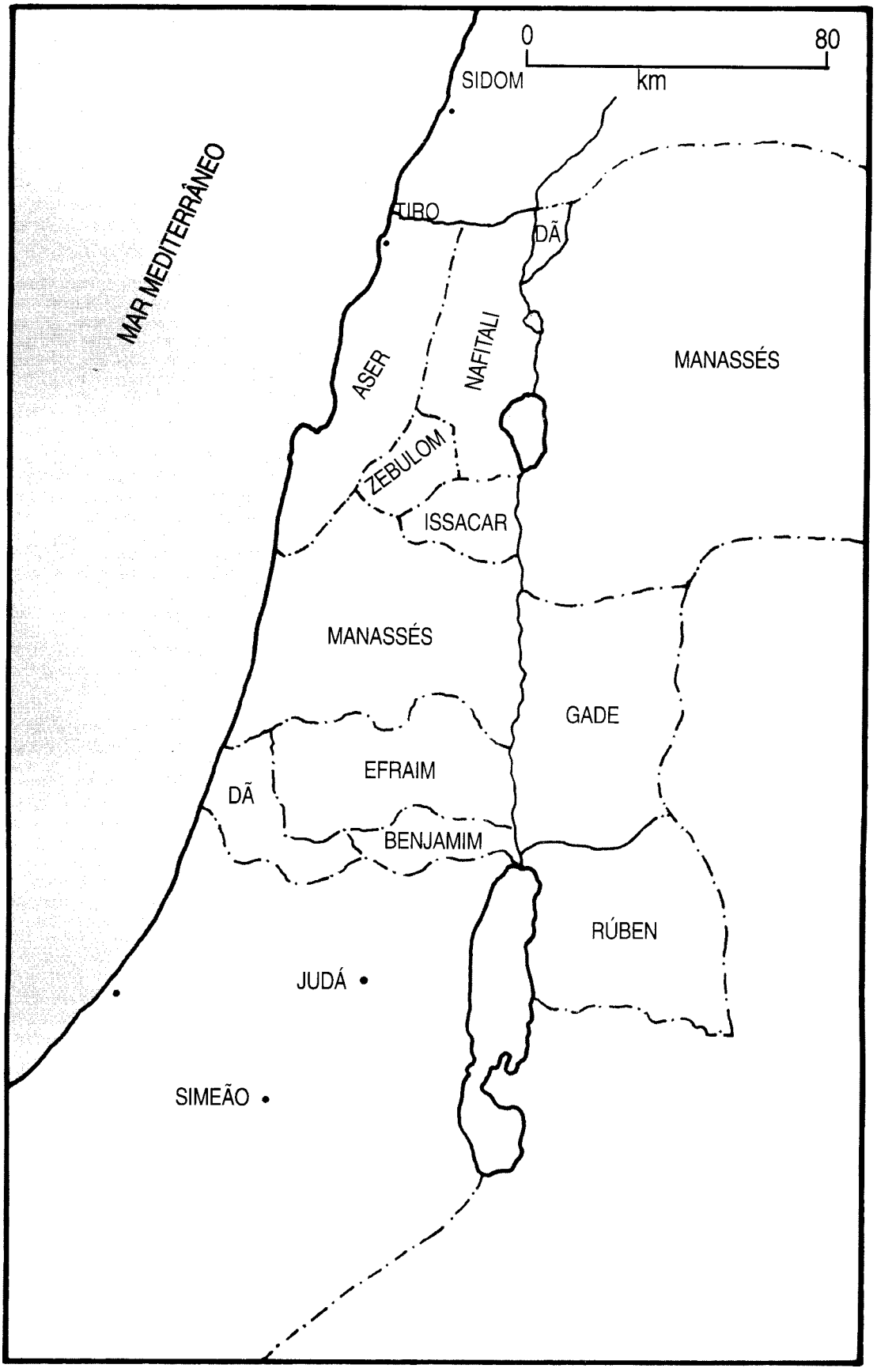
Sior. Ver o verbete detalhado sobre este acidente geográfico, no *Dicionário*. Geralmente o nome é aplicado ao rio Nilo, porém o mais provável é que esteja em pauta aqui o *ribeiro do Egito* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, o wadi *el-'Arish*. Esse ribeiro ficava muito mais perto da Palestina do que o Nilo, e, para quem estivesse na extremidade sul do mar Morto, ficava quase na direção oeste (pois desaguava no mar Mediterrâneo), cerca de oitenta quilômetros a sudoeste de Gaza. O termo hebraico sior significa "turvo", "lamacento".

"*Os Cinco Príncipes Filisteus*. Essas dinastias eram famosas nas Escrituras, por causa de suas guerras bem-sucedidas contra os israelitas, servindo-lhes de açoite quase perpétuo" (Adam Clarke, *in loc.*). As cinco cidades filistéias aparecem no fim deste versículo: Gaza, Asdode, Ascalom, Gate e Ecrom.

13.4

Todos os nomes próprios e pátrios deste versículo recebem artigos separados no Dicionário.

DISTRIBUIÇÃO DA TERRA ENTRE AS DOZE TRIBOS



Josué Capítulos 13-24

Uma das principais provisões do pacto *abraâmico era a promessa da possessão de uma terra especial para Isarel. Sem sua terra, os israelitas teriam sido somente outra tribo de nômades no deserto.*

Naquele mesmo dia, fez o Senhor aliança com Abraão dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates.

Gênesis 15.18

Ver as anotações sobre este pacto em Gên. 15.18, e no artigo intitulado Pactos, no *Dicionário.*

Toda a terra dos cananeus. Fica aqui incluída a Fenícia (ver a respeito no *Dicionário*), conforme indicado pela menção aos sidônios. A cidade de Afeque, aqui listada, não é a mesma mencionada em Jos. 12.18 ou aquela de Jos. 19.30. É provável que esteja em pauta *Afqa*, a leste de Gebal. Esse território nunca passou para o controle de Israel. Algumas vezes, o termo "amorreus" significa todos os habitantes primitivos da Palestina (ver Gên. 15.16), mas aqui está em pauta a faixa de terra restrita que eles ocupavam. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amorreus, 2. Lugar.*

13.5

Todos os nomes próprios e pátrios deste versículo recebem artigos separados no *Dicionário.*

Terra dos gibleus. Está em destaque a cidade de *Gebal* (Biblos), a moderna Jebeil, ao norte de Beirute. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Gebal.* "Esse povo habitava para além dos limites da terra de Canaã, no lado leste de Tiro e Sidom. Ver Eze. 27.9; Sal. 83.7. A capital deles era Gebal" (Adam Clarke, *in loc.*).

Entrada de Hamá. Esse acidente geográfico ficava no vale entre as duas serras do Líbano, o limite norte de Israel (ver I Reis 8.65; II Reis 14.25). Israel nunca conquistou todo aquele território; mas o fato de que ele é aqui mencionado nos mostra que o autor pensava que fazia parte da Terra Prometida, a herança dos filhos de Israel. Ver Núm. 34.8.

13.6

Todos os que habitam nas montanhas. Não está aqui em foco a região montanhosa da Judéia, e, sim, as terras altas em torno do Líbano, a fronteira norte ideal de Israel. Todos os nomes próprios e pátrios deste versículo recebem artigos separados no *Dicionário.* A cidade de Sidom, juntamente com as aldeias e as terras em derredor, nunca fora conquistada por Israel, mas fazia parte da herança *ideal* de Israel, de acordo com o Pacto Abraâmico. As notas sobre Gên. 15.18 mostram que a Terra Prometida era uma parte importante do Pacto Abraâmico. Ver Jos. 11.17 quanto a uma menção a *Misrefote-Maim.* A conquista da Terra Prometida, por parte de Israel, foi como a maior parte das obras humanas: significativas, talvez, mas nunca terminadas, nunca completadas, nunca totalmente realizadas, sempre aquém do ideal.

13.7

Distribui, pois, agora, a terra. Havia nove tribos e meia que ainda não tinham recebido sua herança sob a forma de territórios, porquanto as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés já haviam recebido terras na Transjordânia. Visto que a tribo de Levi tinha sido nomeada pelo Senhor como a casta sacerdotal, o número original de doze tribos foi obtido mediante a consideração de que os descendentes de Efraim e de Manassés (os dois filhos de José) passaram a ser contados como duas tribos. Isso recuperou o número de doze tribos.

Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés já tinham recebido terras na parte oriental da Terra Prometida, a Transjordânia, ou seja, a leste do rio Jordão. Ver Núm. 32.31 ss. e 34.14,15 quanto ao relato. O capítulo 22 do livro de Josué mostra que a herança dessas tribos na Transjordânia foi confirmada, visto que eles tinham ajudado as demais tribos de Israel na conquista do ocidente, conforme tinham dito que fariam. Portanto, faltava distribuir terras entre as nove tribos e meia que ainda não haviam recebido a sua herança. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manassés*, quanto ao fato de que essa tribo acabou dividida: uma parte ficou na Transjordânia e outra parte foi para o lado ocidental do rio Jordão, recebendo terras ali.

As Tribos Orientais Recebem Sua Herança (13.8-33)

13.8

Os versículos oitavo a décimo terceiro deste capítulo recontam a história das duas tribos de Rúben e Gade e da meia tribo de Manassés, que receberam sua herança no lado oriental do rio Jordão, chamado *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*). Uma pesquisa na área da Transjordânia aparece nos versículos 9 a 12. Cf. Jos. 12.1-5. Ver Núm. 32.31 ss. e 34.14,15. O capítulo 22 de Josué informa-nos que a herança dessas duas tribos e meia foi confirmada na Transjordânia.

13.9

Começando com Aroer. Os vss. 9 a 12 deste capítulo brindam-nos com uma espécie de esboço das dimensões do território a leste do rio Jordão herdado pelas tribos de Rúben e Gade e pela meia tribo de Manassés. Todos os nomes próprios que aqui aparecem recebem artigos separados no *Dicionário.* Ver Núm. 21.13 e 30 quanto a outras menções aos lugares referidos neste versículo. O paralelo direto dos vss. 9 a 12 é Josué 12.1-6, cujas notas expositivas devem ser examinadas.

13.10

Cf. Jos. 12.2, que é trecho paralelo a este versículo. Ver também Núm. 21.26.

13.11

Todos os nomes próprios deste versículo recebem artigos separados no *Dicionário.* Ver Josué 12.5, o paralelo direto deste versículo, cujos comentários também têm aplicação aqui. Ver ainda Deu. 3.9,10 e 4.48.

13.12

Este versículo tem paralelo em Josué 12.4, cujas notas expositivas são aplicáveis aqui.

Que ficou do resto dos gigantes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Refains.*

13.13

Gesur e Maacate permaneceram no meio de Israel. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Gesur* e *Maacate.* Esses eram estados arameus a leste e a nordeste do mar da Galiléia. O trecho de II Sam. 3.3 conta que Absalão, um dos filhos de Davi, era filho da filha do rei de Gesur. Esses estados, embora não tivessem sido obliterados por Israel, mais tarde foram sujeitados ao pagamento de tributo. Já vimos esses povos mencionados em Jos. 12.5, onde aparecem notas expositivas adicionais.

Levi Não Recebeu Território (13.14)

13.14

À tribo de Levi não deu herança. Não devemos olvidar que a tribo de Levi foi transformada em casta sacerdotal de Israel, deixando assim de ser uma tribo. Mas embora não tivesse recebido herança sob a forma de terras, foi-lhe dada uma herança superior, a do serviço sacerdotal. O próprio Yahweh era a herança deles. Cf. o vs. 33 e também Jos. 14.3,4 e 18.7. Os levitas receberam quarenta e oito cidades com terras de pastagem em redor, onde se ocupavam de uma limitada agricultura e da criação de gado (ver Jos. 14.4 e 21.41). Moisés já tinha dirigido muitos arranjos, conforme ficamos sabendo em Núm. 35.1-5. O trecho de Números 18.20 já havia informado que o próprio Yahweh seria a herança dos levitas, e o culto divino, ao encargo deles, era o seu principal privilégio. No entanto, eles não ficaram absolutamente destituídos de terras. As oferendas trazidas pelas outras tribos compensariam a falta de terras. Ver o vs. 33 deste capítulo, que repete as idéias deste versículo.

As ofertas queimadas. Ver Êxo. 29.18; Lev. 1.9 e Deu. 18.1. A Septuaginta omite essas palavras.

O Território de Rúben (13.15-23)

13.15

Os vss. 15-23 relatam quais foram as áreas e cidades entregues à tribo de Rúben como herança. Josué é o livro da Bíblia que contém o maior número de nomes próprios. Todos esses nomes aparecem no *Dicionário,* excetuando os poucos que são comentados *in loc.*, onde são mencionados. Os mapas na introdução a este capítulo devem ser consultados para que o leitor tenha uma boa idéia da localização dos acidentes geográficos. No *Dicionário,* ver o artigo intitulado *Rúben.*

Dimensões do Território de Rúben. A fronteira *sul* era formada pelo vale do ribeiro do Arnon (cf. Jos. 12.1). Esse vale assinalava a fronteira norte dos moabitas. As terras próximas de Hesbom marcavam a fronteira *norte* de Rúben. A fronteira *oeste* era o rio Jordão (vs. 23) e o mar Morto. Mas a lista não traça a fronteira *leste*, que foi deixada indefinida, pelo menos até onde diz respeito ao livro de Josué.

Moisés foi quem deu esse trecho da Transjordânia à tribo de Rúben, porquanto eles tinham feito uma petição especial a esse respeito. Era uma região rica em pastagens, a principal razão pela qual os homens da tribo de Rúben a quiseram, pois eram criadores de gado. Ver o capítulo 32 de Números quanto ao relato histórico.

13.16

Este versículo repete informações que já haviam sido dadas em vários outros trechos bíblicos. Ver o nono versículo deste capítulo, e cf. Núm. 21.13,30 e Jos. 12.2, que lhe são paralelos. Esses lugares formavam a fronteira *sul* do território de Rúben. Ver suas posições no mapa dado na introdução a este capítulo.

13.17

Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver Núm. 21.20 e 22.41 quanto a menções anteriores a esses lugares. Ver também Núm. 32.38. Esses lugares formavam a fronteira *norte* do território de Rúben.

13.18

As três cidades mencionadas neste versículo merecem artigos separados no *Dicionário*. Elas ficavam mais para leste, mas é provável que não formassem nenhuma fronteira distinta do território de Rúben, pelo que tal fronteira fica indefinida. É provável que a tribo de Rúben nunca tivesse tido uma fronteira leste demarcada.

13.19

As três cidades mencionadas aqui também recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver o mapa na introdução a este capítulo, quanto às posições geográficas das tribos.

Monte do vale. Podem estar em pauta os montes Nebo, Pisga e Abarim; mas Josefo (*Antiq.* 1.13, cap. 15, sec. 4) alude ao monte Zara, que ele mencionou juntamente com Hesbom, Medeba e outras cidades dos moabitas.

13.20

As duas cidades e as faldas do monte Pisga, aqui mencionadas, são descritas em artigos separados no *Dicionário*. Ver suas posições no mapa que há no início deste capítulo. Cf. Deu. 3.17,29 e Núm. 33.49, onde esses lugares também são mencionados.

13.21

Todos os nomes próprios mencionados neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*, ou em Núm. 31.8, trecho paralelo a este versículo.

O reino inteiro de Seom foi dado à tribo de Rúben. Mas uma parte desse território ficou com Gade, conforme aprendemos no versículo 27 deste capítulo. Os reis-vassalos ou príncipes da região, cujos nomes são listados aqui, foram derrotados ainda nos dias de Moisés, e os seus territórios foram entregues às tribos de Rúben e Gade. Esses príncipes foram derrotados depois da derrota infligida a Seom. Ver Núm. 31.8, que também fala nesses nomes. Ver as notas naquele lugar, quanto a informações adicionais.

13.22

Balaão, filho de Beor, o adivinho. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Balaão*, quanto a uma revisão da história inteira desse homem. Balaão preferiu andar em más companhias, e acabou sendo executado entre eles. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Beor*. O trecho de Números 31.8 registra a morte de Balaão, juntamente com os príncipes mencionados.

O adivinho. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Adivinhação*. No livro de Números, a narrativa nada fala a respeito de adivinhação da parte de Balaão, mas somente em profecia e conselhos; contudo, as tradições posteriores fizeram dele uma espécie de profeta falso. As passagens de Núm. 22.8 e 23.23, no entanto, dão a entender que ele era um vidente.

13.23

A fronteira dos filhos de Rúben é o Jordão. Tanto um trecho do rio Jordão quanto parte do mar Morto formavam a fronteira *ocidental* do território de Rúben. Ver o *Dicionário* quanto a esses lugares, e consultar o mapa que há na introdução a este capítulo. As terras ganhas formavam uma herança, segundo se lê nas alocações às várias tribos, pois a Terra Prometida foi dada a Israel por meio do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Herdeiro*, no tocante ao *tipo espiritual*.

O Território de Gade (13.24-28)

13.24

Deu Moisés a herança à tribo de Gade. O território dessa tribo ficava em *Gileade* (ver a respeito no *Dicionário*), que eram as terras altas da Transjordânia. Essas terras altas estendiam-se para o norte e para o sul do ribeiro do Jaboque. A fronteira sul de Gade era contígua à fronteira de Rúben, presumivelmente juntamente com o *wadi Hesban* (ver o artigo intitulado *Hesbom*, no *Dicionário*, bem como o vs. 17 deste capítulo). A tribo de Gade ficou com metade do território que pertencia aos amonitas. Israel não declarou guerra diretamente contra os amonitas, mas, visto que Seom era o governante de todo aquele território, e que ele foi derrotado por Israel, aquelas terras também ficaram com o povo de Israel. Ver Deu. 2.19,37; Juí. 11.12-28. A fronteira leste de Gade ficava perto de Aroer, próxima de Rabá, a Rabate-Amom, capital dos filhos de Amom. Esse local é assinalado pela moderna cidade de Amã. O versículo 26 deste capítulo tem uma lista de cidades que ficavam nas terras altas orientais. O versículo 27 lista lugares que ficavam no vale do rio Jordão e menciona uma faixa de terras que corria para o norte, até o mar da Galiléia. Tal como no caso da tribo de Rúben, nenhuma informação precisa é dada quanto às fronteiras exatas de Gade, sendo possível que não houvesse antigamente fronteiras tão definidas quanto se vêem nos dias modernos.

Fronteiras Inseguras. Visto que as tribos de Rúben e Gade não tinham fronteiras bem definidas para o leste, nem havia fortificações por ali, elas estavam sujeitas a constantes ataques vindos daquela direção. Invasões foram lançadas pelos moabitas, pelos cananeus, pelos arameus, pelos midianitas, pelos amalequitas e, finalmente e principalmente, pelos assírios. Por esse motivo as tribos de Rúben e Gade, bem como a meia tribo de Manassés, na Transjordânia, foram as primeiras a serem levadas em cativeiro. Ver I Crô. 5.26, bem como, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*.

Fontes Informativas. Todos os nomes próprios que figuram nos vss. 24-28 deste capítulo recebem artigos separados no *Dicionário* e/ou em outros trechos, onde foram mencionados. Ver também o mapa apresentado na introdução a este capítulo, quanto a localizações precisas. Todavia, algumas localizações permanecem inexatas.

Ver a introdução dada anteriormente à seção de informações gerais sobre o território de Gade. O autor sagrado uma vez mais repete sua declaração de que as terras foram distribuídas como uma herança entre as tribos de Israel. Elas faziam parte das estipulações do *Pacto Abraâmico*, estabelecido com Abraão, o pai de todos os israelitas. Ver as notas expositivas sobre Gên. 15.18 quanto a esse pacto.

Tipologia. Conforme acontece por todo o texto sagrado, somos lembrados de que, em Cristo, o cabeça da Nova Raça, temos uma herança espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Herdeiro*, quanto a um desenvolvimento desse tipo simbólico e desse tema.

13.25

Ver os nomes próprios no *Dicionário*, bem como as localizações envolvidas no mapa fornecido na introdução a este capítulo. Ver a introdução à seção, no vs. 24, quanto a informações gerais sobre o território conferido à tribo de Gade. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Gade*.

Jazer. Esta cidade assinalava a fronteira sul da tribo de Gade. Ver Núm. 21.32. Antes, tinha sido uma cidade dos moabitas.

Metade de Gileade (ver a respeito no *Dicionário*) tinha sido dada à tribo de Gade e à meia tribo de Manassés, conforme aprendemos no versículo 31 deste capítulo.

Metade das terras de Amom também foi dada à tribo de Gade. Embora aos israelitas tivesse sido vedado tomar terras dos filhos de Amom (ver Deu. 2.37), contudo essa parte (conquistada de Seom, rei dos amorreus) foi dada como possessão aos filhos de Israel.

Aroer. Era uma ex-cidade moabita, situada às margens do rio Arnon (vs. 9). Ver o detalhado artigo sobre essa cidade, no *Dicionário*, em seu segundo ponto. A fronteira leste de Gade era Aroer. Todavia, não se tratava da mesma cidade de Aroer que havia no território de Rúben.

13.26

Todos os nomes próprios deste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. "Essa era a fronteira deles, do sul para o norte, e assim descreve a fronteira *leste* deles, que começava em Hesbom (atribuída à tribo de Rúben, no versículo 8)" (John Gill, *in loc.*).

Até ao termo de Debir. Esta Debir é diferente da Debir que pertencia à tribo de Judá, mencionada em Josué 15.15. A Septuaginta apresenta aqui a grafia

Daibon. Em Números 32.34 e 33.45, essa mesma cidade é chamada de Dibom-Gade. Ver o segundo ponto do artigo chamado *Debir*, no *Dicionário*, quanto à cidade aqui mencionada.

13.27

Todos os nomes próprios mencionados neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver os mapas na introdução a este capítulo, quanto às posições das localidades. Nem todos os lugares citados já foram localizados, e por esse motivo os mapas não os incluem. E os artigos que oferecemos procuram localizar esses lugares apenas de maneira aproximada.

13.28

Esta é a herança dos filhos de Gade. Os versículos anteriores (24-27) dão os nomes das cidades que a tribo de Gade veio a possuir. A maioria delas, se não mesmo todas, eram cidades tomadas de povos expulsos ou aniquilados. O autor sagrado enfatiza uma vez mais que esse território foi dado como uma herança, derivada do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Herdeiro*, quanto ao tipo espiritual envolvido. O Pacto Abraâmico apontava para um desenvolvimento espiritual maior, quando indivíduos de todas as nações tornar-se-iam herança de Deus, um dos grandes temas do Novo Testamento. Ver Efé. 1.9,10 e 2.11 ss. Indivíduos de todas as nações tornar-se-ão a herança de Deus, e todas as nações haverão de compartilhar da herança espiritual que há em Cristo (ver Romanos 8.15-17).

Território da Meia Tribo de Manassés (13.29-33)

Não dispomos do registro de nenhum pedido, por parte da meia tribo de Manassés para ficar com uma porção da Transjordânia (o território a leste do rio Jordão). As tribos de Rúben e Gade, sim, solicitaram especificamente aquele território. Ver o capítulo 32 de Números. É possível que Moisés tenha tomado a decisão de também localizar ali a meia tribo de Manassés, por causa de seu grande número. A outra metade dessa tribo atravessou o rio Jordão e acabou situando-se entre as tribos de Issacar e de Efraim. O artigo do *Dicionário*, chamado *Manassés*, informa-nos melhor sobre esses eventos.

O território da meia tribo de Manassés (localizado na Transjordânia) ficava ao norte e a leste do território de Gade, tocando neste último em Maanaim (vs. 26) no sul, e, presumivelmente, situado a leste, ao longo do vale do rio Jordão (vs. 27). A meia tribo de Manassés também recebeu metade do território de Gileade, a saber, uma porção ao sul do rio Iarmuque, bem como toda a Basã, a leste e a nordeste do mar da Galiléia.

Todos os nomes próprios desta seção recebem artigos separados no *Dicionário*; e o mapa dado na introdução a este capítulo apresenta informações sobre essas localidades. Todavia, quando há incerteza sobre a localização de algum acidente geográfico, os artigos apresentam somente informações aproximadas.

13.29

Deu também Moisés herança à meia tribo de Manassés. Quanto aos detalhes gerais, ver a introdução anteriormente. A herança é novamente vinculada à questão da distribuição do território entre as tribos. Quanto a isso, ver os comentários sobre o vs. 28 deste capítulo. A herança de Israel, por meio do Pacto Abraâmico, prefigurava nossa herança em Cristo, que envolve indivíduos de todas as nações.

13.30

A fronteira *sul* da meia tribo de Manassés era assinalada por *Maanaim* (ver a respeito no *Dicionário*). Era até Maanaim que se ampliava o território da tribo de Gade. E as terras de Manassés ficavam ao norte e a leste das terras de Gade. O território de Basã ficava no extremo norte das terras de Manassés, conforme podemos ver no mapa. Ogue tinha sido o rei daquela região, e ela lhe foi arrancada pelas tropas israelitas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ogue*, quanto a maiores detalhes. Havia *sessenta cidades* naquela região, e os manassitas orientais ficaram com todas elas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jair*. Ver também sobre *Havote-Jair*, em Núm. 32.41, onde são oferecidas idéias adicionais, pois as mesmas cidades estão em vista. E ver ainda I Crô. 2.22 e Deu. 3.4,14.

13.31

Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. Metade do território de Gileade ficou com Manassés, e metade com Gade (ver o vs. 25 deste capítulo).

Maquir. Ele é o único filho mencionado de Manassés, sendo possível que, realmente, tenha sido seu único filho. Por isso mesmo, o nome Maquir às vezes substitui o nome Manassés. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Maquir*. Metade de seus descendentes obteve porções de terras na Transjordânia. A outra metade cruzou o rio Jordão e ficou com um trecho de terrenos entre as tribos de Issacar e Efraim, fazendo frente para o mar Grande ou Mediterrâneo, que lhe servia de limite ocidental.

Parte Oriental de Manassés. Essa parte da tribo, que ficou na Transjordânia, também descendia de Maquir. (Cf. Jos. 17.1-6; Núm. 32.39,40; Deu. 3.15). Números 26.29-32 traça todos os indivíduos de Manassés a Maquir; e Josué 5.14 diz que ele é o progenitor dos manassitas *ocidentais*, igualmente.

13.32

São estas as heranças que Moisés repartiu. Este versículo sumaria a questão da distribuição de terras na Transjordânia, entre as tribos de Rúben e Gade e a meia tribo de Manassés. Esse é o assunto tratado no trecho de Jos. 13.8-13. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transjordânia*. Tendo provido informações detalhadas sobre a parte oriental da Terra Prometida, o autor sagrado sentiu-se à vontade para descrever como foram distribuídas as terras a ocidente do rio Jordão, entre nove tribos e meia de Israel. Essas descrições são longas, ampliando-se até o capítulo 24 do livro.

13.33

À tribo de Levi Moisés não deu herança. Este versículo repete informações que já tinham sido dadas no versículo 14. A tribo de Levi não recebeu terras como herança, pois a sua herança era Yahweh e o culto divino. Ver as notas expositivas dadas em Jos. 13.14, que também têm aplicação aqui. O capítulo 21 do livro de Josué fornece-nos longas descrições das cidades (e terras adjacentes) que os levitas receberam, bem como informações sobre a posição deles no meio de seus irmãos, em Israel. Ver também, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Levi*. As cidades conferidas aos levitas ficaram espalhadas por todo o território da Terra Prometida.

Capítulo Catorze

As Tribos Ocidentais Recebem Sua Herança (14.1 — 19.51)

Os versículos primeiro a quinto fornecem-nos uma introdução e uma explicação sobre como foram distribuídas as terras às nove tribos e meia, na parte ocidental da Palestina. As outras duas tribos e meia (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés) já haviam recebido terras na parte oriental da Terra Prometida, chamada Transjordânia. Ver o capítulo anterior quanto às descrições daqueles territórios alocados às duas tribos e meia.

As tradicionais *doze tribos* foram calculadas de acordo com a informação dada em Jos. 13.7, que não repito aqui. Levi, por sua vez, tornara-se a casta sacerdotal de Israel, pelo que deixou de ser uma tribo dotada de terras, visto que a sua herança veio a ser o próprio Yahweh e o culto divino. Mas aquela casta recebeu quarenta e oito cidades com suas terras adjacentes (ver Jos. 13.14 e capítulo 21).

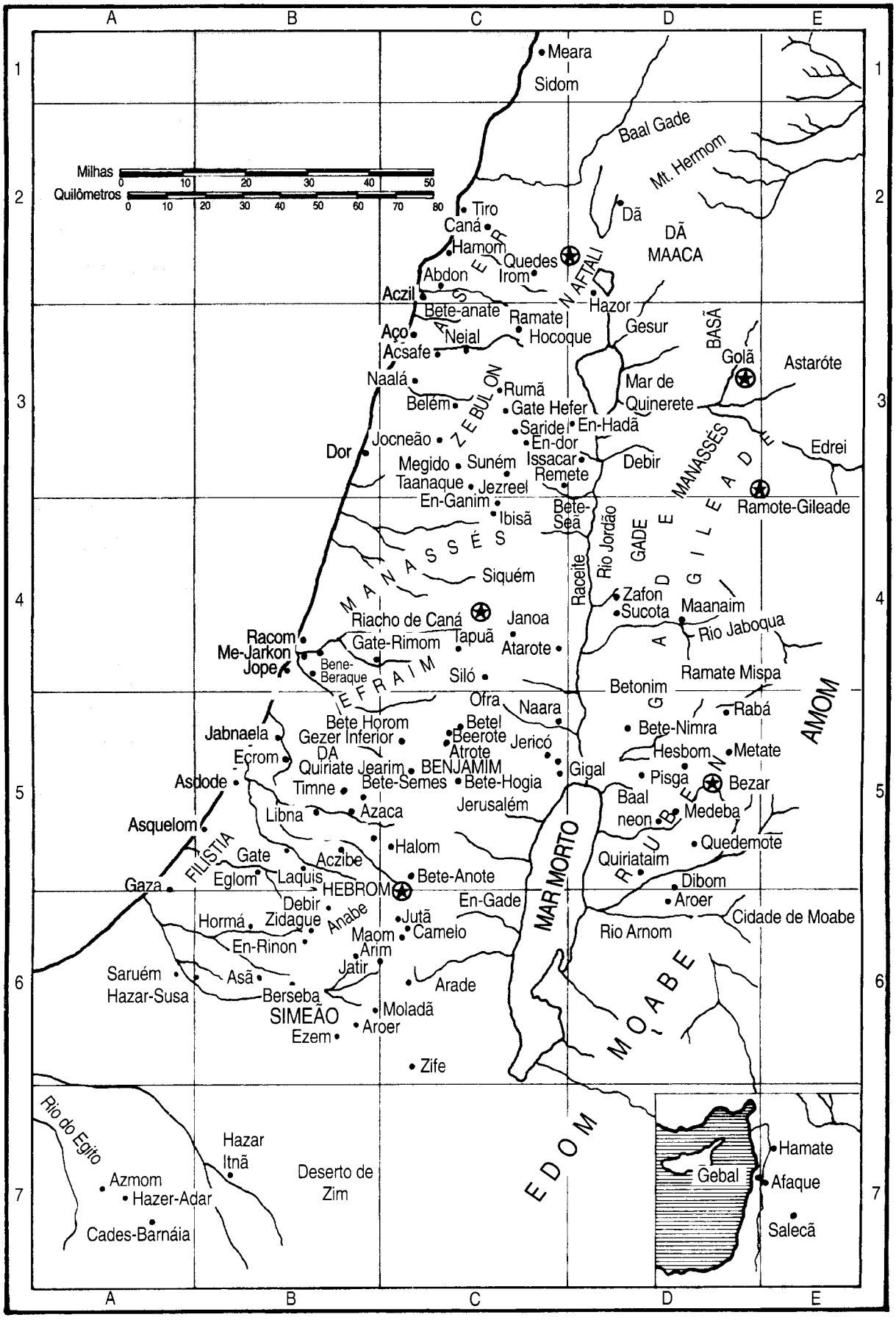
Calebe. Esse fiel membro da tribo de Judá foi o primeiro a receber a sua herança na parte ocidental da Palestina (ver Jos. 14.6-15). A questão foi descrita extensamente, por causa de sua espetacular história de lealdade ao Senhor, embora somente a cidade de Hebrom estivesse envolvida no relato.

As Sortes (ver a respeito no *Dicionário*). Esse meio, presumivelmente, foi usado na alocação das terras (ver Jos. 14.2; 18.8 e 19.51). "De acordo com as tradições judaicas, o nome de uma tribo era tirado de uma urna, ao mesmo tempo que as linhas fronteiriças de seu território eram tiradas de outra urna... Mas não era o puro acaso que decidia a localização de uma tribo. Deus superintendia o processo todo (cf. Pro. 16.33). As desigualdades de atribuições que surgiram, e que chegaram a causar algumas tensões e ciúmes entre as tribos, deveriam ser aceitas como parte do propósito divino, e não como algo arbitrário e injusto" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Tribos, Localização das e Tribo (Tribos de Israel)*.

14.1

São estas as heranças. Ver a *introdução a este capítulo* quanto à mensagem nele contida. As *heranças* já haviam sido distribuídas entre as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés, a leste do rio Jordão, na Transjordânia. O relato é registrado longamente no capítulo 13 de Josué. E agora, neste capítulo 14, continua-se a história da distribuição da herança entre as nove tribos e meia que ficaram com terras a ocidente do rio Jordão (ver Jos. 13.7, quanto a uma

DISTRIBUIÇÃO DAS CIDADES ENTRE AS TRIBOS



CHAVE

Aco C3	Betonim D5	Hermom, mt. D2	Naalá C3
Acsafe C3	Bezor D5	Hesbom D5	Naara C5
Aczibe B5	Cades-Barnéia A7	Holom C5	Naftali CD2,3
Aczil C2	Caná C2	Hormá B6	Neial C3
Adulom B5	Carmelo C6	Hucoque C3	Pisga, mt. D5
Afeque D7	Cidade de	Ibleã C4	Quedes C2
Amom E4,5	Moabe D6	Irom C2	Quedemote D5
Anabe B6	Dã D2	Issacar C3	Quiriataim D5
Arade C6	Debir B6; D3	Jabneel B5	Quiriate-Jearim C5
Arim B6	Deserto de Zim B7	Jaboque, rio D4	Rabá D5
Aroer B6; D6	Dibom D5	Jair D3	Racate C4
Amom, rio D6	Dor B3	Janoa C4	Racom B4
Asã B6	Ecrom B5	Jatir B6	Ramate C3
Asdode B5	Edom CD7	Jericó C5	Ramate Mispa D4
Aser C2; C3	Edrei E3	Jerusalém C5	Ramote-Gileade
Asquelom B5	Efraim BC4,5	Jezreel C3	DE3
Astarote E3	En-Dor C3	Jocneão C3	Remete C3
Atarote C4	En-Gedi C6	Jope B4	Riacho de Caná
Atrote C5	En-Hadã D3	Jordão, rio D4,5	BC4
Azeca B5	En-Rinon B6	Judá BC5,6	Rio (Ribeiro) do
Azmom A7	Ezem B6	Jutá C6	Egito A7
Baal Gade D2	Filístia B5	Laquis B5	Rúben D5
Baal-Neon D5	Gade D4	Libna B5	Rumã C3
Basã D3	Gate B5	Maaca D2	Salecã E7
Beerote C5	Gate-Hefer C3	Maanaim D4	Saride C3
Belém C3	Gate-Rimom B4	Manassés D3	Saruém A6
Bene-Beraque B4	Gaza A6	Manassés BC4	Sidom C1
Benjamim C5	Gesur D3	Maom C6	Siló C4
Berseba B6	Gezer B5	Mar de	Simeão B6
Bete-Anote C5	Gileade D3,4	Quinerete D3	Siquém C4
Bete Hogla C5	Gilgal C5	Mar Mediterrâneo	Sucote D4
Bete-Horom	Golã D3 A7	A-C1-6	Suném C3
Inferior C5	Hamate E7	Mar Morto CD5,6	Taanaque C3
Bete-Horom	Hamom C2	Meara C1	Tapua C4
Superior C5	Hazar-Adar A7	Medeba D5	Timna B5
Bete-Nimra D5	Hazar-Itnã B7	Mefate D5	Tiro C2
Bete-Seã C4	Hazar-Susa A6	Megido C3	Ziclaque B6
Bete-Semes C5	Hazor D2	Me-Jarcon B4	Zife C6
Betel C5	Hebrom C6	Moabe D6	Zafom D4

explicação numérica). Ver Jos. 13.28 no que tange à idéia de que o território conquistado era uma herança, por meio do Pacto Abraâmico (ver notas expositivas a respeito em Gên. 15.18).

Eleazar, o sacerdote. Ver o verbete acerca dele, no *Dicionário*; e ver também o artigo chamado *Adivinhação*. Eleazar era filho de Arão, e ficou com o ofício sumo sacerdotal depois da morte de seu pai. Ver Deu. 10.6 e Núm. 34.16-29. A última dessas duas referências diz respeito à participação de Eleazar na alocação de terras.

"Dez príncipes, um de cada tribo, juntamente com Eleazar e Josué, foram nomeados pelo Senhor para essa tarefa (de alocação de terras), sete anos antes que tivessem entrado na terra de Canaã" (John Gill, *in loc.*).

A Missão de Josué. 1. Substituir a Moisés e introduzir o povo de Israel na Terra Prometida. 2. Levar avante a conquista da terra de Canaã. 3. Dividir as terras conquistadas entre as tribos de Israel.

14.2

Por sorte da sua herança. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Sortes* e *Adivinhação*. Ver Jos. 18.8. Quanto a um possível método usado nessa transação, ver o último parágrafo da introdução a este capítulo, sob o subtítulo As Sortes. Fica entendido que Yahweh seria o poder orientador capaz de fazer as sortes cair onde deveriam. As nove tribos e meia (ver Jos. 13.7 quanto a uma explicação sobre o cálculo desse número) estavam prestes a receber suas heranças. As tribos orientais (da Transjordânia) já tinham passado por idêntico processo. Se Levi tivesse permanecido como uma tribo, e não como a casta sacerdotal de Israel; e se José também tivesse uma tribo com seu nome, e, igualmente, os seus dois filhos, Efraim e Manassés, então teria havido um total de catorze tribos. Mas José não tinha uma tribo com o seu nome, e Levi não recebeu um território tribal, por ser a casta sacerdotal (Jos. 21). Portanto, se tirarmos José e Levi, teremos as doze tribos tradicionais.

Tipologia. Quanto à tipologia de nossa herança em Cristo, ver os comentários sobre Jos. 13.28. Quanto ao fato de que Moisés recebeu ordens para dirigir a questão da distribuição de terras, ver Núm. 26.55,56.

14.3

Às duas tribos e meia já dera Moisés herança. Este versículo passa em revista dois fatos mencionados por várias vezes antes: 1. Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés já haviam recebido suas respectivas heranças, na Transjordânia. O capítulo 13 de Josué contém uma detalhada descrição de como isso foi efetuado. 2. Levi tinha deixado de ser uma tribo com terras tribais para ser a classe sacerdotal de Israel. Por isso, os levitas não receberam terras como herança. Antes, Yahweh e o culto divino eram a herança deles. Contudo, eles receberam quarenta e oito cidades, e terras adjacentes, distribuídas por todo o território de Israel. Há comentários sobre essa questão em Jos. 13.14,33. E o capítulo 21 de Josué fornece-nos descrições detalhadas sobre a herança dos levitas e sua posição em Israel. Os levitas também recebiam oferendas da parte das outras tribos, ficando assim garantido o seu sustento. Esse princípio foi transferido para o Novo Testamento. Aqueles que ministram o evangelho devem viver do evangelho (ver I Coríntios 9.9-11).

14.4

Porque os filhos de José foram duas tribos. O autor sagrado agora explica como foi que as *nove tribos* e meia foram envolvidas na distribuição de terras na parte ocidental da Terra Prometida. Não havia uma tribo de José. Mas dele se derivaram duas tribos: a de Efraim e a de Manassés. Levi, por sua vez, não formava uma tribo com seu território, ainda que os levitas tivessem recebido quarenta e oito cidades e terras adjacentes, espalhadas por todo o território de Israel. Isso era suficiente para que eles tivessem uma agricultura limitada e pudessem criar algum gado, mas o que faltasse para suas necessidades era suprido pelas oferendas das demais tribos. As heranças tribais beneficiaram doze tribos. Esse número foi alcançado da maneira sugerida neste versículo, a qual descrevi com maiores detalhes nas notas expositivas sobre Jos. 13.7 e 14.2.

"Rúben (filho primogênito de Jacó) havia perdido o direito de primogenitura, o qual foi dado a José, que recebeu dupla porção (na pessoa de seus dois filhos), um privilégio do filho primogênito. Desse modo, o número de *doze tribos* foi mantido, na divisão da Terra Prometida, embora os levitas não tivessem recebido o seu próprio território" (John Gill, *in loc.*). Ver Gên. 48.5,6 quanto à bênção de Jacó aos dois filhos de José. Rúben perdera seu direito de primogenitura por haver violado Bila, uma das duas concubinas de Jacó. Ver esse relato em Gên. 35.22 e 49.4.

14.5

Como o Senhor ordenara a Moisés. As ordens emanavam de Yahweh. Primeiramente, através de Moisés; e, depois, através de Josué (vs. 1). Israel, pois, cumpriu as ordens, de modo que a alocação das terras foi feita de forma apropriada e no tempo aprazado. Ver Núm. 1.54 quanto a como Israel obedeceu ao que Yahweh determinou. Os príncipes das tribos ajudaram no cumprimento da tarefa, conforme lemos no primeiro versículo deste capítulo. Os intérpretes judeus informam-nos que foram necessários sete anos para efetuar a tarefa da distribuição das terras. Josué não continuou vivo por muito mais tempo, após o cumprimento dessa tarefa, e essa foi a fase derradeira de sua missão.

O Fiel Calebe Recebe Sua Herança (14.6-15)

14.6

Chegaram os filhos de Judá a Josué. O autor sagrado usa um bom espaço (nove versículos) para contar como Calebe recebeu Hebrom como sua herança. É deveras notável que tanto espaço tenha sido dedicado a dizer-nos qual a sorte que coube a um único homem. No entanto, Calebe foi um indivíduo realmente especial, conforme nos mostram o relato do capítulo 13 do livro de Números, e também esta passagem. O artigo chamado *Calebe,* no *Dicionário,* fornece informações completas sobre a sua linhagem, pessoa e realizações. Ele era um quenezeu (ver Gên. 15.19 e suas notas expositivas quanto a informações a respeito). Os quenezeus formavam um dos clãs dos idumeus (Gên. 36.11; Jos. 15.17). Não obstante, a sua linhagem também retrocede até Judá (ver Núm. 13.6 e 34.19), e foi em meio aos judaítas que Calebe recebeu a sua herança pessoal. Isso nos mostra como certos indivíduos de outros grupos, como os edomitas (descendentes de Edom), acabaram absorvidos e identificados com Israel. Houve milhares de casos parecidos com o de Calebe.

Calebe e Josué. O Senhor Deus tinha agora recompensado com heranças, sob a forma de terras, a esses dois antigos e fiéis espias. Em primeiro lugar, somente os dois entraram na Terra Prometida, pois os outros dez espias pereceram no deserto. Na verdade, toda uma geração anterior havia morrido no deserto. Em *Cades-Barnéia* (ver no *Dicionário*), Calebe e Josué receberam promessas de uma graça especial. Todavia, nenhuma palavra específica havia sido dada de que Calebe receberia Hebrom (ver Núm. 14.24; Deu. 1.36). No entanto, algumas outras promessas foram feitas, embora não tivessem sido registradas, ficando apenas subentendidas.

"É digno de nota que os dois espias que Moisés tinha enviado foram privilegiados. Calebe recebeu sua herança *primeiro*; então Josué e todo o resto de Israel (ver Jos. 19.49)" (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, Ellicott está aludindo às heranças no lado ocidental da Terra Prometida, porquanto, como já vimos, Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés já haviam recebido, antes disso, a Transjordânia, no lado oriental da Terra Prometida.

14.7

Tinha eu quarenta anos. Essas palavras foram ditas por Calebe. Ele relembra que tinha quarenta anos de idade quando foi enviado como espia, de Cades-Barnéia, para examinar a Terra Prometida. Calebe ficou perambulando pelo deserto, juntamente com o resto do povo de Israel, por outros trinta e oito anos. Em seguida, houve a conquista da Terra Prometida, que perdurou por mais sete anos. Agora, conforme nos informa o décimo versículo deste capítulo, Calebe estava com oitenta e cinco anos. Era, portanto, um homem idoso. Chegara o tempo certo de receber sua recompensa, por causa da *atitude de fé* que ele tivera, trazendo de volta da Terra Prometida um relatório positivo, consentâneo com a vontade de Yahweh. Ver Números 13.26.

> *Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis,*
> *e sempre abundantes na obra do Senhor,*
> *sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.*
>
> (I Coríntios 15.58)

Se combinarmos este versículo com o décimo, obteremos oitenta e cinco anos, desde o nascimento de Calebe até este momento, na narrativa. O cálculo assim possibilitado nos fornece o seguinte resultado:

Idade de Calebe ao servir como espia =	40 anos
Tempo das perambulações pelo deserto =	38 anos
Conquista da Terra Prometida =	7 anos
Total	85 anos

O trecho de Deuteronômio 1.36 dá-nos a promessa específica, feita a Calebe, acerca de sua herança. A recompensa teve como causa a sua *obediência* a Yahweh, pois ele seguiu os mandamentos do Senhor. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Obediência* e *Fé*. Os textos que abordam a pessoa de Calebe transmitem-nos a impressão de uma obediência entusiasmada e de uma positiva e obediente ação.

14.8

Desesperaram o povo. Isso Calebe atribuiu aos outros dez espias que com ele e Josué também tinham sido enviados. Os dez espias tinham trazido de volta um relatório desencorajador, ao falarem nos filhos de Anaque e em dificuldades insuperáveis. O relatório *desanimou* o coração dos filhos de Israel. Isso posto, a entusiasmada obediência de Calebe tornou-se ainda mais notória por fazer tão grande contraste com a desobediência e o negativismo covarde daqueles dez espias. Somente Calebe e Josué apresentaram um relatório positivo, porquanto confiaram em Yahweh. No dizer de John Gill *(in loc.)*, os espias desobedientes "... desencorajaram o povo, enchendo-os de temor e afundando no desânimo os seus espíritos... e eles se tornaram fracos como a água, e nenhuma força restou neles, pois perderam a esperança de possuir a terra que lhes fora prometida". A atitude de obediência e fé de Calebe proveu um violento contraste com a atitude daqueles espias. Ver Núm. 14.24.

14.9

Moisés naquele dia jurou, dizendo. Diante da obediência de Calebe, a reação favorável de Yahweh foi imediata, manifestando-se através de Moisés. Os pés de Calebe tinham caminhado pela boa Terra Prometida, e, algum dia, parte dela seria de Calebe. Este tinha posto em movimento a lei da colheita segundo a semeadura, e haveria de colher com abundância. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura*. Hebrom não é mencionada diretamente, mas é de presumir-se que esteja em vista neste versículo. Ver Deu. 1.36 quanto à promessa de que Calebe *possuiria* por onde tivesse caminhado. Ver também Deu. 11.24.

14.10

O Senhor me conservou em vida, como prometeu. Calebe estava agora com oitenta e cinco anos. Portanto, era um homem idoso, e chegara o tempo de receber sua recompensa sob a forma de terras. Tinha semeado corretamente, e estava colhendo bênçãos. Yahweh garantiu-lhe a vida, enquanto a sua missão não se completasse e até que viesse a receber a sua recompensa. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Calebe já tinha vivido pelo menos quinze anos mais do que a média bíblica, visto que sua missão também se estendeu por mais do que geralmente o Senhor determina para os seres humanos.

"Em torno desse homem há algo de sugestivo e excelente, que incluiu até mesmo os seus direitos. A vida tem os seus próprios direitos. Um homem não deveria hesitar em reivindicar aquelas coisas que, mediante a providência de Deus, lhe tiverem sido prometidas. No Apocalipse lemos: 'para que lhes assista o direito à árvore da vida' (22.14)" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Yahweh Manteve Calebe em Vida. Isso até chegar o tempo determinado de sua partida deste mundo. Deus é a fonte originária de toda a vida, e é Ele quem a garante.

"Devido à liderança de Calebe contra os espias e o povo incrédulo, Deus o destacou para ser abençoado, prometendo-lhe uma recompensa especial (ver Núm. 14.24; Deu. 1.36)" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

14.11

Estou forte ainda hoje. As energias vitais de Calebe tinham sido mantidas ao nível de seus quarenta anos de idade, um verdadeiro milagre. Uma vez terminada a sua missão, ele começaria a murchar, mas não antes. Calebe desfrutava da *graça sustentadora* de Yahweh, mais ou menos como sucedera no caso de Moisés. Ver Deu. 34.7. "Como os teus dias durará a tua paz" (Deu. 33.25).

"... hígido quanto à mente, à compreensão, ao bom juízo e à memória, além de um corpo saudável, forte e robusto, tal como há mais de quatro décadas. Foi uma admirável instância dos cuidados que a providência divina tivera acerca dele" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*.

14.12

Agora, pois, dá-me este monte. Isso em resultado de sua fidelidade e de seus labores anteriores. É como se Calebe tivesse dito: "Por causa de minha obediência e zelo, no cumprimento de minha tarefa, dá-me agora este monte". Isso lhe havia sido prometido por Yahweh, "naquele dia", fazia quarenta e cinco anos. Naquele monte havia gigantes que pareciam assustadores para todo o povo de Israel; mas foi esse o lugar que Calebe desejou ter como sua herança. O que era um terror para Israel, foi um deleite para Calebe. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Anaque (Anaquim)*. Nossa versão portuguesa também grafou a forma *enaquins*. Aqueles gigantes tinham construído cidades fortificadas, e Calebe queria *tais cidades*. Ele queria a parte do leão, mesmo porque se tinha conduzido como um leão. Ver Jos. 11.21,22 quanto aos *enaquins*. Nesses dois versículos, aprendemos que foram Calebe e seus homens que libertaram aquela região dos gigantes, pelo que era apenas justo que ele recebesse a área como sua herança sob a forma de terras.

As Pessoas Idosas e Seu Contentamento. Os idosos usualmente contentam-se em falar sobre suas antigas conquistas e vitórias, em uma vida quieta, a "relembrar" o passado. Calebe, fazendo contraste com isso, em sua idade avançada, ansiava por dar início a uma nova conquista, aliás, a mais difícil de toda a sua vida terrena. Ele se sentia capaz para mais uma grande batalha. Yahweh lhe tinha dado forças e disposição mental para tanto. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! O lugar estava repleto daqueles ferozes gigantes, protegidos por trás de suas maciças muralhas e quase inexpugnáveis fortificações. Somente a graça divina poderia capacitar Calebe a cumprir o seu propósito e tomar conta de sua herança.

Misericórdia havia muita, e a graça era livre...

Oh, o grande abismo que Deus fez transpor...

(William R. Newell)

Que Deus nos fortaleça para desbravar o nosso caminho! Um número muito grande de pessoas se desgasta em preocupações e ansiedades. O poder de Deus, entretanto, proporcionou a Calebe perspectivas diferentes.

14.13

E deu a Calebe... Hebrom em herança. A herança que Calebe almejava era a cidade de Hebrom (ver a respeito no *Dicionário*). E ele recebeu a sua herança, juntamente com o resto da tribo de Judá. Aquela área apresentava grandes dificuldades, embora também fosse uma excelente opção para viver e trabalhar, uma vez eliminadas tais dificuldades. Hebrom tornou-se uma cidade de refúgio, pertencente aos levitas; mas o texto ensina-nos que Calebe e seus familiares viviam ali. Os levitas não habitavam, com exclusividade, as cidades que lhes foram dadas, embora tais cidades ficassem sob a sua jurisdição. É desnecessário supormos que somente as áreas "em redor de Hebrom" é que couberam a Calebe, como se apenas os levitas tivessem o direito de ocupar a cidade propriamente dita. Ver Jos. 21.11,12 quanto ao fato de que Hebrom se tornou uma das cidades dos levitas. Em tempos posteriores, várias cidades reivindicavam a linhagem calebita (ver I Crô. 2.50-55), pois parece que os seus descendentes espalharam-se pelas cercanias de Hebrom.

14.14

Em herança até ao dia de hoje. Uma expressão usada por várias vezes pelo autor sagrado. Não se sabe com certeza quem foi o autor do livro, e o tempo em que ele foi escrito também está sujeito a disputas. Ver na introdução ao livro de Josué as notas sobre a autoria e a data. Cf. Jos. 4.9; 5.9; 7.26; 8.28,29; 9.27; 13.13. Em tempos posteriores, certo número de cidades dizia-se pertencente à linhagem de Calebe (ver I Crô. 2.50-55).

Yahweh-Elohim, ou seja, o Eterno Todo-Poderoso, dera a Calebe a sua herança. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado Deus, *Nomes Bíblicos de*.

Calebe solicitou e recebeu oficialmente, por ordem de Josué, a terra em redor de Hebrom, conforme ele queria. Dessa maneira, seus serviços, prestados a toda a nação de Israel, foram reconhecidos como um débito de gratidão.

Tipologia. Nossa herança espiritual é dada por intermédio de Cristo, para aqueles que pertencem à sua família (ver Efé. 1.9,10; 2.11 ss. e Gál. 3.21 ss.). Ver os comentários sobre Jos. 13.28. Abraão tornou-se o pai de muitas nações, onde quer que se encontrem homens espirituais, regenerados. Estes não se encontram apenas em Israel, porquanto a missão de Cristo se universalizou, no sentido de que homens e mulheres de todas as nações estarão remidos diante Dele, no céu. Isso significa que o Pacto da Graça se estendeu a todos os povos (ver Gál. 3.29). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Herdeiro*, que inclui notas sobre a nossa herança espiritual.

14.15

O nome de Hebrom era Quiriate-Arba. No hebraico, arba significa "quatro". O nome todo da cidade, nos tempos mais antigos, significava "tetrápolis". E Hebrom significava "confederação". Não há certeza se houve alguma antiga aliança origi-

nal que deu à cidade o seu nome, com o sentido de "quatro cidades"; e, se realmente assim sucedeu, quais quatro cidades ter-se-iam confederado. Mas sabe-se que houve um homem, de nome *Arba*, um dos gigantes da raça dos *enaquins*, associado à cidade em tempos remotos. Podemos imaginar que aquela cidade era a cidade-mãe dos gigantes. Cf. Jos. 15.13 e 21.11. A Septuaginta expande o texto para dizer-nos que essa era a cidade-mãe dos gigantes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anaque (Anaquim)*.

As tradições judaicas ajuntam que "dos quatro" era uma referência ao sepultamento que teria havido ali de Adão, Eva, Abraão e Sara. Outras tradições dão-nos os nomes das quatro grandes personagens vinculadas ao lugar. Mas todas essas coisas são meras especulações, e nada adicionam ao nosso conhecimento.

O fato de que Calebe precisou combater os gigantes, a fim de tomar posse de sua herança, aumentou em muito o seu prestígio. Parecia que nenhum obstáculo era grande demais para ele. Ele venceu e obteve sucesso final, e assim tornou-se um herói nacional em Israel.

E a terra repousou da guerra. Cf. Jos. 11.23, onde ocorre a mesma expressão e onde ela é comentada. Os capítulos 13 a 22 do livro de Josué conferem-nos completos detalhes sobre como a terra foi dividida entre as doze tribos. Uma vez terminado esse trabalho, veio o descanso, ou seja, estabeleceu-se a paz. Há notícias de que foram necessários nada menos de sete anos para que a conquista da Terra Santa se completasse; e então mais cinco anos para dividi-la. O trecho de Josué 15.4 informa-nos sobre as batalhas bem-sucedidas de Calebe contra os gigantes.

Capítulo Quinze

Este capítulo dá prosseguimento à seção iniciada no capítulo 13, cujas notas expositivas também se aplicam aqui, no tocante à introdução. Ver também a introdução ao capítulo 14. O décimo terceiro capítulo conta como as tribos do leste (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés) receberam suas respectivas heranças. E os capítulos décimo quarto a décimo quinto relatam a mesma coisa no que concerne às tribos ocidentais. E este capítulo décimo quinto dá continuação a essas informações, mostrando-nos no que consistia a herança da tribo de Judá.

Os vss. 1-12 apresentam esse material e, então, nos vss. 13-19, há mais alguma informação a respeito da herança de Calebe, visto que esta fazia parte da herança da tribo de Judá. Os vss. 20-63 listam todas as cidades de Judá, de acordo com os seus distritos. Alguns eruditos supõem que essa pequena peça de informação tenha sido extraída de um registro oficial das subdivisões do reino de Judá, talvez composto nos dias do rei Josias.

"Tendo sido atendido o pedido de Calebe, Josué retornou à tarefa de dividir o território a oeste do rio Jordão, entre as nove tribos e meia de Israel". Quanto a essa expressão, ver Jos. 13.7 e 14.4. Quanto ao *modus operandi* da divisão da Terra Prometida, ver as notas em Jos. 14.2.

15.1

A sorte da tribo dos filhos de Judá. A tribo de Judá, que era a mais numerosa e poderosa das tribos de Israel naqueles dias, foi a primeira a receber herança na parte *ocidental* da Terra Prometida. Quanto a informações gerais sobre a alocação das terras, no oriente e no ocidente, ver as introduções aos capítulos 13 e 14. O capítulo 13 narra a divisão havida na parte oriental; e os capítulos 14 a 19 contam a mesma coisa quanto ao lado ocidental da Terra Prometida.

"A *fronteira sul* de Judá começava na extremidade sul do mar Morto e dali seguia para sudoeste, até um ponto ao sul de Cades-Barnéia, cerca de oitenta e oito quilômetros ao sul de Berseba, passando daí pelo sul da subida de Acrabim, um passo que levava de Arabá, como quem vai para o norte, na direção de Berseba. De Cades-Barnéia, passava pela parte mais elevada do ribeiro do Egito (ver Jos. 13.3), e daí seguia, na direção noroeste, até o mar Mediterrâneo. A fronteira de Israel com Edom era o deserto de Zim" (John Bright, *in loc.*).

Fontes Informativas. Todos os nomes próprios que aparecem aqui recebem comentários no *Dicionário*. Algumas localizações são desconhecidas, mas os artigos dados no *Dicionário* ainda assim nos fornecem opiniões educadas.

A tribo de Judá ocupava a porção mais sulista do território da Terra Prometida. Ver Jos. 14.2 quanto a como as divisões do território foram feitas por meio de *sortes*.

O território alocado à tribo de Judá foi dividido entre os clãs, presumivelmente também por sortes, ou, então, meramente, pela palavra de Josué, depois que ele tomou conselho com os chefes desses clãs.

Judá era da tribo de onde viria e veio o Messias (ver Gên. 49.10; Mat. 1.1,3; Luc. 3.23-33). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Judá; Tribo (Tribos de Israel)* e *Tribos, Localização das*.

15.2

Foi o seu termo ao sul. A fronteira sul corria da extremidade da língua sul do mar Morto, talvez um promontório rochoso que se erguia diretamente do mar. A explicação bíblica, contudo, não nos fornece nenhuma informação indiscutível. Alguns pensam que está em pauta um trecho de terra que avançava mar adentro, e que podia ser facilmente identificado, parecendo-se um tanto com uma língua, e que formava uma espécie de baía.

15.3

Até à subida de Acrabim. Ver Núm. 34.4. Os outros nomes próprios que figuram neste versículo são comentados no *Dicionário*.

15.4

Passa por Hezrom. Ver sobre essa cidade no *Dicionário* e nas notas de Gên. 46.9,12.

Sai ao ribeiro do Egito. Há um artigo sobre esse fluxo de água no *Dicionário*. O rio Nilo também poderia estar em vista, porém o mais provável é que esteja em foco o wadi el-Arish. Esse ribeiro deságua no mar Mediterrâneo, a cerca de meio caminho entre o canal de Suez e Gaza. Ver sobre Jos. 13.3, onde lhe é aplicado o nome de **Sior.**

15.5

O termo, porém, para o oriente. A fronteira oeste da Terra Prometida era a orla marítima do Mediterrâneo. A "foz do Jordão" significa aquele ponto onde esse rio termina e despeja suas águas no mar Morto.

E o termo para o norte. Essa fronteira começava na boca do Jordão e corria na direção noroeste para um ponto um pouco ao sul de Jericó, e então virava abruptamente para o sul, para o vale de Acor (cf. Jos. 7.24-26; ver também o versículo sétimo deste capítulo).

Baía do mar. Neste caso, indica aquele lugar onde o Jordão desaguava no mar Morto. "... essa fronteira norte de Judá começava onde a fronteira oriental terminava, na baía ou enseada do mar Morto, no ponto onde o rio Jordão desaguava" (John Gill, *in loc*). O mapa existente no início do capítulo 13 de Josué nos ajuda a visualizar o que os versículos à nossa frente explicam.

15.6

Termo que sobe até Bete-Hogla. Consulte o *Dicionário* e o mapa no início do capítulo 13, quanto a informações sobre os locais citados.

Pedra de Boã. Talvez fosse um marco de sepultura ou pedra memorial, que marcava o sepultamento de um homem, em memória à sua vida. Ou poderia ser alguma espécie de marco de propriedade, assinalando a fronteira entre as tribos de Judá e Benjamim (ver Jos. 18.17).

15.7

Subindo ainda este termo a Debir. A fronteira norte ia desde aquele wadi a Debir (moderna Toghret ed-Debr), e então seguia, aproximadamente, a linha da moderna auto-estrada que vai de Jerusalém a Jericó, na direção de Jerusalém, cuja cidade ultrapassa pelo sul, no vale de Hinom. Todos os nomes próprios que figuram neste versículo aparecem no *Dicionário*, e os acidentes geográficos podem ser localizados no mapa dado na introdução ao capítulo 13.

Rumo a Gilgal. Não se trata da mesma cidade que aparece em Jos. 4.19. O nome Gelilote aparece em Jos. 18.17, talvez incorretamente.

15.8

Deste ponto sobe pelo vale do filho de Hinom. Consulte o *Dicionário* e o mapa no início do capítulo 13, quanto aos lugares citados e suas respectivas posições.

Jebuseus do sul. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jebuseus*, quanto a informações sobre a antiga cidade de Jerusalém.

Vale dos refains. Ver no *Dicionário* a respeito desse clã de gigantes que habitava naquela área. Ver também o verbete chamado *Anaque (Anaquim)*. Ver ainda Gên. 6.4; 14.5; Deu. 2.11.

15.9

Então vai o termo desde o cume do monte. A referência é ao monte Moriá.

Das águas de Neftoa. Essas águas concentravam-se ao pé do monte Moriá. De Quiriate-Jearim a fronteira leste e sudoeste ia na direção de Bete-Semes, perto da boca do wadi es-Sarar (Soreque), onde há uma moderna estrada de ferro. Ver no *Dicionário* os artigos sobre todos esses nomes próprios locativos, bem como o mapa no início do capítulo 13 de Josué.

15.10

Então dá volta o termo desde. Informações sobre os lugares mencionados neste versículo podem ser obtidas mediante a consulta ao *Dicionário* e ao mapa apresentado no início do capítulo 13.

15.11

Segue mais ainda o termo. Informações sobre todos os lugares mencionados neste versículo aparecem no *Dicionário* e no mapa apresentado no início do capítulo 13.

15.12

O termo, porém, da banda do ocidente. A fronteira oeste do território de Judá era o mar Mediterrâneo. O trecho de Jos. 13.2,3 informou-nos que grande parte desse território não chegou a ser conquistada pelos israelitas. Tais áreas só foram dominadas pelos filhos de Israel nos dias de Davi. Porém, falando em um sentido idealista, somos informados de que toda essa região já estava nas mãos de Israel. "A fronteira ia desde Jabneel até o ribeiro do Egito, onde terminava a fronteira sul (vs. 4)" (John Gill, *in loc.*).

A tribo de Judá recebeu o seu território mediante o lançamento de sortes (ver Jos. 14.2). Ver também Jos. 13.6. O território que coube a cada uma das doze tribos foi subdividido entre seus vários clãs, presumivelmente à vontade dos cabeças de cada tribo.

Calebe e Otniel Ficam com Suas Terras (15.13-19)

O autor sacro, ao reconhecer a importante contribuição de Calebe à causa de Israel, conferiu-lhe um tratamento especial, dentro da narrativa da divisão das terras. O trecho de Jos. 14.6-15 contém um longo elogio a Calebe, informando-nos como Hebrom e suas cercanias se tornaram possessão dele. Ver a introdução a essa seção em Jos. 14.6. Agora o autor sagrado volta a falar sobre Calebe, dizendo-nos como ele tomou possessão de fato de sua herança. Esse relato foi inserido antes de começarem a ser enumeradas as cidades de Judá. A posição especial de Calebe, dentro da narrativa, mostra-nos que ele se tinha tornado um herói nacional. Naturalmente, a cidade de Hebrom estava dentro do território de Judá, e Calebe, embora estrangeiro, pois era edomita, acabou totalmente integrado em Israel, tornando-se parte da tribo de Judá.

"O registro descreve como aquele corajoso guerreiro reivindicou e ampliou essa herança (após a morte de Josué), ajudado por um bravo sobrinho, *Otniel*, que se tornou seu genro (cf. Juí. 1.13; 10.15,20). Mais tarde, Otniel tornou-se um dos juízes de Israel (Juí. 3.9-11)" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

15.13

A Calebe, filho de Jefoné. Ver o artigo detalhado sobre *Calebe*, no *Dicionário*, que narra a história inteira. Calebe tornou-se membro da tribo de Judá, embora fosse edomita de nascimento. Ele era um *quenezeu* (ver a respeito no *Dicionário*). Os quenezeus eram um povo estrangeiro em relação a Israel (ver Gên. 15.10). Os *horeus* e os *idumeus* (ou edomitas) (ver no *Dicionário*) aparecem na genealogia de Calebe. Talvez esse homem tenha sido um descendente remoto de *Esaú*, progenitor dos *idumeus*. Seja como for, era um imigrante que se mostrou digno de fazer parte do povo de Israel, tendo sido honrado por esse motivo.

Ver os vários *nomes próprios* que figuram neste versículo, no *Dicionário*, e cf. Jos. 14.15, onde são dadas notas adicionais.

15.14

Os três filhos de Enaque. Ver no *Dicionário* tanto o verbete intitulado *Anaque (Anaquim)* quanto os artigos separados sobre os filhos desse gigante: Sesai, Aimã e Talmai. Na Bíblia portuguesa, dependendo das versões, o nome desse progenitor de gigantes é grafado como Anaque ou como Enaque. Cf. Jos. 14.6-14. Esses três filhos de Enaque também são citados em Núm. 13.22 e Juí. 1.10,20. Parece que seus nomes eram de origem aramaica (cf. II Sam. 3.3; I Crô. 9.17 e Esd. 10.40).

Calebe teve de enfrentar sua tarefa mais difícil, já com oitenta e cinco anos de idade, na época final de sua vida, contra os gigantes enaquins. Os vss. 14-19 deste capítulo são quase idênticos ao trecho de Juí. 1.11-15.

15.15

Subiu aos habitantes de Debir. Debir era nome de um homem e de duas cidades, nas páginas do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome, em seu primeiro ponto, o qual indica a cidade de Judá que tinha esse nome. A passagem de Josué 13.26 menciona um lugar chamado Debir, em Gileade, na Transjordânia. Cf. Jos. 10.38,39. O nome mais antigo de Debir era Quiriate-Sefer, que significa "cidade dos livros" ou "cidade-arquivo". Talvez isso signifique que os cananeus tivessem ali um oráculo público. Mas os Targuns dizem-nos que era ali que aquela gente guardava seus registros públicos. Não sabemos, entretanto, quão precisa é essa informação. Outros eruditos sugerem que a cidade dispunha de uma famosa biblioteca, pois ela seria uma espécie de centro acadêmico. Na verdade, ninguém sabe, com certeza, por qual motivo ela era assim chamada.

15.16

A quem derrotar a Quiriate-Sefer. Ver no *Dicionário* sobre essa cidade, dentro do artigo intitulado *Debir*. Ver as notas sobre o versículo anterior, onde esse nome é explicado.

Minha filha Acsa. No hebraico, esse nome significa "amuleto". A filha de Calebe foi oferecida em casamento a qualquer que liderasse um ataque bem-sucedido contra a cidade de Debir e assim a tomasse. Foi Otniel, sobrinho de Calebe, quem conquistou a cidade. Todavia, o termo "irmão", que aparece neste versículo, é tomado por alguns estudiosos como se significasse que ele era da mesma tribo de Judá, pelo que não teria nenhum parentesco de sangue com Calebe. Todavia, a ordem de palavras, conforme se vê em nossa versão portuguesa, proíbe tal interpretação; antes, elas dão a entender que Otniel era mesmo sobrinho de Calebe.

Quando Acsa estava sendo conduzida ao seu futuro lar, com as cerimônias usuais, ela desmontou de seu jumento e implorou que seu pai lhe doasse fontes de água nas terras que seriam suas como dote. Um pedido, naquele instante, seria muito difícil de repelir; e ela obteve o que desejava. E assim, Acsa recebeu várias fontes, situadas perto de Debir (ver Jos. 15.16-19 e Juí. 1.9-15).

15.17

Tomou-a, pois, Otniel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Otniel*. Esse homem poderia ter sido, realmente, sobrinho de Calebe, embora alguns estudiosos compreendam o vocábulo "irmão", que aparece no versículo anterior, como indicação de que ele era apenas um aparentado, em sentido geral. Assim, também, as palavras deste versículo, "Quenaz, irmão de Calebe", poderiam apenas indicar que ele era um *quenezeu*, membro da mesma raça estrangeira que Calebe.

O incidente pode refletir um casamento entre dois clãs dos quenezeus, o de Calebe e o de Otniel. Por outra parte, os costumes da época teriam permitido o casamento de dois primos (no caso de Otniel ter sido, deveras, sobrinho de Calebe). É verdade que tal tipo de casamento era proibido pela legislação mosaica (ver Lev. 18.14); mas essas leis não foram sempre observadas à risca, apesar das ameaças de execução que as acompanhava.

Filhas Oferecidas pelos Pais? O costume não era tão raro assim em Israel. Saul prometeu sua filha em casamento ao homem que conseguisse matar o gigante Golias (ver I Sam. 17.25). Isso posto, as donzelas tornavam-se prêmios oferecidos aos heróis militares.

15.18,19

Insistiu com ele para que pedisse um campo. Acsa tirou vantagem das emoções da vitória e das celebrações de seu casamento, a fim de exortar seu marido a pedir de Calebe um campo, o qual seria valioso para aumentar as riquezas da família que se estava formando. O texto bíblico não deixa claro se Otniel fez o pedido primeiro, e então Acsa o reiterou, ou se ela mesma fez o pedido no momento aprazado, deixando de lado o seu marido. Sem importar como tenha acontecido, foi ela quem falou com Calebe sobre fontes de água. Naquele momento de exultação, nenhum pai teria recusado o pedido à sua filha, pelo que lhe foram doadas tanto as "fontes superiores" quanto as "fontes inferiores". E assim Acsa foi-se feliz para seu lar, bem equipada para enfrentar a sua nova vida. Naquelas terras semi-áridas, a água era vital, pois devemos lembrar que isso sucedeu no Neguebe semidesértico, extremo sul do território de Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Neguebe*.

Os *Targuns* adicionam a isso que Acsa caiu humildemente aos pés de seu pai, o qual a ergueu e indagou o que ela queria. Como é óbvio, ela estava naquela postura a fim de solicitar alguma bênção especial, algum pedido valioso.

Fontes superiores... fontes inferiores. Em outras palavras, ali havia fontes abundantes, tanto nas terras mais elevadas quanto nas terras mais baixas. Assim, o pedido de Acsa foi atendida prontamente.

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra"

(II Coríntios 9.8)

Lista das Cidades de Judá (15.20-63)

15.20-62

O capítulo 15 do livro de Josué é o capítulo da Bíblia que conta com o maior número de nomes próprios. Diante de nós está a relação das cidades de Judá. Naturalmente, estamos falando em termos de algumas poucas cidades propriamente ditas, pois a maioria delas consistia em pequenas aldeias. Somente um número comparativamente pequeno desses lugarejos aparece nos mapas bíblicos, devido ao fato de que as localizações específicas da maioria deles se perdeu. Mas o texto bíblico dá-nos amplas informações sobre as *áreas em geral* onde as aldeias listadas existiram na antiguidade. Também há quatro regiões geográficas mencionadas, as quais incluem doze distritos, conforme se vê nas notas expositivas a seguir.

Todos os nomes próprios dados contam com artigos no *Dicionário*, com a exceção de seis deles, que alistei e comentei no último parágrafo desta introdução.

As Quatro Áreas Geográficas de Judá:

1. Vinte e nove cidades, além de suas aldeias, no *sul*, ou seja, no *Neguebe* (ver a respeito no *Dicionário*) — vss. 21-32.
2. Quarenta e duas cidades, além de suas aldeias, nos sopés das colinas ocidentais, ou seja, na *Sefelá* (ver as notas em Jos. 10.10) — vss. 33-47.
3. Trinta e oito cidades, além de suas aldeias, na região montanhosa — vss. 48-60.
4. Seis cidades no deserto da Judéia, esparsamente povoado, que vai diminuindo de altitude quanto mais se chega perto do mar Morto — vss. 61 e 62.

N. B. — No vs. 32 deste capítulo é dito que as cidades do Neguebe eram vinte e nove; mas de fato, trinta e seis cidades são listadas nos vss. 21-32. Talvez isso seja explicado pela observação de que *sete* dessas cidades da lista foram posteriormente entregues à tribo de Simeão, a saber: Moladá, Hazar-Sual, Berseba, Azém, Eltolada, Hormá e Ziclague.

Ao que tudo indica, Judá ocupou essas cento e quinze cidades com poucas dificuldades, a menos que o autor sagrado tenha exagerado quanto à facilidade da conquista, conforme poderíamos supor através das informações dadas no início do capítulo 13. Muito tempo se gastou na conquista, e muitas áreas não foram conquistadas, realmente. Mas a mera leitura das narrativas não nos dá essa idéia.

No vss. 63 deste capítulo encontramos um bolsão de resistência à conquista, que se arrastou por longo tempo. Isto se aplica à própria cidade de Jerusalém, onde habitavam os jebuseus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Jebuseus.*

Os Doze Distritos de Judá:

Na *Bíblia hebraica,* o material desta seção (vss. 21-63) é dividido em onze partes, pois descreve onze distritos e lista as suas respectivas cidades. Mas a Septuaginta adicionou um distrito após o vs. 59. Essa lista é suplementada em Jos. 18.21-28, que menciona as cidades da tribo de Benjamim; em Jos. 19.2-9, que cita as cidades da tribo de Simeão; e em Jos. 19.40-46, que arrola as cidades de Dã. Todas essas tribos faziam parte da *grande Judá* e foram finalmente governadas sob a mesma monarquia.

Os Distritos:

1. Um distrito no *extremo sul*, perto de Berseba. Ver o ponto primeiro, sob as quatro áreas geográficas. Vinte e nove (ou 36?) cidades pertenciam a essa área — vss. 21-32.
2. As terras baixas (*Sefelá*; ver o ponto segundo, sob as quatro áreas geográficas). Essa área contava com *catorze* cidades, mas a lista contém *quinze* cidades. A Septuaginta diz aqui "seus apriscos", em lugar de *Gederotaim* (vs. 36), eliminando-a como uma cidade; mas essa "correção" é duvidosa — vss. 33-36.
3. O sul da Sefelá, mais ou menos a meio caminho entre os distritos um e dois. Quase todos os lugares pertencentes a esse distrito são desconhecidos — vss. 37-41.
4. A parte da Sefelá que jazia entre os distritos um e dois. Seu centro ficava cerca de vinte e três quilômetros a noroeste de Hebrom. As cidades de Eter e Asã, aqui listadas, aparecem como pertencentes à tribo de Simeão, em Jos. 19.7 — vss. 42-44.
5. A planície costeira até o ribeiro do Egito (cf. Jos. 13.2-6). Esse distrito compunha-se de cidades filistéias que Davi finalmente conquistou para Israel. Mas nos dias de Josué pertencia ao povo de Deus apenas em um sentido ideal — vss. 45-47.
6. Esse distrito fazia limites com o primeiro distrito, ao norte, e a oeste entre os distritos primeiro e terceiro. Debir era uma de suas cidades mais importantes — vss. 48-51.
7. O centro das terras altas do sul, ao norte do sexto distrito e a leste dos distritos terceiro e quarto. Seu centro era Hebrom — vss. 52-54.
8. Uma faixa de terra na beira oriental das terras altas da Judéia, ao sul de Hebrom. Essa área fazia limites, no sul, com o primeiro distrito, e a oeste, com o sétimo distrito — vss. 55-57.
9. Esse distrito ficava escarranchado sobre a serra norte de Hebrom. Seu centro era Bete-Zur, a cerca de seis quilômetros e meio ao norte de Hebrom — vss. 58 e 59.
10. Neste ponto, a Septuaginta acrescenta outro distrito, que teria onze cidades, mas que não aparece na Bíblia hebraica. As mais importantes dessas cidades eram Tecoa, Peor, Etã, Querem, Galim, Beter e Manaate. Não sabemos com base em que autoridade esse distrito foi adicionado na Septuaginta, nem se apareceria em manuscritos mais antigos da Bíblia hebraica do que os manuscritos que possuímos.
11. Esse distrito jaz na fronteira norte de Judá. As cidades listadas também aparecem como se fossem pertencentes à tribo de Benjamim, em Jos. 18.25-28. Ver sob o quarto ponto das notas sobre as quatro áreas geográficas de Judá, no texto sagrado, anteriormente, quanto a uma circunstância similar que envolveu outras cidades. Talvez, em tempos posteriores, essas cidades tenham terminado com a tribo de Benjamim. A área envolvida foi, essencialmente, a metade ocidental do território da tribo de Benjamim — vs. 60.
12. A descida oriental dos territórios de Judá e Benjamim. As cidades listadas em Jos. 18.21-24 também pertenciam àquela área geográfica. Estendia-se desde a fronteira de Efraim, pelo menos até tão ao sul quanto En-Gedi, que ficava a meio caminho, como quem vai para o mar Morto — vss. 61 e 62.

15.63

Não puderam, porém. Na conquista da Terra Prometida, houve uma grande exceção. Jerusalém não foi dominada. Essa cidade era contada como se pertencesse à tribo de Benjamim (vs. 8; 18.28; Juí. 1.21). Somente quinhentos e cinqüenta anos mais tarde foi que Davi conseguiu capturá-la (ver II Sam. 5.6-10). Quando o autor sagrado escreveu seu livro de Josué, em algum tempo que não foi determinado, a cidade estava dividida entre os israelitas e os jebuseus. É possível que Israel, talvez desde tempos anteriores, ocupasse o que é agora a Jerusalém metropolitana, embora a fortaleza de Sião continuasse resistindo a todas as tentativas de invasão, até os tempos de Davi. Talvez parte da área que veio a tornar-se a grande cidade de Jerusalém pertencesse a Judá, ao passo que outra parte pertencesse a Benjamim, o que explicaria a aparente contradição. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jebuseus.*

Na introdução ao livro de Josué, ver sobre *autoria e data.* O versículo em questão indica que a data da escrita do livro foi anterior à monarquia. Por outra parte, conforme os críticos salientam, a escrita do livro (que poderia ter ocorrido dentro da fase monárquica de Israel) pode ter incorporado materiais mais antigos, incluindo informes como esses que temos neste versículo.

Todas as cidades listadas nos vss. 21-62 recebem artigos separados no *Dicionário*, com a exceção única das seguintes seis cidades:

Itnã (vs. 23). Era uma das cidades da região sul do território de Judá, que pertencia ao *primeiro distrito* (ver anteriormente). Essa cidade não tem sido identificada com nenhum sítio moderno. O nome, no hebraico, significa "extensa".

Amã (vs. 26). Uma cidade do sul de Judá (também pertencente ao *primeiro distrito*, comentado anteriormente). Ao que tudo indica, tornou-se parte de uma faixa de terra outorgada, mais tarde, à tribo de Simeão (ver Jos. 19.1-9). Parece que o nome, no hebraico, quer dizer "lugar de colheita".

Lebaote (vs. 32). Trata-se da mesma cidade algures chamada de Bete-Lebaote, comentada no *Dicionário* com este segundo título. No hebraico, o nome significa "casa da leoa".

Zorá (vs. 33). Este lugar, como é evidente, foi primeiro dado a Judá, mas posteriormente acabou nas mãos dos danitas. Ver Jos. 19.41; Juí. 18.2. Ali Sansão nasceu e também foi sepultado (ver Juí. 13.2-25; 16.31). Tempos mais tarde, foi fortificada por Reoboão, filho de Salomão (ver II Crô. 11.10). Ficava na falha montanhosa que dava frente para Soreque, e pertencia ao *segundo distrito*, comentado anteriormente. Esse nome, no hebraico, significa "ferroada", "açoite" ou "vespa".

Hadasa (vs. 37). Esta era uma cidade que ficava no vale do território de Judá (no *terceiro distrito*, comentado anteriormente). Ficava entre a região montanhosa de Judá e a fronteira entre Judá e a Filístia. Este nome, no hebraico, quer dizer "nova".

Estemo (vs. 50). Também era conhecida como *Estemoa*. Era uma cidade nos montes de Judá (pertencente ao *sexto distrito*, comentado anteriormente). Depois, foi cedida aos sacerdotes levitas (ver Jos. 21.14; I Crô. 14.17,19). Davi, vitorioso em batalha, mandou despojos para essa cidade. Ela tem sido identificada com a moderna aldeia de *Semua*, ligeiramente ao sul de Hebrom. Muitas ruínas *ali existentes têm sido investigadas pelos arqueólogos*. O *nome, no hebraico*, significa "obediência". No *Dicionário* ela deve ser procurada mediante o seu outro nome, *Estemoa*.

Capítulo Dezesseis

O *livro de Josué* está dividido em *quatro* seções principais, a saber: A. A conquista do território. B. A divisão do território entre as *doze tribos*. C. A consagração do povo escolhido. D. Epílogo.

Este capítulo 16 dá continuidade ao terceiro ponto da seção B. Aqui o autor relata como as tribos *ocidentais* receberam seus respectivos territórios. O capítulo 16 conta, especificamente, como foi a herança de Efraim. E os capítulos 16 e 17 *narram as heranças de Efraim e da meia tribo de Manassés que foram para o lado* ocidental da Terra Prometida. José não originou uma "tribo de José". Mas seus dois filhos, Manassés e Efraim, tiveram tribos com seus nomes. Quando José mandou trazer seu pai, Jacó, para o Egito, este adotou aqueles seus dois netos, pelo que eles receberam o direito de tornar-se cabeças de tribos em Israel. Ver o capítulo 48 do livro de Gênesis quanto a essa informação. Se Levi tivesse continuado sendo uma tribo, e não se tivesse tornado a casta sacerdotal de Israel, e se José (e seus dois filhos) tivessem sido chefes de tribos, então teria havido um total de catorze tribos. Mas Levi deixou de ser uma tribo, e nenhuma tribo recebeu o nome de "tribo de José". Daí resultaram as doze tribos tradicionais de Israel. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Tribos, Localização das* e *Tribo (Tribos de Israel)*.

O capítulo 13 deste livro de Josué conta como as tribos de Rúben e Gade, bem como a meia tribo de Manassés, preferiram ficar com terras a oriente do rio Jordão, no território chamado Transjordânia. E, começando pelo capítulo 14, temos a narrativa de como a parte ocidental da Terra Prometida foi distribuída.

O povo de Israel chegou a ter o seu próprio território nacional em face de um dispositivo do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). A seção B do livro de Josué presta-nos a informação de que essa promessa teve cumprimento.

Todos os nomes próprios que figuram neste capítulo recebem artigos separados no *Dicionário*, e peço ao leitor para examinar esses artigos ali. Todavia, muitas cidades e aldeias ainda não foram identificadas até hoje, pelo que a sua localização exata é desconhecida. E os mapas bíblicos não apresentam esses lugares.

Grosso modo, pode-se dizer que a tribo de Efraim e a meia tribo ocidental de Manassés receberam herança nas terras altas centrais da Palestina.

Territórios e Cidades de Efraim (16.1-10)

16.1

O território que, em sorte, caiu aos filhos de José. "A poderosa casa de *José*, composta pelas tribos de Efraim e Manassés, herdou o rico território central da terra de Canaã. Visto que José manteve em vida, no Egito, toda a família patriarcal, durante a grande fome, o patriarca Jacó ordenou que os dois filhos de José, Efraim e Manassés, viessem a ser fundadores e cabeças de tribos, juntamente com seus tios (ver Gên. 48.5). Os territórios que eles herdaram, em Canaã, *quanto a muitos aspectos, eram os mais belos e férteis da Terra Prometida*" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

As Duas Fontes Informativas:

1. O *Dicionário* apresenta artigos sobre *todos* os nomes próprios que figuram neste capítulo 16.
2. Os *mapas* que aparecem na introdução ao capítulo 13 de Josué mostram a localização das tribos e dos lugarejos antigos que já foram determinados pela arqueologia ou por outros estudiosos. Os artigos referidos no ponto primeiro também dão informações sobre as localizações dos demais pontos, embora, algumas vezes, meras especulações estejam envolvidas. Portanto, nos *versículos seguintes, não repito, em sua maior parte, referências a fontes* informativas.

Sortes. Era esse o método mediante o qual as terras conquistadas por Israel foram distribuídas entre as doze tribos. Ver Jos. 13.6; 14.2 e 15.1. Quanto a um possível *modus operandi* da distribuição, ver o último parágrafo da introdução ao capítulo 14 de Josué.

Cf. o versículo segundo deste capítulo com Jos. 18.12,13, que descreve a fronteira norte do território de Benjamim. Há aí dificuldades textuais e geográficas que os eruditos ainda não conseguiram equacionar inteiramente. Alguns deles opinam que as palavras "de Betel sai para Luz" envolvem algum erro de transcrição, pois Betei e Luz eram dois nomes de uma única cidade. Isso posto, deve haver algum erro original, mais provavelmente causado por um copista antigo.

John Gill *(in loc.)* explicou, entretanto, que, se Betel acabou sendo *identificada com Luz, originalmente* elas formavam duas cidades separadas, embora distando pequena distância uma da outra. Betei, de acordo com a explanação desse comentarista, eram os campos adjacentes a Luz (ver Gên. 38.11,19). Mesmo assim é difícil entender em que isso nos ajuda a digerir os dois nomes, que designam locais que virtualmente estão em uma mesma área geográfica. Seja como for, Betel ficava na fronteira *sul* da tribo de Efraim, perto da fronteira *norte* de Benjamim. A passagem de Josué 18.12,13 descreve essa fronteira, e, por isso mesmo, fornece anotações a respeito da fronteira *sul* de Efraim, visto que o território de Benjamim ficava ao sul do território de Efraim. O local de *Atarote é* incerto; mas, conforme se presume, assinalava a fronteira sul de Efraim, pelo menos em algum ponto. Mas não devemos pensar na Atarote que pertencia à tribo de Rúben.

16.2,3

E desce rumo ao ocidente. A *descrição move-se na direção oeste*, mencionando os principais lugares ao longo do caminho. Presumivelmente, estamos avançando ao longo da fronteira sul e encaminhando-nos na direção do mar Mediterrâneo, conforme lemos no fim deste versículo. As palavras "de baixo" (em relação a Bete-Horom) distinguem-na de outra Bete-Horom, que ficava na região elevada (região norte ou oriental; ver o quinto versículo deste capítulo). Ao que parece, as duas localidades do mesmo nome não ficavam distantes uma da outra. O *Dicionário* informa-nos o que se sabe a respeito dessas duas cidades com o mesmo nome.

16.4

Os filhos de José, Manassés e Efraim. O *filho mais novo de José*, Efraim, multiplicou-se e tornou-se uma tribo, porquanto ele e seu irmão, Manassés, tinham sido adotados por Jacó, o qual autorizou que cada um desses seus dois netos viesse a ser um chefe de tribo (ver Gên. 48). Foi dessa maneira que tanto Manassés quanto Efraim, embora tendo nascido ambos no Egito, vieram a fazer parte da comunidade de Israel, com todos os seus descendentes.

Conforme já vimos, o lançamento de *sortes* (ver a respeito no *Dicionário* e nas notas expositivas sobre Jos. 13.6; 14.2 e 15.1) é que determinou quais territórios conquistados ficaram com esta ou aquela tribo. Tal como sucedeu no caso de Efraim, outro tanto sucedeu no caso de Manassés. Mas o território que coube a Manassés só é descrito adiante, no capítulo 17 do livro de Josué.

16.5

Foi o termo da herança dos filhos de Efraim, segundo as suas famílias. Esta última palavra, "famílias", lembra-nos que as tribos foram *subdivididas* em clãs, e os clãs, por sua vez, foram subdivididos em famílias. Cada clã e cada família obtiveram a sua própria terra, o que significa que todas as pessoas, em Israel, eram proprietárias de terras. Não somos informados na Bíblia como essas subdivisões se realizaram. Talvez tenham ocorrido também por meio do lançamento de sortes; porém o mais provável é que os anciãos de Israel tenham dado herança a cada clã e a cada família. Fica entendido, do começo ao fim, que a sabedoria e a seleção de Yahweh estiveram por trás de todo o processo de distribuição de territórios.

A fronteira oriental de Efraim era formada por Atarote-Adar, perto de Bete-Horom (do norte, mais para o oriente). O nome Atarote significa "coroas", ao passo que Adar quer dizer "escura", "enevoada". Esta Atarote-Adar e a Atarote referida no segundo versículo deste capítulo são a mesma cidade, a qual ficava na fronteira nordeste do território de Efraim.

16.6,7

E vai o termo para o mar. Estes dois versículos traçam tanto a fronteira norte quanto a fronteira leste.

Micmetá. Ficava na fronteira norte de Efraim, onde seu território estava contíguo ao território de Manassés. Situava-se no lado ocidental do rio Jordão (ver *Jos.* 17.7). *Na atualidade, essa cidade é conhecida como Khirbet Juleijil. Em* seguida, a descrição bíblica segue para o oriente, o que prossegue no versículo sétimo.

Taanate-Síló (atualmente Khirbet Ta'anah el-Foqa) situava-se cerca de onze quilômetros a sudeste de Siquém (no território de Manassés, como quem vai para o norte). Depois a fronteira descia para o sul, seguindo a beirada do vale do rio Jordão e chegando até Jericó (que ficava à beira do território de Benjamim). Naturalmente, a Atarote referida no sétimo versículo não é a mesma Atarote dos

vss. 2 e 5. Ao longo do caminho, um viajante encontraria as cidades de Janoa e Naarate. A primeira é conhecida, mas a segunda só pode ser tentativamente identificada. No *Dicionário*, os artigos sobre essas duas cidades expõem o que se sabe a respeito delas.

16.8

De Tapua vai o termo para o ocidente. Aqui, o autor sacro retorna à fronteira norte e alude a algumas poucas das cidades ali existentes. Tapua ficava cerca de treze quilômetros a oeste da Janoa que é referida no sexto versículo deste capítulo. Dali, passamos para o ribeiro de Caná, hodiernamente o wadi Qanah, a oeste de Tapua, a cerca de trinta e seis quilômetros, e levemente para o norte. E a partir dali, a fronteira seguia na direção do mar Mediterrâneo, passando ao norte da cidade de Jope.

16.9

Mais as cidades que se separaram para os filhos de Efraim. Visto que a tribo de Efraim era muito mais numerosa que a meia tribo ocidental de Manassés, além das terras que lhe couberam por sorte, descritas anteriormente, de conformidade com as suas fronteiras, recebeu várias cidades que ficavam dentro do território que coube a Manassés. É provável que a linha fronteiriça nem sempre fosse bem nítida, em todo o seu comprimento. Cf. Jos. 17.10,11.

16.10

Não expulsaram aos cananeus. Temos neste versículo, uma vez mais, o lembrete de que Israel não obteve sucesso absoluto na conquista da Terra Prometida. Também houve fracassos. Uma leitura comum do livro de Josué pode dar-nos a impressão de que as vitórias de Israel foram sempre rápidas, indisputadas e completas. Sem embargo, o trecho de Josué 13.2 ss. informa-nos que houve vários fracassos, vitórias parciais e dificuldades. Além disso, um longo período de tempo esteve envolvido na conquista dos territórios, talvez nada menos de sete anos, conforme as tradições judaicas nos informam. Ver o trecho de Josué 14.10, que indica que houve, no mínimo, cinco anos de conflitos. O décimo versículo deste capítulo informa-nos a respeito dos cananeus, que continuaram a viver entre os efraimitas, ainda que, naqueles dias, e quando o autor sacro escreveu o seu livro, esses cananeus tivessem de pagar tributos aos filhos de Israel. Os cananeus estavam concentrados perto da fronteira sul. Posteriormente, os povos não-conquistados causaram muitas tristezas a Israel. Somente nos dias de Davi a área foi totalmente tomada dos cananeus (ver II Sam. 5.24; I Crô. 14.16). Quanto à história de *Gezer*, ver no *Dicionário* o artigo sobre esse lugar. Cf. Jos. 15.63 e Juí. 1.29.

Capítulo Dezessete

Ver as notas introdutórias ao capítulo 16 de Josué quanto a informações que também têm aplicação aqui. Os capítulos 16 e 17 falam sobre as terras entregues à tribo de Efraim e à meia tribo ocidental de Manassés. Ver as introduções aos capítulos 13, 14 e 15 de Josué, quanto a idéias que também se aplicam aqui. A seção geral à qual pertence este capítulo 17 começa em Josué 14.1. *Todos* os nomes próprios que aparecem neste capítulo recebem artigos separados no *Dicionário*.

Territórios e Cidades de Manassés (17.1-18)

"Os descendentes de Maquir, primogênito de Manassés, estabeleceram-se na Transjordânia (vss. 1 e 2). Os outros herdeiros estabeleceram-se na terra de Canaã propriamente dita, tendo recebido seu território ao norte do território de Efraim, que também se estendia desde o rio Jordão ao mar Mediterrâneo (vss. 7-10)" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Manassés*, quanto a completas explicações.

17.1

Teve a Gileade e Basã. O capítulo 13 de Josué conta-nos como se estabeleceu na Transjordânia a meia tribo de Manassés, juntamente com as tribos de Rúben e de Gade. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Tribos, Localização das e Tribo (Tribos) de Israel*. Ver Núm. 24.14,15 e 32.31 ss. sobre como essas duas tribos e meia solicitaram e receberam as terras a oriente do rio Jordão. Elas tiveram de prometer que ajudariam a seus irmãos na invasão da parte ocidental da Terra Prometida. O fato de que cumpriram a promessa é demonstrado pela informação dada no capítulo 22 de Josué. O trecho de Josué 13.8-13 reconta a história de como essas duas tribos e meia receberam sua herança na Transjordânia.

Gileade. Esse homem era filho de Maquir. Todos os seis clãs de Manassés (vs. 2) descendiam de Gileade (ver Núm. 26.28-34; cf. I Crô. 7.14-19).

17.2

Sortes. Ver sobre essa questão no *Dicionário* e em Jos. 13.6; 14.2 e 15.1. Sobre como esse modo de divisão de terras foi efetuado (de acordo com as tradições judaicas), ver o último parágrafo da introdução ao capítulo 14.

Os mais filhos de Manassés. Este versículo lista os progenitores dos seis clãs de Manassés, todos eles descendentes de *Gileade*. Há um artigo separado, no *Dicionário*, sobre cada um deles. *Todos* os nomes próprios que figuram neste capítulo recebem artigos separados no *Dicionário*.

Siquém. "É digno de nota que, de acordo com os limites de Efraim e Manassés, descritos no capítulo 16, a cidade de Siquém parece que ficava dentro das fronteiras de Manassés; mas da mesma maneira que as 'cidades separadas' de Efraim estavam dentro da herança de Manassés (ver Jos. 16.9), assim também se deu com Siquém, que foi a primeira metrópole de Israel na Palestina" (Ellicott, *in loc.*). É evidente que nem sempre os limites foram exatos e fixos, porque havia certa variação de fronteiras entre as tribos de Israel.

Ver as famílias desses clãs mencionadas em Núm. 26.30-32. Somente os membros masculinos das tribos herdavam terras, a menos que não houvesse herdeiros masculinos. Nesse último caso, as mulheres podiam ser herdeiras, contanto que se casassem dentro de suas próprias tribos. Ver Núm. 26.33 ss.; 27.1 ss.; 36.2 ss.

17.3,4

Zelofeade. Quanto à crônica acerca de Zelofeade, ver o artigo sobre ele no *Dicionário*, como também os comentários adicionais em Núm. 26.33; 27.1 ss. e 36.2 ss. Zelofeade não tinha filhos, e suas filhas apelaram, procurando tornar-se herdeiras de seu pai. Poderiam filhas herdar propriedades pertencentes à família, se não houvesse herdeiros do sexo masculino? A decisão transmitida por Moisés foi que poderiam, contanto que se casassem com homens de sua própria tribo, para que se evitasse qualquer confusão concernente a heranças da família, heranças essas sempre limitadas às respectivas tribos. Cada um dos nomes próprios que aparece aqui são repetições dos textos mencionados no livro de Números, e cada um desses nomes merece um artigo no *Dicionário*, ou, *in loc.*, nos textos que contam as histórias.

Zelofeade era bisneto de Manassés. A cena que temos aqui avança quanto ao tempo. Originalmente, foi Moisés quem tomou aquela decisão. Mas, agora que Israel estava na posse da Terra Prometida, as ordens de Moisés tinham de ser cumpridas. Assim sendo, Josué e Eleazar (filho de Arão) confirmaram a diretriz dada por Moisés, a fim de que a decisão dele fosse cumprida. Esse incidente mostra certa preocupação com os direitos das mulheres de Israel, em uma época em que os direitos femininos não eram muito respeitados.

17.5

Couberam a Manassés dez quinhões. Ou seja, cinco para Gileade (vs. 2) e cinco para as filhas de Zelofeade. Visto que havia *seis* filhos e *cinco* filhas entre os quais a divisão de terras precisava ser feita, parece que deveria haver *onze* quinhões. Mas Zelofeade, filho de Hefer, deixara cinco filhas em seu lugar. Nem ele nem seu pai, Hefer, aparecem como quem morrera no deserto, durante as perambulações. O resultado foi que restavam cinco filhos e cinco filhas, que receberam heranças.

17.6

Os outros filhos de Manassés tiveram a terra de Gileade. O autor sagrado lembra-nos que ele estava falando sobre aquela metade da tribo de Manassés que recebeu herança na parte ocidental da Terra Prometida, ao passo que a outra metade tinha ficado na Transjordânia. O mapa apresentado na introdução ao capítulo 13 de Josué mostra como foi a divisão do território conquistado, ajudando-nos a visualizar o que é transmitido nos capítulos 13 a 19.

17.7

O termo de Manassés foi desde. Cf. Jos. 16.6-8 quanto à fronteira que Manassés compartilhava com Efraim.

En-Tapua. Essa cidade ficava cerca de treze quilômetros a sudeste de Micmetá, o que significa que a descrição se move para leste, na direção do mar Morto.

17.8

Ainda que situada no termo de Manassés, era dos filhos de Efraim. Nem sempre os limites eram claros, pelo que as cidades fronteiriças podiam pertencer a uma ou outra tribo. Assim sendo, se Tapua, estritamente falando, ficava no território de Manassés, na verdade era habitada por gente da tribo de Efraim.

17.9

Então desce o termo ao ribeiro de Caná. Micmetá ficava às margens do ribeiro de Caná (ver Jos. 16.8 quanto a notas expositivas). Esse wadi seguia para oeste, na direção do mar Mediterrâneo, onde desaguava acima de Jope. Desse modo, pois, eram formadas a fronteira sul de Manassés e a fronteira norte de Efraim. As cidades anteriormente mencionadas, Aser, Micmetá, En-Tapua e Tapua, embora ficassem todas no território de Manassés, eram habitadas por gente de Efraim. Sendo ambas descendentes de José, essas duas tribos parecem ter mantido uma solidariedade especial, pelo que certa mistura na ocupação de suas cidades não criava nenhum problema.

17.10

Efraim ao sul, Manassés ao norte. Está sendo descrita uma fronteira comum, tal como também se vê nos versículos anteriores. A fronteira *norte* de Manassés era o limite com a tribo de Aser (cf. Jos. 19.24-31) e com a tribo de Issacar (cf. 19.17-23). Essa fronteira norte foi descrita em termos bastante inexatos. De fato, foi somente subentendida, visto que nenhuma cidade específica que a formava chega a ser mencionada.

17.11,12

Em Issacar e em Aser tinha Manassés. Temos aqui a descrição de mais algumas fronteiras imprecisas. Assim como a tribo de Efraim tinha certas cidades que ficavam dentro das fronteiras de Manassés (ver Jos. 16.9 e 17.9), assim também Manassés tinha certas cidades dentro das fronteiras de Issacar e de Aser. O autor sagrado fornece-nos uma lista de todos esses lugares, que aparecem em artigos separados no *Dicionário*. A consulta aos *mapas* oferecidos na introdução ao capítulo 13 do livro de Josué provê ao leitor certa noção sobre localizações. Parece que os lugares mencionados eram fortalezas cananéias, e talvez Manassés, como a tribo mais forte, tenha recebido esses lugares para servirem de defesas estratégicas. Era responsabilidade da tribo de Manassés conquistar esses lugares, mas o que os manassitas impuseram foi uma política de pagamento de tributos; isso, contudo, acabou produzindo frutos amargos, posteriormente. Ver Jos. 13.1 ss. quanto a lugares que não foram conquistados, e ver notas adicionais sobre o problema, em Jos. 16.10. E a tribo de Efraim também seguiu a mesma política de meias-medidas, conforme demonstra a referência no capítulo 16 de Josué.

17.13

Sujeitaram aos cananeus a trabalhos forçados. Mas sujeitar essas populações a trabalhos forçados (ver o vs. 12) não foi tarefa fácil, pois somente quando os israelitas se fortaleceram isso se tornou possível. Os tratados ou acordos só são firmados após muito derramamento de sangue. Israel deve ter concordado em suspender as hostilidades, mas exigiu dinheiro para que a matança cessasse. Os ideais da guerra santa, por conseguinte, não foram cumpridos na íntegra. Ver as notas sobre a *guerra santa*, em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

17.14

O povo dos filhos de José. As tribos de Efraim e Manassés tinham populações numerosas, e queixaram-se, diante de Josué, acerca dos territórios relativamente apertados que tinham recebido. Os recenseamentos (ver Núm. 1.2) mostram-nos que Manassés contava com 53.700 homens capazes de ir à guerra, ao passo que Efraim dispunha de 32.500 homens nas mesmas condições. Assim sendo, apesar de não estarem entre as menores tribos, também não estavam entre as maiores. Judá dispunha de 76.500 homens, e Dã tinha 64.500 homens. Mas devemos supor que as terras de que dispunham fossem relativamente pouco espaçosas, deixando-os com menos liberdade para movimentação. A solução encontrada por Josué (ver os versículos seguintes) foi fazê-los entrar nas áreas cobertas de florestas, derrubar árvores e assim expandir suas terras utilizáveis. Ali, eles haveriam de ter de enfrentar gigantes, mas isso não deveria constituir um problema insuperável, pois os gigantes eram pouco numerosos.

O Senhor até aqui me tem abençoado? Pode-se perceber certa amargura de espírito por trás dessas palavras. É como se eles tivessem dito: "É verdade que o Senhor nos tem abençoado até aqui. Mas vejam a situação em que nos encontramos!". A bênção divina, sob a forma de herança de terras, não estava à altura das bênçãos anteriores, e a situação precisava ser remediada.

Que Contraste! Quão diferentes foram as orgulhosas palavras dos efraimitas com os feitos heróicos de Josué, que era o verdadeiro herói da tribo de Efraim. A *grandeza de Josué era comprovada mediante atos, e não mediante meras* palavras. Um grande segmento da porção central da Palestina consistia em florestas fechadas. Logo, os efraimitas tinham de entrar naquela região, derrubar árvores e, assim, obter mais espaço.

17.15

Se és grande povo. Josué respondeu com certa ironia, equivalente a "abre espaço para ti mesmo; usa tuas forças e pára de queixumes". Essa foi a essência do que Josué disse a seus conterrâneos de tribo. Falar era fraco e barato. Somente ação vigorosa poderia remediar a situação. A região dos *ferezeus* deveria ser conquistada, e parte da floresta ali existente precisava ser derrubada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Perezeus (Fereseus)*. Ver as sete nações que Israel supostamente deveria expulsar da Terra Prometida, em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1.

Os *refains* que habitavam nas florestas a serem derrubadas complicavam o problema, visto que eram uma das raças de gigantes. As florestas do monte Efraim também poderiam ser derrubadas. Há evidências de que aquela área era densamente arborizada e esparsamente povoada, nos dias da conquista da Terra Prometida. Alguns intérpretes supõem que aquela fosse a área que o autor sagrado tinha especificamente em vista. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Efraim, Região Montanhosa de.*

"Josué envergonhou os efraimitas por causa do temor e frustração deles, exortando-os a fazer o ataque. As questões realmente importantes, seja como for, serão resolvidas pela orientação e pelo poder de Deus, e não por meio de cavalos e carros de combate" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Os efraimitas foram exortados a cavar o seu próprio futuro. A maioria dos eventos não é destinada, e mesmo os acontecimentos destinados são efetuados em cooperação com a alma humana, em harmonia com o seu destino. Visto que o futuro é essencialmente plástico, isso significa que ele pode ser formado por nossos próprios esforços, e que é nesse ponto que entra o livre-arbítrio humano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livre-arbítrio.*

17.16

A região montanhosa não nos basta. A alusão aqui é ao monte Efraim e às áreas adjacentes. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Efraim, Região Montanhosa de.*

Todos os cananeus... têm carros de ferro. Implementos de guerra, feitos de ferro, complicavam bastante o problema enfrentado pelos descendentes de José. Israel não criava cavalos nem fabricava carros de combate. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Carruagem.* Os carros de combate dos cananeus eram feitos de madeira, mas fortalecidos com ferro. A arqueologia demonstra que os carros de combate dos cananeus tinham lâminas de ferro nos seus lados ou em seus eixos, de tal modo que, passando entre as forças inimigas, muitos homens eram literalmente cortados ao meio, ou tinham as pernas decepadas. Esses carros de combate eram usados, apropositadamente, para atingir os soldados que combatiam a pé, da mesma maneira que as lâminas de um cortador de grama. Jabim dispunha de novecentos desses carros de combate (ver Juí. 4.3).

17.17

Falou Josué à casa de José. Josué dirigiu-se aos efraimitas e manassitas, vergastando-lhes o *orgulho*. Visto que eles eram numerosos e valentes, deveriam ser capazes de resolver seus problemas, sem receberem terras fora de seus territórios originais. A solução estava ao alcance deles, mas para tanto era mister coragem e trabalho, combinação essa que resolve a maior parte de nossos problemas, sem a necessidade de uma intervenção divina. Quando as coisas fogem de nosso controle, então Deus entra em cena e intervém. De outro modo, espera-se que usemos nossos dons naturais, o conhecimento adquirido e a nossa experiência em todas as vicissitudes da vida. As *sortes* (ver a respeito no *Dicionário* e em Jos. 13.6, o último parágrafo da introdução ao capítulo 14, e também os trechos de Jos. 14.2 e 15.1) haviam determinado os territórios deles; e agora, se trabalhassem dentro de seus limites, poderiam aprimorar suas condições de vida. Poderiam *usar melhor* o que já haviam recebido, uma lição que todos nós precisamos aprender. Essa é uma das razões pelas quais quase todas as pessoas são submetidas às limitações de certas necessidades e requisitos, a fim de que possam cumprir o seu destino. Dentro dessas limitações, contudo, temos muito espaço para agir. E até mesmo as nossas *limitações* nos são impostas em concordância com a alma, para que ela possa cumprir seu destino. Assim sendo, em um sentido verdadeiro, até mesmo os limites resultam das escolhas da alma, em harmonia com o poder divino.

17.18

A região montanhosa será tua. Está em pauta a mesma "região montanhosa" do versículo 16 deste capítulo, o monte Efraim, uma área densamente arborizada, que deveria ser aberta para que houvesse maior espaço para os efraimitas e manassitas habitarem, terem uma boa agricultura e criarem gado. Alguns intérpretes supõem que essa seja a região referida no texto, mas outros preferem pensar em outra região, embora também na região montanhosa. Ver o versículo 15 deste capítulo. Ver o vs. 16 quanto ao artigo sobre aquela área, que nos dá informações pormenorizadas.

"Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (I João 4.4). Cf. II Reis 6.16,17.

Capítulo Dezoito

A *seção geral* a que pertence o capítulo 18 do livro de Josué começa em Jos. 14.1. Ver as notas de introdução dadas ali. *Todos* os nomes próprios que figuram neste capítulo recebem artigos separados no *Dicionário*; e os mapas apresentados no início do capítulo 13 de Josué fornecem noções sobre a localização das cidades e demais acidentes geográficos.

Os versículos primeiro a décimo dizem que as *sete tribos* restantes de Israel, que ainda não tinham entrado na posse de seus territórios, mostravam-se *preguiçosas* e precisavam de encorajamento. O trabalho de pesquisa e de lançamento de sortes tinha de continuar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sortes*, bem como Jos. 13.6. Ver ainda o último parágrafo da introdução ao capítulo 14, bem como os trechos de Jos. 14.1 e 15.1 e suas notas expositivas quanto ao uso do lançamento de sortes no que diz respeito à distribuição dos territórios às doze tribos de Israel. O capítulo 14 fornece-nos o *modus operandi* da questão, de acordo com as tradições judaicas.

Nomes Próprios. Em todo o Antigo Testamento, Josué é o livro que contém o maior número de nomes próprios. Todos os nomes próprios que figuram no capítulo 18 deste livro mereceram artigos separados no *Dicionário*, excetuando o nome da cidade de *Avim*, no versículo 23.

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Tribo (Tribos) de Israel* e *Tribos, Localização das.*

As primeiras alocações de terras ocorreram em Gilgal. Agora a cena muda para Silo, onde um santuário foi estabelecido, antes de ter sido estabelecido o santuário central de Jerusalém. Ver as notas sobre Jos. 14.6 quanto às primeiras alocações de terras. Silo continuou sendo a sede do tabernáculo e da arca, até que esta foi tomada pelos filisteus, em cerca de 1105 A. C. Ver o quarto capítulo de I Samuel. Os filisteus destruíram aquele antigo santuário de Silo, e as evidências arqueológicas consubstanciam esse fato.

18.1

Em Silo. Ver informações completas sobre essa localidade, bem como sobre as atividades de Israel ali, no *Dicionário*. Ficava nas terras altas centrais da Palestina, e foi o principal santuário de Israel no começo de sua história como nação organizada. Ver Juí. 18.1 e I Sam. 4.3,4. Quando Jerusalém se tornou o santuário exclusivo e centralizado, todos os demais santuários perderam a sua função.

Antes de ter sido feita a divisão do território entre as *sete tribos* restantes, os israelitas mudaram-se em massa de Gilgal para Silo, que ficava cerca de trinta e cinco quilômetros mais para noroeste, levando-os do vale do Jordão para a região montanhosa. Talvez essa mudança de local tenha tido o propósito de conferir ao tabernáculo e seu culto uma localização mais centralizada. Os israelitas foram assim relembrados da centralidade daquela instituição, porquanto o sucesso vem de Yahweh, e não de cavalos, lanças e carros de combate. *Sete* tribos ainda estavam sem território, e, ao que tudo indica, estavam ficando cansadas de tanto combater, pelo que se teriam contentado em continuar com a sua vida de seminomadismo. O novo centro de adoração também servia de fator psicológico em prol da renovação e da concretização final da conquista da Terra Prometida.

Silo ficava a cerca de quarenta e oito quilômetros mais para o norte, e levemente a leste de Jerusalém. Isso significa que, quando Jerusalém se tornasse o santuário central, este não ficaria distante do mais antigo. Silo ficava no território da tribo de Efraim.

18.2

Dentre os filhos de Israel ficaram sete tribos. *Cinco* das tribos já haviam recebido a sua *herança*, de acordo com as provisões do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Essas tribos eram Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés, na Transjordânia (ver o capítulo 13 de Josué); Judá (ver o capítulo 15) e Efraim (ver o capítulo 16). Esse último capítulo também registra como a outra meia tribo de Manassés recebeu a sua herança na parte ocidental do rio Jordão. E as sete tribos que ainda precisavam receber a sua herança, sob a forma de terras, eram: Benjamim, Simeão, Zebulom, Issacar, Aser, Naftali e Dã. Até o fim do capítulo 19 de Josué, pois, encontramos o relato dessa alocação final de terras entre as tribos restantes.

18.3

Até quando sereis remissos...? As cinco tribos que já estavam instaladas em seus respectivos territórios sentiam-se felizes. Mas as sete que ainda não tinham terras estavam ficando cansadas de tanto batalhar, e ter-se-iam contentado em permanecer em um precário seminomadismo. Josué, pois, indagou delas até quando se contentariam com essa situação. E isso, por sua vez, dá a entender que um tempo considerável se tinha passado. As autoridades judaicas dizem-nos que a conquista exigiu nada menos que sete anos. O trecho de Josué 13.1 ss. mostra-nos que muita terra nunca chegou a ser conquistada, o que continuou até os dias de Davi. Ver também Josué 16.10 e 17.11 quanto a essas falhas de Israel. A guerra santa, que requeria a extinção absoluta das populações cananéias nativas, não tinha tido cumprimento cabal. Ver as notas expositivas sobre esse tipo de guerra, em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

A procrastinação é a ladra do tempo.

(Edward Young)

"É muito fácil ficarmos exaustos diante da luta. Quando os homens se ocupam de algum grande empreendimento, uma vez que o tenham iniciado, o mais provável é que se contentem com o pequeno avanço que conseguiram fazer... Ganhar uma batalha não é a mesma coisa que vencer em uma campanha. A todas as gerações cansadas da guerra, deve-se fazer soar aquele aviso constante: *não fiquem pelo meio do caminho!*" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

18.4

De cada tribo escolhei três homens. Uma nova pesquisa no território ocidental da Terra Prometida, feita por três homens de cada tribo, que averiguasse o que tinha sido feito, injetaria sangue novo no projeto e faria as chamas originais aumentar de novo. A pesquisa topográfica tomaria algum tempo. Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 1, sec. 21) revelou que aqueles vinte e um homens eram conhecedores da matemática e da geometria. Talvez tivessem trazido essa ciência do Egito, por meio de seus pais. Os filhos, pois, puseram em ação esse conhecimento. *Conhecer* é poder, e produz coisas admiráveis.

Na verdade, o conhecimento é aquilo que,
após a virtude, eleva um homem acima de outro.

(Joseph Addison)

Conhecer é poder.

(Francis Bacon)

A ignorância é uma maldição de Deus;
o conhecimento é a asa por meio da qual alçamos vôo para o céu.

(Shakespeare)

18.5

Dividirão a terra em sete partes. Sim, sete partes para as sete tribos que ainda não tinham recebido seus respectivos territórios (ver o segundo versículo). As tribos seminômades ouviriam as maravilhas e as provisões do "território" que poderia ser seu, e assim renovariam o seu desejo de conquistá-lo. Aquelas tribos precisavam de encorajamento. Uma das qualidades de um bom líder é a sua habilidade em encorajar aos outros, em vez de desencorajá-los.

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis,
e sempre abundantes na obra do Senhor,
sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.

(I Coríntios 15.58)

Entre as tribos ocidentais, havia algumas que já tinham recebido as suas terras, ou seja, Judá, Manassés e Efraim, que ficariam com os territórios já recebidos. Qualquer mudança nada teria que ver com essas tribos, nem seus territórios estariam envolvidos na pesquisa.

Um Bom Planejamento É Necessário. Toda tarefa árdua e prolongada requer um bom planejamento. Um bom líder fornece a seus liderados esse planejamento.

18.6

Para que eu aqui vos lance as sortes. Os territórios não eram divididos de acordo com o voto da maioria, nem de acordo com os poucos chefes das tribos. *Yahweh*, Aquele que determina as sortes e os destinos, definiria onde cada tribo teria o seu território. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sortes*, como também as notas expositivas sobre Núm. 6.54,55; Jos. 16.1. No último parágrafo do capítulo 14, mostro o *modus operandi* no uso das sortes, de conformidade com as tradições judaicas. Ver também Jos. 14.2; 16.1 e 17.1.

Esperava-se que as sortes não caíriam de modo arbitrário. As tribos mais numerosas obteriam os territórios maiores. Os territórios das tribos, pois, seriam divididos de acordo com clãs; e as terras dos clãs seriam subdivididas entre as famílias. Esse trabalho, muito provavelmente, era feito pelos anciãos das tribos, e não mediante o lançamento de sortes. Em Israel, não havia famílias destituídas de terras.

As sortes, muito provavelmente, eram lançadas à porta do tabernáculo, recentemente transferido para Silo (ver o primeiro versículo deste capítulo), visto que era ali que Yahweh manifestava a Sua presença e o Seu poder.

18.7

As Exceções. Os levitas, que antes formavam a tribo de Levi, tinham-se tornado a casta sacerdotal de Israel, pelo que não receberam nenhuma faixa de terras contínuas, mas apenas quarenta e oito cidades, com alguma terra em redor, espalhadas por todo o território de Israel. Viviam das ofertas religiosas do restante do povo. Ver o capítulo 21 do livro de Josué, onde o assunto é abordado em meio a um longo tratamento. Cf. Josué 13.14, onde é dita a mesma coisa deste versículo. Outrossim, as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés já tinham recebido suas respectivas heranças na Transjordânia. Neste ponto, o autor sagrado não trata da outra meia tribo de Manassés, e das tribos de Judá e Efraim, que já tinham recebido suas heranças, embora na parte *ocidental* da Terra Prometida, visto que já tinha falado a esse respeito, no quinto versículo deste capítulo.

Todo esse empreendimento foi efetuado de maneira justa e bem estudada, mas nada sobre todo o processo foi meramente automático. Israel deveria trabalhar por tudo quanto tivesse de obter.

18.8,9

Josué deu ordem. As ordens de Josué foram cumpridas. Os vinte e um homens saíram a pesquisar o restante das terras a serem distribuídas, para fazer seus cálculos, a fim de que elas pudessem ser divididas com justiça entre as sete tribos (ver o quarto versículo deste capítulo). Uma vez terminada essa tarefa preliminar, as sortes seriam lançadas em Silo. Ver os comentários no sexto versículo quanto à questão do lançamento das sortes.

"Anotando suas observações técnicas em um rolo de papiro, os pesquisadores voltaram então a Silo" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Talvez tivessem sido preparados mapas, o melhor possível, sem os modernos métodos científicos de cálculos. Cada porção dos territórios restantes foi descrita quanto ao seu potencial, bom ou ruim, para sustentar a vida. John Gill, *in loc.*, enfatizou o fato de que a eficiência de Deus trabalhou em cooperação com aqueles vinte e um homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Diodoro Sículo (*Bibliothec.* 1.1, pág. 63) informa-nos que os egípcios eram muito bons quanto a essa questão de agrimensura e ciências afins. E Josefo (*Antiq.* 1.5.3.1, sec. 22) diz-nos que Israel soube aproveitar esse tipo de conhecimento. Alguns estudiosos supõem que Anaimander, o filósofo pré-socrático, tenha sido o inventor da geometria (cerca de 500 D. C.), mas a verdade é que essa ciência é muito mais antiga.

18.10

Então Josué lhes lançou as sortes. O trabalho de agrimensura tinha sido feito pelos pesquisadores (vss. 6-9 deste capítulo), e isso possibilitou a Josué efetuar a cerimônia do lançamento de sortes, em *Silo*. Ver Jos. 18.6 quanto à questão das *sortes*.

Tipologia. Nenhum homem em Cristo haverá de fracassar em sua herança e galardões. A pátria celeste é rica e há abundância para todos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Galardão* e *Coroas*.

O Território de Benjamim (18.11-28)

Fontes de Informação. Todos os nomes próprios do capítulo 18 recebem artigos separados no *Dicionário*, excetuando *Avim*, que é comentado nas notas sobre o versículo 23 na seção final do capítulo. Os mapas apresentados no início do capítulo 13 permitem que o leitor encontre onde ficavam os principais lugares mencionados.

18.11

Saiu a sorte da tribo dos filhos de Benjamim. Benjamim foi a primeira das sete tribos a receber herança (ver 18.2 ss.).

Sortes. É possível que as *sortes* fossem empregadas talvez em harmonia com o *modus operandi* sugerido no último parágrafo das notas, na introdução ao capítulo 14. Ficou, pois, determinado que o território de Benjamim ficaria entre Efraim (ao norte) e Judá (ao sul). Os capítulos 16 e 17 descrevem os territórios que foram dados a Efraim e a Manassés, respectivamente. O território dado a Benjamim era pequeno. Algumas versões dizem "o pequeno Benjamim", no Salmo 68.27. Mas outras, como a nossa versão portuguesa, dizem que Benjamim era "o mais novo" dos irmãos; e isso não acrescenta nenhum detalhe importante ali, no tocante ao assunto que estamos ventilando. Entretanto, esse território era fértil e produtivo. Josefo observou que seu solo era "bom" (*Antiq.* 1.5c. sec. 22). Esse território incluía a localidade de Jebus, que mais tarde tornou-se a cidade de Jerusalém, capital do país inteiro. Historicamente, a localização do território de Benjamim também estava correta, pois assim a tribo ficava próxima de seus irmãos, Efraim e Manassés, que também descendiam de José. Lembremo-nos que, de acordo com Deuteronômio 33.7,12,13, Efraim, Manassés e Benjamim descendiam de Raquel.

18.12

O seu termo foi para a banda do norte. O autor sagrado passa agora a fornecer-nos as fronteiras gerais das sete tribos, listando cidades particulares. O rio Jordão assinalava a fronteira leste, e, seguindo rio acima, um viajante chegaria à fronteira norte, em Gilgal. Jericó ficava a cerca de onze quilômetros, quase a leste de Gilgal, embora ligeiramente para o sul, e era um lugar conspícuo do território de Benjamim, em sua porção norte. Seguindo para oeste, o tal viajante atravessaria regiões montanhosas. Também havia montes ao norte de Jericó, conforme lemos neste versículo. Estrabão prestou a informação de que Jericó era cercada de montanhas (*Geogra.* 1.16, par. 525). Ver também Jos. 2.16,22. Bete-Áven era um lugar próximo de Betei, e vários eruditos insistem em que era apenas uma alcunha aplicada a Betei, a qual lhe foi dada depois que a cidade se tornou a sede da adoração ao bezerro de ouro, por parte de Jeroboão. Mas os trechos de Jos. 7.2 e I Sam. 13.5 dizem que havia uma cidade com esse nome, próxima de Betel. Ambas as localidades ficavam na parte norte da fronteira de Benjamim, cerca de trinta e seis quilômetros a oeste de Gilgal.

18.13

E dali passa o termo a Luz. É patente que o autor sacro não identificou Bete-Áven com Betei, visto que agora listou essa cidade (também chamada Luz) separadamente. Ele nos dá o antigo nome da cidade, *Luz*, que para os cananeus significa "amendoeira". A fronteira, pois, descia para o sul, até Atarote-Adar, que ficava cerca de oito quilômetros ao sul de Betei. Bete-Horom ficava a cerca de quinze quilômetros mais para oeste de Atarote-Adar, o que significa que, com a menção desta última, já estamos seguindo na direção do oeste. No livro de Josué, como em vários outros livros do Antigo Testamento, as fronteiras eram dadas apenas aproximadamente, medidas de acordo com áreas gerais em torno das cidades designadas. Conforme já vimos no trecho de Jos. 16.3,5, havia duas cidades com o nome de Bete-Horom, a de cima e a de baixo. A Bete-Horom de cima, segundo lemos no próprio texto, ficava situada em uma colina.

18.14

Segue o termo e torna à banda do ocidente. A parte oeste do território de Benjamim era determinada pelo breve trajeto (dezesseis quilômetros) que corria de Bete-Horom de baixo até Quiriate-Jearim. A fronteira ocidental era o limite com o território da tribo de Dã, outro pequeno território tribal. Gibeom, no território de Benjamim, perto da fronteira, e Quiriate-Jearim, não ficavam no ocidente, mas no extremo sul daquela fronteira.

18.15

O lado sul começa. O autor sagrado assinalou assim, de forma bastante genérica, a parte sul do território de Benjamim, mencionando Quiriate-Jearim (a mesma Baalá), bem como as águas de Neftoa. Esse último acidente geográfico ficava perto da fronteira entre Benjamim e Judá, a oeste de Jerusalém. Alguns estudiosos têm identificado Neftoa com *Ain Lifta*, cerca de cinco quilômetros a noroeste de Jerusalém, mas essa identificação é precária. Cf. Jos. 15.6-8, onde a fronteira norte de Judá é descrita como a mesma fronteira sul de Benjamim, o que, afinal, era fato.

18.16

E baixa a En-Rogel. "Na descrição da fronteira de Judá, foi dito 'o termo para o norte' (ver Jos. 15.5), porque, conforme Jarchi observou, a medição estava sendo feita de leste para oeste, mas aqui, de oeste para leste... A fronteira sul de Benjamim era a mesma fronteira norte de Judá, razão pela qual os mesmos lugares são mencionados tanto em uma descrição quanto na outra (ver Jos. 15.8). O 'monte' referido neste versículo é o Monte Moriá... o 'vale' é o vale dos refains" (John Gill, *in loc.*). E, adicionamos nós, "os jebuseus" eram os primitivos habitantes de Jerusalém.

18.17

Volve-se para o norte. Neste ponto, o autor volta a sua descrição na direção norte, olhando como quem seguia caminho do oeste para leste. En-Semes é a "fonte do sul", dando testemunho da adoração ao sul que se fazia naquela área, nos tempos antigos.

Gelilote. Trata-se da mesma Gilgal (ver Jos. 15.7), que ficava perto de Adumim, um lugar entre Jericó e Jerusalém.

Pedra de Boã. Ver as notas em Jos. 15.6.

18.18

E desce à planície. Temos aí uma menção à Arabá referida em Jos. 15.6. Essa região de Arabá estende-se por mais de trezentos e vinte quilômetros e ocupa partes de três regiões geográficas: a. o vale do rio Jordão; b. a região do mar Morto; e c. a área ao sul do mar Morto, até o golfo de Ácaba. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Arabá*, quanto a maiores detalhes. A *cidade* que tinha esse nome ficava localizada cerca de cinco quilômetros a leste do rio Jordão, e o dobro disso ao sul de Gilgal. Dali até Gilgal temos a fronteira oriental, e Arabá assinalava a parte mais baixa da porção sul do território de Benjamim.

18.19

Depois passa o termo até. Uma estreita faixa de terras, pertencente a Benjamim, descia na direção sul, até o mar Morto. E desde Bete-Arabá, seguindo caminho, um viajante chegaria a *Bete-Hogla*, cerca de cinco quilômetros ao norte do mar Morto. Do lugar onde o rio Jordão deságua no mar Morto, Bete-Arabá distava cerca de seis quilômetros. Os *mapas* que aparecem na introdução ao capítulo 13 de Josué ajudam-nos a visualizar o que é adiantado nesta porção das descrições geográficas.

18.20

Esta é a herança dos filhos de Benjamim. Este versículo assegura-nos que o autor deu uma boa descrição da herança de Benjamim, finalmente mencionando o rio Jordão como a fronteira leste daquele território. A tribo de Benjamim recebeu as terras citadas anteriormente; então, elas foram subdivididas em seções menores, entre os clãs; e, finalmente, em seções menores ainda, entre as famílias. Judá ficava ao sul; Dã, ao ocidente; Efraim, ao norte; e o rio Jordão, a leste.

Tendo-nos dado *informações gerais* quanto às fronteiras de Benjamim, daqui por diante o autor passa a mencionar certo número de cidades que havia dentro do território assim delimitado (vss. 21 ss.).

As Cidades de Benjamim (18.21-28)

18.21-28

Ver sobre a cidade de *Avim*, nas notas do versículo 23 na seção final deste capítulo. As cidades mencionadas nos versículos 21 e 24 deste capítulo suplementam aquelas sobre o distrito décimo segundo (ver Jos. 15.61,62). Ver a introdução ao capítulo 15 de Josué quanto às *quatro* áreas geográficas e aos doze distritos de Judá. Benjamim, que ficava contínuo a Judá, muito naturalmente estava ligado às cidades da tribo de Judá. As cidades fronteiriças, como é lógico, eram habitadas por famílias de ambas as tribos formadoras de uma fronteira, e talvez até fossem reivindicadas por ambas. As cidades dos versículos 25 a 28 formavam o distrito décimo primeiro (ver Jos. 15.60), onde Quiriate-Jearim foi atribuída a Judá.

Um grande total de vinte e seis cidades foi mencionado (doze nos vss. 21-24, e catorze nos vss. 25-28). Jerusalém, que seria a futura capital nacional de Israel, ficava no território de Benjamim, conforme Moisés tinha predito que aconteceria (ver Deu. 33.12).

Todas as cidades mencionadas nos vss. 21-28 deste capítulo receberam artigos separados no *Dicionário*, com a única exceção de *Avim*, citada no versículo 23. Essa cidade também era chamada de Iva. E talvez fosse até a mesma cidade de *Iva* (ver no *Dicionário*). Os aveus eram antigos habitantes da Palestina, confinados essencialmente no canto sudoeste da costa marítima. Em Deuteronômio 2.23 temos um fragmento da história primeva desse povo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Aveus*. É fato curioso que tanto Jerônimo quanto a Septuaginta identificaram Avim com os hivitas, e a cidade de ha-Avim como se estivesse no distrito dos hivitas (ver Jos. 9.7,17). Mas essa identificação quase certamente é incorreta. Alguns deles migraram para uma aldeia, na parte sul da Sefelá (ver Jos. 10.10), ao serem atacados pelos filisteus invasores, os quais, nesse ato, conquistaram as terras dos hivitas. Forçados, pois, a fugir para o norte, eles passaram a residir em *Avim*, que mais tarde acabou fazendo parte do território de Benjamim.

Capítulo Dezenove

A *seção geral* iniciada no capítulo 13 de Josué em prosseguimento. Ver a introdução àquele capítulo, como também as notas sobre Jos. 14.1, que dão início à descrição dos territórios alocados às tribos de Israel, na parte ocidental da Terra Prometida. O capítulo 19 descreve as fronteiras e os nomes das cidades entregues às tribos de Simeão, Zebulom, Issacar, Aser, Naftali e Dã, ou seja, seis das doze tribos. Ver Jos. 18.2 quanto ao fato de que sete tribos (aquelas aqui mencionadas, mais a de Benjamim; cap. 17) se tinham cansado de tantas batalhas e precisavam de um encorajamento especial para levar avante a tarefa da conquista da Terra Prometida. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Tribo (Tribos de Israel) e Tribos, Localização das*.

As Doze Tribos. Se José e seus dois filhos (Efraim e Manassés) tivessem tido tribos chamadas por seus nomes, e se Levi tivesse continuado sendo uma tribo, em vez de ter sido transformada na casta sacerdotal de Israel, então teríamos catorze tribos ao todo. Porém, José não teve nenhuma tribo com seu nome, mas seus filhos, Manassés e Efraim, tornaram-se, cada um deles, patriarcas de uma tribo. É que eles foram adotados por Jacó como seus filhos, conforme aprendemos no capítulo 48 de Gênesis, pelo que estavam qualificados a encabeçar tribos. Isso posto, se tirarmos Levi e José, teremos de novo as doze tribos tradicionais de Israel.

Nomes Próprios no Livro de Josué. Este livro é aquele que conta com o maior número de nomes próprios, pessoais e locativos, de toda a Bíblia. E o capítulo 15 de Josué (que descreve a tribo de Judá) é aquele que dispõe do maior número de nomes próprios entre todos os capítulos da Bíblia. Em seguida, vem o presente capítulo 19.

Todos os nomes próprios deste capítulo recebem artigos no *Dicionário*, exceto os seguintes (que são comentados, *in loc.*, nos versículos indicados):

Vs. 12 - Quislote-Tabor
Vs. 15 - Catate
Vs. 20 - Ebes (Abes)
Vs. 25 - Hali
Vs. 26 - Amade e Misal
Vs. 28 - Ebrom
Vs. 33 - Adami-Neguebe
Vs. 34 - Hucoque
Vs. 38 - Irom
Vs. 46 - Me-Jarcom
Vs. 50 - Timnate-Sera

O Território de Simeão (19.1-9)

Encontramos aí a alocação de terras para a segunda das sete tribos (ver Jos. 18.2 ss.).

19.1-9

Saiu a segunda sorte a Simeão. Somente uma lista de dezoito cidades (por contagem uma a uma, embora o texto sagrado diga, claramente, "treze" mais "quatro") foi preservada. Várias maneiras de explicar essa diferença têm sido empregadas pelos intérpretes, mas nenhuma delas é satisfatória. Talvez a cidade de Seba (ver o vs. 2) tenha sido a mesma Sema de Josué 15.26, pelo que não foi contada. Algumas traduções fazem de Berseba a mesma Seba, mas isso é bastante improvável.

Não temos, como nos casos anteriores, uma identificação laboriosa de fronteiras. O autor nem ao menos se dá ao trabalho de dizer com quais outras tribos a de Simeão fazia limites. As terras dadas a Simeão ficavam ao sul do território de Judá. O mapa provido na introdução ao capítulo 13 de Josué supre a localização da maioria dessas cidades. Os *artigos* sobre as próprias cidades, no *Dicionário*,

fornecem outras informações que se revestem de interesse, além de algumas especulações, quando não dispomos de informações precisas.

Sortes. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto, além de notas expositivas adicionais em Núm. 26.54,55; Jos. 13.6 e a introdução ao capítulo 14 de Josué, onde, no último parágrafo, descrevi o *modus operandi* do uso das sortes, de acordo com as tradições judaicas. Ver também Jos. 14.2; 15.1; 17.1 e 18.10.

A maioria das cidades listadas neste trecho já foi mencionada como pertencente ao primeiro distrito (ver Jos. 15.21-32), onde foram dadas as áreas geográficas e os distritos de Judá. Visto que Simeão e Judá eram tribos que viviam contíguas uma à outra, as duas tribos compartilhavam cidades fronteiriças. Não demorou muito para a tribo de Simeão perder a sua independência, no sentido de que foi virtualmente absorvida pela tribo maior de Judá. E o nono versículo deste capítulo parece dar a entender tal coisa.

Todos os nomes próprios que aparecem nos versículos primeiro a nono deste capítulo (as cidades de Simeão) mereceram artigos separados no *Dicionário.*

Território de Zebulom (19.10-16)

Essa foi a terceira das sete tribos a receber herança sob a forma de terras (ver Jos. 18.2 ss.).

Antes, o autor sagrado havia discriminado, laboriosamente, as fronteiras das tribos, mencionando as principais cidades fronteiriças. Mas, ao chegar à tribo de Simeão (ver Jos. 19.1), ele descontinuou essa prática, fornecendo-nos apenas uma lista de cidades. No caso presente, da tribo de Zebulom, ele nos dá apenas os nomes de algumas cidades fronteiriças. Mas essas cidades eram tão pouco conhecidas, ou então foram mencionadas mediante conexões tão vagas, que é impossível determinar, com qualquer grau de exatidão, onde ficavam essas antigas fronteiras. Todos os nomes próprios referentes a essa tribo recebem artigos separados no *Dicionário*, excetuando Quislote-Tabor (vs. 12) e Catate (vs. 15).

19.10

Saiu a terceira sorte aos filhos de Zebulom. Ver no *Dicionário* os artigos *Tribo (Tribos de Israel)* e *Tribos, Localização das.*

Sortes. Quanto ao *modus operandi* do lançamento das sortes, ver o último parágrafo da introdução ao capítulo 14 de Josué. Ver também, quanto a informações adicionais, o artigo *Sortes*, no *Dicionário*, bem como as notas expositivas em Núm. 26.54,55; Jos. 13.6; 14.2; 15.1; 17.2 e 18.10.

Jacó havia profetizado que Zebulom viveria à beira-mar e tornar-se-ia um ancoradouro de navios (ver Gên. 49.13). Essa tribo recebeu seu território na baixa Galiléia, e os lugares mencionados não nos fornecem nenhuma idéia de que essa tribo contava com um porto. Os mapas bíblicos mostram que Zebulom formava um território interior, sem saída para o mar, juntamente com Azer (no mar), Naftali ao norte e a leste, Issacar no sul e no leste, e Manassés ao sul. Talvez contasse com uma lingüeta de terra que se estendia até o mar, mas nenhum dos nomes referidos indica isso.

Nazaré não é mencionada. E a Belém de Jos. 19.15 não é a mesma cidade desse nome, no território de Judá (ver Miq. 5.2), e onde nasceu o Senhor Jesus.

A cidade de Saride, mencionada no versículo 12 deste capítulo, era uma cidade na fronteira sul, que dividia Zebulom de Manassés.

19.11,12

Sobe o seu termo pelo ocidente. O autor sagrado continua aqui falando sobre a *fronteira sul*, partindo em duas direções, a começar por Saride, que é o moderno *Tell Shadud.* Para um lado, essa fronteira estendia-se para a beira norte da planície de Esdrelom. Ia na direção de Jocneão, a ocidente, e então para Daberate (vs. 12), que ficava no sopé do monte Tabor (a oriente). A tribo não se estendia tanto para leste quanto o mar da Galiléia, pois tinha como sua fronteira oriental o território de Naftali. Por conseguinte, os "navios" sobre os quais Jacó falou, em Gênesis 49.13, não ficavam no lago da Galiléia, a menos que essa tribo dispusesse de uma estreita faixa de terra que se estendia para leste cerca de dezesseis quilómetros, o que os nomes próprios dados neste texto não sugerem. Josefo diz que o território de Zebulom se estendia até o mar da Galiléia (*Antiq.* 1.5, 1. sec. 22), mas não sabemos quão exata é essa informação.

Pelo ocidente. Outras versões dizem aqui "na direção do mar", ou seja, o mar Mediterrâneo, que seria a fronteira oeste da parte sul do território (vs. 11). Se essas versões estão corretas, então o território de Zebulom chegava, realmente, ao mar. Mas se ficarmos com a nossa versão portuguesa, "pelo ocidente", essa tradução não chega a sugerir o mar Mediterrâneo, mas apenas uma direção geral.

Quislote-Tabor. Literalmente, "francos do Tabor", uma localidade perto do monte Tabor, que talvez fosse o mesmo lugar chamado *Quesulote*, no versículo 18.

Sai em Daberate. Isso significa que a fronteira seguia na direção do mar da Galiléia, que ficava para o *oriente* (ver o vs. 12). Destarte, a fronteira sul foi descrita em ambas as direções, tomando Saride como ponto de partida.

19.13

Dali passa para o nascente. Este versículo nos proporciona a fronteira *leste*, desde Daberate, ao norte de Rimom, que ficava dez quilômetros ao norte de Nazaré (a qual, contudo, não é mencionada). Dali, vira na direção de NE. Ao que parece, ficava perto de Rimom, embora não nos seja dada nenhuma identificação positiva. Alguns estudiosos sugerem Ninrim, um pouco mais para o sul de Rimom. Essa área incluía mais ou menos a metade ocidental das colinas do sul da Galiléia.

19.14

Passa o termo para o norte. A fronteira norte de Zebulom era assinalada por Hanatom. Esse limite terminava em Iftá-El, embora o sítio desse lugar ainda não tenha sido determinado. As conjecturas não têm ajudado muito. Alguns sugerem que está em pauta ou o wadi Abilin ou o wadi el-Melek, no vale de Iftá-El.

19.15

Belém. É óbvio que não se trata de Belém de Judá (ver Miq. 5.2), onde nasceu o Senhor Jesus. Antes, é aquela cidade que tem sido identificada com a moderna Beit Lahm, onze quilômetros a nordeste de Nazaré. Quanto a informações completas, ver o *Dicionário* quanto a *Belém*, em seu segundo ponto.

O número *doze*, de que este versículo fala, não concorda com o número de cidades que aparece na lista, e os intérpretes se têm debatido diante desse problema, tal como nos casos dos vss. 30 e 38 deste capítulo, onde ocorre o mesmo tipo de problema. A Septuaginta simplesmente omite a menção aos números, a fim de desvencilhar-se do problema.

John Gill especulou que algumas cidades fronteiriças aqui mencionadas pertencem a outras tribos, pelo que somente doze, realmente pertencentes a Zebulom, são referidas neste versículo. Mas ele não esclareceu por que outras cidades, além de doze, foram mencionadas como pertencentes à tribo de Zebulom. E nem sabemos quais delas devem ser deixadas de lado, para ficarmos somente com doze cidades.

Completando doze cidades com suas aldeias. Quanto a Catate, talvez seja a mesma chamada Quitrom, em Juí. 1.30. Nesse caso, então é possível que esteja em pauta o Tell el-Far, cerca de doze quilômetros a sudeste de Beit-Jibrin. Parece que as cidades mencionadas neste versículo descrevem a fronteira ocidental de Zebulom, que corria ao longo da fronteira de Aser e separava o território de Zebulom do mar Mediterrâneo.

19.16

Esta é a herança dos filhos de Zebulom. Conforme sempre acontece, uma breve explicação é dada no fim de cada seção, relembrando-nos de que algum território, com suas cidades, foi recebido como *herança* sob a forma de terras, como parte integrante dos benefícios do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

Essas heranças sob a forma de terras passavam de pai para filho. Mas o verdadeiro pai de todos era Yahweh, que conferira terras a Seus filhos. E nisso achamos um tipo espiritual importante. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Herdeiro.*

O Território de Issacar (19.17-23)

Algumas cidades mencionadas nestes sete versículos procuram dar-nos uma idéia geral das fronteiras dessa tribo; mas a determinação de quaisquer fronteiras exatas, uma vez mais, é uma tarefa impossível. O território de Issacar formava um quadrado em seu formato geral. Na fronteira oriental havia o rio Jordão; sua fronteira norte era o território de Naftali; sua fronteira nordeste eram as terras de Zebulom; e sua fronteira sul era Manassés. Era um território minúsculo, que não chegava a ter quarenta quilómetros de cada lado. Não obstante, nesse pequeno território houve freqüentes e sangrentas batalhas. Até os dias de Davi, os habitantes hebreus desse território, em sua maior parte, permaneceram na extremidade montanhosa a oriente do vale.

19.17

A quarta sorte saiu a Issacar. Devemos compreender essas palavras como a quarta tribo, entre as sete tribos que ficaram a ocidente do rio Jordão, a receber terras. Essas terras, como de resto as demais, tinham sido cuidadosamente mapeadas por delegados enviados por Josué. Ver as notas em Jos. 18.2 ss. quanto a esse detalhe da história.

Sortes. Quanto ao *modus operandi* do lançamento das sortes, ver o último parágrafo da introdução do capítulo 14 de Josué. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Sortes*, que suplementa informações dadas em Núm. 26.54,55; Jos. 13.6; 14.2; 15.1; 17.2 e 18.10.

Segundo as suas famílias. O território determinado para cada tribo era dividido entre clãs, e, ato contínuo, entre as famílias formadoras desses clãs, de tal maneira que toda família em Israel tornou-se proprietária de terras. E essas terras passavam de pai para filho, como heranças (vs. 23 deste capítulo).

19.18

O seu território inclui. "O território [de Issacar] formava um quadrado malfeito, e a sua extremidade sudeste ficava em Jezreel (Zerim), na planície ao norte do monte Gilboa; a extremidade noroeste coincidia com a fronteira de Zebulom, em Quesulote (Quislote-Tabor; vs. 12 deste capítulo), modernamente chamada *Iksal*, e também em Daberate (isso de acordo com a versão Septuaginta). A fronteira norte corria desde o monte Tabor (vs. 22) até o rio Jordão, onde chegava exatamente o sul do mar da Galiléia. No sul (vs. 19), a fronteira corria desde Jezreel, a leste do rio Jordão, até o ponto a nordeste de Bete-Seã" (John Bright, *in loc.*).

Os artigos no *Dicionário* referentes às cidades aqui mencionadas, bem como os *mapas* existentes na introdução ao capítulo 13 de Josué, ajudam-nos a visualizar essas fronteiras, além de nos fornecerem alguma informação sobre as cidades envolvidas.

19.19

Ver os *mapas* na introdução ao capítulo 13 do livro de Josué, bem como o *Dicionário*, quanto às três cidades nominalmente mencionadas neste versículo.

19.20

Ver os *mapas* que aparecem na introdução ao capítulo 13 do livro de Josué, bem como o *Dicionário*, quanto às três cidades mencionadas neste versículo.

Ebes. Esta cidade ficava no território de Issacar, na planície de Esdrelom, embora sua localização esteja perdida em nossos dias. Também era chamada "Abes", conforme se vê em outras traduções e versões.

19.21

A menção a essas quatro cidades mostra somente que elas ficavam na fronteira *leste* de Issacar, às margens do rio Jordão. De Remete a En-Gadã o caminho segue na direção norte, ao longo do rio Jordão, por cerca de dezesseis quilômetros. En-Gadã ficava situada aproximadamente seis quilômetros e meio a sudeste do mar da Galiléia. Todas as demais informações supridas por este versículo, quanto a localizações geográficas, permanecem imprecisas.

19.22

O termo toca o Tabor. A fronteira *norte* de Issacar ia desde o monte Tabor até o rio Jordão, chegando a um ponto exatamente ao sul do mar da Galiléia. O autor sagrado mencionou alguns poucos lugares ao longo do caminho, sendo impossível localizá-los com algum grau de certeza. Mas as informações mais seguras de que porventura dispomos, são apresentadas nos artigos do *Dicionário*.

19.23

Esta é a herança da tribo dos filhos de Issacar. Como em todos os casos, os territórios distribuídos foram considerados uma herança derivada de Abraão, por meio do Pacto Abraâmico (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18). Ver meus comentários sobre o versículo 16 deste capítulo, que também têm aplicação neste ponto.

O Território de Aser (19.24-31)

O autor sacro procurou fornecer-nos uma lista das cidades que assinalavam as fronteiras da tribo de Aser. Porém, tal como no caso das demais tribos, várias localidades desconhecidas para nós, hoje em dia, foram mencionadas. Logo, não temos como determinar, com algum grau de precisão, onde ficavam essas fronteiras. O território de Aser estendia-se ao longo do mar Mediterrâneo, mais ou menos de Dor até Alabe, um espaço de cerca de cem quilômetros. A tribo de Naftali ficava para oriente (sua parte superior), ao passo que Zebulom ficava para o ocidente (sua parte inferior). E as suas fronteiras sul e uma parte da fronteira ocidental davam frente para o território de Manassés. O wadi Caná (ver Jos. 16.8) servia para formar essa fronteira. Esse wadi desaguava no mar Mediterrâneo, levemente ao norte de Jope.

19.24

Saiu a quinta sorte à tribo dos filhos de Aser. O trecho de Josué 18.2 diz-nos que sete das tribos de Israel ainda precisavam receber suas respectivas heranças. Dessas sete tribos, Aser foi a *quinta* cujo território se determinou mediante o uso do lançamento de sortes.

Sortes. Ver as notas expositivas sobre essa questão no versículo 17 deste capítulo. As informações fornecidas ali também se aplicam aqui.

19.25

O seu território inclui. Os nomes de *Helcate* e *Acsafe* aparecem nos *mapas* bíblicos que oferecemos no começo do capítulo 13 de Josué. A primeira delas ficava quase no centro do território, a vinte e quatro quilômetros aproximados da fronteira sul. A segunda, Acsafe, ficava um tanto para dentro do território, partindo-se de Aco, pouco mais de dezenove quilômetros para o norte. Os outros dois nomes que aparecem neste versículo indicam localidades por nós desconhecidas. As cidades mencionadas não seguem a costa marítima, mas dão-nos uma idéia geral a respeito da costa ocidental, embora não muito perto da orla marítima. Ver no *Dicionário* sobre duas cidades mencionadas, e também a cidade de Bétem.

Hali. No hebraico, esse nome significa "jóia", uma cidade designada à tribo de Aser, mas que não foi localizada, pelo que a sua posição é incerta.

19.26

As cidades mencionadas neste versículo e no anterior, ao que tudo indica, ficavam todas na planície de *Aco* (ver a respeito no *Dicionário*). Mas localizá-las hodiernamente é algo difícil de fazer. Ficava a dezesseis quilômetros de distância do monte Carmelo.

Pontos de Referência, e Não Fronteiras. Quando a costa do mar Mediterrâneo ou o mar da Galiléia, ou algum rio ou wadi estão em pauta, então temos uma fronteira definida. Por muitas vezes, entretanto, o autor sagrado nos propicia somente pontos de referência, e não fronteiras no sentido moderno da palavra. Assim acontece no texto presente. E o autor sagrado chega a dizer isso algures. É como se ele tivesse dito: "Há um grupo de cidades, perto do monte Carmelo. E esse grupo assinala a fronteira de Aser, naquela direção".

Amade. No hebraico, esta palavra significa "povo de duração". Era uma cidade que ficava perto da fronteira de Aser, embora o seu local atual seja desconhecido.

Misal. Esta cidade foi atribuída à família gersonita dos levitas (ver Jos. 21.30). É chamada Masal, em I Crô. 6.74. Mas a sua localização é desconhecida hoje em dia.

19.27

Volvendo-se para o nascente do sol a Bete-Dagom. Esta cidade ficava ligeiramente a oeste do monte Carmelo, mas o local atual é desconhecido. Quatro lugares são assim chamados no Antigo Testamento, e esse é o segundo na ordem de apresentação no artigo assim denominado no *Dicionário*.

Iftá-El. Ficava na fronteira entre Aser e Zebulom, mas sua localização exata é desconhecida hoje em dia.

Neiel. Ficava pouco mais de três quilômetros ao norte de Cabul, na beira da planície de Aco.

Cabul. Era uma cidade da fronteira oriental de Aser, provavelmente idêntica à aldeia de Cabul, quinze quilômetros a sudeste de Aco. Por isso mesmo, o autor sagrado continuou falando sobre aquela região, dando-nos mais cidades próximas, mas sem traçar precisamente a linha fronteiriça.

19.28

Ebrom. Não se trata da mesma Hebrom, conforme grafam algumas traduções, levando o leitor a equivocar-se. Algumas traduções mencionam aqui Abdon, como representação original do texto massorético. Sua localização exata, contudo, é desconhecida.

Sidom. Ficava cerca de quarenta quilômetros ao norte de Tiro, na costa marítima do Mediterrâneo. Os mapas bíblicos não mostram o território de Aser indo tão para o norte, mas situam essa cidade no território não-conquistado da

Fenícia. É provável que tenhamos aqui uma fronteira ideal, e não uma fronteira real. Essa cidade é aqui chamada de "grande Sidom" (ver Jos. 11.8), por causa de suas dimensões e de sua importância, e não porque houvesse alguma cidade menor, também chamada Sidom, da qual devesse ser distinguida. Era famosa desde os tempos mais antigos, devido às suas grandes edificações, fortificações e muito território.

19.29

Volta o termo a Ramá. Aqui o autor sagrado volta sua atenção de novo para o sul. É evidente que Ramá ficava perto da costa marítima, talvez ligeiramente a nordeste de Tiro. Tiro ficava cerca de quarenta e oito quilômetros ao sul de Sidom. Quem fosse de Tiro até Aczibe, encontraria a cidade de Hosa no meio do caminho, embora sua localização exata seja atualmente desconhecida. Aczibe ficava cerca de trinta e dois quilômetros ao sul de Tiro. Os artigos existentes no *Dicionário*, a respeito deste versículo, falam sobre detalhes, bem como os *mapas* apresentados na introdução ao capítulo 13 do livro de Josué.

Na região de Aczibe. Temos aqui uma tradução descuidada, ou antes, uma corrupção do original hebraico, que realmente nos dá o nome de outra cidade, isto é, *Maalabe* (ver a respeito no *Dicionário*). Algumas versões da tradução portuguesa também falam em Alabe. Ver Juí. 1.31, quanto a "Helba". Hodiernamente, ela tem sido identificada com *Khirbet el-Mahalib*.

19.30

Umá. Essa cidade ficava perto de Afeque ou de Reobe, um tanto ao sul de Aco, e um pouco mais para o interior, pelo que o autor continuava sua viagem imaginária para o sul, ao longo da costa, chegando quase a Jope. Alguns estudiosos identificam Umá com Aco.

Vinte e duas cidades. Esse número (tal como aqueles dados nos vss. 15 e 38), não é exato, pois um número maior de lugares foi mencionado do que vinte e dois. Talvez as cidades fronteiriças, algumas vezes, fossem contadas como pertencentes às tribos circunvizinhas, pelo que os números aparecem um tanto confusos.

19.31

Esta é a herança da tribo dos filhos de Aser. Tal como no caso de todas as tribos, os territórios recebidos pela tribo de Aser são chamados de *herança*. Ver Jos. 19.16 quanto a notas expositivas que também se aplicam aqui. Os territórios eram divididos entre os clãs; e então os clãs eram subdivididos em porções menores, entre as famílias. Nenhuma família em Israel era destituída de terras. Essas terras passavam de pai para filho, e isso significa que as riquezas eram preservadas como heranças perpétuas.

"Em virtude de sua posição vital, a Aser cabia defender Israel de inimigos costeiros vindos do norte, como os fenícios. Nos dias de Davi, Aser tinha quase desaparecido, embora sua identidade tribal não se tenha perdido. A profetisa Ana, a qual, juntamente com Simeão, agradeceu a Deus pelo nascimento de Jesus, pertencia à tribo de Aser (ver Luc. 2.36-38)" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

O Território de Naftali (19.32-39)

O autor sagrado dá aqui os nomes de cidades que formavam fronteiras gerais, no caso da tribo de Naftali. Somente nos casos de Simeão e de Dã é que o autor sacro não tentou fazer nenhuma descrição das fronteiras, mas tão-somente forneceu uma lista de cidades. Quando alguma costa marítima, rio ou wadi estavam envolvidos, então podemos ver aí alguma fronteira bem delineada. Mas com freqüência a "fronteira" mencionada pelo autor é apenas um ponto de referência, e não uma fronteira no seu sentido moderno.

Sumário das Fronteiras de Naftali. Com base nas informações dadas na Bíblia, podemos fazer as seguintes afirmativas. O versículo 33 delineia uma fronteira *sul*. Essa fronteira fazia limites com Issacar, desde o monte Tabor (Aznote-Tabor, vs. 34) até o rio Jordão. Partindo do monte Tabor, a fronteira *ocidental* corria para o norte (vs. 34); em seguida, rumava para *oeste*, até a fronteira de Zebulom, e, novamente, para o norte, com a fronteira *oriental* de Aser. A fronteira *oriental* era formada pelo lago da Galiléia e então prolongava-se para o norte, ao longo da beira dos montes da Galiléia, que ficava perto do rio Jordão. A maioria das cidades mencionadas nos vss. 35 e 36 pertencia a essa área. A fronteira norte não ficou claramente definida, mas sem dúvida acompanhava a beira do território da Fenícia. Foi assim que Naftali ocupou a maior parte da metade norte e oriental das terras altas do sul da Galiléia. A menção a "Judá", no versículo 34 deste capítulo provavelmente é uma corrupção que não faz nenhum sentido nesta passagem. Naftali e Aser eram as tribos mais nortistas, e não havia fronteiras bem definidas no extremo norte.

A Tribo de Naftali. Essa tribo ocupou uma posição destituída de grande significação no Antigo Testamento. No Novo Testamento, contudo, revestiu-se de grande importância, porque o ministério galileu de Jesus teve por centro o território de Naftali. Isaías contrastou a triste situação de Naftali, causada pela invasão dos assírios, com sua glória, quando o Messias andasse por ali (ver Isa. 9.1,2; cf. Mat. 4.13-17). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Naftali; Tribo (Tribos) de Israel e Tribos, Localização das.*

19.32

Saiu a sexta sorte aos filhos de Naftali. Ver Jos. 18.2 e seu contexto, quanto à história de como *sete tribos* ainda precisavam receber suas terras, mas estavam cansadas de tanto pelejar, razão pela qual ficaram estagnadas. Naftali era a *sexta* das sete tribos.

Sortes. Quanto a informações completas sobre o lançamento de sortes, bem como a maneira como elas eram usadas, ver Jos. 19.1-9 e suas notas, onde aparecem referências sobre os lugares mencionados. Os territórios eram atribuídos mediante sortes; mas é provável que os clãs e as famílias dentro dos clãs recebessem sua parte através de decisões tomadas pelos anciãos de cada tribo.

19.33

Foi o seu termo desde. Como em todos os casos, aparecem aqui nomes locativos cuja localização é desconhecida hoje em dia. Os artigos a respeito, no *Dicionário*, dão as informações possíveis, mas também incluem especulações. Este versículo acompanha a fronteira *sul*, que dividia o território de Naftali do território de Issacar, até o monte Tabor (ver o versículo 34).

Adami-Neguebe. No hebraico, esse nome significa "pertinente à terra vermelha do sul". Era uma das cidades do território de Naftali, atualmente identificada com Khirbet Damiyeh. Algumas traduções e versões dão apenas o primeiro nome, "Adami". Mas Adami-Neguebe, não há que duvidar, é a forma correta. Esse lugar ficava a cerca de oito quilômetros a sudoeste de Tiberíades, no lado ocidental do lago ou mar da Galiléia. A cidade controlava um passo na rota das caravanas, que ia desde a área leste da Galiléia até a planície de Aco. Há alguns problemas quanto aos nomes dados nesta passagem. Nenhum desses nomes, referentes a cidades fortificadas de Naftali (ver Jos. 19.35-38), foi identificado como nome de cidades fronteiriças (ver este e o versículo seguinte), a menos que Adami e Adamá fossem uma só cidade, com dois nomes diferentes. Ver no *Dicionário* as outras cidades aqui mencionadas.

19.34

Volta o termo pelo ocidente. Ver o *sumário* das fronteiras, na introdução a esta seção. O autor sagrado continuava descrevendo a fronteira sul, seguindo na direção leste-oeste.

Aznote-Tabor. Sem dúvida uma cidade que ficava próxima do monte Tabor, na parte ocidental do território de Naftali, entre o rio Jordão e Hucoque. Tem sido identificada com Amm Jebeil, perto daquele monte.

Hucoque. Era uma cidade que ficava na fronteira de Naftali, perto de Aznote-Tabor. Tem sido identificada com *Yakuk*, cerca de oito quilômetros a oeste de Cafarnaum. Há outra cidade chamada Hucoque, que figura em I Crônicas 6.75, mas pertencente à tribo de Aser. O nome dado a esse lugar, em Jos. 21.31, é *Helcate*, que recebe um artigo com esse nome, no *Dicionário*.

Judá pelo Jordão. A menção à tribo de Judá, neste ponto, não faz sentido, a menos que o autor estivesse querendo aludir a outra Judá, uma cidade que havia às margens do rio Jordão, na fronteira oriental de Naftali. Se houve mesmo uma cidade com esse nome, hoje é um local totalmente desconhecido. A Septuaginta, cortando o nó górdio em lugar de desatá-lo, simplesmente tirou essas palavras do texto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Nó Górdio*, e também o artigo chamado *Nó*, em seu último parágrafo.

19.35-38

As cidades fortificadas são. Neste ponto, o autor sacro arrola dezesseis cidades fortificadas (vss. 35-38). Ao que parece, seu intuito não era traçar nenhuma fronteira em termos precisos, em relação a essas cidades. Ele meramente expôs uma lista de cidades que considerava importantes dentro do território de Naftali. A maioria delas, entretanto, estava situada ao longo das margens do lago da Galiléia, ou mais para o norte, ao longo das fraldas dos montes da Galiléia, ou seja, essas cidades ficavam ao longo da fronteira *ocidental* da tribo. Os *mapas* bíblicos não incluem a maioria dessas cidades, porque seus locais exatos são desconhecidos para nós.

No *Dicionário*, apresento artigos sobre todas essas cidades de Naftali, com a exceção da cidade de Irom, sobre a qual comento neste ponto.

Irom. Essa era uma das cidades fortificadas (cercada de sebe), em Naftali, e que, muito provavelmente, deve ser identificada com Jarum, a sudeste de Bint-Jebeil. Ficava cerca de treze quilômetros a oeste do lago triangular chamado Semeconitis. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Águas de Merom*. Era uma das cidades ocidentais de Naftali, mas não assinalava nenhuma fronteira.

Dezenove cidades. Esse é o número calculado das cidades; mas, ao contá-las, descobrimos que elas eram vinte e três. Ver Jos. 19.15 e 30 quanto a problemas similares. Essa questão usualmente é explicada pelos eruditos mediante o fato de que os vários lugares mencionados eram cidades fronteiriças, pelo que mais de uma tribo disputava esta ou aquela cidade. Outrossim, nessas cidades havia uma população mista, formada por pessoas tanto de uma quanto de outra das tribos envolvidas, portanto era possível dizer que pertenciam a mais de uma tribo. O próprio autor sacro deixa-nos a cismar sobre o assunto, sem oferecer-nos nenhuma explicação.

19.39

Esta é a herança da tribo dos filhos de Naftali. Como em todos os casos das tribos cujos territórios estavam sendo descritos, o autor fornece-nos um *sumário* das cidades, lembrando-nos de que as terras assim recebidas eram heranças derivadas do Pacto Abraâmico (ver a respeito nas notas expositivas sobre Gên. 15.18). Ver Jos. 19.16 quanto a notas que também têm aplicação neste ponto.

Território de Dã (19.40-48)

O autor sagrado, no caso de todas as tribos, excetuando somente as de Simeão e Dã, procurou fornecer-nos, laboriosamente, as fronteiras das tribos. Mas essas fronteiras só podem ser traçadas por nós, com exatidão, quando envolvem grandes acidentes geográficos, como rios, montes ou wadis, ou o lago da Galiléia ou o mar Mediterrâneo. De outra sorte, o autor sacro só nos forneceu pontos de referência, mediante o nome de cidades, e não fronteiras bem demarcadas, como é o costume moderno.

Dã Não Aparece com Fronteiras Bem Delineadas. Antes, no caso dessa tribo, ficamos reduzidos a uma mera lista de cidades. Os lugares mencionados pertenciam, em parte, ao segundo distrito, descrito no capítulo 15 de Josué (ver Jos. 15.33-36), ou, em parte, ao quinto distrito (ver Jos. 15.45-47). Neste texto, outras localidades foram acrescentadas. Os nomes de lugares pertencentes ao território de Judá (a distribuição de terras entre os judaítas foi descrita no capítulo 15 deste livro) reaparecem aqui, visto que Dã e Judá tinham territórios lado a lado. Para o oriente ficava a tribo de Benjamim; para o sul, a tribo de Efraim; e, para o oeste, o mar Mediterrâneo.

19.40

A sétima sorte saiu aos filhos da tribo de Dã. Ver Josué 18.2 e ss., quanto à história das sete tribos que ainda teriam de receber suas terras, e como elas tinham afrouxado em seu ânimo, provavelmente cansadas de tanta luta. Josué, pois, precisou aplicar métodos especiais para reanimá-las e fazer a conquista da Terra Prometida adquirir um novo impulso. Dessas sete tribos, pois, Dã foi a sétima. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Sortes*, com notas adicionais em Núm. 26.54,55 e Jos. 13.6. Quanto ao *modus operandi* do lançamento de sortes, ver o último parágrafo das notas da introdução ao capítulo 14 de Josué, como também Jos. 14.2; 15.1; 17.2; 18.10; 19.10,17. O território geral das tribos foi determinado por meio de sortes, mas a divisão desses territórios, entre os clãs e as famílias, provavelmente dependia de decisões tomadas pelos anciãos de cada tribo. Ver no *Dicionário* estes três verbetes: *Dã; Tribo (Tribos de Israel) e Tribos, Localização das.*

19.41-46

O território da sua herança incluía. O autor sagrado, no caso das tribos de Simeão e de Dã, não se mostrou minucioso na descrição das fronteiras. Todas as cidades arroladas nos vss. 41-46 deste capítulo recebem artigos separados no *Dicionário*, com a exceção única de Me-Jarcom (v. 46), que comentamos a seguir.

Me-Jarcom. No hebraico, esse nome significa "Águas do Jarcom" ou então, "Águas verdes". É possível que esse nome tenha sido dado à localidade por causa do riacho que fluía nas proximidades, a saber, o Nahr el-Auja, que corre para o mar Mediterrâneo, poucos quilômetros ao norte de Jope. O antigo nome hebraico do lugar talvez se refira à grande quantidade de solo orgânico, que dava àquelas águas o seu tom esverdeado, em certas épocas do ano.

19.47

Saiu, porém, pequeno o termo aos filhos de Dã. Os danitas viram-se muito apertados dentro de seu exíguo território, e assim atacaram a cidade de *Lesém*, a fim de conquistarem mais territórios para o norte. A esse território, pois, os danitas chamaram de "Dã". Todavia, é possível outra interpretação do incidente aqui narrado. Os danitas *falharam* por não tomarem terras suficientes, pelo que migraram para Lesém (ou seja, Laís; modernamente, Tell el-Qadi), que ficava nos mananciais do rio Jordão. E então aquela região recebeu o nome de Dã.

Os danitas que ficaram mais ao sul, acabaram absorvidos por Judá e outras tribos, pelo que, no que concerne à tribo de Dã, essas terras se perderam. Talvez por esse motivo é que certas cidades, mencionadas como pertencentes a Dã, apareçam como pertencentes a Judá, em I Crônicas 2.50-55. Lesém (Laís) ficava a cerca de seis quilômetros de distância de Panéias, às margens do rio Jordão. Situava-se perto das águas de Merom (ver Jos. 11.5). Isso quer dizer que membros da tribo de Dã mudaram-se uns cento e cinqüenta quilômetros para o norte, em busca de um novo território, ao qual também chamaram de Dã. Ficava esse território cerca de trinta e cinco quilômetros ao norte do lago triangular chamado Semeconitis. Mas é muito difícil dizer qual porcentagem da tribo de Dã permaneceu mais ao sul, e qual porcentagem migrou mais para o norte. Semeconitis fica a cerca de dezenove quilômetros ao norte do lago ou mar da Galiléia.

Os homens da tribo de Dã, em vez de atacarem os filisteus e os amorreus que habitavam dentro da herança deles, preferiram formar uma nova colônia, mais ao norte, passando a fio da espada a população desse novo lugar, uma população pacífica. Em outras palavras, os danitas seguiram o curso fácil de ação e sacrificaram suas terras tribais, mais ao sul. Talvez seja correto dizer que Dã ficou com parte das terras que lhe foram dadas como herança, mais ao sul, mas desistiu de conquistar as terras em sua inteireza, como uma tarefa impossível. Por isso mesmo, mudaram-se mais para o norte, onde obtiveram uma vitória fácil sobre um povo não afeito às lides da guerra.

19.48

Esta é a herança da tribo dos filhos de Dã. Este versículo é idêntico ao versículo 39 deste capítulo, exceto pelo fato de que Dã está em pauta, em lugar de Naftali. Ver as notas que há ali, e que também se aplicam aqui. Ver as notas em Jos. 19.16 quanto a outras idéias.

Foi assim que a herança prometida a Abraão e a seus descendentes, como parte do chamado Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito, em Gên. 15.18), acabou inteiramente nas mãos das doze tribos de Israel.

Tipologia. Vários anos de conquista militar (talvez nada menos de sete) entregaram aos israelitas a sua herança sob a forma de terras. Jesus Cristo, em Sua missão terrena, também adquiriu uma herança para Seus irmãos, que Lhe tinham sido dados pelo Pai. Essa herança é aquilo que chamamos de salvação eterna (ver as notas a respeito no *Dicionário*). Ver também o verbete chamado *Herdeiro*, no *Dicionário*.

Providências Finais na Divisão de Terras (19.49-51)

Esta pequena seção dá-nos uma espécie de conclusão do material iniciado no capítulo 13 de Josué, onde as tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés, foram retratadas como quem já havia recebido as suas terras no lado oriental do rio Jordão, a Transjordânia. A seção a que pertence essa conclusão começa em Josué 14.1, dando início à narrativa acerca da conquista de territórios no lado ocidental da Terra Prometida, por parte das tribos restantes. Ver a introdução a Josué 14.1, quanto a informações sobre esse particular.

O próprio Josué foi o último a receber sua herança, depois que a sua missão especial foi cumprida. Josué teve uma missão dupla: liderar os filhos de Israel na conquista da Terra Prometida e supervisionar a divisão das terras conquistadas. Tal como se vê em todos os casos anteriores de alocação de terras, a parte dele foi dada por orientação divina, pois Yahweh estava por trás de todas essas distribuições de terras. Eleazar (vs. 51), filho de Arão, sendo agora sumo sacerdote em lugar de seu pai, também desempenhou um papel constante nessas divisões, razão pela qual é aqui mencionado com honras.

"Em um dos quadros finais desse líder extraordinário que foi Josué, ele aparece como edificador, em adição aos seus papéis de general e de administrador. Tal combinação é rara entre os servos de Deus" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

19.49,50

Deram os filhos de Israel a Josué, filho de Num, herança no meio deles. Depois que todas as tribos de Israel já tinham recebido suas respectivas heranças, Josué ainda não havia recebido a parte que lhe cabia na Terra Prometida. Yahweh, que tinha guiado o processo inteiro da alocação de terras, revelou também onde Josué deveria instalar-se, qual seria a sua propriedade. Assim, foi-lhe dada a cidade de *Timnate-Sera*. Esse nome, no hebraico, significa "recinto restan-

te". Essa foi a herança e também foi o lugar de sepultamento de Josué (ver Jos. 24.30). A Septuaginta diz *Tamanasaraque*, que ficava cerca de dezenove quilômetros a noroeste de Ramalá. Esse lugar, por sua vez, está associado a Timinate-Heres e a Kafr-Haris. É possível que Timinate-Heres e Kafr-Haris fossem dois nomes de um único lugar. Seja como for, Josué estabeleceu-se dentro do território de Efraim, que era a sua tribo. Essa cidade ficava no distrito montanhoso, rude e infértil de Efraim. Josué poderia ter-se apropriado de terras ricas, em reconhecimento às suas realizações. Mas terminou os seus dias em humildade, e provavelmente se sentiu alegre por agora poder descansar de tantas tarefas que realizou entre o povo de Israel. À semelhança de Ulisses, o grego, Josué alegrou-se em deixar de lado a guerra, passando a ter uma vida amena e bucólica. É *ideal* que um homem, tendo terminado os seus labores, possa viver os anos que lhe restam em reflexão, pacificamente. Todavia, por muitas vezes, a vida de um homem termina na luta contra alguma enfermidade perniciosa, em razão do que lhe resta *pouco tempo e energia para desfrutar seus* "anos finais". Parece que Josué foi capaz de desfrutar seus anos finais de vida. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Os samaritanos localizam os sepulcros de Josué e Calebe em Tibna, menos de vinte quilômetros a nordeste de Lida, e treze quilômetros a sudoeste de Kafr-Haris.

19.51

Eleazar. Ele era filho de Arão, tendo-se tornado o sumo sacerdote de Israel após o falecimento de seu pai. Ele desempenhou um papel constante na distribuição de terras entre as tribos de Israel, pelo que recebeu menção honrosa neste versículo. Ele foi o porta-voz sacerdotal de Yahweh e líder do yahwismo. Por isso mesmo, era impossível que ficasse do lado de fora da *guerra santa* (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18). E nem poderia ser deixado de lado na *santa* distribuição de terras, visto que Yahweh controlava o processo inteiro.

Em seguida, o *terceiro elemento* que participou na distribuição de terras entre as tribos foram os "cabeças" de cada tribo. Depois que o lançamento de sortes determinara quais distritos gerais deveriam ficar com esta ou aquela tribo, esses homens estabeleceram as subdivisões desses territórios, entre os clãs e as famílias de cada tribo. Em Israel, pois, não havia família destituída de terras, as quais passavam de pais para filhos. Essas terras não podiam ser vendidas para outros, exceto por algum período de tempo.

Em Silo. A primeira distribuição de terras ocorreu em Gilgal (ver Jos. 14.6). Mais tarde, quando o tabernáculo e o seu culto foram mudados para Silo, ali se lançaram as sortes no tocante às *sete* tribos restantes, que ainda não haviam recebido suas respectivas heranças. Ver Josué 18.1 ss., quanto a essa narrativa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Silo*. Silo continuou sendo um santuário importante, até que o yahwismo finalmente foi centralizado e consolidado em Jerusalém, a qual se tornou, então, "oficialmente" o único santuário nacional.

E assim acabaram de repartir a terra. A Terra Prometida, uma vez conquistada, foi em seguida dividida entre as doze tribos de Israel. No entanto, conforme *aprendemos em Josué 13.1 ss., largas porções de território continuaram nas* mãos de bolsões de populações cananéias. Somente nos dias de Davi a Terra Prometida passou inteiramente para o domínio do povo de Israel. Assim prosseguiu (embora tenha havido conflitos) até os dias do cativeiro assírio. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*. Cf. Jos. 14.1-5, onde é enfocado o ideal da conquista e da alocação das terras conquistadas. Essas coisas foram essencialmente concretizadas, afinal, conforme relatam os capítulos 14 a 19, com bastante detalhes.

Quanto à *tipologia* envolvida, ver os comentários em Josué 19.48.

Capítulo Vinte

As Cidades de Refúgio (20.1-9)

No que concerne às *cidades de refúgio*, há várias fontes informativas. Cf. Deu. 19.1-13 e Núm. 35.9-34. Os críticos atribuem o trecho envolvido do Deuteronômio a uma fonte informativa chamada D., ao passo que a passagem de Números seria a fonte *P.(S.)*. E este capítulo é atribuído à fonte informativa *P.(S.)*, por meio de alguma atividade editorial. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Os críticos também supõem que o livro de Josué (formando assim o *Hexateuco*; ver a respeito no *Dicionário*) deriva-se, essencialmente, da fonte informativa *D.* Mas neste ponto, ainda conforme diz essa teoria, a fonte informativa *P.(S.)* entra no arranjo editorial.

O costume, talvez adquirido durante as perambulações pelo deserto, permitia que qualquer pessoa que matasse a outrem (mesmo que por mero acidente) ficasse sujeita ao chamado "vingador do sangue". A primitiva lei de Êxodo 21.12-14 procurava controlar essas matanças sem misericórdia e sem necessidade, provendo no santuário um refúgio para os que matassem a outra pessoa por acidente (cf. I Reis 1.50; 2.28). Outro passo misericordioso foi o estabelecimento de cidades geograficamente bem-situadas, para onde os homicidas involuntários podiam fugir.

Quem se refugiasse, dali não podia mais sair enquanto o sumo sacerdote continuasse vivo. Mas isso era equivalente a uma sentença de prisão perpétua, embora a pessoa pudesse andar livremente por uma cidade. Essas formas cruas de justiça, contudo, representavam um avanço em relação ao estilo de vida no deserto, embora ficassem muito aquém do ideal. As *seis cidades* designadas como cidades de refúgio estavam bem distribuídas por todo o território de Israel, mas também, antes mesmo de servirem a esse mister, haviam sido santuários de Israel. Os nomes dessas cidades aparecem todos no capítulo 21 de Josué. E no final do capítulo 35 de Números, apresento um mapa que mostra a localização exata das cidades de refúgio.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cidades de Refúgio*, quanto a um sumário do que se sabe no tocante a elas. Naquele artigo, ofereço tanto a *tipologia* quanto contrapartes modernas desse antigo dispositivo legal.

Entre as cidades de refúgio arroladas neste capítulo, *Quedes*, na Galiléia, de acordo com algumas traduções e versões, é erroneamente chamada de "Cades". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vingador do Sangue*.

"O fato de que essas cidades são discutidas em quatro dos livros do Antigo Testamento mostra a grande importância delas. É evidente que Deus queria impressionar os filhos de Israel com a santidade da vida humana. Pôr fim à vida de uma pessoa, não intencionalmente, é algo muito sério, e as cidades de refúgio sublinhavam isso de modo enfático" (Donald K. Campbell, *in loc.*). Ver Êxo. 21.12-14; Núm. 35.9-34 e Deu. 19.1-13, além do presente capítulo.

20.1

Disse mais o Senhor a Josué. Temos aí a repetição de uma expressão usual no Pentateuco, mas que aqui, no livro de Josué, não é reiterada tão comumente. Em geral, Yahweh falara por intermédio de Moisés; e ele, por sua vez, transmitia as mensagens divinas a outras pessoas. Essa expressão foi usada para introduzir novas seções de material. Mas ela também nos faz lembrar de questões como a inspiração e a orientação divinas. Ver as notas sobre essa expressão, em Lev. 1.1 e 4.1.

Essas mensagens foram dadas a várias pessoas, acerca do que comentei em Lev. 17.2, mencionando oito desses canais de mensagens divinas. Neste ponto, Josué entregou sua mensagem ao povo de Israel em geral, ficando assim instituídas as cidades de refúgio, que tinham sido usadas antes como *santuários*, e agora eram oficiadas como cidades de refúgio.

20.2

Apartai para vós outros as cidades de refúgio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cidades de Refúgio*. A introdução a este capítulo também provê informações essenciais sobre o assunto. Aqui aparecem os nomes e as localizações *de seis cidades de refúgio, e cada uma delas recebe um artigo separado no Dicionário*. Essas cidades estavam distribuídas de tal modo que era possível um escape relativamente fácil para o indivíduo que matasse a outrem por acidente. Alguma cidade de refúgio estaria mais ou menos próxima da cena de tais incidentes. Ver o *mapa* existente ao fim de Núm. 35, quanto à localização dessas cidades.

De que vos falei por intermédio de Moisés. Foi esse o líder e profeta que recebera, originalmente, a ordem para instituir as cidades de refúgio. Josué, pois, tão-somente implementou a questão. Ver Êxo. 21.12-14; Núm. 35.9-34 e Deu. 19.1-13. As cidades de refúgio também eram *cidades dos levitas*. Mas os levitas dispunham, ao todo, de quarenta e oito cidades, conforme ficamos sabendo no capítulo seguinte, com detalhes.

20.3

Que por engano matar alguma pessoa, sem o querer. As cidades de refúgio não serviam para proteger assassinos que matassem propositadamente as suas vítimas, com ódio no coração e premeditação. Mas serviam para proteger os homicidas involuntários, sem ódio no coração. As passagens paralelas, referidas no segundo versículo deste capítulo, deixam isso abundantemente claro.

Refúgio contra o vingador do sangue. Ver o artigo sobre esse assunto, no *Dicionário*, que nos fornece tudo quanto sabemos a respeito. Embora um homem chegasse a matar acidentalmente a outrem, ainda assim havia a necessidade (e não somente a possibilidade) de ser tirada vingança. Isso era feito mediante a *execução* pessoal do homicida, algo autorizado por lei. Ver Núm. 35.12.

Desenvolvimentos no Campo da Justiça. Consideremos estes seis pontos sobre o assunto:

1. A antiga lei que prevaleceu no deserto: qualquer tipo de homicídio era vingado mediante a execução privada do causador, por meio do vingador do sangue.
2. O uso de santuários. Um homem que matasse a outrem involuntariamente podia encontrar misericórdia em um dos santuários da nação.
3. Em seguida, esses santuários desenvolveram-se nas cidades de refúgio.
4. As cidades de refúgio eram uma virtual prisão perpétua, em que o indivíduo ficava preso à cidade em que se refugiara, sem poder sair dali enquanto o sumo sacerdote vigente continuasse vivo. Isso podia envolver um período mais breve ou mais longo. Após a morte do sumo sacerdote, o homicida involuntário podia voltar para as terras de sua família e reiniciar a sua vida.
5. Julgamentos diante de juízes e jurados. Isso foi mais tarde provido, no caso tanto dos assassinos voluntários quanto dos homicidas involuntários (ver o versículo seguinte); mas durante muito tempo, foi apenas um suplemento em relação às cidades de refúgio. Um homem, mesmo inocente, que se tivesse refugiado em uma das cidades separadas para isso, não podia voltar à propriedade de sua família sem primeiro sofrer um período de exílio.
6. Os julgamentos modernos, que dispõem dos serviços de juízes e de jurados, sem cidades de refúgio, representam uma idéia melhor. Na prática diária, entretanto, com bastante freqüência, esse método mostra ser menos justo que no caso da provisão das cidades de refúgio. Assassinos reais acabam livres, por causa de advogados de defesa que sabem ser convincentes; e os assassinos condenados recebem sentenças ridiculamente insuficientes, aproveitando-se de sua liberdade para fazer outras vítimas.

Instalações. As estradas que conduziam às seis cidades de refúgio de Israel precisavam ser mantidas em bom estado de conservação, com sinais indicadores claros. As encruzilhadas de estradas eram assinaladas com placas dizendo: "Refúgio! Refúgio!". Além disso, havia atletas treinados em corridas para ajudar na fuga dos inocentes.

20.4

Exporá o seu caso perante os ouvidos dos anciãos da tal cidade. Isso faria o indivíduo que chegasse a uma das seis cidades de refúgio. Na entrada da cidade, declararia por qual razão estava ali. Os anciãos da cidade, ato contínuo, cuidariam para que ele tivesse um lugar onde recebesse abrigo e proteção. Um vingador do sangue que violasse o recinto daquela cidade seria executado. Em seguida, o refugiado seria submetido a julgamento, com vistas a averiguar se ele era mesmo um homicida involuntário ou se era um assassino de propósito (ver o sexto versículo).

Kimchi interpretou este versículo como se quisesse dizer que o refugiado ficaria instalado na cidade por todo o tempo em que estivesse ali retido. Ele não era obrigado a comprar ou alugar uma moradia. Desse modo, a fuga era facilitada em seu aspecto financeiro.

Os Anciãos da Cidade Formavam o Tribunal. Ver Jó 29.7; Deu. 21.19 e 22.15. Eles chegavam a uma decisão provisória sobre o caso. Se a história contada pelo refugiado lhes parecesse autêntica, ele poderia ingressar na cidade. Mas depois disso haveria um julgamento mais completo, para investigar todos os fatores envolvidos.

20.5

Se o vingador do sangue o perseguir. Se o vingador do sangue se fizesse presente, então cabia-lhe o recurso de ir para a cidade de refúgio mais próxima, e, em sua indignação, requerer que o homicida (voluntário ou involuntário) fosse entregue às suas mãos. A lei era contrária a tal coisa; mas, movido pelo ódio, o vingador do sangue faria isso de qualquer maneira. Então ele apresentaria sua acusação diante dos mesmos anciãos da cidade e pleitearia diante deles o seu caso. Contudo seria informado de que a lei das cidades de refúgio tinham precedência sobre as antigas leis do deserto a respeito do vingador do sangue. E o possível executor, o vingador do sangue, seria mandado embora. Todavia, se no julgamento definitivo o acusado fosse condenado, então caberia ao vingador do sangue executar a sentença, à sua maneira particular. Ver Núm. 35.22,23 e Deu. 19.6, quanto a textos paralelos.

20.6

Habitará, pois, na mesma cidade, até que. Em seu julgamento provisório, o homem se declarava inocente de assassinato intencional; mas no julgamento definitivo precisava provar isso diante dos anciãos da cidade. Sem dúvida, teria testemunhas. E os familiares do homem morto também teriam suas testemunhas. Todos os lados envolvidos na questão seriam ouvidos, e então os anciãos chegariam a uma decisão. Se o réu fosse considerado culpado, então seria entregue às mãos do vingador do sangue, para ser executado. E se fosse considerado inocente, teria de ficar homiziado na cidade de refúgio, até que o sumo sacerdote vigente morresse. Essas informações nos são dadas em Números 35.12,19,25. No texto presente, porém, lemos que o homem poderia ser enviado de volta à sua cidade natal. Talvez o autor sagrado quisesse dizer que, primeiramente, ele teria de passar um período exilado na cidade de refúgio, até a morte do sumo sacerdote vigente; mas, da maneira como nossa versão portuguesa revisou este versículo, podemos entender isso, sem atribuir ao autor sacro nenhum pensamento confuso. A Septuaginta, por sua vez, simplesmente descontinua essa parte do versículo, a fim de evitar possíveis contradições com outros textos bíblicos. E o trecho de Números 35.28 concorda que o homem (terminado o período de exílio) tinha o direito de retornar à sua cidade natal, reiniciando normalmente a sua vida, porquanto suas terras teriam sido preservadas para seu uso, quando ele pudesse voltar.

A passagem de Deuteronômio 19.13 dá a entender que o homem sofreria um julgamento duplo: um na cidade de refúgio, e outro em sua cidade natal; mas este texto não destaca esse aspecto da questão. Ver as notas sobre Núm. 35.25 quanto aos *dois julgamentos* possíveis pelos quais ele teria de passar.

De modo geral, as passagens paralelas mostram ser mais detalhadas, e devem ser consultadas para que o leitor obtenha maior entendimento da questão.

A morte do sumo sacerdote era uma espécie de "limitação do alcance da lei". O exílio não podia prosseguir indefinidamente, em uma cidade de refúgio, no caso dos homicidas involuntários. Portanto, aquela limitação da lei era uma medida protetora da justiça, para tais casos.

Tipologia. Cristo é a nossa cidade de refúgio, onde recebemos salvação e segurança. Esse simbolismo é desenvolvido tanto nas notas sobre Deu. 19.9 quanto no verbete do *Dicionário*, denominado *Cidades de Refúgio.*

Cristo também é o nosso Sumo Sacerdote, cuja morte provê as muitas bênçãos da liberdade espiritual. E outras tipologias têm sido sugeridas, como a restauração de Israel, nos trechos mencionados.

As Cidades de Refúgio e Sua Localização (20.7-9)

20.7-8

Designaram, pois, solenemente. Essa informação sobre a localização das cidades de refúgio é oferecida no artigo do *Dicionário*, intitulado *Cidades de Refúgio.* Outrossim, cada uma das seis cidades de refúgio tem seu artigo separado no *Dicionário*, razão pela qual não reitero aqui essa informação. Note o leitor que a *Cades* que figura no *Dicionário* deve ser entendida como *Quedes*, e que o artigo sobre essa cidade recebeu o título de *Quedes.* Quanto a *Bezer* (que figura no oitavo versículo), ver Deu. 4.43. Ver o *mapa* existente no final do capítulo 35 de Números, quanto à distribuição geográfica dessas seis cidades de refúgio.

"As cidades foram espaçadas umas das outras de modo que servissem o centro, o norte e o sul da Terra Prometida, em ambos os lados do rio Jordão" (John Bright, *in loc.*).

20.9

Para todos os filhos de Israel, e para o estrangeiro que habitava entre eles. Devemos entender aqui que o "estrangeiro" era algum gentio que se tivesse convertido ao judaísmo. Esse tal recebia os mesmos privilégios legais que um hebreu nativo. Talvez a lei dos hebreus fosse tão misericordiosa que conferia os mesmos direitos até aos que apenas estivessem de passagem por Israel, ou estivessem residindo temporariamente no país, para ocuparem-se de atividades como o comércio ou outra coisa qualquer.

Tipologia. Em Jesus Cristo, pessoas de todas as nações, ao se converterem, passam a fazer parte da mesma comunidade dos salvos, recebendo os mesmos direitos. Ver Gálatas 3.28,29.

Este versículo sumaria a mensagem central da passagem. O benefício das cidades de refúgio destinava-se aos homicidas involuntários, e não aos assassinos propositais. Ver o Salmo 46.1, onde lemos: "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações". Ver Romanos 8.1, quanto a uma aplicação cristã. E o trecho de Hebreus 6.18 também é muito instrutivo.

Uma Curiosidade. É apenas lógico que as cidades de refúgio fossem muito procuradas pelos homicidas involuntários. Mas o Antigo Testamento, em seu relato, não nos provê um único incidente histórico dessa natureza. Talvez por esse motivo, alguns críticos tenham levantado a hipótese de que as cidades de refúgio foram uma instituição criada nos tempos pós-exílicos, mas que o autor-editor inclui como parte da história antiga de Israel. Porém, isso é ler demais no mero silêncio das Escrituras. Os livros pós-exílicos também não nos conferem um único incidente ilustrativo do uso das cidades de refúgio.

Capítulo Vinte e Um

Designação das Cidades de Levi (21.1-45)

A *tribo de Levi* tornou-se a casta sacerdotal de Israel, razão pela qual não lhe foi dada herança sob a forma de terras, em Israel (ver Núm. 1.47 ss.). Se Levi tivesse sido contada como uma tribo, como também José e seus dois filhos (Efraim e Manassés), então haveria um total de *catorze* tribos. No entanto, Levi deixou de ser uma tribo, e não houve nenhuma "tribo de José", embora tenham existido duas tribos derivadas dos dois filhos de José. E isso nos deixou com as *doze* tribos tradicionais.

A casta sacerdotal de *Levi*, embora não tivesse recebido herança sob a forma de terras contínuas, ainda assim recebeu quarenta e oito cidades e uma estreita faixa de terras em redor de cada uma delas. Além disso, os levitas recebiam oferendas dos demais israelitas, sob a forma de doações de animais e cereais, que eram usados em parte nos sacrifícios, e em parte para sustento dos levitas e sacerdotes. O registro histórico mostra-nos que, em sua maior parte, essa casta compunha-se de pessoas pobres. E isso contribuiu para estabelecer a tradição — transferida mais tarde para o cristianismo bíblico - de que aquele que entra no ministério será pobre. O princípio das contribuições para sustento dos ministros também foi transferido para o Novo Testamento. Ver as notas sobre I Coríntios 9.6 ss. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Levitas, Cidades dos e Levitas.*

Cidades Não-exclusivas dos Levitas. O registro histórico também mostra que aquelas quarenta e oito cidades não eram ocupadas somente por levitas. Além disso, havia levitas que residiam fora das quarenta e oito cidades, e isso quer dizer que sempre houve alguma mistura de tribos, que chegou a afetar até mesmo a casta sacerdotal. Ver sobre Hebrom e Debir, em Jos. 15.13-19, que ilustra essa não-exclusividade.

"Certas áreas foram separadas para aqueles que serviam a Deus. Os levitas tinham sido consagrados por Moisés ao ministério divino (ver Núm. 8.5-22). A fim de que pudessem servir, eram libertados de todas as lides e ansiedades temporais. Nos primeiros dias em que o povo de Israel ainda perambulava pelo deserto, as compensações dos levitas consistiam em um dízimo daquilo que o povo ganhasse. E depois, já na Terra Prometida, quando foi estabelecida uma ordem nacional permanente, aos levitas foram entregues certas cidades, onde eles tinham residências, bem como terras de pastagem para o gado" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Algumas dessas quarenta e oito cidades não foram ocupadas nos dias de Josué, da mesma forma que o resto do povo de Israel não entrou na posse de todo o território que havia para ser conquistado (ver Jos. 13.1 ss. para uma lista dessas cidades e para uma discussão a respeito). Certas cidades, a saber, Gezer, Taanaque, Ibleã, Naalol (cf. Juí. 1.27-30), nunca foram ocupadas pelos levitas, embora lhes pertencessem. Outras cidades, como Anatote e Almom, nem ao menos foram construídas, senão somente nos dias de Davi; e ainda outras acabaram sendo reconquistadas por inimigos, como Golã, Astarote e Jaaz. Isso posto, a lista de cidades dos levitas neste capítulo 21 de Josué é apenas uma lista *ideal*, que nunca se tornou uma realidade. Conforme temos visto, a mesma situação aplica-se a todas as possessões do povo de Israel na Terra Santa. Nos dias de Davi, contudo, essa lista ideal *quase* foi atingida pela realidade dos fatos. Portanto, é um erro considerar o presente capítulo de uma idealização pós-exílica, injetada nos tempos de Josué. Dito isso, temos neste capítulo de Josué tanto uma idealização, em parte, como uma história autêntica, em parte, no tocante à distribuição de terras.

21.1,2

Então se chegaram os cabeças dos pais dos levitas. "O ato derradeiro e coroador da distribuição de territórios começa agora a ser descrito. Os líderes da tribo de Levi apresentaram-se [a Eleazar, o sumo sacerdote] e reivindicaram as cidades que lhes tinham sido prometidas por meio de Moisés (ver Núm. 35.1-8). Essas quarenta e oito cidades, com suas terras de pastagem, incluíam as seis cidades de refúgio (ver o capítulo 20)" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

O número de quarenta e oito cidades dá a entender que houve um critério de quatro cidades, em média, por tribo, que foram dadas aos levitas.

"Os cabeças dos pais" é uma maneira de aludir à comissão que se tinha formado a fim de alocar as terras entre o povo de Israel.

Em Silo, na terra de Canaã. As sortes foram lançadas em Silo, no caso de sete das tribos de Israel. O tabernáculo e seu culto tinham sido transferidos para essa cidade. Ver Jos. 18.1-10. Antes dessa ocasião, as sortes haviam sido lançadas em Gilgal, no caso de cinco das tribos. Ver no *Dicionário* os verbetes tanto sobre Gilgal quanto sobre Silo, que fornecem informações.

Quando Jerusalém tornou-se o santuário central e único de toda a nação, todos os santuários anteriores foram descontinuados, embora permanecessem como lugares reverenciados pelo povo. Silo ficava somente cerca de quarenta e oito quilômetros a leste de Jerusalém, de tal modo que não houve necessidade da mudança para um lugar muito distante. Ver a introdução ao capítulo 18 de Josué, bem como Jos. 18.1, quanto a outras notas expositivas sobre o assunto. Ver Jos. 14.6, quanto às alocações de terras que tinham ocorrido antes daquelas efetuadas em Silo.

Os seus arredores. Quanto à extensão de terras adjacentes, que pertenciam à casta sacerdotal, ver as notas sobre Núm. 35.2-8. Ver Núm. 35.1, quanto a uma ilustração sobre essa questão.

21.3

Deram aos levitas. Estes receberam (em suas várias divisões e subdivisões; ver Jos. 21.4 ss.) o que tinham reivindicado, e em breve as quarenta e oito cidades (ver o versículo 41 deste capítulo) foram alocadas aos levitas. As tribos entraram com quatro cidades cada uma. Essas cidades foram dadas "da sua herança", visto que todo o território da Terra Prometida tinha sido outorgado por força do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Era como se o patriarca Abraão tivesse dado aquelas terras como herança a seus filhos, da parte de Yahweh. Assim, cada clã e cada família de Israel dispunha de suas próprias terras, em Israel. No tocante aos "subúrbios", ver o fim dos comentários sobre o versículo anterior, bem como sobre Núm. 35.1, que ilustram essa questão. E quanto às dimensões das cidades e suas terras adjacentes, dadas aos levitas, ver as notas em Números 35.2-8.

Tipologia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Herdeiro.*

21.4

Esquema Geral da Distribuição:

1. Cidades para os aaronitas, em Judá, Simeão e Benjamim (vss. 8-19). Os aaronitas eram descendentes de Coate.
2. Cidades para outros clãs de Coate, em Efraim, Dã e a parte ocidental de Manassés (vss. 20-26).
3. Cidades para os gersonitas, na parte oriental de Manassés, em Issacar, Aser e Naftali (vss. 27-33).
4. Cidades para os clãs de Merari, em Zebulom, Rúben e Gade (vss. 33-40).

Assim sendo, cada tribo contribuiu com quatro cidades para os levitas.

Os versículos 4 a 8 deste capítulo introduzem esse esquema, enquanto os outros versículos citados fornecem detalhes e os nomes das cidades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Levitas, Cidades dos.* Ver também os artigos gerais intitulados *Levitas e Sacerdotes e Levitas.*

Caiu a sorte. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sortes.* No último parágrafo das notas, na introdução ao capítulo 14 de Josué, mostro o suposto *modus operandi* do lançamento de sortes, de acordo com as tradições judaicas. Quanto a usos anteriores das sortes para determinar heranças sob a forma de terras, ver Núm. 26.54,55; Jos. 13.6; 14.2; 15.1; 17.2; 18.10 e 19.10,17,40. As cidades específicas entregues aos vários grupos de levitas foram determinadas por meio de sortes. A outorga dessas cidades, muito provavelmente, foi feita do mesmo modo que tinha acontecido com as terras entregues às doze tribos. No último parágrafo da introdução ao capítulo 14 de Josué, descrevi como isso foi feito, de conformidade com as tradições judaicas.

Conforme ficou mostrado no "esquema geral de distribuição", anteriormente, as sortes indicaram que os coatitas seriam os primeiros levitas a receber suas cidades, e então a distribuição beneficiou os outros clãs, conforme a seqüência que aparece ali. Os vss. 8-19 deste capítulo listam as cidades que os sacerdotes levitas receberam.

"A distribuição foi descrita de conformidade com os três ramos principais da tribo de Levi, correspondentes aos três filhos de Levi: Coate, Gérson e Merari (ver Êxo. 6.1)" (Donald K. Campbell, *in loc.*). No entanto, o ramo dos coatitas aparece como quem recebeu duas porções (vss. 8-19 e 20-26). A primeira parte ficou com os aaronitas, de onde vinham os sacerdotes e os principais ministros de Israel. Os aaronitas eram descendentes de Coate. Ver Êxo. 6.18-20. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Levitas, Cidades dos.*

Treze cidades ficaram com os levitas coatitas, os sacerdotes (a família de Arão) (vs. 4).

Dez cidades ficaram com outros coatitas, que não descendiam da linhagem de Arão (vs. 5).

Treze cidades ficaram com os gersonitas (vs. 6).

Doze cidades ficaram com os meraritas (vs. 7).

21.5

Os outros filhos de Coate. Eles ficaram com dez cidades. Mas não pertenciam à linhagem sacerdotal de Arão. Como já dissemos, cada tribo de Israel contribuiu com uma média de quatro cidades, perfazendo assim quarenta e oito cidades,

ou seja, 4 x 12 = 48. Todavia, a distribuição não foi exata, visto que algumas tribos, por serem maiores, puderam contribuir com mais cidades para os levitas. Os versículos envolvidos mostram quais tribos contribuíram para este ou aquele ramo dos levitas. As sortes lançadas é que determinaram essas combinações, talvez conforme ficou sugerido no último parágrafo das notas da introdução ao capítulo 14 de Josué. Os vss. 20-26 deste capítulo listam as cidades que eles receberam.

"Gérson era o filho mais velho, mas Coate recebeu tratamento prioritário, por causa da família de Arão" (John Bright, *in loc.*).

21.6

Os filhos de Gérson. A eles foram alocadas treze cidades. Eles receberam suas cidades da parte de três das tribos e da meia tribo de Manassés, conforme aprendemos neste versículo. Os vss. 27-33 deste capítulo listam as cidades por eles recebidas.

21.7

Os filhos de Merari. A eles foram alocadas doze cidades. Eles receberam suas cidades da parte das tribos aqui mencionadas. Os vss. 35-40 deste capítulo listam as cidades recebidas por eles. Um total de quarenta e oito cidades foi recebido pelos levitas, conforme lemos no versículo 41 deste capítulo, de acordo com o que havia sido originalmente ordenado por Moisés (ver Núm. 35.7).

Cidades Alocadas aos Aaronitas (21.8-19)

E os seus arredores. No que concerne à extensão das terras entregues aos levitas, além daquelas quarenta e oito cidades, ver Núm. 35.2-8. Ver também, no gráfico apresentado nas notas sobre Núm. 35.1, ilustrações à questão. Terras adjacentes suficientes foram dadas aos levitas, capacitando-os a ocupar-se da agricultura e da criação de gado, posto que sobre uma base limitada. O restante de suas necessidades era satisfeito por meio das oferendas das outras tribos, visto que os descendentes de Levi se ocupavam do serviço divino e eram dignos de receber essa compensação. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Levitas* e *Levitas, Cidades dos.*

21.8

Como o Senhor ordenara. Os *aaronitas* eram levitas coatitas, mas descendiam diretamente de Arão. Esses eram os levitas *sacerdotes*. Assim, todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Os levitas "menores" receberam tarefas de importância secundária, que não estavam diretamente envolvidas no sistema sacrificial do tabernáculo (ou, mais tarde, do Templo de Jerusalém). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Aaronitas*, quanto a explicações mais detalhadas, como também *Coate, Coatitas e Sacerdotes e Levitas.*

Toda distribuição de terras ou cidades foi efetuada de acordo com a vontade expressa de Yahweh, indicada por meio do lançamento de sortes. Ver Núm. 35.7, e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Sortes*. Ver também Núm. 26.54,55 e a introdução ao primeiro capítulo do livro de Josué, além de Jos. 13.2; 15.1 etc. Todas essas várias instruções estiveram envolvidas nas provisões do *Pacto Abraâmico*, pois a Terra Prometida foi entregue aos filhos de Israel como uma herança derivada do patriarca Abraão. Ver as notas sobre esse pacto, em Gên. 15.18.

21.9

Deram mais. Este versículo reitera a informação dada no quarto versículo. Os sacerdotes levitas (aaronitas) receberam as suas cidades das tribos de Judá, Simeão e Benjamim (vs. 17). Este versículo introduz os vss. 13-19, onde as cidades são listadas.

"É digno de atenção que, com a exceção de uma única cidade, na tribo de Simeão (Aim, vs. 16), todas as cidades sacerdotais estavam dispostas de dentro do reino de Judá, do qual a capital era Jerusalém, a cidade que o Senhor Deus havia escolhido, dentre todas as tribos de Israel, como lugar para pôr o Seu nome. Os levitas também deixaram suas cidades e seus subúrbios, durante o reinado de Jeroboão (II Crônicas 11.14), e transferiram-se para o território de *Judá*... Houve, pois, uma presciência divina que arranjou dessa maneira a distribuição do povo de Israel" (Ellicott, *in loc.*).

Das treze cidades dadas aos levitas sacerdotais (aarônicos), *nove* vieram das tribos de Judá e Simeão, e *quatro* de Benjamim.

21.10

A primeira sorte foi deles. Essa primeira sorte envolveu os levitas de maior prestígio, a saber, aqueles que descendiam de Arão e exerciam funções sacerdotais, trabalhando diretamente no culto do tabernáculo e, posteriormente, no templo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacerdotes e Levitas.* Quanto a informações sobre o lançamento de sortes, além do artigo no *Dicionário* que versa sobre o assunto, ver o quarto versículo deste capítulo, onde dou referências que também tratam da questão. Assim como as *sortes* haviam determinado a alocação das terras, no tocante a todas as doze tribos, assim também foram usadas para determinar quais cidades, e de quais tribos, iriam para cada um dos ramos que havia entre os levitas.

Ver o começo e o fim dos comentários sobre o quarto versículo, quanto ao *esquema geral* da distribuição das cidades entre os vários ramos dos levitas.

21.11,12

Assim lhes deram. Estes dois versículos foram inseridos pelo autor sagrado a fim de ajudar-nos a compreender como Calebe, que era efraimita, e não levita, recebeu a sua herança entre os levitas, ou seja, a cidade de Hebrom, finalmente outorgada aos levitas como uma de suas quarenta e oito cidades. Ver Jos. 14.14,15 quanto à história de como Calebe recebeu como herança a cidade de Hebrom. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Hebrom; Arba e Anaque.*

Parece que o vs. 12 limita a herança de Calebe aos subúrbios em torno da cidade, pelo que ele não teria recebido a cidade propriamente dita. Porém, devemos lembrar que não havia exclusividade absoluta quanto à questão. Havia levitas que residiam em cidades não-levitas e havia não-levitas que habitavam em cidades levitas. Sempre houve misturas de tribos, especialmente nas áreas fronteiriças. Ver a introdução a este capítulo, sob o título *Cidades Não-exclusivas dos Levitas*, quanto a maiores explicações. Podemos ter certeza de que Calebe, apesar de não pertencer à tribo de Levi, tinha pleno acesso e autoridade em Hebrom, embora não pudesse engajar-se no serviço sagrado, reservado exclusivamente aos levitas.

Os levitas tinham direito a uma faixa de cerca de mil metros (*dois mil* côvados) em torno *dos limites* da cidade (ou então a partir do *centro* de uma cidade, de acordo com alguns intérpretes). E Calebe recebeu a sua herança para além desses limites. Ver Núm. 35.1, quanto a um gráfico que ilustra essa questão.

As quarenta e oito cidades dos levitas incluíam as cidades de refúgio. Ver sobre elas nos vss. 13,21,27,32,36 e 38. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cidades de Refúgio.*

Lista das Cidades dos Aaronitas (21.13-19)

21.13-19

Todas as treze cidades que aparecem nesta lista recebem artigos separados no *Dicionário* (pelo que o material não é repetido aqui), *excetuando Almom*, também chamada Alemete. Cf. o vs. 18 deste capítulo, onde esse lugar é mencionado, com I Crônicas 6.60. Era uma cidade que foi dada aos levitas aaronitas, dentre a tribo de Benjamim. O nome significa *esconderijo*. Em Josué 21.18, é a última das cidades mencionadas como pertencente a Benjamim, que foi dada aos levitas. Tem sido identificada com a *Khirbet 'Almit*, localizada entre Geba e Anatote.

Hebrom. Essa cidade de Judá tornou-se uma das cidades de refúgio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cidades de Refúgio.*

Somos lembrados aqui que todas as cidades dadas aos levitas também tinham áreas adjacentes, entregue aos levitas. Ver sobre *Arredores*, em Jos. 21.8. E ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Levitas, Cidades dos.*

O vs. 19 deste capítulo conclui a questão da distribuição das *treze* cidades *aos aaronitas* (*ver a respeito no Dicionário*).

"Na época aqui mencionada, treze cidades constituíram uma porção muito grande para os sacerdotes, porque eles e seus familiares formavam um número muito pequeno; mas essa ampla provisão foi feita devido à grande multiplicação deles em tempos posteriores, quando chegaram a formar vinte e quatro cursos, nos tempos de Davi" (Adam Clarke, *in loc.*). E não há que duvidar que, desde o princípio, pessoas pertencentes a outras tribos também residiam ali, visto que não havia exclusividade quanto a essa questão. Ver a introdução a este capítulo, sob o título *Cidades Não-exclusivas dos Levitas.*

Cidades dos Levitas Coatitas que Não Eram Sacerdotes (21.20-26)

21.20-26

Ver o artigo sobre os *Levitas*, no *Dicionário*, bem como os comentários sobre o quarto versículo deste capítulo, quanto à *distribuição geral* das cidades entre os três ramos dos levitas. As duas primeiras distribuições foram para os levitas coatitas. A primeira delas ficou com a linhagem de Arão, que deu origem aos sacerdotes; e a segunda ficou com os outros coatitas, embora não descen-

AS CIDADES LEVÍTICAS COMPARAÇÃO ENTRE JOSUÉ 21.9-42 e I CRÔNICAS 6.54-81

ORDENS LEVÍTICAS	JOSUÉ	I CRÔNICAS
Descendentes de Coate (Sacerdotes)		
Receberam cidades de Judá e Simeão	Hebrom Libna Jatir Estemoa Holom Debir Aim Jutá Bete-Semes	Hebrom Libna Jatir Estemoa Holom Debir Aim Jutá Bete-Semes
Receberam cidades de Benjamim	Gibeon Geba Anatote Almon	Omitida Geba Alemete (Almom) Ananote
Descendentes de Coate (não-sacerdotes)		
Receberam cidades de Efraim	Siquém Gezer Quibzaim Bete-Horom	Siquém Gezer Jocmeão Bete-Horom
Receberam cidades de Dã	Elteque Gibeton Aijolom Gate-Rimom	Omitida Omitida Aijalom Gate-Rimom
Receberam cidades da meia tribo de Manassés	Taanaque Gate-Rimom	Aner Bileã
Descendentes de Gérson	Golã	Golã
Receberam cidades da meia tribo de Manassés	Beesterá	Astarote
Receberam cidades de Issacar	Quision Daberate Jarmute En-Ganin	Guedes Daberate Ramote Aném
Receberam cidades de Aser	Misal Abdom Helcate Reobe	Masal Abdom Hocoque Reobe
Receberam cidades de Naftali	Quedes Hamote-Dor Cartã	Quedes Hamom Quiriataim
Descendentes de Merari		
Receberam cidades de Zebulom	Jocneão Cartá Dimna Naal	Omitida Omitida Rimono Tabor
Receberam cidades de Rúben	Bezer Jaza Quedemote Mefaate	Bezer Jaza Quedemote Mefaate
Receberam cidades de Gade	Ramote Maanaim Hesbom Jazer	Ramote Maanaim Hesbom Jazer

Observações: Em alguns casos, temos variantes de soletração dos nomes das cidades. Mas alguns nomes podem ser de cidades diferentes. Condições e nomes mudaram entre 1399 (o tempo de Josué) e 400 A. C. (o tempo de Crônicas).

dentes de Arão. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Levitas, Cidades dos* e *Sacerdotes e Levitas.*

Os coatitas que restaram (ou seja, aqueles que não pertenciam à linhagem de Arão) receberam suas cidades das tribos de Efraim, de Dã e da meia tribo de Manassés que ficou no lado ocidental do rio Jordão.

Foram empregadas sortes para determinar quais cidades, de quais tribos, ficariam com quais ramos dos levitas. Ver sobre essa questão nas notas expositivas de Jos. 21.4, onde são dadas completas informações..

Mais dez cidades que foram distribuídas são listadas em seguida. As cidades dos sacerdotes ficaram, finalmente, dentro das fronteiras do futuro reino do sul, Judá, do qual Jerusalém veio a ser a capital.

As *quarenta e oito cidades* dos levitas incluíam as *seis cidades* de refúgio. Ver os vss. 13,21,27,32,36 e 38 deste capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cidades de Refúgio,* bem como o capítulo 20 do livro de Josué.

Todas as cidades mencionadas aqui recebem artigos separados no *Dicionário,* pelo que esse material não é repetido aqui.

O vs. 26 encerra esta seção, da mesma maneira que fazem outros versículos com breves notas de sumário. Ver as notas sobre o versículo 19, quanto à essência da natureza desses versículos de sumário. Ver também a questão das terras adjacentes às cidades dadas aos levitas, em Números 35.1, onde a questão é ilustrada.

Cidades dos Descendentes de Gérson (21.27-33)

21.27-33

Treze cidades foram entregues a esse ramo dos levitas. Essas cidades ficavam localizadas nos territórios de Issacar, Aser, Naftali e na meia tribo ocidental de Manassés. Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Levitas; Sacerdotes e Levitas e Levitas, Cidades dos.*

As quarenta e oito cidades dos levitas incluíam as *seis cidades* de refúgio. Ver Jos. 21.13,21,27,32,36 e 38, bem como o artigo chamado *Cidades de Refúgio,* no *Dicionário.*

Ver as notas sobre Josué 21.4, quanto ao *esquema de distribuição,* onde também é discutida a questão dos vários ramos que havia entre os levitas, com referências que mostram onde são oferecidas maiores informações.

No tocante à questão das sortes, usadas para determinar quais cidades foram para quais tribos, ver as notas sobre Josué 21.4.

Todas as cidades mencionadas na lista seguinte recebem artigos separados no *Dicionário,* excetuando *Daberate,* mencionada no vs. 28 deste capítulo. Não repito aqui o material disponível naqueles artigos.

Daberate. Essa era uma cidade que ficava próxima do monte Tabor, para oeste, dentro do território de Issacar (ver I Crô. 6.72; Jos. 21.27,28). Foi conferida aos levitas gersonitas. Parece que ficava na fronteira com Zebulom. Foi nesse lugar onde Sísera foi derrotado por Baraque, algum tempo mais tarde. Tem sido tentativamente identificada com a moderna *Deburiyeh.* O nome hebraico dessa cidade significa "pastagem".

O vs. 33 encerra a seção e o material apresentado, tal como fazem os versículos de sumário quanto às outras tribos. Ver o versículo 19 quanto à sua essência. No tocante aos "arredores" (as terras adjacentes) que acompanhavam as cidades, ver as notas sobre Jos. 21.18. Essa questão foi ilustrada em Números 35.1.

Cidades dos Descendentes de Merari (21.34-40)

21.34-40

Doze cidades foram entregues aos levitas do ramo de Merari. Essas cidades ficavam localizadas nos territórios de Zebulom, Rúben e Gade. O trecho de I Crônicas 6.77 adiciona a cidade de Tabor, à lista de cidades dadas no território de Zebulom, e isso daria mais uma cidade. Por outra parte, Cartã (vs. 32) ou Cartá (vs. 34) talvez fossem dois nomes de uma única cidade; e, se essa cidade fosse desconsiderada como pertencente aos levitas gersonitas (ver o vs. 32), então o número *doze* seria preservado. No *Dicionário,* contudo, apresento *Cartã* e *Cartá* como cidades distintas. Hesbom, chamada aqui de cidade de Gade, aparece em Josué 13.17 como cidade pertencente a Rúben. Talvez isso reflita a situação histórica na qual a tribo de Simeão acabou perdendo sua identidade separada, e foi absorvida pela tribo de Gade, naquela região. Ver os seguintes artigos no *Dicionário: Levitas; Sacerdotes e Levitas e Levitas, Cidades dos.*

Ver Jos. 21.4 quanto ao "esquema de distribuição", onde são explicados os vários ramos dos levitas, com referências que indicam onde podem ser obtidas maiores informações a respeito.

Sortes. Ver Josué 21.4 quanto a informações e referências. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto.

As quarenta e oito cidades conferidas aos levitas incluíam as *seis* cidades de refúgio. Ver os vss. 13,21,27,32,36 e 38 deste capítulo. O versículo 36 menciona *Bezer,* que era uma cidade de refúgio, embora o autor sagrado se tenha esquecido de dar-nos essa informação aqui. Ver Josué 20.8, onde ele proveu essa informação. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Cidades de Refúgio.*

Todas as cidades mencionadas na lista que se segue recebem artigos separados no *Dicionário,* pelo que não as repito aqui.

O vs. 40 deste capítulo apresenta-nos um sumário que, em sua essência, é igual ao que aparece no término das seções anteriores. Ver as notas expositivas a esse respeito no vs. 19. Quanto aos subúrbios ou arredores (terras adjacentes), que acompanhavam essas cidades, ver as notas sobre Josué 21.18. Essa questão é ilustrada em Números 35.1.

21.41,42

As cidades, pois, dos levitas. O número de quarenta e oito cidades é um número apenas ideal. O número real pode ter sido um pouco menor. Ademais, cada tribo contribuiu com uma média de *quatro* cidades para serem cidades dos levitas. Mas as tribos maiores contribuíram com um número maior de cidades, e as tribos menores, com um número menor de cidades. É provável que várias dessas quarenta e oito cidades não tenham sido conquistadas na época de Josué, tal como, Israel, de modo geral, também deixou de conquistar grande parte do território da Terra Prometida a que tinha direito (ver Jos. 13.1 ss.). Somente nos dias de Davi é que esse ideal chegou perto de ser conseguido. Ver a introdução ao capítulo 13 de Josué quanto a outros comentários sobre a questão. Cf. a lista de cidades dos levitas, dada em I Crônicas 6.54-81.

Alguns intérpretes esforçam-se por conferir-nos o número exato de quarenta e oito cidades, conforme fez John Bright (*in loc.*), cujo comentário é bastante instrutivo:

"*Quarenta e oito* é uma cifra esquematizada, supondo que cada tribo tenha entrado com quatro cidades. Se Hebrom e Siquém forem consideradas adições secundárias à lista (excluídas originalmente, visto que cada qual era uma capital secular; ver II Sam. 5.1-5; I Reis 12.1,25, mas que posteriormente foram adicionadas, visto que ambas também eram centros religiosos), então o total para Judá e Simeão é oito, e para Efraim, três. No caso de Efraim, entretanto, foi mister adicionar Jocmeão, completando de novo o total de quatro cidades. A adição da cidade de Hamom, que se vê no versículo 32, também faz o total de Naftali ser de quatro cidades. A omissão de Cartã (vs. 34) foi compensada pela adição de Tabor (ver I Crô. 6.77). Originalmente, a lista parece ter indicado quatro cidades para cada tribo (oito para Judá e Simeão, juntamente)".

O vs. 42, uma vez mais, menciona os subúrbios ou "arredores" (terras adjacentes) que foram dados aos levitas, juntamente com as cidades. Esses arredores eram usados pelos levitas para realizar uma agricultura e uma criação de gado limitadas. O restante de suas necessidades era suprido pelas oferendas das demais tribos, parte das quais ia para o tabernáculo, e outra que podia ser consumida pelos sacerdotes e levitas. Mais tarde, essa experiência prosseguiu, na época do templo de Jerusalém. Ver Josué 21.18 quanto a informações. Todos os sumários (exceto aquele do versículo 40), que nos dizem como cada ramo dos levitas obteve certo número de cidades, mencionam essas terras adjacentes. Ver os vss. 19,26,33 e 39 (no versículo 40 falta essa menção, embora seja um sumário).

Declaração Final sobre a Divisão das Terras (21.43-45)

Este sumário conclui a questão inteira da conquista e da alocação de terras, ao povo de Israel, iniciada no capítulo 13. A lista de nomes próprios, dentro desse trecho, não tem rival, em toda a Bíblia, no tocante a seu grande número. Os capítulos 15 e 19 têm, respectivamente, a maior e a segunda maior lista de nomes próprios de qualquer capítulo da Bíblia. Talvez tenha sido com um suspiro de alívio que o autor sagrado completou suas laboriosas listas e descrições de territórios e cidades. E não há que duvidar que todo comentador da Bíblia também sente um alívio ao terminar essa relação. Não obstante, essa imensa lista nos faz lembrar a riqueza da *herança* dada por Yahweh a Seu povo de Israel, cumprindo assim certo dispositivo do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Já dissemos que essa lista era ideal em parte, pois muitos lugares nunca foram conquistados por Israel nos dias de Josué (ver Jos. 13.1 ss.). Somente nos dias de Davi a herança inteira chegou perto de ser totalmente conquistada. A promessa da herança olhava para um cumprimento ainda mais amplo, que, não há que duvidar, será uma realidade nos dias do reino milenar de Cristo (ver Eze. 45-48).

Tipologia. Não podemos olvidar que a situação inteira também serve de tipo. Porquanto, em Cristo, todas as nações terão sua herança, a saber, a pátria celestial (ver Gál. 3.28,29; Heb. 11.16; 12.22). Outrossim, cada pessoa remida disporá de sua própria herança, como parte do todo; e a restaurada nação de Israel terá renovada a sua herança terrena (ver Rom. 11.26,27).

Estes versículos servem de encerramento do trecho de Jos. 13.1 e 7, que antecipa a divisão da Terra Prometida. Ver também Jos. 18.3. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Herdeiro,* quanto a informações gerais e símbolos espirituais.

21.43

Este versículo, que serve de introdução a esta breve seção (vss. 43-45), inclui os comentários essenciais que precisam acompanhar este versículo. Nem tudo quanto aparece neste versículo deve ser entendido de forma literal. Em um sentido idealista e prático, o território inteiro prometido a Israel fora conquistado; mas havia bolsões que foram deixados ainda em mãos de populações cananéias. O autor sagrado, pois, apresentou-nos um relatório *otimista*, sem fazer menção aos elementos menos encorajadores (ver Jos. 13.1 ss.).

21.44-45

Estes versículos mostram como, afinal, a terra obteve descanso da guerra. Sucede que, de modo geral, depois da guerra vem a paz e depois da paz vem novamente a guerra. Os homens nunca conseguiram interromper esse círculo vicioso.

Tipologia. O trabalho árduo precisa ser seguido por períodos de repouso, a fim de que as energias possam ser restauradas. Os crentes também desfrutarão *seu descanso*, a saber, em sua pátria celestial. Ver Heb. 4.1,9-11.

O autor sagrado continua aqui o seu relatório otimista. Ele nos diz, em termos absolutos, que *nenhum adversário* permaneceu de pé diante de Israel, mas, antes, que todos foram entregues nas mãos do antigo povo de Israel. Mas isso representa certo exagero (considerando Jos. 13.1 ss.). Em um sentido geral, contudo, exprimia uma verdade. A *tarefa essencial* estava terminada. Isso nos lembra de que as tarefas mais bem-feitas, realizadas pelos melhores homens, sempre têm alguns defeitos e inadequações, visto que estes são parte integral da condição humana. No entanto, as realizações bem-feitas, embora *incompletas*, recebem louvores. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

A visão global, retórica e otimista, que considera que tudo foi levado a bom termo, também caracteriza tudo aquilo que realizamos. Dizemos: "Fiz bem a minha tarefa!". Mas isso sempre deve ser dito em termos apenas relativos. O autor sagrado não se preocupou com exatidão histórica absoluta. Ele meramente olhou para a essência do que havia sido feito, e disse: "Tudo foi bem feito!".

"Deus cumpriu a Sua palavra; aquilo que prometeu, Ele cumpriu. Os homens podem depender do Senhor. Deus nunca deixa de cumprir as Suas promessas, as quais, em Cristo Jesus, são sempre o sim e o amém (ver II Coríntios 1.20)" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

"Israel obedeceu aos mandamentos do Senhor. O Senhor mostrou-se fiel; a Terra Prometida agora lhes pertencia" (Joseph Bright, *in loc.*).

"Nenhuma de Suas palavras chegará jamais a falhar, a qualquer de Seus seguidores, enquanto perdurarem o sol e a lua" (Adam Clarke, *in loc.*).

Foi assim que o fracasso do povo de Israel, quase meio século antes, na fronteira da Terra Prometida, foi revertido afinal. Deus é o Deus da segunda *oportunidade*.

A História do Triunfo Foi Ampliada. Yahweh tinha tirado o povo de Israel do Egito; em seguida, guiou-os durante quarenta anos pelo deserto; e conferiu-lhes uma invasão bem-sucedida da Terra Prometida. Agora, finalmente, Israel estava em seu território nacional, que fazia séculos tinha sido prometido a Abraão.

"Portanto, tudo quanto Deus promete a Seu Israel *espiritual*, no tocante ao atual conflito, consolação e felicidade eterna deles, tudo terá um cumprimento preciso. Em Cristo, todas as promessas divinas têm o seu sim e amém" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Dois

Consagração do Povo Escolhido (22.1 — 24.28)

Concórdia com as Tribos Orientais (22.1-34)

As tribos de Rúben e de Gade, e a meia tribo de Manassés, por escolha pessoal, tinham ficado com o território da Transjordânia (ver a respeito no *Dicionário*), especialmente porque possuíam muito gado e precisavam de boas terras de pastagem e aquele território era rico nesse tipo de terras. Eles solicitaram de Moisés aquela região e a obtiveram. Moisés concordara com o pedido deles, mas sob a condição de que ajudassem as demais tribos a conquistar a parte *ocidental* da Terra Prometida. E eles concordaram. Esse relato é contado no capítulo 32 do livro de Números. Ver também Jos. 1.16-18 e 4.12-14. Aquelas duas tribos e meia cumpriram a palavra, até que a totalidade da Terra Prometida estava conquistada. Durante *sete anos*, provaram sua fidelidade ao compromisso assumido. Ficaram separados de suas esposas e demais familiares; mas agora a batalha estava ganha.

Em vista disso, Josué despediu aqueles cerca de quarenta mil israelitas, cujas terras ficavam a oriente do rio Jordão, enviando-os, cobertos de honras, para os seus *lares*, em um merecido descanso.

Os *versículos primeiro a sexto* dão continuação ao relato principal que vimos no livro de Deuteronômio, mas que fora interrompido por seções secundárias (ver Jos. 13-21). Alguns críticos vêem nisso o trabalho editorial de uma fonte informativa que eles chamam de *P.(S.)*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das múltiplas fontes do *Hexateuco*. Ver também, no *Dicionário*, o verbete com esse nome.

22.1,2

Então Josué chamou. Ver a introdução a este capítulo quanto ao pano de fundo destes versículos, informação essa que não repito aqui.

"Josué reconheceu e elogiou a lealdade e devoção deles. Eles tinham servido até o fim, nunca se furtando, nunca desertando. Tinham sido leais e permanecido fiéis a Yahweh. Era uma dupla honra. Josué elogiou-os por causa do *patriotismo* e da *piedade* deles" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Os *versículos primeiro a sexto* complementam o trecho de Jos. 1.12-18. As tribos orientais cumpriram a promessa feita a Moisés (Jos. 1.13) e obedeceram a Josué (Jos. 1.16). O serviço prestado tinha sido bem-feito, e agora foram recompensados por meio de um grande elogio da parte de Josué e também por meio de sua permissão para voltarem às suas propriedades, na Transjordânia.

"Eles obedeceram pronta e jubilosamente, conforme tinham prometido (ver Jos. 1.16,17); e demonstraram ser excelentes soldados. Por isso, Josué elogiou-os e conferiu-lhes honras militares" (John Gill, *in loc.*).

22.3

Josué Elogia os Transjordanianos. Josué mencionou aqui as principais recomendações dos homens de Rúben, Gade e da meia tribo de Manassés. As tradições judaicas afirmam que a conquista ocupou sete anos, e a divisão das terras mais ou menos outro tanto. Se os soldados das tribos da Transjordânia só foram liberados após tantos anos, bastou isso para mostrar a imensa dedicação exibida por eles. Eles tinham cumprido uma difícil e longa tarefa.

> *Nunca podemos provar os deleites de Seu amor,*
> *enquanto não deixarmos tudo sobre o altar.*
> *E isso por causa do favor que Ele nos mostra,*
> *e pela alegria que Ele dá àqueles que Nele*
> *confiam e obedecem.*
>
> (J. M. Sammis)

Yahweh-Elohim. Foi o Eterno Todo-poderoso que tinha recebido as promessas e agora as recompensava. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

22.4

Tendo o Senhor... dado repouso a vossos irmãos. O descanso seguira-se à guerra. Mas, após o descanso, normalmente vem de novo a guerra. Os homens nunca conseguiram romper esse círculo vicioso. No momento, porém, era tempo de descansar. As tribos da parte ocidental da Terra Prometida já estavam desfrutando descanso, conforme ficamos sabendo em Josué 21.44. Mas apesar de os soldados de Rúben, Gade e da meia tribo de Manassés agora também não estarem mais combatendo, ainda assim o coração deles estava agitado por causa dos muitos anos de ausência. Agora, essa ansiedade seria aliviada, pois eles sabiam que em breve estariam de volta aos seus.

As vossas tendas. Durante muitos anos eles tinham residido em tendas militares improvisadas. Mas agora iriam para suas tendas domésticas. Além disso, visto que na Transjordânia eles tinham conquistado várias cidades, em breve estariam residindo em casas permanentes. É mesmo provável que a *maioria* dos israelitas agora já estivesse vivendo em casas, e não em meras tendas. Ver as notas sobre o versículo 6 deste capítulo.

Dalém do Jordão. Ou seja, na *Transjordânia* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

22.5

Tende cuidado, porém, de guardar com diligência. Este versículo aponta para deveres espirituais. Os soldados das tribos de Rúben, Gade e da meia tribo de Manassés tinham servido a contento nas campanhas militares. Mas agora que estavam voltando às suas possessões, Josué exortou-os a não esquecer o aspecto espiritual da vida. Na guarda da lei havia vida. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2. O caráter distinto de Israel consistia na observância da lei. Ver sobre isso em Deu. 4.4-8 e suas notas. Eles tinham os estatutos eternos para observarem. Ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29. Yahweh tirara os filhos de Israel do Egito, guian-

do-os pelo deserto e agora lhes dando a Terra Prometida. Era dever deles, pois, cumprir todos os mandamentos de Deus.

Andeis em todos os seus caminhos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar*, uma metáfora que indica a conduta de uma pessoa. E ver em Deu. 10.12 e 13 sobre *temor; andar; amor; servir* e *guardar* (os mandamentos). Cada uma dessas palavras-chaves sumaria algum aspecto da vida espiritual.

De todo o vosso coração, e de toda vossa alma. Assim diz o primeiro mandamento da legislação mosaica, de acordo com a hierarquia espiritual das coisas. Ver as notas a respeito em Deu. 4.9 e 6.5. Cf. Jos. 1.7,8.

22.6

E eles se foram para as suas tendas. Temos neste versículo um *sumário* dos elogios e bênçãos dados por Josué àqueles soldados, antes de enviá-los de volta às suas possessões, na Transjordânia.

Tendas. O mais provável é que o povo de Israel, tendo agora conquistado a Terra Prometida, já tivesse deixado de morar em tendas. Contudo, essa era uma antiga designação, apropriada à vida no deserto e também a uma vida que ainda tinha bastante de seminomadismo. Embora eles não mais estivessem vivendo como seminômades, continuavam usando esse vocábulo para indicar "lares". Cf. I Reis 12.16 e II Reis 14.12.

Também é possível que as bênçãos conferidas tivessem incluído a *doação de presentes*, conforme supõem alguns intérpretes judeus.

22.7

A meia tribo de Manassés; porém à outra metade. O autor sacro fez aqui um reparo, lembrando que a tribo de Manassés tinha sido dividida em duas porções, uma que ficou na parte oriental da Terra Prometida (a Transjordânia), onde recebeu uma faixa do território, e outra que partiu para o ocidente, tendo atravessado o rio Jordão e também ali recebeu sua possessão territorial. Ver os *mapas* existentes no início do capítulo 13 de Josué, que ilustram as posições das tribos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Manassés*, quanto a descrições completas. Ver também sobre o reino de *Ogue*, nas notas sobre Deu. 3.13. Este versículo dá a entender que cada tribo foi abençoada separadamente, embora isso seja dito especificamente apenas no tocante a Manassés.

22.8

Com grandes riquezas. A guerra santa (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18) requeria a total destruição de toda vida, humana ou animal, e, às vezes, até mesmo de possíveis despojos. De outras vezes, entretanto, era permitido que os soldados ficassem com os despojos, conforme se depreende do trecho de Jos. 8.2. É evidente, com base neste versículo, que, por muitas vezes, os soldados podiam ficar com os despojos. Por isso, cada tribo de Israel havia acumulado uma considerável quantidade de ricos bens, mediante suas conquistas militares. Os despojos ficavam com as tropas vitoriosas, como é verdade em todo empreendimento humano que envolve competição ou luta.

Os Despojos Deviam Ser Divididos com os Que Tinham Ficado Atrás das Fronteiras. E isso também foi requerido da parte de Davi (ver I Samuel 30.24). Temos aqui uma lição *espiritual*. Aqueles que labutam como missionários obtêm a sua recompensa. Mas os que permanecem em casa, contribuem e oram, compartilham as mesmas recompensas espirituais resultantes das vitórias. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Galardão* e *Coroas*. A vida espiritual é comunal, e suas vitórias e derrotas afetam toda a comunidade.

"Era um princípio antigo, em Israel, que os combatentes deviam dividir os despojos com os seus companheiros (ver I Sam. 30.21-25; Núm. 31.27)" (John Bright, *in loc.*).

"É possível que muitos daqueles que foram deixados para trás também gostariam de ter seguido para a frente de combate. Mas quem plantaria ou protegeria as mulheres e as crianças?" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

Também haveria aqueles que estavam incapacitados para guerrear; mas esses cumpririam deveres de quem ficaria em casa, pelo que mereciam compartilhar da prosperidade geral da tribo.

Tipologia. Cristo, em Sua vitória sobre todas as forças malignas, dividiu os despojos com os Seus irmãos. Ver Col. 2.15 e Rom. 8.17. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Herdeiro*.

A Disputa a Respeito do Altar (22.9-34)

Tendo recebido a bênção de Josué (ver Jos. 22.6,7), as duas tribos e meia voltaram jubilosamente para casa. Na fronteira demarcada pelo rio Jordão, erigiram um *altar*. Mas isso foi interpretado pelas demais tribos como um ato de idolatria, que poderia destruir a unidade religiosa de Israel. Alguns pensam que uma disputa de fronteiras chegou a fazer parte da questão e, embora o próprio texto sagrado nada, registre a respeito o versículo 28 deste capítulo pode dar isso a entender. Mas o problema inteiro ficou resolvido quando se explicou que o altar serviria somente a um propósito memorial, e não como um lugar onde fossem oferecidos sacrifícios, independentemente do culto no tabernáculo, ou, então, em competição com ele.

22.9

Assim os filhos de Rúben... de Gade e a meia tribo de Manassés. As duas tribos e meia foram-se em paz. Todas as promessas feitas por Yahweh, através de Moisés, tinham sido cumpridas. O próprio território que tinham desejado, agora era deles. Nada lhes faltava, pois o Senhor era o pastor deles, segundo lemos no Salmo 23. Ver Núm. 32.31. *Todos* os nomes próprios que figuram neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*.

22.10

Edificaram um altar. O altar foi edificado exatamente na fronteira entre as tribos orientais e as tribos ocidentais. Esse altar serviria de "testemunho" entre as tribos (ver o vs. 28 deste capítulo), o que talvez signifique que era um marco de fronteira, separando as tribos ocidentais de Israel das tribos orientais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Altar*. Também é possível que o altar fosse formado apenas de uma pilha de pedras; ou de um marco de pedra, que servisse de memorial. Ver no quarto capítulo do livro de Josué as duas pilhas memoriais que comemoravam a travessia do rio Jordão e a entrada na Terra Prometida.

Altar grande e vistoso. Fora um momento solene quando aqueles soldados de Israel deixaram a parte *ocidental* do país que tinham ajudado a conquistar. Eles não queriam esquecer as suas grandes vitórias, obtidas em união com as demais tribos que haviam ficado no lado ocidental do Jordão. Devido a tantas bênçãos, pois, resolveram erigir o altar, aqui descrito como "grande e vistoso". Ficaria ali por muitas gerações vindouras. Quando seus descendentes perguntassem: "Que significam estas pedras?", isso daria oportunidade para os anciãos da nação responderem, contando tudo quanto havia sucedido e alimentando assim os sentimentos de patriotismo das novas gerações.

"As nações logo se esboroam quando perdem de vista os símbolos de sua glória e honra" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

22.11

O Altar Desperta Objeções. Podemos pensar aqui em seis pontos, que podem ter despertado esse protesto das nove tribos e meia que ficaram na parte ocidental da Terra Prometida:

1. O altar pode ter sido interpretado como um marco divisório, como o início de uma disputa de fronteira (ver o vs. 28 deste capítulo).
2. Visto que o altar se parecia com os altares onde animais eram sacrificados (vs. 18), isso pode ter sido interpretado como um marco de separação espiritual. As duas tribos e meia, alegadamente, teriam instituído sua própria forma religiosa, ignorando o culto efetuado no tabernáculo. As duas tribos e meia estariam encabeçando alguma espécie de revolta religiosa.
3. Essa religião rival até poderia ter aspectos de idolatria, o que significaria que as duas tribos e meia estariam iniciando uma *apostasia*. Ver essa palavra na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. E ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*. Ver os vss. 16 e 17 deste capítulo, quanto a implicações de intenções idólatras. Uma apostasia na porção oriental do país teria graves efeitos sobre a parte ocidental. E Yahweh acabaria julgando a nação inteira.
4. O altar assim erigido foi visto como um *adendo* ao altar do Senhor, que na época se achava em Silo (ver Jos. 18.1). Visto que representava uma *competição*, aquele altar acabaria dividindo a nação. Por isso chegou a ser sugerido que as duas tribos e meia voltassem para o lado *ocidental* da Terra Prometida (vs. 19).
5. As duas tribos e meia do lado oriental pareciam ter entrado em *imundícia* espiritual e cerimonial, que acabaria contaminando todo o povo de Israel (vs. 19).
6. Esse ato, tal como aquele de Acã (ver o capítulo 7 de Josué), seria amaldiçoado por Yahweh, atraindo um feroz juízo divino contra toda a nação (vs. 20).

Solução do Problema. Toda a questão ficou resolvida quando as duas tribos e meia do lado oriental garantiram a seus irmãos ocidentais que o altar não seria usado para oferecer sacrifícios, pois era apenas um memorial, um memorial de ação de graças a Yahweh, por tudo quanto o Senhor havia feito pelo Seu povo. E é de presumir que também tenha ficado esclarecido que aquele altar, erigido na

fronteira, apesar de demarcá-la, não era um sinal de descontentamento ante a distribuição de terras, pelo que não houvera o menor intuito de provocar uma disputa de fronteira.

22.12

Ouvindo isto os filhos de Israel. Israel havia mudado o tabernáculo e seu culto para *Silo* (ver Jos. 18.1). Esse lugar, pois, tornou-se um santuário temporário. Mais tarde, seria mudado definitivamente para Jerusalém, tornando-se o santuário central e único. Silo, entretanto, continuou sendo o santuário da nação por séculos, no mínimo por cinco séculos. Durante todo esse tempo, foi o santuário central (e talvez exclusivo) de Israel. Ora, o altar levantado próximo ao rio Jordão parecia ameaçar o santuário central de Silo. Nas notas sobre o versículo 11, vemos as *seis objeções* feitas à construção daquele altar na fronteira entre as tribos orientais e as tribos ocidentais.

Em Silo, pois, as outras tribos reuniram-se, e estavam dispostas a dar início a uma *guerra santa* contra as duas tribos e meia, seus próprios irmãos. Ver sobre esse assunto da guerra santa nos trechos de Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

"Um ato de devoção e patriotismo foi totalmente mal-entendido e erroneamente julgado pelas tribos a oeste do Jordão... Suas conclusões, no mínimo, estavam alicerçadas sobre meros rumores... Alguém havia lançado no ar um pouco de poeira, e todos pensaram que se aproximava um tufão. Quantas sombras se projetam sobre a face da terra, quantas misérias acabam acontecendo, quantas amizades são quebradas por causa de rumores e maledicências!" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). A aplicação desse princípio, nas páginas do Novo Testamento, exorta-nos a usar corretamente a capacidade de falar (ver Efé. 4.29 e Fil. 4.8).

Antes de Falar

Faz tudo passar diante de três portas de ouro;
As portas estreitas são: a primeira:
É verdade? Em seguida, É necessário?
Em tua mente Fornece uma resposta veraz.
E a próxima É a última e mais estreita,
É gentil? Se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de ter passado por essas três portas,
Então, podes relatar o caso, sem temeres
Qual seja o resultado de tuas palavras.

(Beth Day)

22.13

Finéias, filho de Eleazar, o sacerdote. Esse levita encabeçou a delegação que devia investigar a alegada heresia do altar fronteiriço. Ver as notas no versículo 11 deste capítulo, quanto às *seis objeções propostas à construção daquela estrutura*. A "incompreensão" quase redundara em uma guerra civil. Por igual modo, no seio da Igreja cristã, a fragmentação prossegue e as denominações transformam-se em campos contrários, em pé de guerra, cada qual certo de que possui algo de especial e de melhor que os demais campos. É mais fácil odiar uma verdade desconfortável que odiar o erro. É fácil equivocar-nos diante de alegadas verdades como se contribuíssem para a melhoria das coisas. A *intolerância* torna-se assim um *ideal* que acaba por substituir o verdadeiro ideal, a *lei do amor*.

Finéias era homem conhecido por seu zelo justo (ver Núm. 6.18), razão pela qual foi convocado para encabeçar uma comissão que procuraria obter reconciliação entre as tribos ocidentais e as tribos orientais.

22.14

E dez príncipes com ele. Os cabeças de dez tribos foram com Finéias, o que quer dizer que os israelitas ocidentais estavam bem representados. Era uma comissão delegada e autorizada.

Casa paterna. Essa é uma expressão que usualmente indica as subdivisões de um clã (ver Jos. 7.14). Aqui, porém, estão em pauta as tribos de Israel. Cf. Núm. 17.3,6. Os "dez príncipes" representavam, pois, as nove tribos e meia do lado ocidental, um chefe para cada tribo. Finéias, por sua vez, como filho do sumo sacerdote Eleazar, representava os levitas. E também representava a instituição do tabernáculo e seu culto, em contraste com a possível tendência para uma possível divisão, que estaria sendo provocada pelas tribos orientais de Israel.

22.15

Indo eles. Apressadamente foi feita uma viagem. A comissão ansiava por evitar o alegado mal, que poderia causar grande confusão em Israel. Um discurso foi preparado, acompanhado por várias *ilustrações* de dificuldades e tempos de apostasia que o povo de Israel já tinha enfrentado e por causa dos quais tinha sofrido.

22.16

Que infidelidade é esta...? Finéias começou o seu discurso usando uma palavra vigorosa: "infidelidade". Ele estava alicerçado sobre as *seis objeções* à construção do altar, levantadas pelas tribos ocidentais. Outras traduções dizem aqui "transgressão" ou "rebelião". A palavra hebraica assim traduzida é *ma'al*, que significa "pecado", "falsidade", "transgressão", "traição". Se o intuito da construção do altar fosse criar uma divisão entre as tribos, então representava um ato de *rebelião*, e isso em um sentido *religioso* (as duas tribos e meia da Transjordânia estariam criando uma adoração separada e rival, talvez com tendências idólatras), e em um sentido *político* (as duas tribos e meia da Transjordânia tornar-se-iam outra nação). Isso parece ser sugerido no versículo seguinte. Cf. Êxo. 20.24; Lev. 17.3,4 e Deu. 12.5,6. Israel deveria adorar exclusivamente a Yahweh, e isso por meio de um santuário que, até aqui, tinha por centro a *Silo*, mas que, finalmente, teria por centro a cidade de Jerusalém.

22.17

A iniqüidade de Peor. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Peor era um monte de Moabe, o lugar para onde Balaque conduziu Balaão, o falso profeta, a fim de que ele amaldiçoasse o povo de Israel (ver Núm. 23.28). Mas Peor também era o nome de uma das falsas divindades dos moabitas, o deus da iniqüidade, da imundícia (ver Núm. 25.18; 31.16). O povo de Israel pagara um terrível preço por ter-se imiscuído na *idolatria* dos moabitas (ver a respeito no *Dicionário*). Casamentos mistos com mulheres moabitas resultaram em práticas idólatras. Ver Núm. 25.1-9 e Deu. 4.3 quanto à "iniqüidade de Peor". A impureza sexual levara ao adultério espiritual, a saber, à *idolatria*. Finéias, naquela oportunidade, matara um homem de Israel e a mulher moabita que estava com ele, atravessando a ambos com um único golpe de lança (ver Núm. 25.8). E isso havia feito cessar a fúria de Yahweh, que tinha enviado contra o povo de Israel uma praga medonha, como castigo pela queda dos israelitas na imoralidade e na idolatria. Nada menos de vinte e quatro mil pessoas morreram em conseqüência do incidente ocorrido em Peor.

Agora, pois, a comissão encabeçada por Finéias acusou os líderes das duas tribos e meia da Transjordânia de quererem promover algo similar ao incidente de Peor, pois temiam que idênticas conseqüências dali resultassem.

22.18

Para que hoje abandoneis o Senhor? Tal como acontecera no caso de *Peor*, poderia acontecer de novo, por causa da rebelião do altar. Alguma praga terrível (ou alguma outra ocorrência destrutiva) poderia sobrevir ao povo de Israel, *castigando* toda a nação de Israel, e não apenas a *Transjordânia*, onde toda a questão havia começado. Isso posto, a delegação ocidental estava predizendo o futuro, mediante experiências do passado. Este versículo ilustra os fortes sentimentos de corporação que havia na antiga nação de Israel. Um por todos; todos por um. Aquele altar apóstata na fronteira acabaria perturbando toda a nação. Aquilo que prejudica a um, prejudica a todos. Temos aqui a antiga lição de que todas as vidas estão interligadas. Ninguém peca sozinho. Ninguém se mostra bom sozinho. Os *destinos* dos indivíduos estão ligados uns aos outros; pessoas de uma mesma família, de uma mesma cidade, de um mesmo estado e de um mesmo país compartilham de seus destinos. E isso importa em unidades que interligam os indivíduos. As famílias avançam como unidades compactas. Existem inter-relações e interligações que afetam a todos, e também a cada um individualmente.

22.19

Se a terra da vossa herança é imunda. Exatamente como a Transjordânia poderia ser imunda ou contaminada, é algo difícil de entender. A seguir reproduzimos as sugestões apresentadas pelos eruditos:

1. O *paganismo* poderia ter feito o território tornar-se irremissível, formando um ambiente que só poderia prejudicar a quem ali habitasse. Se era isso que estava em pauta, então a delegação enviada pelo *ocidente* sugeria que as tribos *orientais* já tinham sofrido a má influência do paganismo, pois, de outra sorte, não teriam erigido aquele altar rebelde. O melhor curso de ação, nesse caso, seria abandonar aquele lugar imundo.
2. Ou, então, as tribos orientais tinham poluído o território ao erigirem aquele altar rebelde, em seu próprio coração. Mas poderiam reverter esse mau começo retornando ao ocidente e reivindicando territórios ali.
3. A arca da aliança estava no tabernáculo, em Silo. Era ali que Yahweh manifestava a Sua presença. Um altar falso não atrairia a presença do Senhor. As terras da Transjordânia, assim sendo, seriam "esquecidas" por Deus e, por isso mesmo, deveriam ser "esquecidas" pelos homens. As tribos ocidentais, sem dúvida, tinham uma "ótica provinciana". Eles suspeitavam de que as tribos orientais tivessem perdido o acesso a Yahweh. "Como, porém, haveríamos de entoar o canto do Senhor em terra estranha?" (Sal. 137.4). Essa era a

atitude bastante negativa deles. O incidente serve de comentário sobre um *conceito* de Deus que é estreito demais, que é pequeno demais. Não obstante, quase todas as religiões, e até mesmo quase todas as denominações cristãs, têm essa perspectiva estreita, supondo ser as únicas depositárias das bênçãos divinas. Sem embargo, Deus é sempre maior que as teologias criadas pelos homens. De fato, as denominações são gaiolas que cativam os homens, em vez de serem lugares especiais, superiores aos outros.

22.20

Não cometeu Acã...? Esse homem servia como outra ilustração do perigo que as tribos ocidentais imaginavam que as tribos orientais estavam prestes a enfrentar. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Acã*, quanto a detalhes, e consultar as notas sobre o sétimo capítulo do livro de Josué, onde a história dele é narrada. Acã revelara ser um homem cobiçoso, que se apossara de despojos que eram proibidos, durante uma *guerra santa* (ver sobre esse assunto nas notas em Deu. 7.1-5 e 20.10-18). O caso de Acã, pois, ilustrava *duas coisas* principais:

1. A *cobiça* de possuir a região da Transjordânia poderia causar danos a toda a nação de Israel.
2. Acã tinha perpetuado um logro, e seu pecado terminara por acender a ira de Yahweh contra *toda* a nação de Israel. Assim também, aquele altar fronteiriço, que refletia uma atitude de rebeldia, poderia atrair desastre contra todo o povo de Israel. O povo todo de Israel fora derrotado em Ai, por causa do pecado de Acã (ver Jos. 7.5), e essa condição só foi revertida quando da execução de Acã.

O temor ao julgamento divino, pois, mesclado com um interesse genuíno, inspirou as tribos ocidentais a prometer novas terras, do outro lado do rio Jordão, às tribos que já haviam ocupado a Transjordânia. Elas devem ter pensado que um novo local poderia afetar seu comportamento, o que Sêneca declarou nunca acontecer. Foi por isso que esse filósofo disse: "Vocês precisam é de uma mudança de coração, e não de uma mudança de ares" (ou seja, não uma mera mudança de localização geográfica).

22.21,22

Então responderam. A resposta das tribos orientais foi direta, simples e eficaz. Antes de tudo, invocaram a Yahweh-Elohim como testemunha, o qual não só está acima dos homens como também é o Deus dos deuses. Alguns eruditos supõem que essa declaração importa no *henoteísmo*, ou seja, na existência possível de muitos deuses, embora apenas um deles tenha algo que ver conosco, na terra. Porém, é difícil crer que aqueles israelitas tivessem respondido com tal idéia em mente. Ver no *Dicionário* os dois artigos separados sobre *Monoteísmo* e sobre *Politeísmo*.

A verdade é que os representantes das tribos orientais fizeram um juramento tipicamente monoteísta, pelo único verdadeiro Deus, *Yahweh-Elohim*, ou seja, o Eterno Todo-Poderoso. Ver no *Dicionário* o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*. Devemos lembrar que o monoteísmo dos hebreus não consistia apenas na crença na existência de um só Deus. Pois também envolvia uma *dedicação total* a esse Deus, com a rejeição absoluta de qualquer variedade de idolatria.

O Apelo à Onisciência de Deus. Yahweh sabia a verdade sobre a questão. Por fim, todo o povo de Israel também conheceria a verdade. Se nenhum ato de rebeldia estivesse envolvido, então as coisas prosseguiriam normalmente e Deus abençoaria a toda a nação. E se as coisas fossem diferentes disso, então o desastre sobreviria aos habitantes da Transjordânia.

Hoje não nos preserveis. Esta frase tem sido entendida de cinco maneiras diferentes pelos intérpretes, a saber:

1. Yahweh deixaria de ser o defensor das tribos orientais, e povos estrangeiros poderiam unir-se a fim de atacá-las.
2. As pragas de Yahweh haveriam de alcançá-los, se eles estivessem mentindo.
3. As bênçãos divinas, das quais dependemos para continuar vivendo, seriam retidas.
4. Yahweh não mostraria misericórdia, permitindo que eles fossem atingidos por toda forma de acontecimento adverso, fazendo a existência das tribos orientais de Israel tornar-se uma miséria.
5. As tribos ocidentais deveriam prosseguir com sua invasão tencionada do leste, destruindo os "mentirosos" da Transjordânia.

22.23

Se edificamos altar para nos apartarmos do Senhor. Se as tribos orientais estivessem animadas por um espírito divisivo ao erigirem aquele altar *rival* ao de Silo, então que Yahweh chamasse aqueles israelitas da Transjordânia à responsabilidade por atos tão maus, descarregando contra eles as adversidades sugeridas nas notas sobre o versículo anterior (o último parágrafo). Yahweh, uma vez ofendido, mostrar-se-ia muito mais severo que as tribos ocidentais, feridas em seus melindres, e então Yahweh haveria de julgar as tribos da Transjordânia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*, quanto a uma descrição do sistema dos hebreus, do qual algumas formas são mencionadas neste versículo.

22.24,25

Fizemos por causa da seguinte preocupação. Os sete pontos seguintes mostram as verdadeiras razões da construção do altar em pauta:

1. O altar era apenas um marco de fronteira, lembrando a todo o povo de Israel que Yahweh tinha estabelecido aqueles limites, e que as terras a leste do rio Jordão eram territórios demarcados por Yahweh tanto quanto os territórios que havia a oeste daquele rio. O altar, pois, servia de prova da divisão divinamente estabelecida das faixas de território entre as tribos. No futuro, os descendentes ocidentais de Israel veriam o altar como uma prova disso e não diriam coisas estúpidas como: "Vocês, tribos orientais, não têm direitos em Israel. Só as terras a ocidente do Jordão foram dadas por Yahweh. Vocês são estrangeiros e apóstatas". São precisamente coisas assim que as denominações cristãs atiram umas contra as outras, em seus credos. O exclusivismo é muito injusto.
2. Aquele marco de fronteira estava autenticando a adoração levada a efeito no leste, tanto quanto a adoração das tribos ocidentais, visto que aquele altar não era um lugar de sacrifício e devoção, e, sim, apenas um memorial que celebrava a bondade de Yahweh, que havia dado na Transjordânia herança às duas tribos e meia do lado oriental.
3. Aquele altar também servia para impedir o próprio espírito divisivo que os hebreus temiam que pudesse ocorrer. Se os hebreus ocidentais falassem em termos zombeteiros e desencorajadores, então os hebreus orientais verdadeiramente poderiam rebelar-se e separar-se de seus críticos amargos, formando a sua própria comunidade, separada do restante dos israelitas.
4. Assim sendo, aquele altar também serviria para impedir a intolerância. Ver no *Dicionário* o artigo denominado Intolerância.
5. Aquele altar tinha sido erigido como uma cópia do altar existente em Silo, não com o propósito de ali serem oferecidos holocaustos, mas para servir de bom lembrete de que todos deveriam respeitar-se mutuamente, devotando-se, cada qual, a Yahweh (ver o versículo 28 deste capítulo).
6. O altar em foco também serviria de incentivo, lembrando que Yahweh é que tinha dado aos hebreus aquelas terras, pelo que o culto a Ele deveria ter prosseguimento por todas as gerações, em consonância com as ordens divinas originais (ver o versículo 27).
7. Portanto, longe de ser um ato *divisivo*, a construção daquele altar era uma ajuda à *unidade* entre os filhos de Israel.

22.26

Pelo que dissemos. Este versículo expõe a *quinta* entre as sete possíveis razões, dadas acima, sobre os motivos da construção do altar na fronteira entre as tribos orientais e as ocidentais, indicando qual a sua verdadeira natureza.

O altar era um memorial, e não um lugar de sacrifícios, não tendo a mínima intenção de iniciar um culto rival a Yahweh, que se processava no tabernáculo de Silo. Esse tabernáculo de Silo já representava a unificação de Israel em sua vida espiritual, embora essa unidade não tenha sido realmente completa, enquanto não foi instituído o único santuário central em Jerusalém, nos dias de Davi. O santuário central substituiu todos os demais santuários, unificando assim o yahwismo em toda a nação. Silo já estava indicando o caminho da unificação, e não poderia haver altares competitivos, nem na Transjordânia nem em qualquer outra região da Terra Prometida.

22.27

... nos seja testemunho, e possamos servir ao Senhor. Longe de servir de instrumento de cisão ou apostasia, aquele altar servia de *lembrete* do yahwismo compacto, em torno do qual concordavam plenamente as tribos ocidentais e orientais de Israel. O serviço prestado a Yahweh seria contínuo. Todos os sacrifícios e ofertas prosseguiriam em Silo. E também não se abriria oportunidade para as gerações futuras de israelitas do ocidente acusarem a seus irmãos do oriente de que estes "se tinham desviado do reto caminho".

"Aquele altar fora erigido para manter viva, durante todas as gerações vindouras, a ufana participação deles na herança prometida. Eles criam que era algo temível para um povo mostrar-se indiferente diante de seu passado, não exibindo reverência pela herança na qual tinham entrado" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Tipologia. A unificação maior que Deus tinha em reserva, haveria de ocorrer por meio da missão de Cristo, a qual, mediante a fé Nele, unificaria *todos* os povos (ver Gálatas 3.28,29).

22.28

Vede o modelo do altar do Senhor que fizeram nossos pais. O altar fronteiriço era uma *cópia* do altar do tabernáculo, em Silo. Ver a *planta* do tabernáculo, na introdução ao capítulo 26 do livro de Êxodo. Não devemos pensar aqui no altar que havia no interior do Santo dos Santos. A *cópia*, construída na fronteira entre as tribos orientais e ocidentais, serviria de testemunho a todos quantos a vissem, como se dissesse: "Lembre-se de que em Silo há um altar *como este, onde são oferecidos holocaustos a Yahweh.* Faça parte da adoração que unifica o povo de Israel". Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Altar*. Ver as notas em Êxo. 27.1 sobre o *Altar de Bronze*. Esse é o altar que foi copiado.

Tipologia. A fé espiritual trazida por Cristo unifica a todos quantos adoram e prestam um culto espiritual. A diferença é que agora o coração do crente é o altar de Deus (ver I Cor. 3.16).

22.29

Afora o altar do Senhor nosso Deus. A cópia do altar de bronze não serviria para ali serem oferecidos holocaustos em adoração a Yahweh, porquanto isso estava sendo feito no tabernáculo, em Silo. Era apenas um memorial, um lembrete do poder e da graça de Yahweh, que havia dado a Israel a sua herança. Essa cópia, pois, encarecia a necessidade de ser efetuado o culto a Deus no tabernáculo, em Silo. Isso posto, não havia nenhuma intenção de rebeldia e apostasia nesse altar fronteiriço. O bem-estar espiritual das gerações futuras era uma das principais forças que tinham motivado a construção. O culto centralizado em Silo, no tabernáculo, não era assim nem violado nem enfraquecido pelo altar fronteiriço levantado pelas duas tribos e meia do lado oriental.

22.30,31

Ouvindo, pois, Finéias, o sacerdote, e os príncipes da congregação. Finéias e toda a delegação concordaram, de forma unânime, que não houvera nenhuma transgressão, rebeldia, idolatria ou traição, por parte das tribos orientais. Ficaram plenamente satisfeitos diante das explicações recebidas e não disputaram mais a questão. Visto que não tinha havido violação do culto central de Silo, nem se pretendera provocar divisão entre as tribos, com o altar erigido na fronteira, Israel não estava sujeito à ira de Yahweh, o qual julgaria a nação inteira, se apostasia de algum tipo tivesse ocorrido.

Sabemos que o Senhor está no meio de nós. O povo de Israel continuava unido em sua vida espiritual e em seu culto, e isso assegurava que Yahweh continuaria a manifestar a Sua presença no tabernáculo. As bênçãos de Deus continuariam fluindo como o rio Amazonas por todo o país. Era a Sua presença e bênção que os tinham levado até ali, até aquele dia. E a presença divina continuaria a abençoar a todos eles.

Até aqui Teu poder me tem abençoado,
Por certo serei levado adiante.

(John H. Newman)

22.32

Voltaram da terra de Gileade para a terra de Canaã. Finéias e toda a delegação tinham cumprido a sua missão. A caminho da parte oriental do país, eles estavam com o coração carregado e irado, imaginando que alguma grande maldade havia sido cometida, capaz de prejudicar a toda a nação. Mas, ao partirem dali, estavam jubilosos, pelo que fizeram a jornada com grande pressa. Agora eram portadores de boas-novas e ansiavam por espalhá-las. Há um prazer especial em ser portador de boas notícias, e todos sabemos quão ansiosos ficamos quando temos alguma boa notícia, capaz de tornar felizes os nossos semelhantes. Embora existam filósofos que pensam que o homem só faz o que é melhor para ele mesmo, e que não existe *altruísmo* autêntico, a experiência humana demonstra que algumas pessoas, pelo menos, preocupam-se com o que está acontecendo com os seus semelhantes. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Egoísmo e Altruísmo*.

22.33

Deram-se por satisfeitos os filhos de Israel. A *alegria* foi compartilhada pelas tribos ocidentais quando Finéias e sua delegação transmitiram as boas-novas trazidas da Transjordânia. Israel, em meio a grandes vitórias, pensara que tinha caído em apuros, por causa de uma possível rebelião entre as duas tribos e meia do lado oriental. Mas o caso era outro. Uma nova vitória tinha sido conseguida.

O mau plano de uma guerra civil foi prontamente abandonado e assim a paz continuou. Ver Jos. 21.44. Ver Deu. 13.12 ss. quanto ao fato de que, se tivesse havido verdadeira rebeldia e apostasia, o restante de Israel teria sido forçado a entrar em *guerra santa* contra as duas tribos e meia da Transjordânia (ver as notas expositivas em Deu. 7.1-5 e 20.10-18).

22.34

Chamaram ao altar: Testemunho. As tribos orientais chamaram àquele altar, no hebraico, *ed*, "testemunho", porque esse era o significado daquele altar — um testemunho quanto ao poder de Yahweh e à unidade do povo de Israel. A adoração a Ele unificava a parte oriental à parte ocidental da nação. Todavia, a palavra hebraica ed não aparece na Bíblia hebraica, tendo sido suprida sob a hipótese de que era necessária para melhor compreensão do texto. A versão siríaca estampa a palavra correspondente. O texto massorético também omite a porção final do versículo, a partir da palavra "testemunho" até a palavra "Deus". Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Texto Massorético* e *Manuscritos do Antigo Testamento*.

Princípios Ensinados pelo Incidente:

1. É bom sermos zelosos quanto à verdadeira espiritualidade.
2. É bom buscarmos a unidade com base na retidão.
3. Discussões abertas e francas podem esclarecer muitos pseudoproblemas.
4. Devemos aproximar-nos dos ofensores com espírito de gentileza, e não com arrogância (ver Gál. 6.1).
5. Uma resposta suave (gentil) desvia a ira (ver Pro. 15.1), e assim podem ser evitados tanto a ira quanto os pensamentos descaridosos.
6. As bênçãos de Deus são derramadas sobre aqueles que andam em concórdia, exercendo sua fé religiosa em meio à verdade e à sinceridade.
7. A presença de Deus faz-se necessária para que haja alguma espiritualidade legítima. O altar do Senhor deve estar em nosso coração.

Capítulo Vinte e Três

Admoestações Finais de Josué aos Líderes (23.1-16)

Este capítulo 23 forma a conclusão da história deuteronômica de Josué. É um contrabalanço apropriado para o trecho de Josué 1.1-9, reunindo vários temas principais do livro, dos quais podem ser extraídas lições que visam ao nosso benefício espiritual. A presença de Yahweh conduziu o Seu povo à vitória. Sua presença continuava entre eles, garantindo o bem-estar, a prosperidade e o senso de realização. Nenhum inimigo pode resistir diante de um povo fiel que confia no Senhor. Todavia, se Israel chegasse a falhar em sua missão, a presença de Deus seria removida e o próprio povo de Israel seria expulso da Terra Prometida, tal e qual tinha acontecido a seus primitivos habitantes. Essa temível possibilidade previa os cativeiros futuros. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*.

Este capítulo 23 de Josué também serve para introduzir a informação que nos é dada em Juízes 2.6-3.6, que provê a continuidade entre os dois livros da Bíblia.

Alguns intérpretes vêem uma *duplicação* nos capítulos 23 e 24 de Josué, ou seja, dois relatos diferentes de um mesmo evento. No entanto, é patente que esses dois capítulos encerram duas instruções distintas, de despedida, a primeira dirigida aos líderes, e a segunda, ao povo em geral.

As *palavras de despedida* sempre são tristes. Um idoso Josué estava agora preparado para retirar-se da vida ativa. O coração de muitos estava sobrecarregado de tristeza por causa das despedidas. No entanto, nada havia que lamentar. Josué tinha cumprido a contento a sua missão, e havia chegado o seu tempo de afastar-se. E ele foi capaz de fazer isso com um sorriso, o coração em paz. Ele não havia desobedecido à sua visão celestial. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

23.1

Passado muito tempo depois. Fazia anos que não havia guerras para o povo de Israel. Assim sendo, este versículo repete uma informação que já havia sido dada antes. A guerra santa tinha cessado (ver as notas expositivas em Deu. 7.1-5 e 20.10-18). Ver Josué 14.15 e 21.44 quanto ao *repouso* que o Senhor tinha dado a Israel.

Descansando em Hebrom, Josué ia ficando cada vez mais idoso, pelo que sabia que o tempo que lhe restava era curto. Contudo, não sabemos dizer quanto tempo se passou, após a cessação das hostilidades. Mas, sem dúvida, foram alguns anos. Adam Clarke calculou que o tempo que se passara, sugerido no texto, foi de catorze anos após o fim da conquista da terra de Canaã e sete anos após a divisão das terras entre as tribos de Israel. Se esse cálculo está correto,

então Josué pôde contar com sete anos, após a distribuição de terras ter terminado, a fim de descansar e refletir. O fato foi que ele morreu com cento e dez anos de idade (ver Jos. 24.29).

23.2

Chamou Josué a todo o Israel... e disse-lhes. As últimas palavras geralmente são solenes. Fazia parte das crenças dos hebreus que as palavras finais de um homem moribundo com freqüência eram dadas por inspiração divina. E assim, quando Josué convocou uma assembléia geral para apresentar o seu discurso de despedida, podemos estar certos de que a reunião foi bem atendida, e que os ouvintes prestaram atenção a cada palavra de Josué. É provável que a reunião tenha ocorrido em Silo, que se tornara o santuário central de Israel (ver Jos. 18.1). Mas a reunião referida no capítulo 24 foi efetuada em Siquém (Jos. 24.1). Também é possível que a reunião aqui aludida tenha ocorrido na localidade de Timnate-Sera, onde Josué habitava (ver Jos. 19.50).

"*O Tempo Não Pára.* Todos nós envelhecemos. Josué relembrou os seus ouvintes de que ele estava consciente de sua crescente idade avançada. Os anos fazem a sua cobrança. Mas nada havia de tristonho ou de ressentimento em sua atitude. Ele aceitava a idade provecta como parte da vida. Não tentava ocultar os seus anos de vida... Ele reconhecia os fatos sem nenhuma vergonha ou embaraço. As primeiras palavras proferidas por ele eram de agradecimento pela orientação dada por Deus. Ele ordenou que a nação agradecesse não a ele, mas a Deus, ao qual ele servia. Ele não podia explicar a sua vida e as suas realizações à parte de Deus" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

23.3

Vós já tendes visto. O próprio povo era testemunha ocular, pelo menos muitos deles continuavam vivos e esses perfaziam uma audiência atenta. Eles tinham visto tudo quanto Yahweh havia feito, dando a Israel a sua terra pátria, cumprindo assim uma das principais provisões do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Eles tinham visto o poder e a provisão de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Grandes inimigos tinham sido derrotados, o que Israel, no começo, pensou que não poderia acontecer (ver Núm. 13.33). De fato, os inimigos de Israel eram mais fortes (ver Deu. 7.1), mas a presença do Senhor fazia toda a diferença. O Senhor tinha combatido em lugar deles, tal como havia prometido que faria (ver Jos. 2.9-11; 4.23,24 e 10.14,42).

Algumas vezes, Deus nos chama para realizar tarefas que, na verdade, são difíceis demais para nós. Nesses casos, deve haver alguma intervenção divina em nosso favor. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

A batalha é do Senhor e a Ele cabem todos os louvores. As intervenções divinas devem ser acolhidas pela nossa dedicação.

Não foi por sua espada que possuíram a terra;
Nem foi o seu braço que lhes deu vitória;
E, sim, a Tua destra, e o Teu braço;
E o fulgor do Teu rosto.

(Salmo 44.3)

23.4

Vede aqui que vos fiz cair em sorte às vossas tribos. A Terra Prometida havia sido dividida, de acordo com a vontade divina, por meio de *sortes*. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto. Ver como as sortes foram empregadas no último parágrafo das notas sobre o capítulo 14 de Josué. Ver também Núm. 26.54,55; Jos. 13.6; 14.2; 15.1; 17.2; 18.10; 19.10,17,40. A divisão da terra enriqueceu os filhos de Israel. Em Israel não havia família destituída de terras. As *outras nações* foram cortadas, conforme tinha sido predito. As iniqüidades delas, finalmente, tinham esgotado a paciência de Deus (ver Gên. 15.16). A conquista da terra de Canaã, entretanto, foi incompleta (ver Jos. 13.1 ss.), embora suficiente para todos os propósitos práticos. Mas como a tarefa precisava ser terminada, o conflito prosseguiu. Todavia, a mesma graça divina que tinha concedido a Israel grandes vitórias, haveria de dar-lhe ainda outras vitórias. O Deus de ontem é o mesmo Deus de hoje e de amanhã. As forças são sempre renovadas por parte do Senhor. Ninguém falha somente por ter despendido grande esforço no dia de ontem, e hoje está fraco de energias. Há poder presente para agora.

Estas nações que restam. A saber, os povos que ainda não haviam sido conquistados, conforme lemos em Josué 13.1 ss. Somente nos dias de Davi, porém, a conquista da Terra Prometida realmente se completou, ou seja, aproximadamente quatrocentos anos mais tarde.

23.5

Possuireis a sua terra. Temos aqui a promessa divina de que a conquista seria completada. O mesmo poder que havia cumprido as promessas a Abraão, e que tinha dado a Israel o seu território, haveria de completar a tarefa. Isso foi dito para encorajar Israel a continuar lutando, após um intervalo de descanso. Porém, assim como depois da guerra veio o descanso, agora o descanso seria seguido pela guerra. Cf. este versículo com Josué 13.6. A obediência a Yahweh, a par de esforços positivos, garantiria o sucesso. A história subseqüente demonstrou que essa tarefa não fora bem-feita, e foi preciso esperar que Davi cumprisse o ideal não atingido.

23.6

Esforçai-vos... para guardardes e cumprirdes tudo. Ver o trecho de Josué 1.7-9, que é passagem paralela. Um desobediente povo de Israel, se chegasse a cair em idolatria e apostasia, longe de poder conquistar o resto do território que lhe fora prometido, seria expulso dali para o cativeiro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*. Era a lei de Moisés que fazia de Israel uma nação *distinta*. Somente através da obediência a essa lei é que Israel poderia esperar qualquer coisa da parte de Yahweh. Ver Deu. 4.4-8 e suas notas expositivas quanto ao tema.

As Palavras-chaves. Diversos vocábulos descrevem a correta atitude e conduta espirituais. Esses termos aparecem no trecho de Deuteronômio 10.12,13. As palavras são: temer, andar, amar, servir e guardar os mandamentos.

23.7

Para que não vos mistureis com estas nações. Temos aqui uma advertência contra a infecção. Os povos que não tinham sido expulsos da Terra Prometida tornar-se-iam um foco de infecção. Havia o perigo de o povo de Israel ser infectado pelas atitudes e práticas idólatras deles. Israel seria transformado pelos poderes e pela pressão da malignidade. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Idolatria* e *Deuses Falsos*. A idolatria foi o pior inimigo que Israel precisou enfrentar, porquanto qualquer transigência com ela destruiria o caráter distinto de Israel (ver Deu. 4.4-8).

Quatro Atos Idólatras. Este versículo adverte quanto a quatro manifestações idólatras: 1. Mencionar os nomes dos deuses pagãos, no vocabulário comum (ver Êxo. 23.13). 2. Tomar votos em nome de ídolos ou deuses falsos. 3. Fazer qualquer tipo de culto que sirva a ídolos. 4. Incorrer em qualquer adoração aos ídolos. "Não podia haver transigência com os povos que ficassem na terra de Israel! Nada de casamentos mistos. Nada de adoração a divindades estrangeiras. Nada de prostrar-se diante delas" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*).

Ninguém desce aos níveis mais baixos da iniqüidade a não ser *gradualmente*. Não podemos esquecer que o maligno Nero antes foi um aluno promissor, que estudava com o nobre Sêneca.

Se os israelitas chegassem a desobedecer à ordem constante neste versículo, praticando aquilo que é aqui proibido, acabariam sendo expulsos da Terra Prometida. E foi precisamente isso que acabou acontecendo, por ocasião dos cativeiros.

23.8

Ao Senhor vosso Deus vos apegareis. A infecção da idolatria poderia ser evitada se os filhos de Israel se *apegassem positivamente* a Yahweh. Podemos evitar o negativo por meio do que é positivo. Não basta teoria. Precisamos *agir* da maneira certa.

Minha força é a força de dez,
Porque meu coração é puro.

(Tennyson)

O *apego a Yahweh* seria obtido mediante a observação às Suas leis, e também através da observação ao culto do tabernáculo. Se os filhos de Israel se apegassem a essas coisas, então o perigo da infecção da idolatria seria grandemente reduzido. Prevenir é melhor que remediar.

23.9

Ninguém vos resistiu até ao dia de hoje. Tinha sido cumprida a promessa que lemos em Deuteronômio 7.1. Os inimigos de Israel tinham cidades fortificadas, cavalos e carros de combate, ao passo que Israel contava somente com forças de infantaria. Contudo, houve muitas e grandes vitórias militares. Mas a tarefa ficou incompleta, conforme se vê em Josué 13.1 ss. Todavia, foi suficientemente completa para permitir uma verdadeira possessão do território prometido. Ninguém podia resistir diante do assalto. Ver Josué 1.5 quanto a um trecho paralelo. Ver também Deu. 11.25.

23.10

Um só homem dentre vós perseguirá a mil. Um soldado israelita que Yahweh estivesse fortalecendo era dotado de força sobrenatural, sendo capaz de pôr em fuga a mil adversários. Cf. Salmo 91.7, que diz:

Caiam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita.

Israel era dotado de grande poder quando se tratava de ofensiva; e era dotado de proteção miraculosa quando se tratava de defesa.

O Senhor vosso Deus é quem peleja por vós. Temos aqui a repetição de uma exclamação freqüente na Bíblia. Ver Jos. 2.9-11; 4.23,24; 10.14,42 e também o versículo terceiro deste capítulo. Cf. Deu. 1.30.

23.11

Empenhai-vos... para amardes ao Senhor vosso Deus. A *gratidão* pelas inúmeras bênçãos recebidas exigia o *amor* deles. Ver as palavras-chaves da espiritualidade e da conduta correta, em Deu. 10.12: temer, andar, amar, servir e guardar os mandamentos. Em outros trechos bíblicos, aprendemos que o primeiro e maior dos mandamentos é o de amar a Deus. E o segundo é o seu corolário: amor ao próximo. A lei toda é sintetizada no amor. Ver Romanos 13.8 ss. Ver Deu. 6.5, que sumaria a lei de Deus no *amor*, o qual precisa ser exercido de todo o coração, de toda a mente e de toda a alma. Ver Deu. 11.1,22; 13.3; 19.9; 30.6. Quanto a uma aplicação neotestamentária, ver Mat. 22.37-39, onde o Senhor Jesus citou o livro de Deuteronômio. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amor*, onde há ilustrações e poemas sobre o tema.

23.12

Porque se... vos apegardes ao restante destas nações. Um remanescente de povos cananeus tinha permanecido na Terra Prometida, e esse restante tornou-se motivo de infecção religiosa, sobretudo no que diz respeito à idolatria (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*). Se isso sucedesse, Israel entraria em *apostasia*, o que poderia ser apressado mediante casamentos mistos com os povos pagãos. Logo os israelitas tornar-se-iam estrangeiros em sua própria terra, e Yahweh teria de expulsá-los dali, tal como fizera com os cananeus. Ver Gên. 15.16. Ver o versículo 7 deste capítulo, que amplia o tema das infecções e da corrupção causada pelos pagãos que tivessem permanecido na Terra Prometida.

23.13

Sabei certamente que o Senhor vosso Deus. Este versículo oferece várias metáforas que ilustram *como* os povos pagãos poderiam paganizar o povo de Israel. Israel, se desobedecesse, haveria de perder o poder libertador de Yahweh e não haveria mais conquistas militares. Os cananeus restantes tornar-se-iam: 1. *laço* (no hebraico, *lephach*, que indica uma rede para apanhar pássaros). E estes seriam mortos e usados como alimento. 2. Rede (no hebraico, *mokesh*), um instrumento para apanhar animais terrestres, para que sua carne fosse comida e sua pele fosse usada como vestes, para fabricar tendas etc. 3. Açoite (no hebraico, *shote*). Seus inimigos haveriam de derrotá-los por causa de suas corrupções que prejudicavam suas almas. Essa palavra pode significar qualquer instrumento de açoitar, ou então uma *aguilhada* que traspassa, como aquelas que eram usadas para obrigar os animais à obediência. Essa metáfora indica que o povo de Israel seria constantemente assediado por seus inimigos. 4. Espinhos (no hebraico, *tsanin*, que significa um espinho, produzido por algum tipo de planta). Tais espinhos penetrariam nos olhos de Israel, o mais precioso e entesourado dos órgãos físicos. Em outras palavras, os inimigos de Israel serviriam de vexame constante e altamente nocivo ao povo de Deus.

Que Aconteceria a Israel? Era como se Deus tivesse revelado aos israelitas: "Como se fossem *animais*, eles empurrarão vocês para obedecer aos seus deuses imaginários e cegarão os seus olhos espirituais, para que não possam compreender. E Eu haverei de preservar os seus inimigos, meramente para garantir que eles continuarão vexando a vocês". Cf. Núm. 33.55, que é um versículo quase paralelo a este.

Até que pereçais nesta boa terra. O povo de Israel foi finalmente expulso de sua terra pelos assírios e pelos babilônios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro (Cativeiros)*. Os filhos de Israel não deram ouvidos aos avisos divinos e caíram nas redes e nas armadilhas da idolatria. Com isso, paganizaram-se e acabaram sendo tratados como meros pagãos. *Yahweh-Elohim* (o Eterno Todo-Poderoso) dera-lhes aquela terra como herança, em consonância com as condições do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Todavia, apesar de suas vantagens e das bênçãos divinas, eles caíram em apostasia e anularam todo o acordo com Deus. Ver no *Dicionário* o artigo Deus, *Nomes Bíblicos de*.

"Josué não contemplou, nem por um momento, nenhuma possibilidade de neutralidade, ao apresentar a escolha que precisaria ser feita. Os filhos de Israel teriam de ficar ou com Deus ou com o povo de Canaã. Assim também acontece até hoje. Não há meio-termo, pois 'ninguém pode servir a dois senhores' (Mat. 6.24; 12.30)" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

23.14

Sigo pelo caminho de todos os da terra. Com toda razão reconheceu Sócrates: "Todos os homens são mortais". Josué, apanhado na armadilha da mortalidade, procurou reforçar o seu apelo ao assegurar a Israel que pouco tempo lhe restava de vida. É como se ele tivesse dito: "Ouçam as palavras deste homem que está morrendo". As palavras de um homem moribundo eram consideradas dotadas de um discernimento especial, pois seriam inspiradas pela mente de Deus e deveriam ser ouvidas com cuidado. Ver I Reis 2.2.

O Exemplo do Passado É Importante. Josué também apelou para o passado. Todos eles tinham sido testemunhas oculares e participantes de tudo quanto havia sido feito por Yahweh, por ocasião da invasão da terra, de sua possessão e da distribuição de territórios. Coisa alguma falhou dentro das promessas de Deus. Essa circunstância requeria tanto lealdade quanto uma renovada dedicação por parte dos hebreus. A essência dessa atitude seria espiritual. Assim o paganismo seria evitado e não corromperia aos filhos de Israel. A terra de Canaã precisava continuar sendo purificada, para que fossem removidos todos os pontos infecciosos, com destruição de redes, armadilhas, chicotes e espinhos (ver o versículo 13 deste capítulo), para que os israelitas não fossem incansavelmente vexados por aqueles males.

Este versículo deve ser comparado com Deu. 11.26-32, cujo conteúdo é similar e foi escrito com o mesmo propósito. Ver também Jos. 21.43-45, um paralelo deste versículo.

23.15

Este Versículo Mostra a Contrapromessa. Assim como todas as *coisas boas* tinham sido prometidas a Israel, por parte de Yahweh, assim também um desobediente povo de Israel receberia todas as *coisas ruins*, da parte do mesmo Yahweh, de conformidade com esta contrapromessa. Muitas tribulações e retrocessos finalmente culminariam nos cativeiros. Ver o versículo 13 deste capítulo. Israel seria fiel ou às promessas positivas ou às promessas negativas de Deus. Eles é que teriam de escolher. Cf. Deu. 8.19,20 e 30.17,18. Ver também o capítulo 28 de Deuteronômio.

23.16

Quando violardes a aliança. Quanto a este ponto, precisamos perceber que *dois pactos* estão em evidência: 1. O Pacto *Mosaico*. Isso foi amplamente anotado na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo. 2. O Pacto *Palestino*. Comentamos sobre isso no capítulo 29 de Deuteronômio. Naturalmente, se esses dois pactos fossem violados, o Pacto *Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) também seria violado, porque tanto o Pacto Mosaico quanto o Pacto Palestino dependiam do Pacto Abraâmico.

Israel era o povo dos pactos com Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos*. Esses pactos dependiam da reação humana. Ver Êxodo 24.7,8. O principal problema que resultava na interrupção dos pactos de Israel era a *idolatria*. E o Pentateuco repete isso, do começo ao fim, nos ouvidos dos filhos de Israel. Pois a idolatria anularia o *monoteísmo* típico de Israel (ver a esse respeito no *Dicionário*). Convém lembrar que o monoteísmo, no seu sentido bíblico, não consiste apenas na *crença* em um só Deus. Também envolve a lealdade ao único Deus e a consagração da alma a Ele.

A violação dos pactos atraía a ira ardente de Yahweh como conseqüência inevitável. A ira de Deus resultaria, afinal, nos *cativeiros* (ver a esse respeito no versículo 13 deste capítulo). Ver Deu. 11.16,17, que é um paralelo quase perfeito deste versículo.

"Em toda essa exortação, vemos quão de perto Josué copiou o exemplo do grande mestre, Moisés. Ver Lev. 26.7,8,14 e outros; Deu. 28.7; 32.30" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Quatro

No capítulo 23 tivemos um discurso diante de Israel em geral e de seus anciãos. Neste capítulo 24 temos um discurso similar, dirigido a todas as tribos, uma espécie de discurso popular. Alguns críticos, porém, pensam que esses dois capítulos são uma *duplicação*, ou seja, duas versões do mesmo acontecimento e discurso. Entretanto, o primeiro discurso (capítulo 23) foi entregue em Silo (onde o tabernáculo foi erguido, pelo que era ali o santuário central de Israel), ou seja,

perto de Hebrom, onde Josué residia. Mas o segundo discurso (capítulo 24) foi entregue em Siquém.

O relato sobre como Josué falou diante de todo o povo de Israel, em Siquém, conclui o livro de Josué. "Josué reuniu todo o povo, lembrou-lhes os atos graciosos de Deus... acompanhou toda a história deles e desafiou-os a escolher a quem haveriam de adorar. Diante dos repetidos protestos de que serviriam exclusivamente ao Senhor, foi estabelecido um pacto solene, obrigando-os à promessa que tinham feito" (John Bright, *in loc.*).

Um Pacto Nacional Estabelecido em Siquém (24.1-28)

"O meio ambiente geográfico reveste-se de interesse. Foi em Siquém, poucos quilômetros a noroeste de Silo, que Abraão recebeu a promessa de que Deus daria aos seus descendentes a terra de Canaã. Abraão reagiu favoravelmente, erigindo um altar, a fim de demonstrar a sua fé no único verdadeiro Deus (ver Gên. 12.6,7). Jacó também parou em Siquém, ao retornar de Padã-Arã, onde sepultou os ídolos que seus familiares tinham trazido (ver Gên. 35.4). Depois que os israelitas completaram a primeira fase da conquista de Canaã, eles viajaram até Siquém, onde Josué erigiu um altar em honra a Yahweh, inscreveu a lei de Deus sobre colunas de pedra e revisou as leis diante de todo o povo (ver Jos. 8.30-35). Por conseguinte, Josué dispunha de boas razões para convocar os israelitas naquele local" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

24.1

Reuniu Josué todas as tribos de Israel. Quanto às circunstâncias do discurso de Josué que se segue, e sua comparação com o discurso do capítulo anterior, ver a introdução a este capítulo.

Todas as tribos. Visto que o povo de Israel chegava calculadamente a quatro milhões de pessoas (ver as notas sobre Núm. 1.46, e também os recenseamentos em Núm. 1.2), seria simplesmente impossível que todos os hebreus se fizessem presentes diante de Josué. Portanto, podemos supor que tenha havido um grupo representativo, que recebeu a responsabilidade de comunicar a essência do discurso para os demais. Esse grupo representativo incluía os anciãos, os cabeças das tribos e outros oficiais importantes.

Em Siquém. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário.*

... se apresentaram diante de Deus. Não foi uma assembléia qualquer, mas ocorreu na presença de Yahweh, O qual, segundo os israelitas criam, inspiraria a mente de Josué, levando-o a dizer as palavras apropriadas de advertência e encorajamento.

Esse *discurso*, essencialmente espiritual, naturalmente se deu no santuário de Siquém. Ver o artigo e a introdução a este capítulo, quanto aos importantes eventos que ali ocorreram, e quanto aos altares que Abraão e Josué ali haviam edificado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Altar de Josué.* Dispomos de evidências arqueológicas quanto a esse altar.

Alguns estudiosos pensam que a arca da aliança foi trazida de Silo, por ocasião deste discurso, para garantir a presença de Yahweh ali.

24.2

Então Josué disse. As palavras proferidas por Josué eram as palavras de Yahweh. Por assim dizer, Josué falou *ex-cathedra.* Ele era o porta-voz de *Yahweh-Elohim* (o Eterno Todo-Poderoso). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Contando a História de Novo. Josué prefaciou o seu discurso com um breve esboço da história de Israel, a fim de que, mais poderosamente ainda, pudesse exigir daquela geração de Israel que cumprisse todas as condições dos vários pactos firmados com Yahweh. Ver as notas em Jos. 23.16 sobre o *povo em estado de pacto com Deus.*

A *história de Israel* começa realmente com Abraão, quando este vivia com seu pai, Terá (ver a respeito dele no *Dicionário*). O lugar onde Abraão vivia era em "dalém do Eufrates". Era a cidade de *Ur*, um lugar situado naquilo que agora é o sul do Iraque. Ver o artigo chamado *Ur*, quanto a uma discussão sobre aquele lugar e suas localizações propostas.

Serviram a outros deuses. Abraão, seu irmão, Naor, e o pai deles, Terá, eram todos idólatras (ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Naor* e *Terá*). Isso posto, em certo sentido, a chamada do povo de Israel foi a chamada de um pequeno clã da idolatria para o monoteísmo yahwista. Isso foi um autêntico avanço espiritual; e Josué anelava por preservar esse passo para a frente. E seu homônimo, Jesus, o Cristo, haveria de avançar mais ainda a causa espiritual e a tornaria universal (ver Gál. 3.28,29).

Que Abraão anteriormente tinha sido idólatra não é dito especificamente no livro de Gênesis. Entretanto, certos trechos do livro de Gênesis (ver 31.19,29,30,53; 35.2-4) dão a entender que houve um passado idólatra em sua família.

24.3,4

Tomei a vosso pai Abraão. Abraão (ver sobre ele no *Dicionário*, quanto à narrativa inteira) foi chamado dentre seu próprio lar paterno, e então Deus lhe mostrou um destino completamente diferente. Ele se tornou um nômade na terra de Canaã. Aquele era o território que Deus, mediante um pacto, prometeu dar a Abraão e a seus descendentes. Ver sobre o *Pacto Abraâmico*, em Gên. 15.18, onde provi um sumário dos elementos que fazem parte do pacto. Os propósitos e o poder de Deus estavam operando em Abraão e continuariam na vida de seus descendentes, tendo chegado até o povo de Israel dos dias de Josué, quando eles se tinham apossado da terra que fora prometida a Abraão. Os descendentes de Abraão, pois, deviam ter aquela mesma atitude de quem foi "chamado para fora da idolatria", que Abraão havia exemplificado.

A história narrada por Josué não incluiu muitos detalhes. Ele mencionou apenas alguns poucos da linha descendente. Israel é deixado de fora da narrativa. Deus estava operando nele com base em um propósito diferente. Ele também tinha um importante destino, mas não pertencia àquela *linhagem* que levava à terra de Canaã e ao estabelecimento do povo de Israel naquele território. A *Esaú* (ver a respeito no *Dicionário*) foi feita uma menção honrosa. Esaú recebeu o monte Seir como herança, de acordo com a vontade de Deus. Mas foi o seu irmão gêmeo, Jacó, que encabeçou a linhagem que entraria na terra de Canaã e a possuiria. Por conseguinte, a linhagem era constituída de *Abraão-Isaque-Jacó*, conforme qualquer hebreu que esteve em Siquém naquele dia sabia muito bem.

Isso posto, Yahweh tinha-se ligado com a descendência de Abraão, mediante o pacto firmado com ele. O pacto foi adiado quanto ao seu cumprimento, no que diz respeito à possessão da terra de Canaã e ao exílio do povo de Israel no Egito. O discurso de Josué, pois, passa, mediante grandes saltos, através de algumas declarações muito gerais. No entanto, esse discurso toca naqueles pontos que eram importantes para o povo em pacto com Deus. O exílio de Israel no Egito poderia ter abalado a identidade de Israel como uma nação; mas, apesar de os hebreus terem permanecido no Egito por nada menos de quatro séculos, eles preservaram a sua própria identidade. E então *Moisés* (vs. 5) foi enviado pelo Senhor para pôr fim ao ciclo e dar início à marcha na direção da Terra Prometida.

O Deus que havia preservado o povo de Israel no Egito, e dali o tirara, podia fazer qualquer coisa que quisesse; e a congregação de Israel, reunida em Siquém, precisava ser lembrada disso. Ver Gên. 25.21-26 e 32.3 quanto à história de Jacó e Esaú. O monte Seir passou a ser identificado com *Edom* (ver sobre esse nome, no *Dicionário*).

24.5

Então enviei Moisés e Arão. Os grandes ministros seguintes que fizeram Israel dar mais um passo decisivo em sua história foram Moisés e Arão, figuras exponenciais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pragas do Egito.* Houve inúmeros milagres nos tempos deles, pois Deus estava presente. Foi mediante intervenções divinas que o povo de Israel terminou sendo libertado da escravidão no Egito. Esse é um dos grandes temas do livro de Deuteronômio, a reiteração da lei mosaica. O assunto reaparece ali por cerca de vinte vezes. Ver as notas sobre isso em Deuteronômio 4.20. Quanto à narrativa, ver os capítulos primeiro a décimo quarto do livro de Êxodo.

Por *dezoito vezes* neste capítulo, achamos o "eu" de Yahweh, enquanto o Senhor recita as coisas que fez em favor de Israel. O Senhor deu, atribuiu, enviou, afligiu, trouxe, livrou etc. Temos aí reflexos do *teísmo*, e não do *deísmo.* Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* O poder de Deus não somente criou, mas também faz-se presente e intervém, galardoando ou punindo (teísmo). "A história é, na verdade, a história *Dele*" (Joseph R. Sizoo, *in loc.*). O deísmo, por sua vez, ensina que, apesar de, talvez, haver um poder criador, esse poder abandonou a sua criação, deixando-a entregue às leis naturais.

24.6,7

Logo depois do êxodo do Egito, houve a travessia do mar de Juncos (ver a esse respeito nas notas sobre Êxo. 13.18). Essa travessia representa mais uma intervenção divina em favor de Israel. Dessa forma, não somente o Egito foi castigado pela última vez, mas também a redenção de Israel foi consolidada e garantida. Ver o capítulo 14 do livro de Êxodo quanto a esse relato. Israel estava a pé, e os egípcios dispunham de carros de combate; mas Yahweh fez a balança do poder pender em favor de Israel. O poder maior fracassou; o poder menor obteve a vitória. Isso significa que as nações são grandes não em proporção a seu poderio militar e às suas riquezas materiais, e, sim, à sua obediência a Deus e dependência a Ele. Os sábios são capazes de acompanhar as pegadas de Deus que marcam a história.

"Do começo ao fim, as conquistas militares de Israel, os seus livramentos e a sua prosperidade deveram-se às grandes misericórdias de Deus, não sendo eles os originários desses eventos" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

Pôs escuridão entre vós e os egípcios. A nuvem que guiava o povo de Israel lançou uma sombra por sobre os egípcios, impedindo que tivessem sucesso na sua perseguição. No meio das trevas e da cegueira, acabaram precipitando-se no mar e pereceram.

Habitastes no deserto. Em seguida, houve aqueles quarenta anos de perambulações pelo deserto. Mas mesmo ali houve muitas evidências da presença divina. As colunas de fogo e de nuvem (ver a respeito no *Dicionário*) mostravam a Israel qual o caminho, e o *maná* (ver no *Dicionário*) serviu de provisão alimentícia adequada.

24.8

Terra dos amorreus. Os amorreus habitavam na *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário*), e o território deles foi dado às tribos de Rúben e Gade e à meia tribo de Manassés. Os reinos de Seom e de Ogue foram conquistados. A *guerra santa* transformou em nada aqueles reinos, antes poderosos e orgulhosos (ver as notas sobre Deu. 7.1-5; 20.10-18). Ver também o capítulo 21 do livro de Números.

24.9

O rei de Moabe, Balaque. Esse foi outro poder militar que pretendeu barrar o caminho de Israel, que vinha avançando. Balaque traçou planos elaborados para fazer estancar a invasão, mas coisa alguma foi realmente capaz de deter o avanço dos israelitas. Balaão tentou ajudar os moabitas, mas acabou perecendo, juntamente com aqueles a quem tentou ajudar. A oposição revelou-se poderosa e talentosa, mas coisa alguma funcionava contra Israel. O propósito divino operou em favor dos hebreus, porquanto deles viria mais tarde o Messias, e tudo contribuía para a vinda Dele. Em Jesus Cristo Deus universalizaria o Seu propósito (ver Efésios 3 e Gálatas 3.28,29). Todos os nomes próprios que figuram neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. Ver os capítulos 22 a 24 quanto a essa narrativa.

Este versículo diz que os moabitas *guerrearam* contra Israel, embora isso não tenha acontecido realmente. Ver Núm. 22.6,11; Deu. 2.9; Juí. 11.25. Aquilo que foi planejado e preparado é tido como se tivesse acontecido; ou, como alternativa, as maquinações de Balaque e Balaão são aqui consideradas uma *forma* de guerra.

24.10

Eu não quis ouvir a Balaão. Yahweh não deu ouvidos àquele falso profeta, quando ele quis amaldiçoar a Israel. Contudo, a narrativa informa-nos que Balaão nem ao menos começou a amaldiçoar os israelitas. Antes, ele formulou os planos de corrupção, segundo os quais mulheres moabitas chegaram a corromper homens de Israel, fazendo-os desviar-se para a idolatria. E isso trouxera a maldição de Deus contra eles. O incidente aqui recontado não visa a exatidão, mas tão-somente mostrar a essência dos acontecimentos. A pretensa maldição de Balaão acabou sendo transformada em bênção, porquanto, naqueles momentos, Yahweh falou através dele, transformando-o em uma testemunha relutante.

24.11

Passando vós o Jordão, e vindo a Jericó. Depois de os israelitas terem conquistado a parte oriental da Terra Prometida (a Transjordânia), suas forças passaram a invadir a parte ocidental. A cidade de Jericó foi a primeira a cair, ficando estabelecido assim o padrão da derrota das sete nações cananéias que foram expulsas da Palestina. Ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1, quanto à lista dessas nações e explicações. As vitórias, pois, ocorreram em diferentes ocasiões, em diferentes lugares e por meios diferentes. A provisão divina foi completa e eficaz. O autor sagrado passou aqui a indicar as derrotas e inadequações (ver Jos. 13.1 ss.), porquanto estava fazendo soar uma nota positiva do começo ao fim. Isso posto, a despeito de algumas *falhas*, o plano de Deus continuou progredindo de forma adequada.

24.12

Amorreus. Esse adjetivo pátrio é usado nos versículos 8 e 12 a fim de referir-se aos inimigos orientais (da Transjordânia) do povo de Israel, ainda que, de outras vezes, tenha sido usado para indicar todos os inimigos de Israel (ver Gên. 15.16 e suas notas expositivas). A taça da iniqüidade daqueles povos se enchera, pelo que o juízo divino acabou por expulsá-los de suas terras.

Não com a tua espada, nem com o teu arco. A vitória foi dada por Yahweh a Israel, tanto no ocidente quanto no oriente. Os vespões de Deus (Seus meios e maneiras) foram tangendo aquelas nações cananéias à frente dos israelitas. Isso posto, o sucesso de Israel não podia ser atribuído à sua própria infantaria, que fazia uso da espada e do arco e flecha. Israel não contava com cavalos e carros de combate, mas mesmo assim foi capaz de derrotar poderosas nações (ver Deu. 7.1), que dispunham de cidades muradas e fortificadas, carros de combate de ferro e numerosa cavalaria. Por conseguinte, era óbvio que a vitória era do Senhor. Cf. Êxodo 23.28, onde são dadas notas adicionais sobre os "vespões".

24.13

Dei-vos a terra. Temos aqui a conclusão de toda a campanha militar. Israel fez sua parte, em obediência, mas nada teria conseguido não fora a intervenção de Yahweh. Eles surgiram dentre o deserto como um povo nômade, *trazendo em sua companhia* todas as suas possessões e as suas tendas. Conquistaram cidades inteiras e as plantações que rodeavam essas cidades. Destarte, ficaram com um país preparado de antemão, repleto de riquezas. Da vida nômade, entraram em uma prosperidade instantânea. Yahweh foi o arquiteto do plano e de sua execução. Cf. Deu. 6.10,11. Israel transformou-se naquilo que veio a ser porque o propósito divino operava ali o que era mister que acontecesse.

O Desafio de Josué aos Filhos de Israel (24.14-15)

As cidades anteriormente mencionadas, dadas por Yahweh a Israel, bem como as muitas vitórias concedidas ao povo de Deus, serviam de incentivo para um poderoso ato presente. Todas as variedades de paganismo teriam de ser abandonadas de vez, especialmente a *idolatria*. Era necessário que houvesse um amor e um serviço sincero a Deus, que era a essência do yahwismo, a nova fé ensinada por Deus a Israel. Ver as notas sobre Deu. 10.12 quanto às palavras-chaves da adoração e do serviço a Deus: temer, andar; amar; servir e guardar os mandamentos. Quanto a cumprir o primeiro mandamento, que determina que se ame a Deus de todo coração, mente e alma (a base de toda verdadeira espiritualidade), ver Deu. 6.5. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*, quanto a maiores detalhes. O Pentateuco, bem como o livro de Josué (esses seis livros formam o hexateuco), mostram-se incansáveis em seus ataques contra a idolatria, o principal inimigo da prosperidade e permanência de Israel na Terra Prometida. Ver sobre esse assunto no *Dicionário*.

24.14-15

Escolhei hoje a quem sirvais. O yahwismo era a nova fé na Palestina, a fé revelada por Deus a Israel. Tinha suas antigas bases históricas, conforme o autor sacro acabara de ilustrar. Seu alicerce era o Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Mas o yahwismo seria severamente testado na Terra Prometida. Somente uma lealdade diligente poderia fazer o povo de Israel continuar derrotando seus inimigos, ao mesmo tempo que poderia evitar suas armadilhas e ardis (ver Jos. 23.13). Por outro lado, se o povo de Israel viesse a ser envolvido no paganismo e em sua idolatria, então tudo ruiria por terra para Israel. O próprio Yahweh ver-se-ia forçado a expulsar Israel da Terra Prometida, conforme havia expulsado seus habitantes primitivos. Israel já estava suficientemente informado para ser capaz de fazer uma escolha inteligente entre duas heranças, entre dois sistemas, entre duas forças. Para Josué, a escolha era fácil e clara:

Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.

Este final do presente versículo com toda a razão tem-se tornado famoso, sobretudo em lares evangélicos. Incontáveis sermões têm sido pregados a respeito dessa declaração de Josué. A vida consiste em uma contínua confrontação com escolhas a serem feitas. Os pais e os líderes precisam apresentar uma boa orientação para que os filhos e os liderados possam tomar decisões baseadas em boas informações.

Este versículo enfatiza o dever que os pais têm de ajudar seus familiares a fazer escolhas acertadas. Um pai deve *três coisas* a seus filhos: exemplo; exemplo; exemplo. Josué deu exemplo aos seus familiares e também a todo o povo de Israel, que estava debaixo de suas ordens. Josué tinha acabado de fazer a revisão dos poderosos atos de Deus em favor do povo de Israel. Ele tinha estabelecido *razões* para que os hebreus obedecessem a Yahweh. Deus se havia exibido por meio dos acontecimentos históricos. Deus é que tinha brandido o Seu poder e tinha feito tudo. Ver I Reis 18.21. Josué, pois, não achara a menor dificuldade em fazer a sua escolha.

Um verdadeiro mestre afeta a eternidade.
Jamais poderá dizer onde cessa a sua influência.

(Henry Adams)

As crianças têm maior necessidade de modelos do que de críticos.

(Joseph Joubert)

Se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais:
se aos deuses a quem serviram vossos pais,
que estavam dalém do Eufrates,
ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais.
Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.

Josué 24.15

A cada homem se abre
Um caminho, e caminhos, e um caminho.
E a elevada alma sobe pelo caminho elevado,
E a alma vil se arrasta para baixo,
E entre eles, na planície enevoada,
Os demais vagueiam, para lá e para cá.
Mas a cada homem se abre
Um caminho alto e outro baixo,
E cada qual revolve
O caminho pelo qual irá sua alma.

John Oxenham

Quando nós, em nossa maldade, ficamos endurecidos,
Os sábios deuses nos fecham os olhos;
E nosso próprio lodo afunda nossos mais claros juízos,
Levando-nos a adorar nossos erros, e, assim,
Relutamos para nossa própria destruição.

Um pai vale mais do que uma centena de professores.

(George Herbert)

"O venerado líder de Israel garantiu-lhes que qualquer que fosse a escolha deles, a mente dele estava resolvida; seu curso era claro... nós serviremos ao Senhor" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

Escolha e Resolução do Povo de Israel (24.16-24)

O hábil discurso de Josué ganhou o dia; Israel fez a escolha acertada. Porém, a história subseqüente anulou essa boa resolução. Um bom começo não é, necessariamente, um bom fim, embora um bom começo às vezes seja propício para que se termine bem alguma empreitada. É conforme diz a letra de certa canção: "Toma a minha mão, e já teremos meio caminho andado". Isso poderia ter acontecido no caso do povo de Israel. Se Israel tivesse continuado a segurar a mão de Deus, e não somente bem no começo, a história teria tido uma conclusão histórica diferente.

A resposta dada pelo povo atingiu os principais aspectos da exortação de Josué, tendo começado com uma promessa de evitar todas as formas de *idolatria*, o principal inimigo deles. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*. Os hebreus ficavam chocados diante da mera menção à apostasia envolvida na idolatria. Porém, a longo prazo, perderam seus sentimentos tão manifestos e caíram na negligência e na própria apostasia que tinham jurado evitar.

24.16,17

O Senhor é o nosso Deus. Este versículo reconhece a verdade referida nos versículos sexto e sétimo, a saber, como Israel foi *remido da escravidão ao Egito*. Os milagres serviam de provas da presença e do poder de Yahweh, e o crédito precisava ser tributado a Ele. A bondade do Senhor era motivo para Israel mostrar-se fiel, e a isso agora eles se comprometiam. Ver Salmo 78.11,12,43 e suas notas expositivas.

Todos os povos pelo meio dos quais passamos. Isso alude aos anos que se seguiram ao êxodo, quando, a caminho de sua Terra Prometida, os filhos de Israel tiveram de passar por entre populações hostis, a saber, os idumeus, os moabitas e os amorreus, sobre alguns dos quais obtiveram vitórias decisivas.

Uma fé religiosa em *segunda mão* pode somente falhar em uma hora de crise. Mas toda experiência passada pessoalmente é uma grande mestra. "... e nós a temos visto, e dela damos testemunho e vo-la anunciamos..." (I João 1.3). Yahweh fora experimentado, quanto ao Seu poder e à Sua fidelidade, pelos israelitas, merecendo assim lealdade da parte deles.

24.18

O Senhor expulsou de diante de nós. Este versículo refere-se às várias conquistas militares efetuadas por Israel, tanto na parte oriental da Terra Prometida (a Transjordânia) quanto na parte ocidental. A linha divisória entre essas duas partes era formada pelo rio Jordão. O versículo 11 deste capítulo contém aquela porção do discurso de Josué que é paralela a este trecho, pelo que as notas ali existentes também têm aplicação aqui. A grande e difícil tarefa da conquista da Terra Prometida era a expulsão das sete nações cananéias que a ocupavam, povos mais fortes que os filhos de Israel. Mas isso serviu de preciosa lição objetiva acerca da presença e do poder de Yahweh, exigindo que Israel se mostrasse absolutamente leal e obediente para com o Senhor. Essa lealdade era fruto do reconhecimento da presença e do poder de Yahweh entre eles.

24.19

Não podereis servir ao Senhor. O povo de Israel se entusiasmara deveras diante do discurso de Josué. Mas agora Josué os acautelava, pois o mero entusiasmo não seria suficiente, quando surgissem em cena as tentações e as provações. Foi como se Josué tivesse dito que Yahweh não é algum Deus fácil de servir, porquanto Ele requer tudo quanto há no ser humano nesse serviço, e não tolera rivais. Um povo pecaminoso acabaria caindo preso diante de Sua ira, em lugar de ser abençoado, conforme as sete nações cananéias, que antes ocupavam a região, haviam demonstrado tão sobejamente. Josué, pois, deixou vir à tona suas dúvidas acerca do entusiasmado compromisso assumido por Israel de que seria leal e obediente a Yahweh. Naturalmente, essa atitude pessimista, da parte de Josué, acabou sendo confirmada pela história subseqüente.

"... ele observou a incapacidade e insuficiência deles... e, portanto, pôde prever que eles precisariam implorar de Deus que lhes conferisse graça e forças... a fim de que não dependessem de seu próprio entendimento" (John Gill, *in loc.*).

Deus santo, Deus zeloso. Ver sobre essa expressão nas notas expositivas de Êxo. 20.5; Deu. 4.24 e 5.9. Temos nisso um protesto contra a idolatria, quando deuses falsos se tornavam rivais do culto a Yahweh.

Se os filhos de Israel, em sua pecaminosidade e rebeldia, chegassem a desviar-se, ao longo de suas gerações, a geração rebelde não obteria o perdão do Senhor; antes, a ira de Yahweh recairia sobre eles. Cf. o trecho de Josué 7.11. Estão em pauta os cativeiros finais que serviriam de demonstrações da ira de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro (Cativeiros)*.

Oficialmente, o povo de Israel manteve a adoração nacional a Yahweh; mas na vida prática eles caíram em toda forma de paganismo, com suas multiformes variedades de idolatria. Os hebreus sempre manifestaram a triste tendência de transigir e contemporizar. Josué conseguiu extrair deles uma *promessa* de lealdade absoluta; mas os filhos de Israel nunca conseguiram mostrar-se realmente leais. Quanto a isso, Israel não diferia de todos os demais povos da terra, entre os quais estamos incluídos. Nosso entusiasmo sempre é maior que o nosso desempenho final.

24.20

Se deixardes o Senhor. O poder divino abençoador, diante da deslealdade e da desobediência, transformar-se-ia em poder de castigar e destruir, se os entusiasmados israelitas não cumprissem o que tinham prometido. Da mesma forma que haviam sido abençoados, seriam amaldiçoados e consumidos, mediante os cativeiros. Somente um minúsculo remanescente dentre o povo de Israel haveria de retornar para dar prosseguimento à história de Israel. O dever de Israel era *viver* para observar a lei transmitida por Moisés (ver as notas sobre Deu. 4.1; 5.33 e 6.2), mas a desobediência à lei atrairia contra eles a destruição e a morte.

Israel era uma nação *distinta* entre as nações, por causa da lei (ver as notas a respeito, em Deu. 4.4-8). Mas uma desobediente nação de Israel em nada diferiria de outra nação, como aquelas que Yahweh havia expulsado da Terra Prometida. É Deus que concede aos povos as suas terras e as suas fronteiras, bem como o tempo em que ocuparão seus respectivos territórios (ver Atos 17.26). Um povo desobediente é expulso do lugar onde antes tinha sido abençoado.

24.21

Não, antes serviremos ao Senhor. Os israelitas apressaram-se a protestar que eles eram mais fortes do que Josué imaginava. Isso posto, o pessimismo que ele manifestou apenas provocou mais uma onda de entusiasmo. Eles "serviriam" exclusivamente a Yahweh. A idolatria (ver a respeito no *Dicionário*), pelo menos naqueles momentos, era um tabu. E, no entanto, arrefecido aquele entusiasmo inicial, os filhos de Israel acabaram caindo de novo na idolatria.

24.22

Sois testemunhas contra vós mesmos. O entusiasmo demonstrado pelos filhos de Israel, de acordo com Josué, serviria de testemunho contra eles mesmos. Eles eram tidos como responsáveis por todas aquelas promessas ousadas que tinham feito. A própria palavra proferida testificaria contra eles, em meio à desobediência, e isso os envolveria em um severo juízo divino. As palavras são ditas com grande facilidade, e os homens podem falar com grande dose de autoconfiança. Mas a verdadeira fé religiosa requer a devoção que vem do fundo do coração, e que se traduz sob a forma de atos práticos de retidão. A nova advertência feita por Josué provocou, da parte dos israelitas, a mesma reação entusiasmada de lealdade, e eles contentaram-se em ser testemunhas potenciais contra si mesmos.

24.23

Deitai... fora os deuses estranhos. Josué enfrentou o compromisso renovado de lealdade a Yahweh, abandonando, de maneira absoluta, *qualquer forma de idolatria*. Uma vez feito isso, então, e somente então, o coração deles "inclinar-se-ia" para Yahweh. Essa parte do versículo faz-nos lembrar de que a espiritualidade é algo que parte do coração, não dependendo de algum discurso bem apresentado ou de alguma promessa.

"Josué tinha ouvido a promessa que eles tinham feito com os seus próprios lábios. E agora os desafiava a provar sua sinceridade, por meio de suas obras" (Donald K. Campbell). Cf. o espírito dessa ordem com o trecho de Tiago 2.14 ss. Não há *nenhum proveito* em alguma alegada espiritualidade que afirma ter fé, mas não prova isso por meio de obras de fé. "Inclinai os vossos corações ao Senhor Deus de Israel: para amá-Lo, temê-Lo e servi-Lo. Em outras palavras, orai para que vossos corações se inclinem para Ele e lancem mão de todos os recursos que façam vossos corações pender para Ele" (John Gill, *in loc.*).

Ver as notas sobre Deuteronômio 10.12, quanto às *palavras-chaves* da espiritualidade: temer, andar, amar, servir e guardar os mandamentos. Ver Deuteronômio 6.5 quanto à lei do amor, que é a grande força controladora e impulsionadora da correta atitude de serviço e adoração a Deus.

24.24

Ao Senhor nosso Deus serviremos. O renovado apelo de Josué para que os filhos de Israel se mostrassem sinceros, provando sua resolução por meio de atos, provocou apenas mais uma onda de promessas entusiasmadas. *Yahweh-Elohim* (o Eterno Todo-Poderoso) seria o único objeto da adoração e do serviço deles. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Israel tinha prometido demonstrar seu amor e obediência a Deus (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*; e, nas notas sobre Deu. 32.46, acerca da questão da *Obediência*).

Decretação do Pacto (24.25-28)

24.25,26

Fez Josué aliança com o povo. Na verdade, não foi um novo pacto, mas antes, a confirmação dos Pactos Mosaico e Palestino. Ver sobre o *Pacto Mosaico* na introdução ao capítulo 19 de Êxodo; e ver sobre o *Pacto Palestino* na introdução ao capítulo 29 de Deuteronômio. O tema central desses pactos é a obediência a Yahweh, com a correspondente rejeição da idolatria. A obediência a esses pactos produziria uma vida longa e próspera na Terra Prometida. Por outro lado, a desobediência provocaria a expulsão de Israel da Terra Prometida, bem como o estado de cativeiro. Conspícuo por sua ausência é qualquer indício acerca da imortalidade da alma, bem como acerca de recompensas ou punições para além da morte biológica. Essa doutrina teve de esperar até a época dos Salmos e dos Profetas, para que fosse introduzida na teologia dos hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*, e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o verbete intitulado *Imortalidade da Alma*.

Por estatuto e direito. As *condições* do pacto foram vazadas sob forma escrita. Esse escrito foi posto lado a lado com uma cópia da lei de Moisés, talvez como uma espécie de adendo, ou então algumas páginas foram inseridas entre outras (vs. 26). É possível que a pedra que foi erigida (ver o versículo seguinte) também contivesse inscrições mostrando a essência do pacto firmado. Ver pactos similares mencionados em II Crônicas 15.12,13 (nos dias do rei Asa); II Crônicas 23.16 (nos tempos do rei Joás); e II Crônicas 34.21,32 (nos dias do rei Josias).

O Livro da Lei (com suas inserções). É provável que este tenha sido posto ao lado da arca da aliança (cf. Deu. 31.24-27). "Entre os heteus, por igual modo, os tratados de suserania eram colocados no santuário dos estados vassalos" (Donald K. Campbell, *in loc.*).

No *local sagrado* (ou santuário) de Siquém, foi levantada uma grande pedra, provavelmente também inscrita com a essência das condições do pacto. Essa pedra foi erguida ao lado de um grande carvalho. Os arqueólogos desenterraram uma grande coluna de pedra calcária em Siquém, que pode ser idêntica ou similar à que Josué usou naquela oportunidade. A coluna de pedra, pois, tornou-se uma testemunha silenciosa quanto a todas as promessas entusiasmadas que o povo de Israel tinha feito, relembrando-os a mostrar-se fiéis diante da palavra empenhada.

As tradições judaicas fazem daquele *carvalho* mencionado no texto o mesmo carvalho onde Jacó enterrara os deuses estranhos de seus familiares em Siquém (ver Gên. 30.4); mas essa parece ser apenas uma opinião fantasiosa.

Visto que a arca se achava em Silo (ver Jos. 18.1), isso significa que o santuário em Siquém, com as evidências do pacto estabelecido por Josué com os filhos de Israel, era um lugar santo distinto. Finalmente, porém, todos os santuários foram eliminados, quando Jerusalém tornou-se o único lugar central de adoração; mas isso ainda distava alguns séculos.

24.27

Esta pedra nos será testemunha. É como se Josué tivesse personalizado a pedra. Ali, ao lado do carvalho, é como se ela tivesse *ouvido* todas as palavras de promessa, tornando-se outra testemunha do evento, que haveria de chamar o povo de Israel à prestação de contas, se eles viessem a falhar. Cf. o montão de pedras que se tornou uma testemunha entre Jacó e Labão (ver Gên. 31.45-47). A lei do Deuteronômio proibia a construção de tais colunas (ver Deu. 16.22), para evitar o perigo de tornar-se objetos de culto. Naturalmente, a pedra erigida por Josué não veio nunca a ser adorada, embora facilmente pudesse ter-se tornado um desses objetos de adoração.

A *presença divina* estava naquele lugar, e o Senhor havia sido testemunha de tudo. Talvez os israelitas pensassem que a presença do Senhor estivesse naquela pedra, tal como pensavam a respeito da arca — o lugar onde Yahweh manifestava a Sua presença.

24.28

Então Josué despediu o povo. Isso ocorreu assim que a coluna memorial foi erguida e Josué fez sua declaração final a respeito, relembrando o povo do pacto firmado. E cada homem teve então permissão de voltar à *sua propriedade*, que havia adquirido ainda recentemente como uma herança, quando da divisão do território. O próprio fato de que cada indivíduo tinha *sua própria terra* servia de poderoso incentivo para inspirar todos a cumprir suas promessas de lealdade a Yahweh, que tinha dado aos israelitas a Terra Prometida.

Foi assim que o idoso Josué efetuou seu último ato público, para, dali por diante, descansar. Os versículos 28 a 31 deste capítulo foram reiterados em Juízes 2.6-8. A Septuaginta situa o versículo 31 depois deste versículo.

Epílogo, Morte de Josué e Conduta Subseqüente de Israel (24.29-33)

Os vss. 29 a 31 são idênticos ao trecho de Josué 2.7-9, excetuando que o material é apresentado sob ordem diferente. Alguns supõem que esse epílogo tenha sido uma adição editorial feita ao documento original.

Três Sepultamentos. Josué, uma vez terminada a sua missão, faleceu e foi sepultado no monte Efraim. Os ossos de José, que Moisés tinha trazido do Egito, foram sepultados em Siquém. E o sumo sacerdote, ao terminar sua missão e morrer, também foi sepultado no monte Efraim.

Três homens que tinham marcado tão profundamente a história de Israel haviam terminado suas missões e entrado em seu merecido descanso eterno. Coisa alguma é dita sobre a imortalidade da alma ou sobre a recompensa dos justos após a morte biológica. Essa doutrina só veio a fazer parte da teologia dos hebreus nos tempos dos Salmos e dos Profetas; mas mesmo ali não são fornecidos muitos detalhes. Apesar das deficiências da teologia dos hebreus, podemos ter certeza de que aqueles mesmos três homens estão vivos e abençoados até hoje. Essa é a graça que Deus tem concedido a todos nós. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*; e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o verbete *Imortalidade* (que se divide em vários artigos, na realidade).

24.29

Depois destas cousas. Não somos informados sobre o tempo em que Josué continuou vivo, depois que o pacto renovado com Israel foi levado a efeito (vss. 25-28). As tradições judaicas afirmam que a morte dele ocorreu naquele mesmo ano. Nesse caso, o falecimento de Josué se deu pouco tempo depois de seu último ato público. Tanto José (ver Gên. 50.26) quanto Josué viveram cento e dez anos. Moisés, ao morrer, estava com cento e vinte anos de idade. Ver as *idades comparativas* dos antediluvianos, dos patriarcas e durante a época do reino de Israel, imediatamente após a exposição sobre o trecho de Êxo. 1.1.

Josué, filho de Num, servo do Senhor, faleceu. Josué não tinha aspiração maior que ser chamado de "servo do Senhor". Foi-lhe outorgada uma longa vida física, porque a sua missão requeria muitos anos para ser completada. Ver Gên. 5.21 quanto à noção do *anseio de uma longa vida na terra*. Ver o *tributo* prestado a Josué (bem como a outras personagens mencionadas nesta seção), no final dos comentários sobre o versículo 33 deste capítulo.

24.30

Timnate-Sera... Efraim... monte de Gaás. Todos os nomes próprios que ocorrem neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*, pelo que essa informação não é repetida aqui. Josué foi sepultado perto de sua casa, de sua herança, no território da tribo de Efraim. Cf. Jos. 19.50. A versão da Septuaginta acrescenta aqui: "E puseram ali, no túmulo em que o haviam sepultado, as facas de pedra com as quais ele havia circuncidado os filhos de Israel em Gilgal, de acordo com o mandato do Senhor, quando Ele os tirou do Egito; e ali se acham até o dia de hoje". Foi assim que Agostinho citou o presente versículo. O versículo não menciona nenhuma lamentação pública. Mas não há que duvidar que isso foi um mero esquecimento, por parte do autor sagrado.

24.31

Serviu, pois, Israel ao Senhor. Enquanto a memória de Josué continuava fresca na mente deles, os israelitas observaram o pacto (ver os vss. 25-28). Enquanto ainda restaram líderes de Israel que tinham conhecido a Josué, as coisas prosseguiram bem. As *obras* de Josué permaneceram como uma inspiração. Mas quando restou somente a nova geração, que não tinha conhecido a Josué, as dificuldades começaram, e o povo de Israel caiu cada vez mais no paganismo. O livro de Josué chega a descrever *sete apostasias*, seguidas por sete períodos de servidão dos israelitas a seus vizinhos pagãos.

24.32

Aos ossos de José. Moisés tinha trazido do Egito os ossos do patriarca José, honrando assim o pedido que o próprio José havia feito (ver Gên. 50.25; Êxo.

13.19). Isso proveu outro sepultamento, o segundo dos três que aparecem neste texto. As tradições judaicas dizem-nos que José foi sepultado na aldeia de nome Belata, a um sábado de viagem de Siquém. Mas Jerônimo (*Quest. Heb.*, em Genesim, fol. 73c) afirmou simplesmente "em Siquém", ou seja, no campo que havia próximo daquela cidade. Ele foi sepultado naquele terreno que Jacó havia comprado dos filhos de Hamor, o pai de Siquém. Quanto ao relato, ver Gên. 33.19. O preço foi de cem *qesitah* (cf. Gên. 33.19; Jos. 42.11). Mas o valor de compra dessa importância é desconhecido. O trecho de Atos 7.16 assevera que os ossos de José e de seus irmãos (os patriarcas) foram sepultados naquele lugar; mas o próprio Antigo Testamento não chega a afirmar isso. Ver as notas sobre esse versículo, no *Novo Testamento Interpretado*. Várias interpretações têm sido dadas sobre essa questão; e o sermão de Estêvão esclarece outros problemas que envolvem a questão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Macpela*, em seu quarto ponto, quanto a uma leve discrepância com o livro de Atos, onde parece que Estêvão confundiu a compra de Abraão, em Macpela, com a compra feita por Jacó.

Rompimento Definitivo com o Passado. O sepultamento dos ossos de José assinalou o fim de todo um antigo período. Agora, o povo de Israel estava inteiramente desligado de qualquer vinculação com o Egito (ver as notas a respeito, em Deu. 4.20). Na verdade, esse sepultamento também fez parte da reivindicação daquele território. Finalmente, José descansava em paz, *em sua própria terra.*

24.33

Faleceu também Eleazar. Ele era filho de Arão, o sumo sacerdote. Ver o detalhado artigo sobre ele, no *Dicionário*. A Septuaginta (acompanhada por algumas traduções) diz que o lugar de seu sepultamento foi em *Gibeá de Finéias*. Mas a localização exata é desconhecida. Ela também adiciona que Finéias foi sepultado ali, e que, diante disso, Israel deu início à sua apostasia e idolatria, até que o Senhor os livrou de Eglom, rei de Moabe, porquanto estavam sendo punidos (ver Juí. 3.14). As tradições judaicas dizem que Finéias viveu seis anos mais que José. Finéias tinha preparado o lugar para o sepultamento dos ossos de José; e então ele mesmo foi sepultado nas proximidades. Isso posto, houve um forte liame entre o passado e o presente; e enquanto aqueles homens continuaram a ser relembrados, a apostasia pôde ser evitada. A herança de Finéias, como sacerdote que era, ficaria dentro da tribo de Judá (ver Jos. 21.13) ou dentro da tribo de Benjamim. Mas parece que lhe tinha sido feita uma concessão especial de terras no território de Efraim. O tabernáculo, na ocasião, ficava em Silo, que se situava dentro do território de Efraim, e, assim, os sacerdotes que ali ministravam naturalmente dispunham de terras naquela localidade.

O Tributo. O próprio texto sagrado deixa de fazer menção a lamentações populares por Josué; e isso por razões desconhecidas. O tributo prestado a Moisés, sobre o que comentei nas notas acerca de Deuteronômio 34.12, também teria sido muito apropriado no caso de Josué, pelo que peço ao leitor examinar aquelas notas expositivas. Assim como a vida de Moisés envolveu sucesso após sucesso, assim também a vida de Josué foi a história de uma *vida bem-sucedida*. Embora os dois homens tenham ocupado posições diferentes, dentro do plano de Yahweh, assim também cada qual desempenhou uma missão importante. Outrossim, a missão de Josué suplementou a missão de Moisés, levando avante a história de Israel, em consonância com o plano divino.

Um Final Estranho. O livro de Josué se encerra de uma maneira estranha: *três sepultamentos.* Isso corresponde, até certo ponto, ao final do livro de Gênesis, que diz que o corpo de José foi depositado em uma urna funerária no Egito. Mas nenhum desses textos indica, de forma aberta, a doutrina da imortalidade da alma, uma doutrina que só passou a ser mencionada de forma inequívoca, dentro da teologia dos hebreus, nos Salmos e nos Profetas. Não obstante, se analisarmos o restante da Bíblia, veremos que houve alguns leves *indícios* dessa doutrina desde Gênesis 1.26,27. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma*; e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo chamado *Imortalidade* (na verdade, vários artigos sobre o assunto).

Os pacíficos sepulcros dos heróis do livro de Josué testificavam quanto à fidelidade de Yahweh ao Seu povo e às Suas promessas. Deus tinha feito Seu povo entrar na Terra Prometida; e os três heróis referidos foram sepultados ali. Yahweh havia cumprido a palavra que dera a José, a Josué e a Eleazar; e, de fato, a todo o povo de Israel. Isso significa que o *Pacto Abraâmico* (ver a respeito em Gên. 15.18) estava em processo de cumprimento. Esse pacto contemplava a vinda então futura do *Messias*, em Quem as condições e as promessas do pacto seriam universalizadas, porquanto todos os povos seriam abençoados por Deus. Ver Efé. 2.14 ss. e Gál. 3.27-29.

"Jamais poderemos separar-nos inteiramente do poder do passado e das personalidades que o povoaram. Invisíveis, elas contemplam tudo a nosso lado, conferindo-nos forças e encorajamento, direcionando-nos e influenciando-nos quanto a todas as nossas decisões. Essas personagens continuam a seguir-nos e a vigiar-nos... Somente com base naquilo que é melhor do passado é agora possível, debaixo de Deus, fazermos progresso para os novos céus e a nova terra" (Joseph Sizoo, *in loc.*).